



As vestimentas primitivas

Mme. P. Cocheris

Tradução
Sophia Jobim

Organização
Fausto Viana

As vestimentas primitivas

Mme. P. Cocheris

Tradução
Sophia Jobim

Organização Fausto Viana

São Paulo ECA USP 2020
DOI 10.11606/9786588640012



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



NÚCLEO DE PESQUISA
TRAJE DE CENA
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

Esta obra já está em domínio público. Ainda assim, todos os esforços foram feitos para tentar encontrar herdeiros ou detentores de direitos dos envolvidos no trabalho que pudessem autorizar a sua publicação. Portanto, se alguém tiver informações pertinentes, solicitamos que nos informem para as devidas correções em uma próxima edição.

Tradução: Sophia Jobim

Organização: Fausto Viana

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Revisão: Josana Ferreira Bassi de Moura

Capa: Maria Eduarda Borges

Foto de Fausto Viana: Ronaldo Gutierrez

**Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

C661v

Cocheris, P.

As vestimentas primitivas [recurso eletrônico] / P. Cocheris ; tradução Sophia Jobim ; organização Fausto Viana -- São Paulo: ECA/USP, 2020.
311 p. : il.

ISBN 978-65-88640-01-2

DOI 10.11606/9786588640012

1. Vestuário – História. 2. Vestuário – Aspectos antropológicos. 3. Moda – História. I. Título II. Jobim, Sophia. III. Viana, Fausto.

CDD 21.ed. – 391.009

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.
Proibido qualquer uso para fins comerciais.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

Esta pesquisa é resultado de uma pesquisa desenvolvida com apoio da Fapesp,
através de um auxílio-pesquisa regular.



**FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE SÃO PAULO**



*Texto de Sophia Jobim explicando o seu ex-libris, um selo normalmente colocado na contracapa ou na folha de rosto do livro, que indica a quem ele pertence. Expressão do latim, significa, literalmente, “dos livros”. Pode trazer uma ilustração, uma frase ou ambas, que servem para identificar o lema do dono do material. Vale lembrar que a palavra *Σοφία*/sofia quer dizer sabedoria.)*

Seria inútil que alguém tentasse descrever materialmente a beleza do vestuário da Grécia Clássica. Ele se espiritualiza diante de nossos olhos encantados, quando observamos que há 3.000 anos não foi preciso realizar a árdua tarefa de um corte anatômico para que se vestisse magnificamente o belo “edifício” do corpo humano.

Retângulo saído do tear, algumas fíbulas, ou melhor, espinhos de plantas, e um raio de imaginação, aqueles soberbos “Christian Dior” da Hélade, cujos nomes a história ignora por omissão inexplicável, construía suas roupas com naturalidade.

Aquele triângulo saído do tear servia milagrosamente para vestir um filósofo, uma hetaira, um herói, um escravo e... até mesmo um Deus!, variando apenas o seu panejamento.

Os artistas da Grécia Clássica foram os únicos a realizar o milagre de fundir a mulher ao traje. Segredo antigo que se perdeu infelizmente na evolução dos tempos modernos... Eva se depreciou nas mãos de costureiros de hoje (mais hábeis?), vindo a ser agora apenas um suporte ou manequim para a exibição de suas modas profanas.

Escarnecendo de seu pudor, eles acentuam maliciosamente as curvas do corpo humano, sem procurar seus belos efeitos, às vezes. N'outras, escondendo todas as formas que o Criador aprimorou para incentivar o amor, condena a ver, num excesso de panejamento, riqueza de detalhes supérfluos.

Como era harmoniosa e augusta a indumentária da Grécia Clássica! Como sabiam aqueles artistas da Antiguidade se servir de panos em casa pelas suas próprias mulheres.

O tear naquele tempo, na Grécia Antiga, bem como em Roma, era o emblema das virtudes domésticas. Note-se que a mulher daquela época, com capacidade e firmeza, dirigia a economia da sociedade sem precisar sair do lar.

Surpreende-nos observar que hoje, depois de 30 séculos de história, esta indumentarista, querendo resumir num símbolo a mais bela concepção artística do traje de todas as épocas, só consegue encontrar, na vasta galeria das modas, a beleza de um kiton ou de uma himação clássicos.

Daí a razão deste “ex-libris”, improvisando a esplêndida *draperie* de seu traje apenas com os ângulos saídos de seus domésticos teares e inspirados por um raio de sua imaginação.

APRESENTAÇÃO DESSE VOLUME

Fausto Viana

Este volume é a tradução integral de *As vestimentas primitivas*, que pertence à coleção Sophia Jobim da Biblioteca do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Até onde se tem conhecimento, esta é a primeira versão em língua portuguesa.

Os primeiros esboços da tradução datam de meados dos anos 1950 e foram feitos pelo sr. Edouard Bailby e por Sophia Jobim. Não se sabe exatamente quem traduziu qual parte, mas a última página trazia o nome de Bailby. A tradução estava dispersa entre os cadernos 30, 109 e 110. Muitas partes do texto não estavam traduzidas, sendo assim, para essa complementação, contei com o auxílio vigoroso de Elizabeth Azevedo, professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e de Gabriel Federicci, tradutor, aos quais agradeço imensamente pela generosidade.

A obra original, intitulada *Les Parures Primitives*, cuja autoria é de Pauline Cocheris, foi publicada em 1894. Na capa do livro original de Sophia Jobim constava “P. Cocheris”; logo na folha de rosto lia-se “As vestimentas primitivas, com uma introdução sobre os tempos pré-históricos por Mme. P. Cocheris, membro da Academia”. Pelo período histórico em que o livro foi escrito, não seria um erro grave supor que P. Cocheris era um homem e Mme. P. Cocheris, sua esposa, a sra. P. Cocheris.

Descobrimos, no entanto, que o esposo da sra. Cocheris era o sr. Hippolyte Cocheris (1829-1882); que Pauline foi mãe de Jules Cocheris (1866-1935), a quem ela dedica a obra: “em memória de nossa bela viagem às cataratas do Nilo”. O sr. Cocheris morreu em 1892, dois anos antes do lançamento do livro.

Foi ainda mais interessante saber que além de ela ter usado o próprio nome, acima de tudo escreveu um livro, uma tarefa que não era reservada para as mulheres do período,

o que faz dela uma pioneira. Um livro só, não; três, pelos dados encontrados na Biblioteca Nacional da França (ver <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb106589490>, acesso em 22 set. 2020).

Foram estas as obras de Pauline Wagrez Cocheris, que nasceu em 14 de agosto de 1828 em Douai, norte da França, e morreu em 16 de dezembro de 1905, em Paris, França:

-*L'empire d'Allemagne: précis historique et géographique*, de 1875.

-*Pédagogie des travaux à l'aiguille: précédée d'une étude sur l'enseignement de la couture en Angleterre, en Allemagne, en Suisse, en Italie et en Belgique*, de 1890.

- *Les parures primitives: avec une introduction sur les temps préhistoriques*, de 1894.

Em *As vestimentas primitivas*, o texto é dividido em quatro capítulos, além da curiosa introdução que apresenta os trajes pré-históricos: Indumentária primitiva; Deformações e mutilações do ponto de vista estético; Papel das cascas de árvores, folhas e flores na roupa e no enfeite e Peles de animais empregadas como indumentária.

A autora comete pequenos deslizes algo preconceituosos, facilmente perdoáveis em função do período histórico, já começando no título: *As vestimentas primitivas*, que poderia muito bem ser *As vestimentas ancestrais*, o que excluiria o julgamento de valores implícito. Os trajes de hoje não são mais evoluídos ou melhores que os de povos ancestrais, que ela chama por vezes de “primitivos e atrasados”, expondo uma visão claramente eurocêntrica do assunto.

Ela consultou ampla bibliografia de cientistas e viajantes, que vai soltando aos poucos durante o texto sem, no entanto, relacioná-los no final, em uma bibliografia formal. O texto é ricamente informativo, passando pelos trajes de regiões distantes do planeta - o que incluiu o Brasil, em vários momentos.

Sophia Jobim, em palestra apresentada na Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro (atual Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro), disse, empolgada, que:

Não podemos determinar, a rigor, em que época o homem começou a se vestir. Mas, admitindo o adorno e a tatuagem como origens da indumentária, podemos afirmar, no entanto, que já nos últimos períodos da pré-história, ele se enfeitava com conchas, nácar, chifres, dentes, crânios e pássaros, vértebras e seixos – suas primeiras joias.

Além disso, pintava também seu corpo nu com argilas coloridas e corantes vegetais, numa atração irresistível e inata pela decoração, já muito antes das épocas históricas. (VIANA, 2020, p.157)

A obra de Cocheris deve ter entusiasmado muito Sophia Jobim justamente pela análise da francesa em classificar folhas, flores, dentes, argila e outros elementos como precursores da indumentária — que tanto Sophia como Pauline tendem a reduzir aos trajes feitos com elementos têxteis.

A própria Sophia escreveu que indumentária vem do latim *indumentum*, “cobertura”. Cabe-nos perguntar: por que restringir a cobertura corporal aos têxteis? Ainda hoje, na África, há ao menos um povo, os Himba, que cobre seu corpo com *otijze* – uma pasta marrom feita de ocre, gordura animal, ervas aromáticas e cortiça moída — que regula a temperatura do corpo tanto durante o calor do dia como durante o frio da noite. Os integrantes dessa etnia habitam o deserto do Namibe, um dos mais antigos do mundo, na Namíbia. O fato de serem africanos — e não europeus — não faz com que seus trajes possam ser qualificados como melhores ou piores, mas sim como adequados ao espaço em que vivem, dentro de sua cultura.

De 1894, data da publicação do livro, para 1955, data da tradução de Sophia Jobim, já houve uma grande mudança de paradigmas, de referenciais. De 1955 até hoje, 2020, em que escrevo a apresentação desta tradução, outras tantas vieram e ressaltaram ainda mais problemas, como racismo, discriminação, xenofobia, feminicídio, LGBTIfobia... Tenho a

clara percepção - talvez Sophia e Pauline também tivessem? — de que muitas coisas ainda vão ter que mudar para que este se torne um mundo mais justo para todos, o que vai ser refletido nos nossos trajes, nas maneiras com que nos vestimos e conduzimos nossas vidas.

Hoje, considero o material de Mme. Pauline Cocheris um material de estudo muito rico e que pode abrir muitas possibilidades de pesquisa. A tradução de Sophia ficou guardada por 65 anos... E deixo aqui uma indagação: como será que o leitor do ano de 2085 vai olhar para estas linhas?

A tradução está entregue, para que siga seu caminho.

São Paulo, 22 de setembro de 2020.



A leitura da obra neste volume poderá ser complementada com as seguintes obras:

VIANA, Fausto. *Dos cadernos de Sophia Jobim: desenhos e estudos de história da moda e da indumentária*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

VIANA, Fausto. *Almanaque da indumentarista Sophia Jobim: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais*. São Paulo: ECA/USP, 2020.



AS VESTIMENTAS PRIMITIVAS

Com uma introdução sobre

OS TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS

por

Mme. P. Cocheris, Membro da Academia

Obra ilustrada com 209 gravuras, a partir

dos desenhos de P. Sellier

Paris

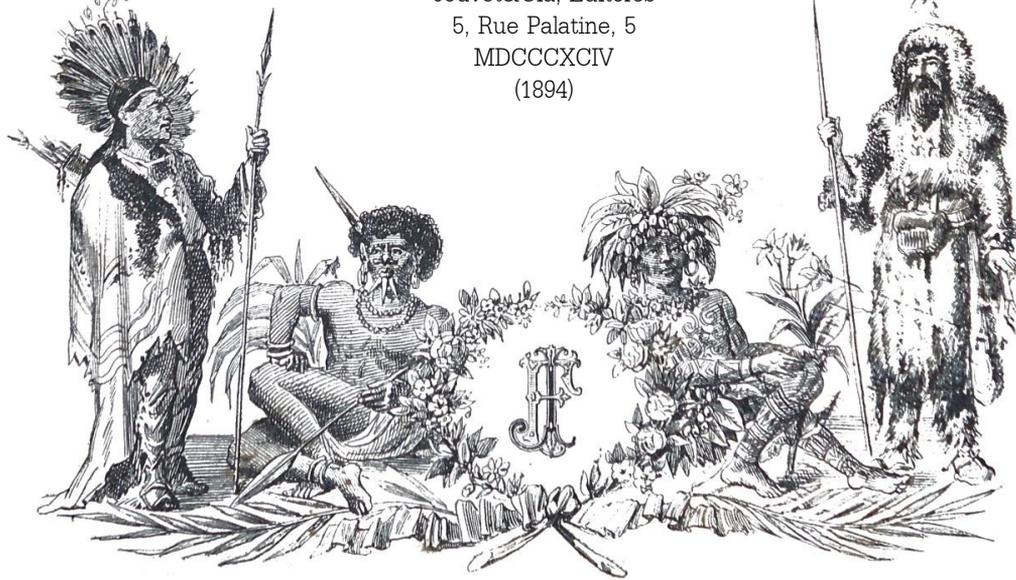
Librairie Furne

Jouvet&Cia, Editores

5, Rue Palatine, 5

MDCCCXCIV

(1894)



Ao meu filho,

JULES COCHERIS,

dedico esse livro

*em memória de nossa bela viagem
às cataratas do Nilo.*

ÍNDICE

Prefácio 14

Introdução 15

Capítulo I - Indumentária primitiva 47

Capítulo II - Deformações e mutilações do ponto de vista estético 104

Cap. III - Papel das cascas de árvores, folhas e flores na roupa e no enfeite 180

Capítulo IV - Peles de animais empregadas como indumentária 253

Conclusão 308

PREFÁCIO

(P. Cocheris)

Antes de falar dos ornamentos que o homem inventa para se embelezar, não seria útil lembrar suas origens, suas lutas, seus trabalhos e suas conquistas de ordem física e intelectual?

Tal é, ao menos, o objetivo da introdução que precede esse estudo sobre as vestimentas primitivas, cujos documentos foram levantados nas melhores fontes e escolhidos com cuidado escrupuloso.

Os diários e as revistas científicas, os registros de viagem do Abade Prévost, de Bougainville, de Baker, de Livingston, de Stanley; as publicações que são de autoridades, como aquelas de Charton, de Figuier, de Racinet, de Ménard e de outros, contribuíram para a composição desse livro tanto pelas anedotas e fatos curiosos, quanto pelas observações pessoais dos autores, jamais omitidas, sobre os diferentes povos que eles visitaram.

A fantasia, e aí está o maior mérito, tem lugar menor nessa obra, que os críticos mais severos poderiam classificar como simples compilação. Não é, com efeito, uma montanha de anotações tomadas um pouco em cada lugar e coordenadas entre elas. Apesar de apresentarmos com humildade o nosso trabalho, tomamos à nossa conta as palavras de Walter Scott: "As coisas que aqui contamos podem ser chamadas de nossas", nós esperamos obter do leitor a justa parte que nos cabe do trabalho que é oferecido à sua curiosidade.



INTRODUÇÃO

Por Mme. P. Cocheris



Vestimentas primitivas na Colômbia - Índios Churoyos.



Os poetas, cuja imaginação criou tantas quimeras, dividiram a história do mundo em períodos que, simbolizados como idade do ouro, da prata, do bronze e do ferro, designam graus diferentes de virtudes e de felicidade.

Não se apoiando senão que em fatos reais, a ciência não poderia aceitar essa classificação completamente fictícia. Assim, também os geólogos, depois de terem estudado os elementos que compõem a terra, adotaram outro método para indicar os pontos de parada na marcha do tempo e as mudanças acontecidas no trabalho da natureza. Eles constataram que o fogo e a água tinham disputado o império sobre o globo, possibilitando o nascimento de duas camadas distintas: uma ígnea, dita primitiva ou plutoniana, que formou as rochas cristalinas, ou seja, granito, basalto, pórfiro, serpentina, bases fundamentais da crosta terrestre; a outra aquosa, ou netuniana, que acumulou sucessivamente, sobre a camada ígnea, quatro tipos de terrenos, dispostos em estratificação, representando épocas de uma duração incalculável, mas imensa, que tiveram suas plantas e seus animais especiais.

Cada um desses terrenos, conhecidos pelo termo genérico de sedimentares, recebeu um nome particular, lembrando sua ordem de aparição; eles compreendem o

“terreno primário”, ou de transição, porque o seu caráter se aproxima tanto das rochas plutonianas como das netunianas. Esse terreno primário é rico em moluscos, crustáceos e peixes, abriga mármore, xistos, pilhas de filito e, grande quantidade de carvão, proveniente dos restos de uma vegetação geral e luxuriante bem anterior. O “terreno secundário”, notável pela variedade dos seus répteis monstruosos, possui o sal gema, bancos de giz, de arenito, de pedras de construção e de minerais de ferro. O “terreno terciário”, cujo elemento predominante é constituído pelos mamíferos de tamanho gigantesco, fornece inúmeros fósseis de todos os tipos, as argilas plásticas, os calcários grossos, o gesso ou pedra-gesso e camadas de margá¹. “O terreno quaternário” é uma aluvião antiga que deve sua origem a ações mecânicas potentes, tais como as erosões das rochas e dos transportes de materiais, a distâncias de grandezas variáveis. A flora era a mesma dos nossos dias.

Nessa época, apareceram os animais e depois o homem, obra prima da organização e futuro mestre do mundo. O solo, depois de ter sofrido uma última transformação, se tornou terreno de aluvião moderno sobre o qual nós andamos.

É assim que, segundo Cuvier, a crosta terrestre teria sido formada em quatro vezes e habitada de quatro formas. Na cadeia da organização universal, os primeiros anéis são os vegetais e, entre eles, os mais ínfimos; nascem depois os animais minúsculos, se aproximando do reino vegetal e pertencendo, por consequência, a espécies menos perfeitas. Esses animais, nomeados unicelulares ou microscópicos, são os mais numerosos da natureza e os menores, uma vez que em uma gota de água podem-se contar vários milhões.

Entre esses unicelulares, os naturalistas classificaram um gênero de conchas infinitamente pequenas, mas, visíveis a olho nu, que eles chamaram de foraminíferas ou

¹ Margá- terreno argiloso com maior ou menor quantidade de calcário. (Nota: Fausto Viana)

porta-buracos, cujas conchas no estado fóssil contribuíram largamente para a formação da crosta terrestre. Essas conchas teriam sido responsáveis por cadeias inteiras de elevadas colinas, de bancos de pedra para construção. O calcário grosseiro dos arredores de Paris está cheio dessas pedras de construção, e um centímetro cúbico das pedreiras de Gentilly encerram ao menos vinte mil dessas conchinhas. Pode-se dizer, sem exagero, que muitas vilas e vilarejos, em torno da capital, são construídos com esses amontoados de foraminíferas.

As conchas fósseis (camérines ou nummilines), da mesma família de moluscos, formam as pilhas de Laon. Foi com pedras de formação análoga e fundada sobre rochedos do mesmo gênero que foram feitas as Pirâmides do Egito. Elas contam hoje seis mil anos de existência.

Tudo no mundo presente faz lembrar o mundo de antigamente. As formações completas, mares e terrenos, flores e fauna sucederam a criações dispersas. A natureza, para valermo-nos de expressão bíblica, sempre muda suas roupas quando elas estão velhas.

A estrutura do nosso planeta, pesquisada pela geologia, não respondia às exigências de certos estudiosos que tinham por objetivo conhecer a origem das famílias dos animais e, sobretudo, a da grande família humana. Escavando o solo, mergulhando nas águas e por meio de vestígios encontrados quase que por milagre, chegaram a reconstituir a fisionomia do ser primitivo, seu caráter e seus costumes.

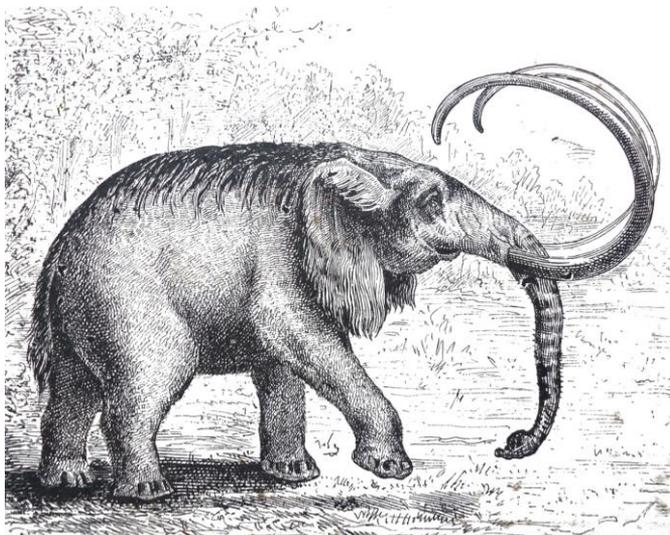
Infelizmente, as pesquisas dos geólogos não foram levadas adiante em todas as partes do mundo. Elas tiveram como teatro principal a Europa Ocidental, muito distante da região que se considera como berço dos nossos primeiros parentes.

O desenvolvimento desses conhecimentos teve início há cem anos, com duas ciências novas: a paleontologia e a antropologia que, apesar de não serem categóricas em suas afirmações, apresentavam teorias com possibilidades muito prováveis. As ossadas de homens e animais, as matérias que compunham os objetos encontrados nas cavernas, as

grutas sepulcrais e as cidades lacustres vêm corroborar uma classificação engenhosa, adotada pelos estudiosos do norte, os primeiros que se ocuparam dessas graves questões: *Não foi na Dinamarca que primeiramente se percebeu uma sequência de épocas diversas, graças às antigas descobertas nas costas do Báltico?*

Thomsen propôs uma divisão que foi aceita com entusiasmo em toda Suíça e depois, pouco a pouco, por outros países. Esse arqueólogo, ao admitir as idades que deram origem às coisas, permitindo se chegar sucessivamente à prosperidade, derrubou a ordem alegóricados poetas (idades do ouro, da prata, do bronze e do ferro) e, mesmo conservando o sistema geológico, estabeleceu três épocas distintas, que correspondem, cada uma, ao uso de diferentes materiais empregados pelos homens para seus instrumentos usuais, isto é, a pedra, o bronze e o ferro. Na Idade da Pedra, a primeira das três idades, encontra-se o começo da nossa raça, reduzida, em seu modo de viver, ao estado de bestas, mas que terá sua situação melhorada, de uma maneira muito perceptível, tendo chegado à Idade do Bronze. Essa segunda etapa, cujo nome, por si só, indica um progresso imenso nas consciências humanas, foi seguida por uma terceira, chamada Idade do Ferro, que tornou possível a formação dos grandes impérios e a aurora dos tempos históricos.

Essas épocas, assim definidas, não sofreram, em todos os lugares, nem ao mesmo tempo, mudanças idênticas. Elas foram ligadas por períodos intermediários, ou de transição, durante os quais foram propagados os conhecimentos adquiridos.

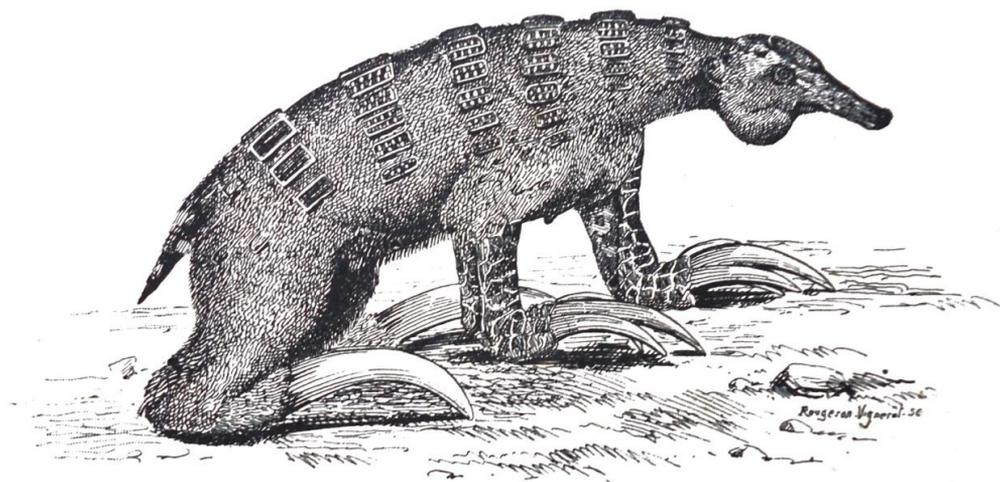


Mamute, elefante primitivo ou pré-diluviano, 16 pés de altura (5,18m).

Afirma-se que os povos, antes de alcançar a prosperidade, devem todos atravessar fases parecidas. Não há atualmente, na Oceania, tribos que permaneceram na Idade da Pedra, enquanto os chineses a conheceram num passado imemorial? Esses últimos processam ainda um culto supersticioso pelo jade, com os quais eles fazem amuletos.

Os Árcades se diziam mais antigos que a Lua, e os gregos da Ática diziam ter sido criados antes do Sol, mas remontavam a ancestrais que tinham sido submetidos às mesmas provas que os nossos.

A Idade da Pedra começa com o terreno quaternário. Apesar de muitos estudiosos terem acreditado encontrar vestígios da presença humana na última camada do terciário, a antropologia só se pronunciou categoricamente em favor do quaternário que, sozinho, conserva traços incontestáveis.



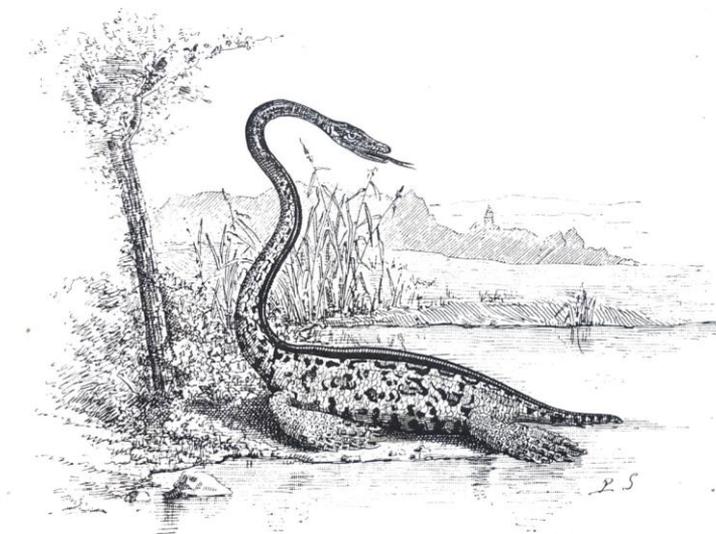
Megatério, mamífero pré-diluviano, dez pés (3,24m) de altura e dezesseis (5,18m) de comprimento.

Essa idade complicada oferece tantas variações no seu conjunto que fomos obrigados, para estudá-la, a dividi-la em três subépocas: período da Pedra bruta ou do mamute, da Pedra talhada ou da rena e, finalmente, da Pedra Polida ou dos animais domésticos. Devido à iniciativa de Eduard Lartet, essa subdivisão foi adotada no Museu de Saint-Germain.

Na origem do terreno quaternário, a Europa gozava, sem dúvida, de um clima quente; depois, com plantas e animais que a adornavam e habitavam, e pertencentes a gêneros que, sendo hoje comparativamente minúsculos, ainda vivem em zonas tórridas. Dentro dessas criaturas fenomenais, desse tempo longínquo, é preciso citar o mamute, o mastodonte, o megatério, o iguanodonte, a hiena das cavernas, o grande urso, o plessiossauro, o pterodátilo, os répteis e os pássaros de um tamanho enorme.

Esse homem, destinado a viver entre inimigos tão aterrorizantes, deve ter tido uma existência terrível. Uma raça desconhecida, análoga a dos índios da Terra do Fogo, ofereceu todos os seus signos da bestialidade, disputando o solo com cada um dos monstros que o ocupavam, armado somente com suas unhas e suas mãos; depois,

procurando aumentar suas forças, ele se armou de bastões e de pedras, empregando essas no estado natural, não tendo nem ideia e nem meios de lapidá-las. Presume-se que os habitantes de então, eram pouco numerosos e não formavam uma verdadeira população.



Plessiossauro, réptil pré-diluviano, quarenta (12,96m) pés de comprimento.

Na Gália, por exemplo, estima-se que havia um homem a cada cinquenta quilômetros quadrados. Deve-se acrescentar que o homem pré-histórico, das cavernas de nossa região, não é o tipo geral de todos os povos da Terra. De resto, seria absurdo tentar provar fatos que não repousam sobre nenhum documento autêntico.

Durante muito tempo, ossos de mamute e de mastodonte, tomados como ossos humanos, pareciam confirmar a opinião errônea e muito difundida da aparição, nessa época, de uma raça de gigantes.



Grande pterodátilo, pássaro pré-diluviano, dezoito (5,83m) de envergadura.

As conjeturas formadas, sobre os hábitos da Idade da Pedra, se apoiam sobre o que se sabe desses selvagens, observados há apenas alguns séculos. Quando, em 1395, se abordou pela primeira vez as Ilhas Canárias, conquistadas mais tarde por Jean de Bétancour (1447), os nativos, governados por vários chefes, não tinham por armas bastões e sílex. A parte superior do seu corpo estava coberta por uma pele de animal e o resto escondido em folhas de palmeira. Eles faziam a barba com pedras cortantes e se nutriam de ervas, leite, lagartos e serpentes.

Os mesmos costumes reinavam, em 1447, em Cabo Verde, cujos habitantes viviam sob tendas e se revestiam de folhagens. Eles bebiam leite de quase todos os animais, comiam algumas plantas, gafanhotos secos ao sol e uma espécie de grão que a terra produzia sem cultivo. Os antigos insulares de Bornéu não trabalhavam o solo, não conheciam nem o pão e nem o sal e vagavam nus pelas florestas como bestas selvagens.

A era quaternária, ou de aluvião antiga, sofre importantes variações de temperatura e violentos movimentos vulcânicos. Próximo da sua segunda metade é que se localiza o

período glacial, a maior catástrofe do globo, que fez perecer quase todos os seres das nossas regiões.

Os naturalistas estão de acordo sobre estes fatos e têm apreciado da mesma maneira sua manifestação. Houve, segundo eles, uma série de fenômenos desse gênero, de uma grande potência, que coincidiu com o afundamento do solo que separava a Inglaterra do continente, permitindo assim que o mar cobrisse a metade da Rússia, de Hanover, da Prússia e da maior parte da Holanda. Na África, o deserto do Saara emergiu das águas.

O destino da humanidade, durante essa época de frio, é enigmático. Os estudiosos, constrangidos, não puderam completar essa lacuna no caos.

Tudo parece provar apenas que a Europa se tornou, do norte ao sul, um imenso assoalho, coberto por animais que morreram subitamente, surpreendidos ou na sua fuga ou nos locais do seu nascimento. Depois de uma extensão de tempo desconhecida, a temperatura se tornou menos cruel, o número de geleiras diminuiu e o clima - ainda que frio - permitiu, entretanto, que a vida retomasse os seus direitos.

Os quadrúpedes gigantes, que haviam sido destruídos, foram substituídos por outros de natureza menos extraordinária. A maior parte dessas espécies existe ainda.

Foi assim que a rena e o auroque (uma espécie de touro), o alce, o javali das turfeiras, o lobo, a raposa e muitas raças de mamíferos se tornaram hóspedes de nossas florestas.

Os homens da época quaternária, salvos da destruição, reapareceram nas regiões ocidentais com os animais novos. Ainda que sempre muito ignorantes, pareciam ser de uma essência superior à dos seus antecessores. Eles procuravam abrigo nas cavernas naturais, talhavam a pedra para fazer utensílios apropriados aos seus trabalhos e se cobriam de peles de animais. Os antropólogos concluem, com Franklin, que o homem verdadeiramente digno desse nome é esse, que sabe fabricar instrumentos de trabalho, considerando esses seres como os aborígenes da Gália.



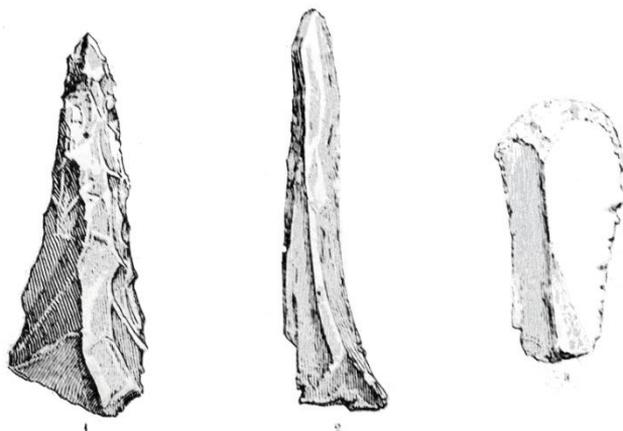
*Habitantes das cavernas na Época da Rena ou da Pedra Talhada. Gruta de Cro-magnon.
(Seção de Trabalho na Exposição de 1889)*

Aproximando-se dos mongóis, por sua estrutura vigorosa e sua estatura pouco elevada, esses habitantes não cultivavam ainda a terra; dedicados à pesca e à caça, eles provêm, assim, suas necessidades de existência. Acredita-se que seus hábitos fossem parecidos com os dos povos que ocupam hoje as regiões austrais do globo.

Facas, raspadores, polidores, alfinetes, anzóis, agulhas feitas com espinhas de peixe ou osso de pássaros, mostram sua participação no trabalho manual. Deu-se a esse novo período quaternário o nome de Pedra Talhada, ou ainda melhor, “da rena”, por causa da aparição desse animal provavelmente tão importante para o homem primitivo como o é, hoje, para os esquimós.

Inspecionando a crosta terrestre, pode-se assegurar que a Idade da Rena foi finalizada por um cataclismo diluviano, produzido pela elevação súbita da temperatura. As neves liquefeitas escorreram em massa para os vales e as geleiras das altas montanhas derreteram e se transformaram em correntes; os mares franquearam suas barreiras, os rios -

muito cheios - saíram de seus leitos e as cataratas se abriram para que o solo submergisse, destruindo tudo que se encontrava na superfície e se opunha ao seu furor.



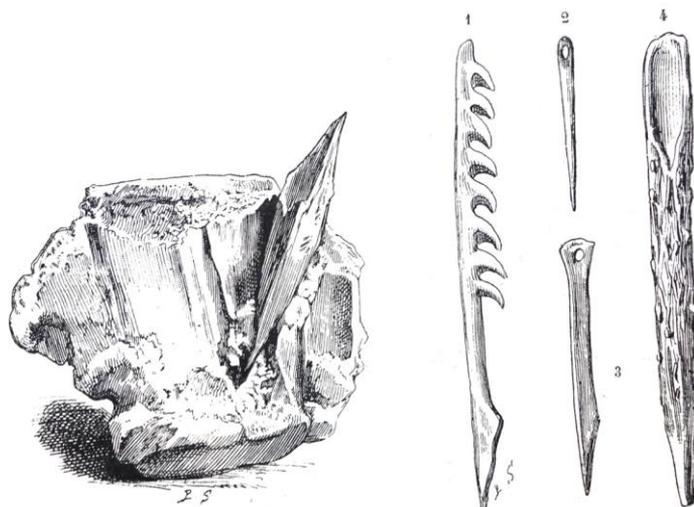
*Instrumentos da Época da Rena ou da Pedra Talhada. 1- Furador. 2. Faca. 3. Raspador.
(Museu de Saint-Germain.)*

Cuvier, cuja genialidade criou a paleontologia, observou várias inundações parciais e fez a última coincidir com o dilúvio, dito universal, mencionado por Moisés, pois a ciência não é ímpia e, pode-se dizer, como Duruy: “Deixe-a andar, a alma está cansada”.

Depois de vários séculos, impossíveis de serem apreciados, a ordem se estabeleceu de novo na natureza: os elementos se acalmaram, os rios voltaram aos seus leitos, o verde reapareceu sobre a terra seca, tudo foi submetido a um estado normal e um clima temperado veio reinar sobre nossas regiões, modificando seu aspecto. A rena e seus companheiros abandonaram as zonas centrais para subir em direção às regiões mais frias, e os filhos dos antigos habitantes, que tinham fugido diante da potência destrutiva das águas, retomaram a posse dos antigos territórios que tinham sido outrora ocupados por seus pais.

Foi nesse momento, que apareceu, na Europa, a vanguarda de um povo estrangeiro, vigoroso, belo, de grande tamanho, trazendo com eles conhecimentos novos e animais

domésticos, tais como o cachorro, o cavalo, o boi, o bode, a cabra, o porco e o ganso, que se tornaram de grande auxílio à humanidade.



Vértebra de um animal com resto de machado que ficou incrustado. Objetos em osso de rena ou em madeira. 1. Arpão. 2. Furador. 3. Agulha. 4. Colher. (Museu de Saint Germain)

Dispersando aqueles que se encontravam no seu caminho, os invasores se estabeleceram, pouco a pouco, na Europa Central, usando, para isso, o direito do mais forte. Foi o início do período que recebeu de nossos estudiosos o nome de “animais domésticos”, motivados pela presença desses, ou da Pedra Polida, por causa das obras de perfeição notável em sílex, até então muito grosseiras.

A partir daí, os homens, ainda que bem distantes dos tempos históricos, vão caminhar, sem paradas desastrosas, para deixar suas lembranças autênticas.

De onde vem essa raça concorrente tão diferente das precedentes? Numerosos índices demonstram que ela saiu da Ásia Central, do planalto de Pamir e dos vales do Rio Oxus, no vasto império do Irã, tendo por capital Bactros e sobre a qual os especialistas falam com admiração. De acordo com Pictet:

Uma data anterior ao testemunho histórico, e que se derrama pela noite dos séculos, uma família, destinada pela Providência a dominar um dia o mundo, crescia à sombra e preparava o seu brilhante futuro. Privilegiado, entre todos, pela pureza de sangue e o dom da inteligência, no seio de uma natureza grandiosa e severa, que apresentava tesouros, mas sem abundância, ela produziu um desenvolvimento precoce da reflexão que prepara e da energia que realiza; o homem nasceu aí, em perfeita harmonia de suas faculdades, dotado daquilo que pode contribuir para seu estado físico e intelectual.

Um dos mais nobres ramos da grande tribo iraniana, que ocuparam esse império e deveriam, na sequência, formar tantas nações diversas, tinham o nome genérico de Árias, sinônimo de nobre, fiel, amigo, pleno de ardor. Sob essa denominação, se agrupavam os povos agricultores e sedentários de raça branca, aos quais se opuseram as tribos touranianas, nômades por excelência, tendo como riqueza os seus muitos rebanhos.

Uma terra fecunda traz necessariamente um crescimento continuado e rápido da população. Foi o que aconteceu na região de Bactros. A mãe pátria, que se tornou muito estreita para conter todos seus filhos, os forçou a imigrações sucessivas, que se tornaram cada vez mais frequentes.

A primeira dispersão foi operada pacificamente, ou foi provocada por revoltas intestinas? Nenhum traço desse grande evento chegou aos nossos dias. Presume-se que essa divisão aconteceu alguns milhares de anos antes da nossa era. No começo dos tempos históricos, a família estrangeira já tinha se constituído em nações distintas, pertencendo, entretanto, a um tipo único, caracterizado pela cor da pele, pelagem dos corpos, regularidade dos traços do rosto, flexibilidade do talhe, fina expressão do olhar e, sobretudo, pelo nariz reto e forte. O principal deus védico é sempre qualificado, por esta razão, de “divindade do belo nariz”.

Dois grupos gerais saíram do Irã. Um se dirigiu para a região do sol nascente, para povoar a Índia e a Pérsia, depois de ter expulsado os Mongóis, os primeiros posseiros da

terra. O outro avançou em relação ao Ocidente, para se estabelecer na Europa, e não parou até chegar aos seus limites extremos, expulsando os aborígenes para as zonas setentrionais. É certo também que os imigrantes se juntaram aos vencidos pelas vias do matrimônio e formaram uma geração nova, aquela dos nossos ancestrais.

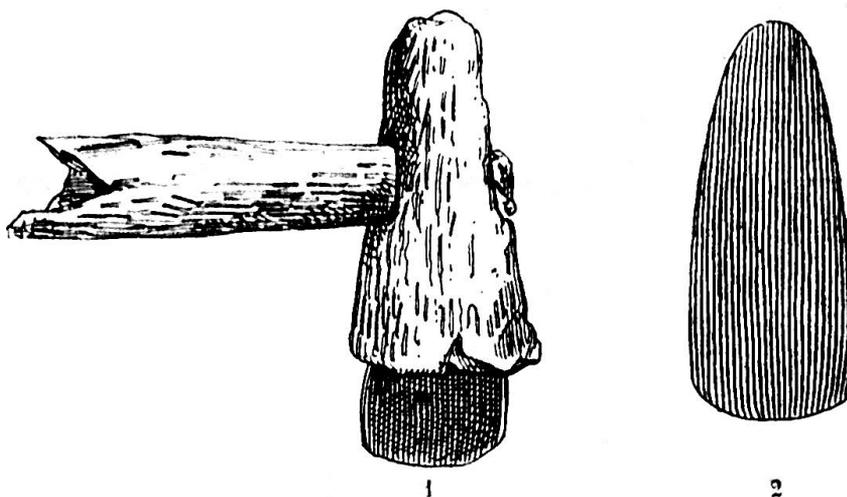


Homem e mulher polindo o sílex. Idade dos Animais Domésticos ou da Pedra Polida (Seção do trabalho, Exposição Universal, 1889).

Admitindo que esses viajantes conquistadores tenham conhecido os metais na Ásia, seu país natal, a vida nômade não lhes permitia explorar as minas nem estabelecer forjas e nem fundições. Ora, à medida em que eles avançavam por terras desconhecidas, depois de terem superado muitos obstáculos, as vias se fechavam novamente atrás deles. Na impossibilidade de manter relações com seus antigos centros, privados de recursos e de instrumentos, eles tiveram que se contentar, como aqueles que haviam vencido, com as pedras do caminho e os ossos dos animais para fabricar utensílios. No entanto, inteligentes e industriosos, eles talharam, eles poliram, eles afinaram, eles decoraram com gravuras ou com pinturas e eles facilitaram a manutenção com os próprios punhos. Remonta a este período, a origem da cerâmica e os primeiros princípios da agricultura. As canoas em uso,

cuja direção deveria exigir grande habilidade, são cavadas nos troncos das árvores; os pilões para moagem do trigo, já empregados, são parecidos com aqueles dos tempos primitivos da Grécia. Os museus de antiguidades possuem muitas espécies desses artefatos.

O que distingue particularmente essa raça nova é o seu respeito pelos mortos. Ela tinha o hábito de inumá-los; considerando a terra como a criadora de todas as coisas, seu bem lhe era restituído. Perto do defunto, eram colocados utensílios, suas vestimentas, seu cavalo favorito e, às vezes, seu carro de guerra todo ataviado.



1. Machado em sílex, feito de chifre de cervo, agregado a cabo de carvalho. 2. Machado polido em madeira (Museu de Saint Germain).

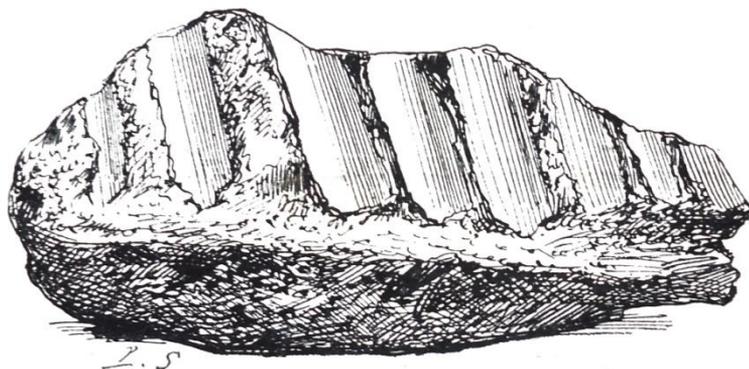
Uma ideia filosófica, inicialmente, levava os homens a dobrarem o cadáver sobre ele mesmo, de maneira a colocar os joelhos sob o queixo e cruzando os braços sobre o peito, em sinal de completa imobilidade. Os japoneses ainda agem assim - foi possível constatá-lo na Exposição Universal de 1889, para a qual eles enviaram um modelo desse tipo de sepultamento.



Fragmento de osso com uma gravura representando uma rena. (Museu de Saint Germain).

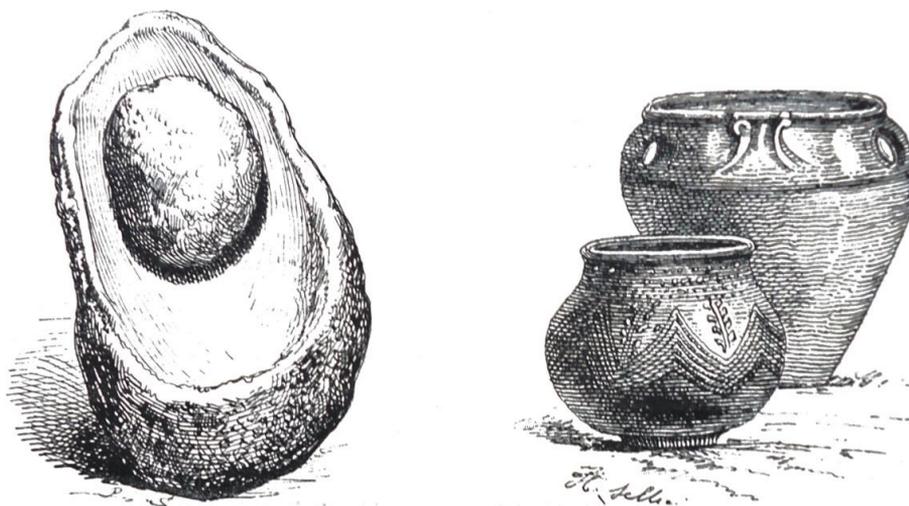
Mais tarde, por se considerar a tumba um lugar de repouso, sentava-se o morto; mais tarde ainda, ele ficava com o corpo inteiramente deitado: a posição do sono parecia mais apropriada ao descanso eterno.

Os dólmenes, os menires, as alamedas cobertas, os alinhamentos de pedras chamadas erroneamente de monumentos célticos e druidas, são ou altares religiosos, ou túmulos, ou pedras comemorativas, remontando à Época da Pedra Polida. Imponentes, ainda que sem forma, esses blocos de sílex têm a sua lenda. Os bretões, que os revestiam de um caráter grandioso e gracioso ao mesmo tempo, dizem que os homens não o tocaram, mas que eles foram trazidos pelas boas fadas do alto das montanhas, fiando com suas rocas.



Pedra para polimento em arenito brilhante, com traços de sua utilização, localizado no Departamento de La Vienne.

Uma era nova tinha começado com os monumentos megalíticos. Qual foi a sua duração? Como nas eras anteriores, isso não pode ser determinado; muito longa, sem dúvida, ela diferia de um lugar ao outro, segundo as dificuldades de comunicação. Pouco a pouco, entretanto, as famílias estrangeiras continuaram a vir do Oriente. Primeiro, em longos intervalos, depois, com a via das imigrações já abertas, em grupos mais consideráveis. Enfim, uma verdadeira erupção avançou ameaçadora, trazendo aos países invadidos seus costumes, conhecimentos e a sua indústria.



Amolador em arenito para amassar o trigo, encontrado em cemitério gaulês. (Museu de Saint-Germain). Cerâmica dos dólmenes, vasos de barro. (Museu de Saint-Germain).

Contam-se três invasões principais das quais multidões, abandonadas após elas, povoaram a Europa. A mais antiga leva o nome de celtas, numerosa população composta por inúmeras tribos à frente das quais estavam aquelas dos turbulentos e valorosos gauleses.

Esses filhos da Ásia pareciam ter dado o sinal de partida e ter sido os primeiros que se destacaram do tronco dos Árias para andar em grupos em direção ao sol poente.

Ganhando o Cáucaso, os intrépidos viajantes contornaram o Mar Negro, entraram pelo Vale do Danúbio e do Dniepre, subindo o curso dos rios e abrindo uma passagem nas regiões chamadas depois de Gália, País Baixo, Inglaterra, Escócia e Irlanda.

O exemplo dos gauleses foi imitado por outros povos e esses, sucessivamente, pelos pelasgos, etruscos, helenos, ligúrios, que deixaram seu berço para se espalhar pela Ásia Menor, Grécia, Península Itálica, Espanha, onde eles fundaram numerosos grupos de população.

O progresso veio, portanto, do fundo do Mar Negro.

Uma tão longa peregrinação não se efetuou sem repouso, embora o nome das localidades, rios e montanhas testemunhem não somente a passagem dos bandos aventureiros, mas também a sua permanência prolongada na região.

A segunda invasão, dita germânica, da qual saíram mais tarde as duas potências, a confederação dos francos e dos alemães, compreendia os escandinavos, os kymris e os góticos, esses últimos formados por elementos gépidos, lombardos e burgúndios. Ela se lançou sobre as partes setentrionais e orientais da Europa.

Os eslavos, que organizaram a terceira invasão, trouxeram com eles os trácios, os húngaros, os sármatas, os frígios, os finlandeses e os russos; eles se estabeleceram nas localidades deixadas livres, povoando assim o solo europeu.

Esses povos diversos que se precipitaram em direção ao Ocidente, empurrados pela fome e pelo desejo de encontrar terras férteis, guerreavam com frequência, uns contra os outros, e se destruíam, se dizimavam, em lutas contínuas. Mas o fluxo invasor, renascendo sem cessar, terminou por se estender e permanecer dando as ordens no território conquistado.

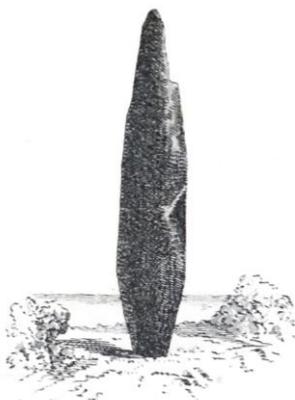


Dólmen de Lokmariaker (Morbihan)

Desses eventos, resultou que os povos classificados como descendentes do ramo denominado de jafé, pertencem à raça branca, a raça mais pura, e nobre da humanidade, conhecida como ariana ou indo europeia, desde que a ciência reconstituiu a unidade original.

Na Europa, contam-se: os gregos, os romanos, os germanos, os celtas, os escandinavos e os eslavos; na Ásia, os persas, os medas, os bactrianos e as castas superiores da Índia, como sendo as principais nações desse grande tronco dividido em dois ramos, um Oriental e outro Ocidental, assim designados em função da parte do mundo onde elas terminaram sua imigração.

Do nosso ponto de vista particular, três tipos gerais concorreram para engendrar a massa da nação francesa. O primeiro remonta aos aborígenes da Gália, contemporâneos da Pedra Talhada; o segundo, pelo sangue e pela língua, se liga aos Árias de Bactros, invasores das nossas regiões, no período da Pedra Polida; o terceiro é devido aos germanos, vindos da Ásia setentrional para aparecer na Gália, cerca de 2000 anos antes da nossa era.



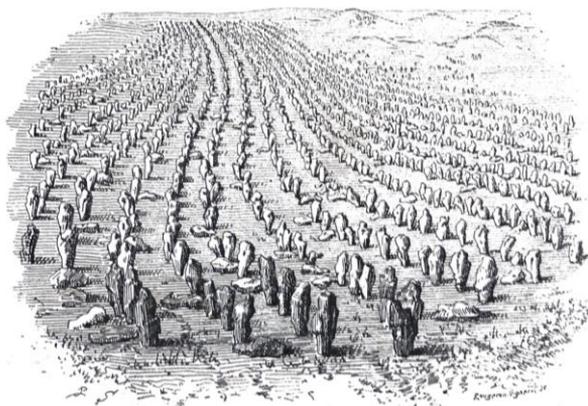
Menir ou pedra elevada de Lokmariaker. (Morbihan)

Com a grande invasão celta, começa a Idade do Bronze, que deve essa denominação ao metal importado pelos imigrantes e o único usado na fabricação de seus instrumentos.



Alameda coberta, denominada Rocha das Fadas, próxima a Saumur. (Maine-et-Loire)

O bom gosto, do qual esses instrumentos são prova, anuncia que seus autores conheciam há muito tempo o amálgama do cobre e do estanho.



Aldeia antiga do alinhamento de Carnac. Quatro mil menires dispostos em onze linhas paralelas em um espaço de mil metros.

O progresso industrial segue naturalmente a marcha dos povos. A pedra, muito grosseira, não é mais empregada a não ser como bigorna; o machado de sílex é substituído pela machadinha de bronze, que os antiquários chamam celta, a partir do nome do povo que se utilizava dela. Pegando o primeiro lugar nos instrumentos, essa machadinha se torna, por sua vez, a faca, a tesoura, a arma de caça ou a arma de combate. A vidraçaria é descoberta, a cerâmica é aperfeiçoada, a lã dos carneiros se transforma em tecido que se junta às peles para variar as vestimentas; a agricultura, fonte futura de riquezas, começa a se propagar, graças à ajuda dos animais domésticos; o comércio nascente, em seguida, obriga os nômades, que tinham se tornado sedentários, a se reunir em sociedade. Enfim, o raio de prosperidade brilha no horizonte, a aurora da civilização se aproxima e as nações não tardarão a inscrever os seus nomes no grande livro de ouro da história.

Os celtas tinham ritos funerários opostos àqueles dos antigos habitantes da Gália. Considerando o povo como o princípio do universo, eles queimavam os mortos para fazê-los retornar, o quanto antes, ao elemento reprodutor, de modo a servir a outras criações.

Na Cochinchina, queimam-se ainda os corpos; este costume foi sempre praticado na Índia e, se ele desapareceu na China, foi substituído pela cremação de bonecas de palha ou de madeira.

Na origem, cada povo conserva sua autonomia. Apesar dos esforços dos vencedores para impor suas crenças aos vencidos, a mudança é feita com muita lentidão. Assim, é possível notar que os monumentos funerários desse tempo trazem traços de costumes diferentes, contendo tanto as cinzas quanto as ossadas, o que motivou, mais uma vez, erro na avaliação dos eruditos.

Os antigos conheceram o cobre, portanto, muito tempo antes do ferro e souberam lhe dar uma forja que o tornou próprio para muitos dos futuros usos do próprio ferro. Hesíodo, falando sobre a idade de bronze, disse: “as armas eram em cobre, as casas eram em cobre, cultivava-se a terra com o cobre, pois o ferro era desconhecido”.

Lucrécia, no seu *De Natura Rerum*, acrescenta: “É com o cobre que os homens revolvem a superfície do solo, que eles revolvem os rios e que fazem largas feridas nos combatentes.” Conduziam-se os bois ao trabalho com uma baguete de cobre; os espelhos dos elegantes eram feitos com este metal.

A metalurgia chega a um tão alto grau de prosperidade que a substituição de uma matéria por outra, considerada superior àquela empregada até então, deve ter sido operada sem traumas. Os homens, ao descobrirem um meio de utilizar o ferro, entraram numa fase nova de prosperidade. A partir desse momento, eles não tiveram mais atrasos na sua progressão sucessiva.



Guerreiro da Idade do Bronze. (Tipo no Museu de Artilharia)

Se o ferro, que dá seu nome à terceira era pré-histórica, aparece depois do bronze, é porque o estanho e o cobre, fáceis de extrair do solo, puderam ser fundidos juntos, como a natureza os oferecia, para formar uma liga dura, flexível e conveniente para a fabricação de todos os tipos de objetos.

O próprio acaso se tinha encarregado de instruir os homens sobre esse ponto. Imensas florestas tinham sido destruídas por incêndios; o terreno sobre os quais elas se encontravam se tornaram incandescentes e serviram como fontes dos metais que, contidos no seu seio, escapavam em regato limpo para se solidificar pelo resfriamento. Essa descoberta acidental é atribuída, segundo a tradição, aos povos da Frígia.

Arrancado com força da mina, o ferro só podia ser trabalhado por operários experimentados e, por essa razão, foi por muito tempo desprezado. Hesíodo atribuiu aos dátilos, chamados também de idealistas, a descoberta do ferro, na ilha de Creta.

Na época do emprego do ferro, é que se situam a fundação dos vastos impérios, guerras desastrosas, servidão dos povos e grandes conflitos. É por isso que a Antiguidade o considerou sempre como um metal maldito; também foi uma relha de bronze que

continuou a circunscrever o lugar onde deveria se erguer uma vila. As armas dos deuses e dos heróis, as forças que, segundo a lei de Numa Pompilius, deveriam cortar os cabelos dos sacerdotes, os pregos usados na construção das pontes romanas, eram todas de cobre. Esse uso subsistiu mesmo até o ano de 687 de Roma. Guardiões dos bosques sagrados, os doze irmãos Arvales, cargo criado por Rômulo e que existia ainda no fim da República, continuaram fiéis ao culto do bronze. Quando eles foram forçados a abater com um machado de ferro uma das árvores da sua floresta, eles tomaram o cuidado de purificá-lo por sacrifícios expiatórios.



Guerreiro da Idade do Ferro. (tipo do Museu de Artilharia)

Zelosos de preservar o processo dessa indústria diante da curiosidade dos profanos, os forjadores o colocaram sob a proteção imediata dos deuses e fizeram dela um objeto de terror supersticioso. Foi assim que os dáctilos, os ciclopes, os coribantos, os curetes, que trabalhavam o metal e pertenciam a seitas religiosas, foram considerados como encantadores, tendo relações constantes com as divindades superiores para as quais eles fabricavam as armas e as vestimentas.

O poder mágico dos antigos metalúrgicos asiáticos foi atribuído ainda pela credulidade ignorante, a vagabundos que chamamos pelo nome genérico de boêmios. Eles parecem perpetuar, nos nossos campos, as lembranças dos diversos talentos dos seus ancestrais consertando tachos domésticos e predizendo o futuro dos camponeses ingênuos.

Amparada por bons instrumentos, a agricultura teve um crescimento rápido, pois os cereais eram conhecidos. O trigo, originário das regiões compreendidas entre as montanhas da Ásia Central e do Mediterrâneo, foram importados pelos Árias, da mesma maneira que a cevada, nativa da Pérsia e do Cáucaso. O nome do primeiro significa “ramo branco” e a segunda era muito estimada pelos orientais que a chamavam de “rei dos grãos”. Dizia-se também que, no tempo de Plínio, os bactrianos produziam trigo e que cada grão era tão grosso como uma espiga inteira em outros países. A Antiguidade, em reconhecimento, o qualificou como grão divino e os romanos o tinham entre as gramíneas reservadas às consagrações religiosas. Combinada com o lúpulo, a cevada dava a cerveja, fabricada pelos celtas e muito apreciada na Gália.

A pera, a maçã, a framboesa, a amora, o figo, a noz e a castanha vieram igualmente da Ásia.

O trabalho é representado na Idade do Ferro por uma multidão de instrumentos que nós empregamos ainda hoje: a foice imaginada para cortar a colheita ou ornamentar os carros de guerra, o arpão de metal, o alfanje, a tesoura de poda, o cabresto do cavalo, são peças dessa época.

Os bilros, as cardas para fazer o linho, as agulhas em metal e os tecidos em lã atestam o progresso imenso dessa indústria.



Instrumentos da Época do Ferro, encontrados nos restos de uma cidade lacustre na Suíça.
1. A tesoura de poda. 2. O cabresto de cavalo. 3. Alfanje. 4. Navalha 5. Lâmina para cortar trigo.

A cultura do linho, honrada na Índia, nos tempos mais recuados foi propagada pelos imigrantes que conheciam igualmente o cânhamo, com o qual eles faziam dardos e cordas para os seus arcos. Essa última planta, chamada por eles de “soberano dos roseirais”, prestou inúmeros serviços. Os Citas eram apaixonados pela fumigação de suas folhas e faziam com seu grão um licor inebriante.

Outros invasores, vindos igualmente do Oriente, estabeleceram cidades lacustres nas diversas regiões ocidentais onde eles paravam, pois, enquanto bandos intrépidos avançavam nas planícies verdejantes ou nas extensas florestas da Europa, populações não menos corajosas, mas pobres, sem dúvida porque eram obrigadas a trazer com elas seus instrumentos de trabalho, seus animais domésticos, seus móveis e seus víveres, desciam, sobre as pesadas pirogas, os cursos dos rios na direção oposta, algumas em direção ao Mediterrâneo e outras em direção ao golfo da Finlândia.

Seguindo esses caminhos abertos, levados pelas correntes ou dirigidos por grandes remos, esses tipos de barcos precisavam parar de tempos em tempos para deixar os rebanhos comerem e os viajantes repousarem. Útil contra os ataques de homens e bestas ferozes, aliás, muito necessários a longas explorações, eles foram conservados pelos seus

proprietários por permitir uma navegação difícil. Quando por acaso se apresentava um lugar propício ao estabelecimento da família, se renunciava, então, a vida errante e a embarcação era transformada em habitação fixa. Mais tarde, para neutralizar os esforços destrutivos das tempestades, os novos habitantes dos lagos elevavam seus barcos com pilastras colocadas sob o fundo sólido das águas, e faziam neles tantos melhoramentos que se transformaram em vilas em cima das águas, se inspirando nos conhecimentos adquiridos na sua pátria mãe, onde esse tipo de construção já existia.

Alguns estudiosos disseram que as estações lacustres eram lugares de reuniões temporárias ou de templos dedicados a divindades. A origem das cidades lacustres da Helvetia remonta a cinco ou seis mil anos e, conseqüentemente, para além da edificação da Babilônia ou de Nínive.

Pelas ruínas que elas deixaram, é fácil reconstituir essas habitações. Eis a descrição que dão alguns arqueólogos:

A quarenta ou cinquenta passos da margem do rio, geralmente num golfo abrigado, perto de um bosque ou de fonte de água potável, eram enterrados certo número de pilares sob os quais se colocava uma plataforma de madeira recoberta de terra batida. Sobre esta superfície, erguiam cabanas com troncos de árvores, calafetadas com argila, umas cônicas, outra quadrangulares, tendo como cobertura juncos entrelaçados. A porta, totalmente aberta, servia ao mesmo tempo de janela e de entrada. O fogão, uma simples placa fixada no meio do quarto principal, deixava a fumaça escapar por um furo feito no teto. Em outro ângulo, se abria uma porta, dando sobre o lago onde se jogavam as imundícies da casa.



Habitante de uma cidade lacustre na época da Pedra Polida. (Museu de Artilharia)

Peles de animais serviam de vestimenta, de cobertura e de cama. Cortadas por ruelas e cruzamentos, os pequenos vilarejos se ligavam ao rio por uma passarela, fácil de ser elevada ao menor perigo.

Essas casas flutuantes, que coincidem nos países ocidentais com a presença dos primeiros asiáticos, apareceram desde o começo do período da Pedra Polida, e eram chamadas “lacustres” ou “palustres”, por serem edificadas sobre lagos ou sobre pântanos. Essas construções se encontram em todas as partes. Temos o direito de pensar, por serem em estilo análogo, que elas tenham surgido a partir de povos de origem comum.

As mudanças acontecidas na sua instalação permitiram que lhes fossem dados nomes diferentes: a Itália possui terras-mares e palafitas; a Irlanda, seus cranoges, a Alemanha, seus ténevières (nota: termo que se refere ao lago de Neuchâtel, do qual advém a cultura de La Tène, na Idade do Ferro), a Suíça, seus steinbergs, a Dinamarca, seus kjoekken-moeddings, o Brasil, suas marinhas.

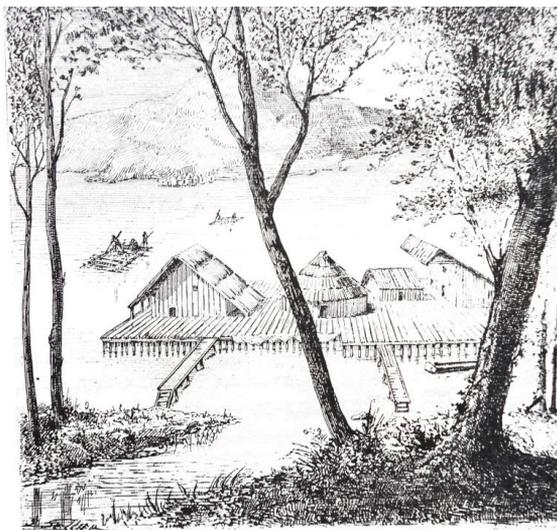
Não pudemos estabelecer a duração dessas cidades lacustres na Europa, nem o número de anos decorridos depois do seu desaparecimento. É provável que os celtas

invasores, inicialmente, tenham incendiado aquelas que se encontravam em seu caminho. Enquanto os povos puderam conservar sua independência, essas cidades permaneceram de pé. Uma vez submetidas, eles foram forçados a abandoná-las, pois elas ficaram incompatíveis com a vida normal que oferecia muito pouca resistência aos ataques dos inimigos.

Pode ser também que as famílias, multiplicadas com o tempo, tenham perdido o medo das feras, deixado os lagos e se dispersado sobre a terra firme que lhes oferecia espaços e recursos múltiplos; mas não se pode precisar.

A Idade da Pedra é representada na Suíça por 52 estações lacustres: a parte oriental foi a primeira que vimos desaparecer, pois estava sob os passos dos emigrados. A Idade do Bronze contou 68 vilas desse gênero, na Suíça Ocidental, que gozaram de grande prosperidade. Por azar, os estrangeiros que avançavam, sem cessar, penetravam no interior da Suíça e as destruíam, deixando atrás deles só as ruínas, hoje tão interessantes para arqueólogos e turistas.

Essas habitações, que ofereciam reais vantagens em caso de perigo, foram retomadas em situações difíceis e restauradas, muito tempo depois de seu primeiro abandono.



Cidade lacustre reconstituída.

A tradição as menciona até o século 18. Na Irlanda, em algumas regiões, cada chefe de clã tinha a sua cranoge (ilhota artificial), onde ele punha em segurança suas riquezas e seu rebanho. Outras serviam de refúgio aos combatentes ou inocentes fugitivos, que fizeram delas verdadeiras fortalezas. Aquelas do Eufrates, apesar do seu aspecto vetusto, se transformaram, no século 14, em um abrigo tranquilo para os cristãos perseguidos pelos muçulmanos, sendo que o Vale da Síria, alimentado pelo Oronte, tem ainda o nome de Lago dos Cristãos, por causa da cidade aquática que foi ali construída e que serviu, durante muito tempo, como casa de pescadores católicos.

Os países da Europa, que possuíam habitações sobre pilastras, são talvez a Suíça e o norte da Itália, mas como nós acabamos de ver, essas duas regiões não tinham o monopólio deste tipo de habitação. A França mesmo teve as suas, que deixaram traços muito interessantes: pode-se vê-las até o presente, sobretudo nos departamentos de fronteira no sudoeste e, é preciso citar em primeira linha, aquelas do Bourget, em número de cinco ou seis, que remontam à Idade do Bronze e as três principais, que estão em Tresserne, Grésine e Châtillon. Elas forneceram muitos resíduos de instrumentos em osso e em sílex, fragmentos de cerâmica e de joias, espécies de utensílios domésticos e de indústria, madeira e ossadas de animais e, também, provisões de alimentos, tais como avelãs, nozes, castanhas e sementes, representando as frutas.

Resultados parecidos foram encontrados no lago Paladru (Isère) e em outra estação marcada no pé dos Pirineus, que tinha, pelo menos, quatro povoações aquáticas.

Supõe-se que elas tenham existido em outras partes da França e que é provável que, se fizéssemos pesquisas sabiamente dirigidas em pântanos e lagos espalhados em alguns dos nossos departamentos, descobriríamos ainda vestígios destas singulares cidades pertencentes a tempos passados, porque os gauleses habitavam casas, desse tipo,

consagradas aos deuses das águas, aos quais eles rendiam frequentes homenagens. Se o número dessas vilas esteve restrito ao momento da conquista romana, é porque os invasores bárbaros e a conquista de conhecimentos tinham inaugurado costumes diferentes dos seus, mas ainda antes desta época, o assentamento dos povos pertencia já aos tempos históricos. Se o eco dos eventos anteriores chegou até nós, devemos isso à ciência paciente e laboriosa dos sábios dedicados, aos quais somos devedores.



CAPÍTULO PRIMEIRO

Indumentária Primitiva

Jóias Pré-históricas – Tatuagens – Pinturas Corporais



A primeira família

Resumo

Ornamentação primitiva: joias de osso, de concha e de pedra, encontradas nas cavernas pré-históricas, nos túmulos antigos e nas cidades lacustres. Do gosto do homem pela indumentária através do tempo. Tatuagem nos povos da antiguidade. Tatuagem moderna na Europa, na Ásia, na África, na América e na Oceania. Tatuagem religiosa e popular. Pinturas corporais no Novo Mundo, em algumas tribos africanas e na Oceania, na China e no Japão. Traços dos mesmos hábitos entre os medas, os judeus, os egípcios, os gregos, os romanos e os gauleses.

Os misteriosos acontecimentos que presidiram a formação do globo terrestre e o aparecimento de seus habitantes foram explicados pelas religiões antigas e pelas descobertas modernas de diversas maneiras. Mas a inteligência e o raciocínio bastaram para eliminar umas e, em discutindo as outras, a ciência aproximou-se cada vez mais da verdade da qual uma parte, ainda desconhecida, é imensa e permanece soterrada nos tempos.

Quaisquer que sejam as diferenças, todas as opiniões, contudo, concordam em afirmar que, na origem dos séculos, o homem apareceu sobre a terra, inteiramente despido e, somente com esforços muitas vezes infrutíferos, ele adquiriu lentamente as noções do simples bem estar. “Júpiter - diz Virgílio - fazendo da agricultura uma obra penosa excitou os mortais pela premência da fome. A experiência e a reflexão iam dar nascimento às artes, como o trabalho faz surgir a espiga do sulco e aparecer a isca da pedra”.

A santa Bíblia ensina que Jeová, para castigar Adão pela sua desobediência, condenou-o a ganhar seu pão trabalhando. Esta sentença, muito dura, significa que Deus, ao criar uma criatura com inteligência, quis que ela alcançasse um destino melhor, livre e responsável por seus atos.

Três fases sucessivas assinalaram o desenvolvimento das sociedades que surgiram, pois, estas, segundo uma lei natural, passaram todas elas da pesca e da caça à vida nômade, e da vida nômade à agricultura, primeiro degrau para a civilização. Estas transformações exigiram milhares de anos e são ainda mal conhecidas por nós. Contudo, quanto mais estudamos o passado do nosso mundo, mais verificamos o amor pela indumentária. O interesse é que, em vez de serem o apanágio exclusivo da mulher, os acessórios foram inicialmente usados pelo homem como um dos sinais característicos de sua potência.

“O ideal - diz com razão Theophile Gautier - atormenta a natureza a mais primitiva e o gosto pelo adorno diferencia o ser inteligente do animal mais do qualquer outra particularidade; com efeito, nenhum cachorro pensou em usar brincos e os Fuégios estúpidos, que comem terra e minhocas, em fazer colares com conchas e madeiras coloridas”.

A paixão pelos balangandãs nasceu antes da necessidade da vestimenta. Os contemporâneos dos grandes mamíferos faziam joias reunindo conchas e dentes de animais furados e enfileirados com cabelos de mamute.

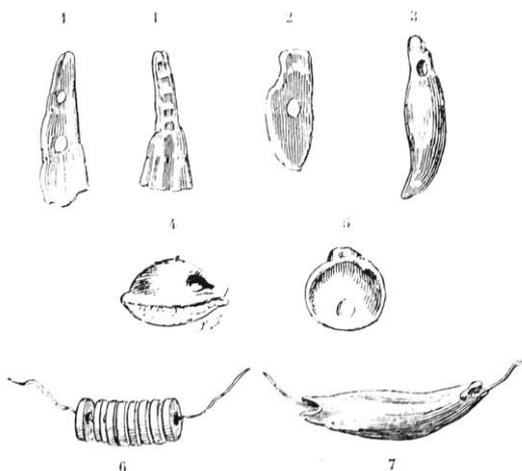
As cavernas que abrigavam os homens da Época da Rena, os dólmans, as estações lacustres, mostram, através dos diversos objetos ali encontrados, os progressos alcançados nessa segunda era da humanidade na arte da indumentária. Não há a menor dúvida quanto a isso, se examinarmos as joias daquela época reunidas em nossos museus; são colares, anéis, balangandãs, alfinetes para cabelo, ora de sílex, de nacro, de osso, de vértebras de peixes, ora de pedacinhos de bucardo cuja moda continuou ininterruptamente até a época do bronze.

Poderemos ver, no transcurso desta obra, que os povos selvagens, ou meio civilizados, não agiram e não agem de forma diferente. Ainda hoje, os tuaregs dão a seus filhos pulseiras de pedra que eles conservam a vida inteira.

No Brasil, os mazuranas usam uma pequena boina adornada com conchas e possuem colares de ossos ou de grãos vegetais aos quais são pendurados dentes de macacos ou crânios de pássaros.

Na Nova Caledônia, os indígenas fabricam uma infinidade de indumentárias com discos furados e dispostos em várias fileiras que eles fazem no próprio invólucro dos moluscos.

As conchas marinhas, originárias de espécies vivas ou fossilizadas, foram utilizadas da mesma maneira pelos homens pré-históricos. Exemplos desse hábito foram fornecidos por descobertas recentes. Em 1867, foram encontradas, em Champigny, numa estação da época da Pedra, anéis de sílex inteiros ou quebrados, de tamanhos diferentes.

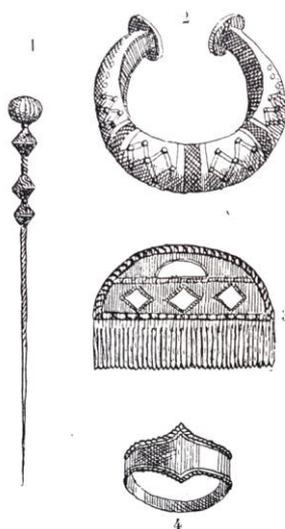


Jóias da Idade da Pedra encontradas nas cavernas de Périgord. 1. Dentes incisivos de boi. 2. Fragmento de chifre de rena. 3. Incisivo de lobo. 4. Concha Cypria. 5. Válvula de petúnculo. 6. Rondilhas de conchas para colar. 7. Canino de urso, que deve ter servido como penduricalho ou amuleto. (Museu de Saint-Germain)

Um deles, pela perfuração que se vê em cada extremidade, parece indicar claramente que foi usado como talismã pendurado ao pescoço. É de filádio lixado, com traços de nácar, parecido com os de Angers. Um fragmento de pulseira apanhada no mesmo local era de calcário, lembrando algumas rochas de Boulonais.

Perto de um esqueleto encontrado em Laugerie-Basse (Dordogne), e que estava deitado numa camada de terra junto com ossadas de rena, estavam espalhadas conchas, as quais serviram provavelmente de adorno para a vestimenta. Duas encontravam-se nas têmporas, um par quase pregado aos dois úmeros, quatro em cima dos joelhos e dois no tornozelo. Finalmente, ao lado do famoso gigante de Menton, descoberto em 1874 pelo Sr. Rivière, jaziam muitas conchinhas do tipo “Nassa Nerita”, furadas, e alguns dentes de cervo também furados que devem ter adornado suas vestimentas.

Sabemos que os antigos habitantes das margens do Lesse, os belgae ou bolgae, originários de outra raça diferente da dos homens do sul da Gália, e dos quais vários ramos deram nascimento a formação dos povos primitivos da Escandinávia, iam procurar as conchas fósseis que lhes serviam de joias, além das fronteiras de seu país, quer seja no território da Champanhe ou da Ile de France, quer seja, em particular, no lugar onde hoje se encontra Grignon, perto de Versailles.



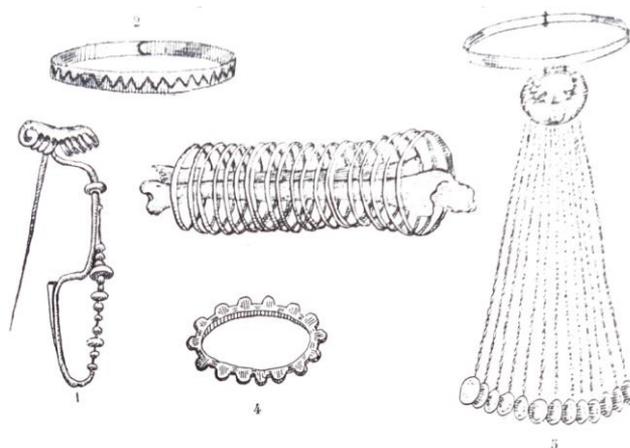
Joias da Idade do Bronze. 1. Alfinete para cabelos. 2. Bracelete. 3. Pente. 4. Anel.

Com o desenvolvimento progressivo dos conhecimentos humanos, novas matérias juntavam-se às já conhecidas para a fabricação de indumentárias. Foram as amonitas dos terrenos secundários, o azeviche, a calaita, turquesa de um verde claro, o marfim sozinho ou misturado com o azeviche, a obsidiana, a argila endurecida, a madeira, os esgalhos de cervos, em pedaços mais ou menos pequenos, caroços, avelãs pequeninas furadas de lado a outro e das quais se faziam pérolas, anéis, pulseiras, alfinetes, etc.

A madeira de teixo era escolhida de preferência para os pentes. O coral, o âmbar, a nefrite, com os quais os lacustres faziam objetos de luxo, parecem provar que os pré-históricos tinham relações comerciais, por intermédio de trocas, com os habitantes do Mediterrâneo e do Báltico.

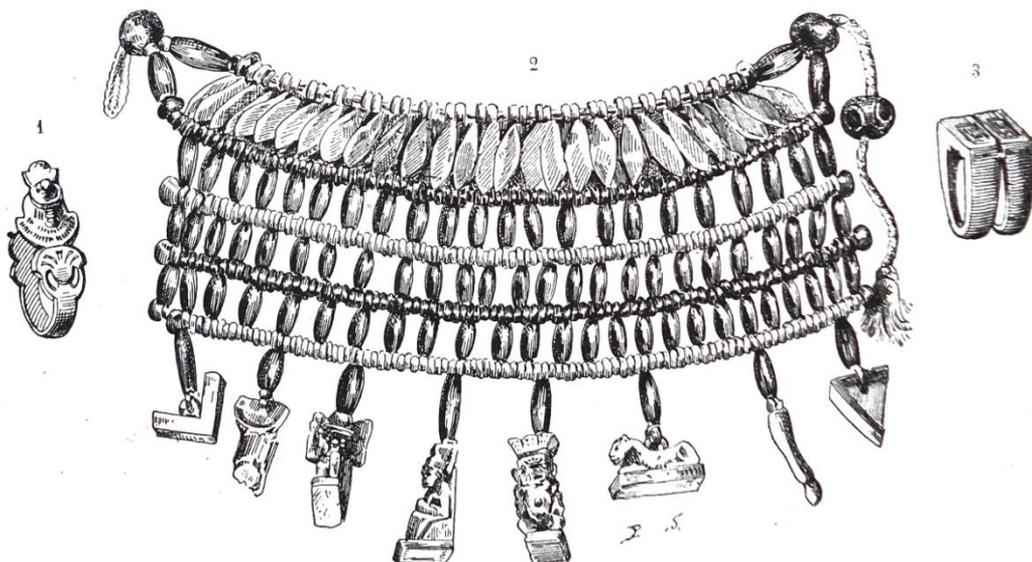
Foi nos locais de turfa no Jutland, que foram encontrados o maior número de grãos de âmbar para os colares ou os brincos. Numa caixa descobriram-se 4.000 deles, o que fez supor que se tratava de reserva de algum joalheiro dos tempos primitivos.

Com o aparecimento dos metais, o arsenal da indumentária enriqueceu-se com joias de bronze, de estanho, de ferro, de prata e de ouro, misturados com pedras naturais ou lascadas. Várias joias desse gênero, encontradas nos túmulos de Hollstadt, cuja cópia está no castelo de Saint Germain, oferecem uma execução notável; são colares com pendentos, pulseiras, alfinetes e fivelas artisticamente trabalhados. Os túmulos de Saint-Jean-de-Belleville, na Savóia, continham vários esqueletos entre os quais um trazia vinte e quatro pulseiras e os outros, anéis e objetos preciosos.



Joias da Idade do Ferro. 1. Fíbula. 2. Cinturão. 3. Braceletes em torno de ossos encontrados nas tumbas de Belleville (Savóia). 4. Bracelete; 5. Colar com pingentes, proveniente das tumbas de Hollstadt.

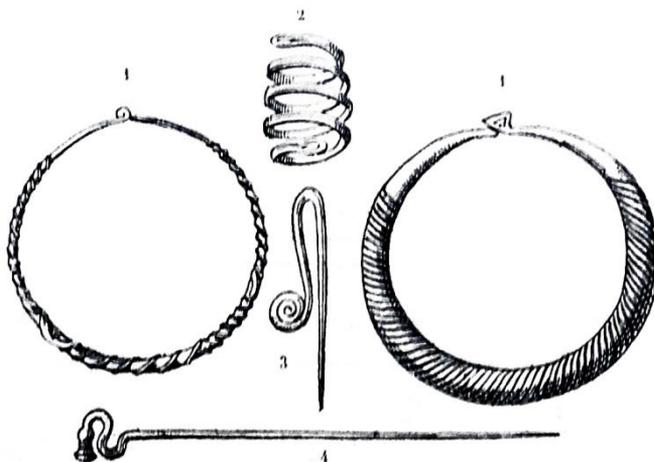
A seção de História do Trabalho (Exposição Universal de Paris, 1889) possuía alguns espécimes de objetos da era dos metais e era possível ver num guerreiro dinamarquês uma linda fivela segurando sua manta; numa mulher, por outro lado, viam-se um colar adornado de uma grande placa de cobre, pulseiras, anéis e uma cinta cuja fivela de 25 centímetros de diâmetro era muito bem trabalhada.



Joias egípcias

1. Brincos 2. Colares 3. Anel.

Os egípcios gostavam particularmente das joias. Usavam pesados colares, pulseiras, brincos, alfinetes e anéis em todos os dedos, especialmente na mão esquerda. Entre as diversas antiguidades do Museu de Boulaq, perto do Cairo, encontram-se múmias e estátuas de gatos com brincos. O cobre, o ouro, o coral, as pérolas, o gato, o ônix, o aço damasquinado, os esmaltes, as pedras preciosas gravadas em baixo ou alto relevo, eram alternativamente empregados pelos joalheiros de Memphis e de Tebas.



Jóias gaulesas.

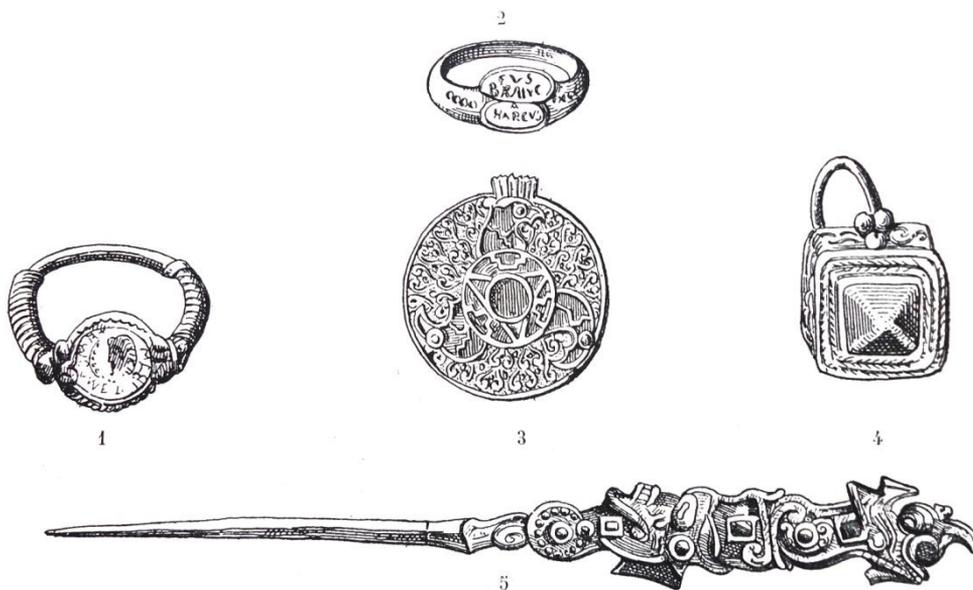
1. *Torques* 2. *Bracelete* 3. *Fíbula* 4. *Alfinete* (*Museu de Saint Germain*)

Outros povos, tais como os etruscos e os gauleses, tinham também uma paixão muito grande pela indumentária. Estes últimos, fãs de cores vivas, carregavam seus peitos e seus membros robustos de correntes maciças de ouro. Michelet deu deles um quadro interessantíssimo: “Os gauleses estavam no coração da Etrúria, a três dias de Roma, quando seus inimigos enfrentaram-lhos em uma batalha. Imediatamente os mais ardorosos colocaram-se na primeira fila jogando fora, em desafio, todas as suas vestimentas. Havia qualquer coisa de terrível no porte e nos gestos desses corpos gigantesco, possuindo apenas suas armas e seus escudos, mas carregados de correntes, de colares e de pulseiras, brilhando no sol”.

Os druidas fabricavam talismãs, parecidos com nossos rosários, com pérolas de âmbar que os guerreiros usavam nos dias das batalhas, os quais foram encontrados, frequentemente, ao lado de seus corpos nos túmulos. Os gauleses decoravam com coral seus capacetes e seus instrumentos de guerra. Os antigos consideravam esse produto submarino como uma matéria de grande preço e lhe atribuíam virtudes maravilhosas. Os

romanos faziam amuletos e colares para os recém-nascidos esperando assim preservá-los das doenças contagiosas.

Mais tarde, os francos merovíngios se distinguiram, também, pelo luxo de suas joias.



Joias merovíngias

1. Anel 2. Anel funerário 3. Medalhão 4. Brinco 5. Alfinete
(Biblioteca Nacional)

O homem dos tempos remotos não ficou nesses simples elementos da indumentária; pensando embelezar-se, recorreu a muitos outros processos. Em geral, muito pouco vestido, pensou primeiro decorar as partes de seu ser que se prestavam melhor a isso: antes de pintar ou esculpir objetos estranhos, pintou e esculpiu o próprio corpo. Foi uma das primeiras manifestações do senso estético e, na realidade, a revelação do desenho e da escrita.

As cavernas pré-históricas continham fragmentos de uma pedra vermelha com a qual deviam preparar uma cor destinada a pintar a pele. Vários cientistas pensaram

reconhecer, entre os instrumentos dos tempos primitivos, buris e copinhos contendo ainda pirite de ferro própria para a tatuagem; segundo eles, os desenhos gravados numa mão e num antebraço esculpido em madeira de rena nada mais são do que a reprodução de cicatrizes decorativas usadas pelos homens.

Simples onomatopeia, a palavra moderna tatuar, tirado da língua inglesa, vem da raiz polinésia. Ta significando bater; foi adotada pela primeira vez por Cook que a escreveu Tattow numa de suas narrações de viagem através os mares do sul.



Celta tatuado, representando a Europa Ocidental, no monumento funerário de Biban-el-Malouk (Egito)

A operação da tatuagem consiste em imprimir desenhos na carne viva com alfinetes ou ferros quentes que os tornam inapagáveis.

Desaparecendo na noite dos tempos e podendo ser considerada uma das mais curiosas ideias imaginadas pelo cérebro humano, a tatuagem ainda é usada entre as

classes baixas de algumas nações civilizadas e entre a maior parte dos habitantes da Oceania, e da África, para os quais serve para esconder a nudez.

Foi da Ásia que se espalhou, na Antiguidade, esse hábito esquisito; a Europa, depois, aceitou-o no entender dos escritores das épocas antigas. Entre os povos que o conservaram por mais tempo, depois dele se estabelecer nos países ocidentais, precisamos citar, em primeiro lugar, os celtas.

Temos provas interessantes na decoração de velhos túmulos egípcios, verdadeiros museus arqueológicos que dão mil esclarecimentos sobre os homens, os animais, a indústria e os costumes dos séculos passados. Nota-se no baixo relevo de um monumento funerário de Biban-el-Malouk, entre as nações dirigidas por Hórus, uma personagem com a pele branca, o nariz convexo, os olhos azuis, a barba ruiva e o porte elegante, sinais característicos do celta, símbolo da Europa. É nesse personagem, pois, que se vê o despojo do boi, escondendo de uma maneira imperfeita o corpo do herói, deixando aparecer uma tatuagem vermelha e preta bastante complicada.

Os soldados de Átila eram cobertos de cicatrizes feias, produzidas pelo fogo; os germanos tatuavam-se também e pintavam o corpo de índigo; da mesma forma, os pictos, população primitiva da Escócia, que adoravam desenhos de animais e obrigavam seus filhos a se submeterem a esse suplício desde a mais tenra idade. Dizem que as cores dos sobretudos usados pelos escoceses, para diferenciar os clãs dos antigos Highlanders, nada mais são do que uma recordação ou uma imitação das tatuagens dos primeiros antepassados desse povo.

A tatuagem era seguramente empregada na Ásia, nos mais remotos séculos, pois que os emigrantes a introduziram com eles nas regiões que invadiram. Abandonada pouco a pouco pelos gauleses, era pouco conhecida já na época da conquista romana por Júlio César; existia apenas na Grã Bretanha, última muralha dos celtas e dos galda, onde persistiu até o terceiro século da era cristã.

Os antigos egípcios, descendentes da família oriental, gravavam em sua pele de uma maneira indelével emblemas tirados dos ritos de Osíris e Ísis. Comunicaram esse gosto aos povos africanos com os quais estiveram em relações.

Moisés proibiu terminantemente a tatuagem aos descendentes de Abraão, como sendo indigna dos filhos de Deus e, para desviá-los desse hábito, obrigou-os a usar pedacinhos de couro com uma inscrição sagrada a lhes lembrar sua longa servidão nas margens do Nilo.

Originários da mesma família que originou os hebreus, mas sem as suas razões para dela se abater, os árabes praticavam a tatuagem. Este hábito praticamente não existe hoje em dia, a não ser entre as tribos nômades; apenas as mulheres mouras, e sobretudo as da Kabília, a adoram. Sendo-lhes proibida pela religião a reprodução dos seres vivos, elas se limitam a desenhar linhas geométricas.

Apesar do Alcorão lhe ser hostil e considerar a tatuagem o sinal do diabo, aqueles que gostam não obedecem e salvam-se dizendo que antes de entrar no paraíso todo mundo sofrerá uma purificação pelo fogo que tirará todos os sinais terrestres. Malgrado essa escapatória, um verdadeiro Marabu de forma alguma imprimiria um traço qualquer em seu corpo.

A tatuagem não tem, portanto, no povo árabe um valor étnico; a operação geralmente é feita pelas mães com a esperança de embelezarem seus filhos e preservá-los das doenças da infância; frequentemente os meninos se tatuam entre si por meio de um espinho de figueira de Barbária.

Entre os Trácios, considerava-se a tatuagem como um sinal honorífico. Era assim que se diferenciavam os nobres do vulgar.

Para outras nações, foi, pelo contrário, um sinal de escravidão.

A história conta que os habitantes de Samos, querendo vingar-se dos atenienses com os quais lutavam, aplicaram na testa de seus presos o sinal de uma coruja, pássaro

dedicado a Minerva, e que os gregos se vingaram, gravando com um ferro vermelho, no rosto dos soldados capturados, uma proa de navio (a proa foi inventada por Policratos, de Samos).



Bacante tatuada no braço. (Baseado em uma taça antiga do Museu de Atenas)

Vendo na tatuagem um sinal de opróbrio, Aristóteles, afastou-a de seus concidadãos.

Uma lenda mitológica diz que as Bacantes, assassinas de Orfeu, foram tatuadas pelos maridos como castigo pelo hediondo crime de que eram culpadas.

Os antigos escravos usavam muitas vezes o nome de seus senhores gravado no peito; os soldados, o do general; os padres, a imagem de um dos deuses aos quais serviam. Em Cartago, os intérpretes tinham um papagaio tatuado no peito. Durante uma calamidade pública, todo patriota zeloso fazia, em sinal de desespero, incisões em diversas partes do corpo.

Foi uma razão idêntica, mais tarde, que fez com que os ladrões fossem marcados para designá-los abertamente ao desprezo público.

Há poucos anos ainda, os nossos presidiários tinham uma flor de lis ou letras TF inscrites no ombro esquerdo; os da Inglaterra, as iniciais das palavras Bad Character (criminoso); e os russos mandavam o carrasco gravar a fogo a palavra Vor (ladrão) na testa e nas bochechas dos culpados. Enquanto o sangue corria, as feridas eram cobertas com pólvora de armas de caça para lhes dar para sempre uma cor azulada; após esta mancha, arrancavam uma das narinas dos prisioneiros. Esse excesso de selvageria foi supresso por Alexandre I.

No Japão, os acusados, culpados de terem roubado o valor de cem francos, são marcados com uma cruz no braço e recebem tantas marcas desse gênero quantos furtos praticam, o que os aponta evidentemente à justiça como ladrões de maior ou menor importância. Se eles sofrem vinte quatro vezes a mesma desonra, são condenados à pena capital.



Habitante da Nova Zelândia

A tatuagem opõe-se às superstições dos russos que a consideram como uma aliança com os maus espíritos.

Fazer de seu corpo, ao preço de cruéis sofrimentos, um quadro vivo, deve ser inerente à natureza humana, pois que foi constatado o mesmo pensamento em quase todas as nações primitivas do velho mundo e entre as do novo continente, sobretudo na Oceania.

Em algumas ilhotas do grande Oceano, a tatuagem, apanágio exclusivo dos machos, é mais do que um adorno: ideográfico, dá ao guerreiro um aspecto temível e designa sua família, suas qualidades e seus feitos de armas. Os chefes de tribos poderiam facilmente desenhar um *fac-símile* de sua face, cujos hieróglifos aumentam em cada época principal da vida.

Algumas incisões especiais, correspondendo a espécies de brasões pessoais, são, para seu proprietário, uma escrita figurativa que ele utiliza nos casos importantes como assinatura.

Esta decoração se realiza de diversas maneiras: primeiro, com uma picada; segundo, com cicatrizes; terceiro, com queimaduras ou brotamentos; e quarto, com pontinhos debaixo da epiderme.

A tatuagem com picadas é a mais usada; ela é encontrada em diversas partes do universo; persistiu na Europa desde os tempos pré-históricos até os dias de hoje

Os melanésios e os polinésios procedem diferentemente nesse adorno corporal; entre os primeiros, ela consiste em uma mera incisão sem pinturas; entre os segundos, ela se compõe de picadas untadas de matérias coloridas. Os dois sistemas existem na Nova Zelândia, pátria da tatuagem. Os homens sacrificam de bom grado seus cabelos e sua barba para fornecer uma talagarça maior a essa gloriosa ornamentação que é a verdadeira vestimenta do selvagem. Além dessas marcas comuns, os nativos têm muitas vezes outras horrorosas, de meio centímetro de largura, exatamente como as que se veem numa árvore

sobre qual foram feitas incisões vinte anos antes. Nada é mais doloroso de suportar do que a execução dessa tatuagem chamada “moko”. Os jovens só começam a sofrê-la com a idade de vinte anos e, mesmo assim, raramente recebem essa honra sem antes ter assistido a uma luta. É impossível desejar qualquer marca de consideração ou ter um influência na tribo sem ter se submetido à operação do “moko”. O homem que a isso se recusasse, mesmo pertencendo a uma família distinta, seria considerado afeminado, pusilânime e indigno de participar das recompensas militares.

Depois de uma campanha, os chefes mandam fazer novos desenhos em seu corpo para imortalizar seus feitos e tornam-se tanto mais respeitáveis quanto maior número de cicatrizes possuem. Chegam a cavar as mesmas incisões até cinco vezes na vida, o que as torna muito fundas. O famoso guerreiro Chugen, visitado por Dumont d'Urville, tinha recebido todos os seus “mocos”, pois seu rosto havia sofrido cinco tatuagens. Dotados de uma fecunda imaginação, os selvagens da Oceania modificavam de mil maneiras seus arabescos; em cem indivíduos que parecem, à primeira vista, trazer desenhos parecidos, não há dois iguais. Os sinais geométricos do rosto são de uma grande precisão, geralmente em espiral e idêntico de ambos os lados, enquanto que os do corpo o deixam parecido com uma obra de filigrana. O “moko” é, também, a tatuagem preferida dos habitantes da Nova Caledônia que adornam a barriga e o peito com linhas ou desenhos em relevo de um centímetro de diâmetro. Esses adornos horríveis são conseguidos por intermédio de ulceração ou queimaduras. No primeiro caso, corta-se a carne com um caniço afiado, depois derramam-se nas feridas sangrentas o suco de um euforte que levanta as bordas e dá-lhes as cores. No segundo, queima-se a pele com um carvão aceso ou, às vezes, com nervuras de folhas de coqueiro acesas sobre o tecido cutâneo, e cuja combustão é ativada soprando com a boca.



Habitante da Nova Caledônia

Se as cicatrizes fecharam muito depressa, arrancam-se as crostas a fim de adiar a cura e assegurar o resultado. A operação dessa tatuagem é muito dolorosa; é necessário interrompê-la várias vezes antes de terminá-la, de maneira que, para ser completa, muitas vezes ela exige meses inteiros, e mesmo anos. Uma das partes do corpo que aguenta com mais dificuldade é a parte superior das mãos e dos pés. Na ponta do dedão do pé, o sofrimento fica intolerável e pode provocar a morte.

Piedosos missionários católicos abrigavam e educavam crianças para tentar evitá-lhes essa tortura. Apesar de seus cuidados, com quinze anos, os pequenos neófitos deixavam-nos e, alegremente, submetiam-se a essa tortura.

Executada sob a proteção do deus Tiki, o suposto inventor, a tatuagem dos australianos exige somente instrumentos pouco dispendiosos: uma tesoura para cortar a pele, um leve martelo para bater, uma espátula para apanhar o sangue das feridas.

A tesoura é parecida com um instrumento de veterinário; pode ser fabricada com um osso de albatroz, com um pedacinho de casca de tartaruga ou de concha, com um dente de tubarão, um pedaço de vidro ou um seixo muito cortante em sua extremidade. Às vezes, achatado e cheio de pontas, o instrumento parece um pente.



Australiana adornada com suas tatuagens e seus adereços.

Ao bater sobre a tesoura com o martelo, abre-se a carne mais ou menos fundo e basta apenas passar nas incisões um pincel molhado numa resina calcinada, tingida de preto ou de branco, para dar-lhes uma das duas cores; alguns tópicos aplicados na pele, tais como dececções de plantas irritantes, água salgada, urina e molho de tabaco, provocam numerosos acidentes, tais como a síncope, a inflamação, a febre e a gangrena, que podem exigir a amputação do membro atingido.

A fim de não chamar a atenção do paciente sobre a dor durante a operação, o artista marcador canta baladas, entre as quais esta citada por Taylor (Viagem à Nova Zelândia):

Aquele que pagar bem será magnificamente decorado.
Mas aquele que se esquecer do operador será feito sem
cuidado e com linhas afastadas.
Batemos firmemente, de forma que ao cair,
o martelo ressoe no caminho.
Desconhece-se o quanto é necessário o
talento para usar este instrumento com destreza.

As máculas da sujeira, os sinais das doenças, as rugas da velhice, como o disse Dumont d'Urville, são pouco sensíveis nas peles gravadas, calejadas e unguidas de óleo. Elas resistem às mordidas dos mosquitos, às cicatrizes das doenças, as consequências das diferenças de temperaturas, aos estragos do tempo, enfim, a todos os acidentes aos quais o homem selvagem está exposto.

Há artistas, muito afamados pelo talento, que praticam a tatuagem; o mais célebre, na Ilha dos Amigos, em 1830, era Aranghi. Esta personagem que, pelo nascimento, pertencia à classe dos escravos, elevou-se pouco a pouco, graças a sua habilidade de mercador, ao máximo das honrarias e tornou-se igual aos primeiros dignitários do governo; recebia sempre presentes de seus patrícios entusiastas e reconhecidos. A cabeça de um chefe tatuado por ele tinha muito mais valor do que um retrato a óleo feito por um dos nossos melhores mestres. Esta consideração foi tão longe que um selvagem, vencedor de um inimigo cujas coxas haviam sido decoradas por Aranghi, mandou curtir a pele do adversário e utilizou-a para encobrir seu estojo de cartuchos, que se tornou, a partir daí, o mais precioso objeto de seu aparato de guerra.



Rutherford. Marinheiro francês tatuado na Nova Zelândia.

Em 1826, um navio americano parou perto da costa oriental da Nova Zelândia. A fim de conversar com os passageiros, os nativos subiram a bordo. Entre eles, havia um homem com o cabelo louro e os olhos azuis, fato extraordinário nessa região; debaixo dos numerosos desenhos listrando seu corpo, adivinhava-se a pele branca. Era um marujo inglês, Rutherford, capturado muito jovem, dez anos antes, que havia sido salvo do massacre da infeliz tripulação naufragada nos mares da Polinésia, com a condição de que fosse tatuado.

Não é o único exemplo desse gênero. Um preso, foragido há oito anos do local de sua reclusão, havia sido recolhido por uma tribo australiana, onde sua força, sua destreza e sua coragem o haviam elevado ao grau de chefe; a pluma de falcão presa em cima da orelha esquerda com uma fina trança de juncos e a pulseira de dentes de serpentes que trazia no braço eram as marcas de sua alta posição. Era escocês, natural do condado de Dumbarton, e chamava-se Joe Mac Knight; sua pele era tão curtida pelo sol que era impossível reconhecer-lhe a cor entre as malhas da tatuagem; apenas a barba imensa e ruiva deixava adivinhar sua nacionalidade. Ficou encantado em rever europeus.

Os habitantes das ilhas Marquesas não são menos notáveis pelas suas decorações do que os neozelandeses.



Indígena das Ilhas Marquesas.

Dignos pela beleza plástica de servir de modelos aos estatuários, têm o corpo inteiro coberto de incisões coloridas.

Os desenhos indicam não somente a tribo dos indivíduos como também suas castas e funções oficiais. Há sinais especiais para os guerreiros, os nobres, os mercenários, os artesãos e os viúvos. Vistos de longe, esses nativos parecem vestir roupas apertadas, numa distância média, parecem soldados carregados de ferro; de mais perto, parecem arlequins. As pálpebras, as orelhas, os lábios, inclusive as gengivas e a língua, tem marcas especiais para adorná-las.

Em tempo de paz, o costume masculino consiste numa cintura de fazenda branca chamada “maro”, à qual vem juntar-se, muitas vezes, uma manta feita com casca de árvore. Durante a guerra, os combatentes vestem um gorjal de ostras; brincos feitos com dentes de cachalote e colares de ossadas humana. Um capacete de plumas e de folhas de bananeiras, ou uma coroa de conchas brancas, habilmente trabalhadas, alternando com

escamas de tartarugas, cobre-lhe a cabeça, enquanto que os braços e as pernas são adornadas de cabelos arrancados dos inimigos.

Quanto às mulheres, elas podem ser citadas como as mais belas da Polinésia; infelizmente, esfregam a sua pele, um pouco morena, com um óleo misturado com açafão para torná-la amarela, seguindo a moda dessas países. Evitando, aliás, tudo aquilo que poderia prejudicar-lhes a beleza, elas se protegem dos raios do sol com folhas de palmeira.



Mulher de Nouka-Hiva (Ilhas Marquesas)

Nos dias de festas, elas usam em torno do pescoço lianas perfumadas e, nas orelhas, flores de jasmim amarelo. No cabelo colocam adornos fabricados com frutos e sementes.

Consideradas como sendo de uma condição inferior ao homem, elas só têm o direito de tatuar as mãos, a parte inferior dos braços, os lábios e as orelhas.

Em Nouka-Hiva, a tatuagem é um sinal de distinção. Quando o célebre navegador russo Krusenstern fez a sua viagem em volta do mundo, obedecendo as ordens do

Imperador Alexandre I, parou nessa cidade e viu o rei, seu pai e seu avô, cobertos de desenhos da cabeça aos pés. Em 1594, época da conquista dessas ilhas por Mendana, o soberano mandou os súditos colocarem-se em ordem de combate e, como sinal de comando, utilizou uma grande folha de palmeira.

Uma grande parte dos povos da Oceania submete-se ao uso da tatuagem, se bem que de uma maneira menos terrível do que os ferozes australianos. Podemos indicar, por exemplo, os indígenas de uma ilha do Pacífico adornados com traços regulares. Em outros, o ventre e os rins são cobertos de curvas alegres em que o preto contrasta com as partes intactas de pele, enquanto que o peito e os braços recebem uma ornamentação diferente: a primeira, notável pela sua massa e a segunda, caracterizada pela leveza. São peixes voadores, flores, estrelas e muitos objetos delicados. Muitos têm nas pernas fileiras de pontos pretos e, nos ombros, cicatrizes em relevo. Para eles, a tatuagem é um ato santo, exigindo o consentimento das divindades. Aquele que deseja submeter-se a ela deve passar a noite numa casa sagrada e esperar a vontade suprema do Grande Espírito. Ela se manifesta através um assobio. Quem não aceitar esta importante formalidade, arrisca-se às maiores infelicidades e ao desprezo geral.

Quando foram descobertas as Ilhas Sandwich, encontraram-se guerreiros tatuados de uma maneira bem esquisita. Em termos de estranheza e curiosidade, não há certamente nenhum país no mundo, a exigir mais estudos, pela curiosidade que desperta, do que esse. Seus costumes, seus caprichos nos adornos, são muito estranhos. A variedade dos desenhos no corpo parece infinita; aqui é um nome amado, triângulos, losangos, quadrados; lá, um leque, rodas, pássaros, quadrúpedes. Ora fazem picadas invisíveis ou cicatrizes profundas; ora chagas ou queimaduras que dão ao rosto cores lívidas. Querendo ter o privilégio de inconcebíveis extravagâncias, suas mulheres tatuam a língua e a planta dos pés. As moças partilham este amor pela decoração; em todas as casas, nas praças públicas, nas praias, debaixo das bananeiras, elas se submetem a esta operação sem

demonstrarem fadiga nem sofrimento. Elas têm, sobretudo, uma predileção pelas cabras e se considerariam desonradas se não tivessem pelo menos meia dúzia desses animais tatuados; depois das cabras, são os jogos de damas e os pássaros que fazem maior sucesso; a testa, as bochechas, os ombros e o peito dessas moças faceiras são cobertos dessas imagens. Antigamente, os homens usavam um gênero de chapéu pitoresco que abandonaram depois; era um capacete de vime que ia bem com sua fisionomia.

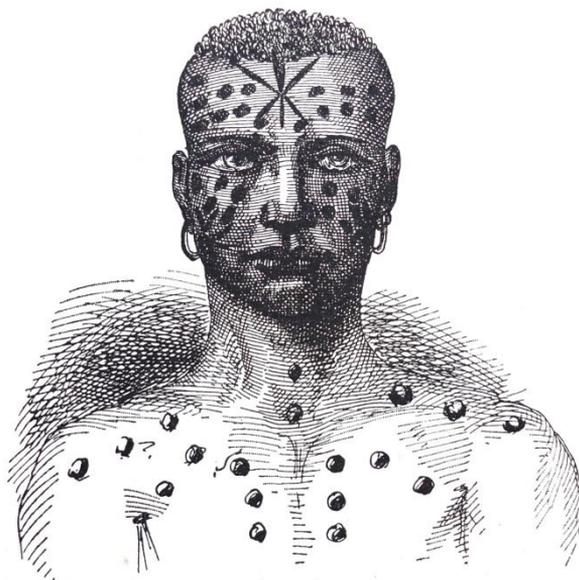


Antigo chefe das Ilhas Sandwich, com seu chapéu em vime.

Varias associações ocultas da Polinésia utilizam sinais exteriores de grupos por intermédio da tatuagem. É o que fazem, no Taiti, os Areois que, dedicados ao roubo e toda sorte de desordens, formam uma seita dividida em sete classes, cada uma delas, diferenciada com um sinal especial. Na primeira, a mais poderosa, os afiliados só têm as pernas tatuadas. Na segunda, são os braços e as mãos; na terceira, a parte superior do corpo, desde as orelhas até as cadeiras e, assim por diante, até a sétima, que fornece os bailarinos para as reuniões públicas. Estes têm uma serpente gravada na testa. O

candidato à seita dos Areois se apresenta na assembléia geral com uma cinta de folhas de drácona em torno dos rins, o rosto pintado de vermelho, e a testa coberta por uma viseira, em folhas de coqueiros. Seus cabelos são ungidos com um óleo perfumado ou adornados com flores cheirosas.

A tatuagem não goza do mesmo favor em todos os países. Na África, por exemplo, os negros livres só a adotaram, para sua indumentária, como acessório; Os escravos, no entanto, são obrigados a se submeter a isso; todos têm, no rosto, nos ombros ou nos braços, o nome ou sinal de seus senhores; podendo mudar várias vezes de proprietários em sua vida, acontece que as impressões, superpostas em seu corpo, deixam adivinhar o número de donos aos quais esses servidores pertenceram.



Habitante da Costa de Moçambique (ao norte da Cafrária) com uma tatuagem em formato de botões.

Algumas tribos, todavia, recorrem, para embelezar-se, a uma tatuagem que lhes é peculiar e que consiste em horríveis cicatrizes cujo relevo tem cores mais ou menos

escuras segundo um detalhe da operação. Depois de salpicarem as chagas frescas com carvão de madeira em pó, esfregam-nas devagar com uma folha de bananeira. Assim é, por exemplo, com o nativo da costa de Moçambique. Os desenhos mais procurados pertencem à geometria: quadrados, círculos e cruzes.

Os Nyams-Nyams, do Sudão, enchem de pontos brancos os quadrados que fazem na testa, nas têmporas e nas bochechas; o X, do escudo de sua tribo, é desenhado no peito de todo indivíduo.



Negro Yambana da Cafrária

Na Senegâmbia, o belo sexo torna suas gengivas e seus lábios azulados, picando-os com espinhas de arbustos especiais ou com pontas de ferro, mergulhadas no índigo.

Os yambanas se diferenciam dos outros nativos da Cafrária por uma fileira de espinhos artificiais, do tamanho de um *petit pois*, que vão da parte superior da testa até a extremidade do nariz; os dândis das margens do Zambezi se reconhecem pelas cicatrizes horríveis.

Para os habitantes da América meridional, a tatuagem nunca teve grande importância.



Dândi das margens do Zambezi. (África Austral)

Dois antigos povos, um peruano, outro brasileiro, únicas exceções à regra geral, a haviam adotado oficialmente. Na primeira, os homens cuja cor lembra o velho acaju, faziam nas bochechas várias incisões que tingiam de azul escuro com o suco do pseudo anil-indigofera. A sua mais curiosa decoração consistia em duas grandes penas ligadas por pulseiras na parte superior dos braços. Na segunda, elas cobriam inteiramente o corpo com linhas representando as malhas de uma rede e tinham no rosto, desde os olhos até o lábio inferior, uma máscara azul com uma renda em tatuagem, muito curiosa. Para serem belas, suas mulheres deviam ter um ponteadado na parte inferior do rosto e uma grande faixa índigo que, colocada nos olhos e no nariz, só parava nas orelhas e parecia um par de óculos. A parte superior do peito era coberta de traços reunidos na altura dos ombros, simulando o bordado de uma camisa.



Selvagem de uma tribo peruana, tatuado e ornado com penas.

Alguns outros povos do novo continente praticam a tatuagem, mas ao contrário do que acontece na Polinésia, os homens abdicam de fazê-la em favor das mulheres. No Paraguai, inclusive, a tatuagem reduz-se para elas, a algumas linhas leves. Quando uma moça deixa a infância, fazem-lhe, com uma espinhada anteriormente plantada num jenipapo, um traço azulado de um centímetro de largura, que começa na raiz do cabelo, passa pelo nariz e termina no lábio superior. Na época do casamento, o traço é prolongado até embaixo do queixo. A nuance dessa tinta é ora azul, ora malva.



Selvagem de uma tribo brasileira com tatuagens no rosto e no corpo.

As mulheres da Terra do Fogo tatuavam seus dedos, os cantos da boca e a parte superior das pernas. A religião as obrigava a isso.

No relatório de sua viagem aos Andes, Crevaux escreve sobre as amazonas desse país, o seguinte:

Admirado de não ver nenhum homem na aldeia que eu visitava, perguntei às mulheres que não lembravam de forma alguma as famosas guerreiras da história antiga, onde estavam os maridos; uma respondeu:

Estamos sozinhas; fomos abandonadas. Quantos filhos têm? Acrescentei. Ela mostrou-me, então, três linhas vermelhas paralelamente tatuadas em cima de seus joelhos e que pareciam os galões de nossos suboficiais. Suas companheiras tinham sinais parecidos, correspondendo ao número de filhos que tiveram. Fugindo ao hábito índio, obriguei-a a aceitar facas, alfinetes e outras pequeninas coisas e deixei-a, depois de perder minhas últimas ilusões sobre as lindas amazonas da Antiguidade.

Afora a Virgínia, onde o hábito de tatuar o corpo inteiro existia, os nativos setentrionais da América apenas faziam algumas incisões nas partes do corpo que ficavam expostas, menos como adorno do que para defender-se contra as picadas dos mosquitos.

No Canadá, cada um era livre para escolher as imagens que lhe convinham; as principais eram serpentes, quadrúpedes e folhagens. A maior parte das mulheres pontilhava o rosto, em particular a parte inferior das bochechas, para evitar dores de dentes. Uma espinha de peixe, ou uma agulha de aço, servia para a operação que apresentava perigo, pois, às vezes, formava-se na pele inchada uma sarna, acompanhada de inflamação, que podia, durante o calor, provocar a morte.

Nas regiões árticas, os esquimós, sem nenhuma razão para usar a tatuagem, já que tem o corpo, muito vestido, procuram-na, todavia, com muito interesse. Existe entre eles uma tatuagem chamada "kakkim". Uma agulha feita com espinha de peixe e um nervo de

rena, como linha, são os utensílios necessários a esse trabalho. Diluem, numa gota de azeite com um pouco de saliva, a fuligem que se encontra debaixo das panelas colocadas em cima de uma lâmina, e depois de esboçarem os desenhos da tatuagem, com uma barba de baleia, fazem na pele pontos muito curtos, se bem que profundos, tendo o cuidado de colocar logo o polegar sobre cada um deles. O “kakkim”, de um azul claro, decora o rosto, o peito e as pernas desses semisselvagens. Em relação às tatuagens femininas, registra-se que toda moça que deseja ser muito linda deve ter, sob o queixo e nas bochechas, um leve desenho. Ela aguenta a operação, por mais dolorosa que seja, na esperança de aumentar seus atrativos e encontrar mais facilmente um marido. Contudo, as que são batizadas abandonam esta vaidade mundana: “causa de tentação e de pecado”.

Em suma, a ornamentação com impressões indeléveis é bastante rara no novo continente.

Não acontece o mesmo na Ásia. É, sobretudo no Extremo Oriente, no Japão, na China, nas regiões indo-chinesas e nas Índias que a tatuagem é mais praticada. As mulheres do Dekkan (Índia) têm flores gravadas na testa, nos braços e nos seios; as sacerdotisas do culto da serpente, cicatrizes em festões que as tornam vulneráveis aos olhos do povo. Nessas regiões, os monges se encarregam de fazer os desenhos, diferenciando as castas uma das outras.



Faquir indiano.

Os faquires indianos, que por fanatismo religioso aguentam voluntariamente tantos sofrimentos, arrancam pedaços de carne do rosto, dos braços ou do peito; depois da cura, as chagas deixam traços horríveis.

O historiador Ma-Touan-Tin cita um exemplo bastante esquisito do emprego da tatuagem: “Um Imperador em luta com seus vizinhos mandava aplicar no corpo dos viajantes, que atravessavam os territórios amigos, sinais indeléveis para garanti-los de qualquer agressão. Era um verdadeiro passaporte, ou melhor, um salvo conduto”.

Encontra-se também no Japão inúmeros espécimes de tatuagem maravilhosa: contudo seu uso está limitado às classes inferiores, aos *ninsokus* ou *coolies*. A influência europeia fez desaparecer esse hábito, uma vez que o governo japonês decidiu que todos os habitantes do Império deviam vestir-se; mas os *coolies* da geração anterior eram verdadeiros objetos de arte.

Vê-se em suas peles os retratos dos heróis nacionais, desenhos de mulheres, assuntos históricos, tornando-se, para as lendas japonesas, o que as jarras etruscas são para a religião da Antiguidade Clássica. Essas originalidades, que poderiam figurar em

primeiro plano nas páginas de um livro de curiosidades, dão, muitas vezes, a ilusão de uma mantilha da Índia.



Operário japonês.

Lindau (escritor alemão do século 19, autor de “Viagem ao Japão”) durante sua viagem ao Japão, era servido por um rapaz robusto que havia conseguido estar, ao mesmo tempo, nu e vestido. Sua tatuagem simulava um jaquetão azul com botões dourados e fios vermelhos; e sua calça, fazenda quadriculada preta e branca. Jamais um europeu pode vangloriar-se de usar uma calça tão apertada.

Os mergulhadores e as mergulhadoras de Iési, os pescadores de corais ou de esponjas, mandam tatuar seu corpo, esperando, assim, afugentar os peixes que atacam o homem. É um meio de reconhecer a seita dos indivíduos, se morrem repentinamente durante suas tarefas, longe da família.

Na Birmânia, situada a noroeste do Indochina, os indígenas tatuam-se em preto e vermelho. A tatuagem preta é comum a todos eles e constitui, de alguma forma, a roupa nacional; o vermelho serve para desenhar figuras mágicas nos braços, no peito e nas pernas, já ilustrados com desenhos pretos, para afastar as doenças, segundo a crença

popular. Podemos ter uma ideia dessa tatuagem complicada no retrato junto de um homem, nascido em Amoy, na costa chinesa, em 1871, que foi preso e transformado em escravo ao fugir para a Birmânia. Seu senhor, considerando-o como uma joia rara, submeteu-o a uma tatuagem particularmente cuidada, que exigiu nada menos do que três meses de trabalho. Com exceção do nariz e da planta dos pés, seu corpo inteiro ficou coberto de ilustrações, representando animais esquisitos e místicos, armas, objetos de fantasia e algumas palavras em caracteres birmaneses. . Chamava-se Albanese Constanti. (Ver o artigo de M.Hector Gamilly, *Journal des Voyages*.)



Tatuagem birmanesa.

Nos exércitos franceses, a tatuagem continua limitada aos soldados; não acontece o mesmo na Inglaterra. Quando os dois netos da rainha Vitória deram a volta ao mundo, em 1882, no navio “o Inconstante”, as jovens altezas e alguns companheiros deles sofreram, no Japão, uma tatuagem cuja operação foi descrita por um oficial de bordo que, procurando a beleza, afirma curioso

Dolorosa,, esta decoração é feita por um mercador de pele autorizado e diplomado, cuja casa está cheia de imagens fantásticas: dragões vomitando chamas, peixes

alados, pássaros fabulosos, monstros humanos em todas as muralhas. Deitado numa esteira, com a cabeça encostada num pequeno cepo, o cliente fuma um cachimbo cheio de um leve narcótico e abandona seu braço ao dono do estabelecimento que, com um buril *ad hoc*, inicia seu trabalho, enquanto uma jovem senhora canta melodias melancólicas e outra prepara os pós que devem ser derramados nas feridas. O sangue das picadas é tirado com uma espátula ou limpado com a mão.



Casa de um mestre-marcador no Japão

A pedido dos viajantes, os tatuadores, em geral, três ou quatro, vão a domicílio com álbuns cheios de modelos estranhos e variados a serem escolhidos; são flores, figurinos, troféus de armas, pavilhões americanos ou franceses, o God Save the Queen no meio de estrelas. Quando por acaso, o sangue do paciente suja o desenho, um dos artistas imediatamente seca-o com os lábios e não com a mão, em sinal de respeito.



Tatuagem popular.

Quanto aos sinais que nossos soldados, nossos marinheiros, nossos operários mandam imprimir em seu corpo como recordação de um acontecimento capital de sua existência, ou como símbolo de sua profissão, de suas opiniões políticas e religiosas, das sociedades secretas às quais pertencem e de seus sentimentos íntimos, são conseguidos picando a pele com um alfinete e derramando na ferida pó de canhão aceso no local. A tinta de Nanquim e o vermelhão, algumas vezes empregados, mas deixam rastos menos duráveis.

Um professor de tatuagem, que trabalhava habitualmente em Marselha, foi acusado de roubo e encarcerado na prisão de Poissy; o diretor constatou em seu corpo tão grande número de gravuras que foram necessárias três horas para detalhá-las e quatro folhas de papel escolar para anotá-las.

Cita-se, entre as excentricidades deste século, o testamento de um aventureiro americano. O autor, rico, solteiro e prudente, na hora de empreender uma viagem perigosa,

mandou inscrever, em seu peito, em caracteres inapagáveis, seus últimos desejos. Sua ação foi reconhecida como válida e seus desejos foram executados no devido tempo.

Aqui está uma anedota curiosa a respeito de Bernadotte, fundador da casa real da Suécia. O antigo oficial e companheiro de Bonaparte jamais quisera que lhe tirassem o sangue. Um dia, no entanto, quando estava muito doente, foi obrigado a permiti-lo, mas, não sem antes, obrigar o cirurgião a jurar que não diria a ninguém o que veria. Arregaçaram-lhe a manga e descobriram, gravado no braço, o boné frígio com este emblema ultrarrepblicano: “Morram os reis!”

O parágrafo seguinte, foi tirado de uma revista literária e está relacionado com a tatuagem dos dois príncipes ingleses, de quem já falamos, e poderá interessar aos nossos leitores:

A suprema elegância, do outro lado do Mancha, consiste em se fazer tatuar. Não se admirem! O exemplo vem do alto e citamos as nossas autoridades.

O falecido duque de Clarence - príncipe Albert Victor - e o duque de Iorque - príncipe Georges de Galles - se fizeram tatuar no Japão. A narração da operação encontra-se numa obra oficial, intitulada *Cruzeiro a bordo de um navio real*:

“Hoje, dia 28 de outubro, voltamos para o almoço, às nove horas e trinta, e o tatuador terminou os nossos braços. Em três horas, desenhou um grande dragão azul e vermelho, que vai do ombro até o pulso.

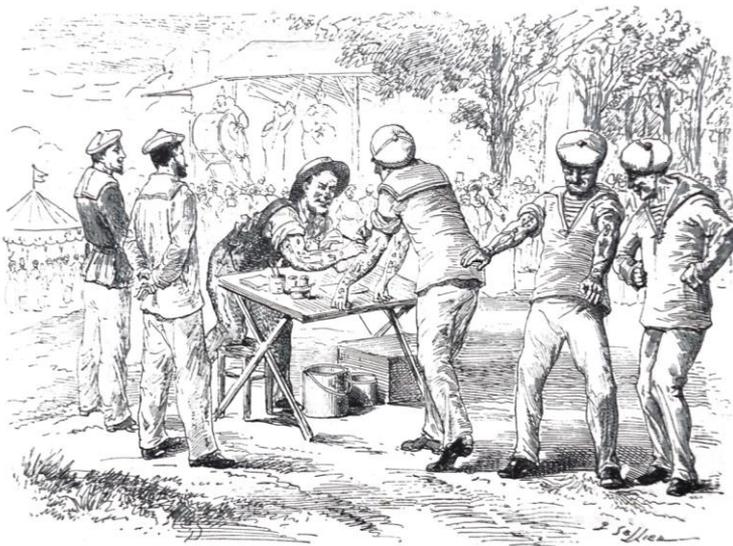
O operador aperta a nossa pele entre o polegar e o indicador com a mão esquerda, e pica-nos com o instrumento que segura na mão direita. O nosso tatuador têm o corpo inteiro coberto de maravilhas, tatuagens que dão à sua pele, a aparência de uma fazenda de seda, ricamente branca”.

Acrescentamos que o duque de Edimburgo foi também trabalhado em diversas partes do corpo por um artista japonês e que vários membros da aristocracia inglesa mandaram tatuar em seus peitos suas armas, seus emblemas e seus escudos.

É a reabilitação dos bustos plebeus com os adornos costumeiros e a clássica inscrição: “Sou teu para a vida, Ernestina”.

Há em Paris, em Lião, nas grandes cidades marítimas, indivíduos que vivem da profissão de tatuadores. São conhecidos dos colegas de ateliês, e de regimento, ou dos vendedores de vinhos, que muitas vezes lhes emprestam a loja. Utilizam finos alfinetes e esticam fortemente a pele tanto para evitar dores muito fortes e o corrimento do sangue, como para dar maior nitidez a seus desenhos. O preço de cada motivo, em geral de mais ou menos cinquenta centavos, se o artista for hábil, pode chegar a até cem francos por dia, sobretudo na época das feiras, quando a prática da profissão é muito divulgada.

Em 1871, em Nova Iorque, um marcador de pele, muito em voga, tinha tábuas prontas com antecedência, isto é, gravadas, coloridas, armadas com pontas, que aplicava na parte do corpo a decorar, de maneira que o trabalho era feito instantaneamente.



Mestre tatuador trabalha em praça pública em Marselha.

Os temas, representados por esses homens, nem sempre são de muito bom gosto. Há poucos anos, retiraram do Sena um cadáver que tinha no braço direito uma balança, uma pá, um mangual e um bispo segurando o báculo pastoral. Outro, encontrado no mesmo rio, tinha a farda de grande almirante, botas pelo avesso, atacadores, ombreiras, até

o chapéu que trazia no braço, nada faltava. Os graus de almirante e de general são, aliás, os mais escolhidos pela gente do povo.

Dois outros exemplos de tatuagens estranhas foram publicados pelos jornais. Aqui estão eles *in extenso*:

“Um operário, que morreu em 1857, num hospício de Paris, e cujo busto constituía um museu, tinha, no lado direito do peito, tingidos de azul, uma rosa e um nome de batismo, em cima duas palmeiras com uma mão por cima segurando um lírio e um rosário; no lado esquerdo, achava-se um dragão com um capacete; num dos braços, um pensamento e um cacho de uva; enfim, no polegar da mão direita, abria-se um cravo”.

“Em 10 de junho de 1887, barqueiros tiraram das águas do Marne um homem tatuado de uma maneira realmente extraordinária: uma cantineira de zuaves estava desenhada nos rins; um punhal parecia atravessar o lado esquerdo do peito; um coração, uma pulseira, um peso de vinte quilos, um soldado, uma mulher sentada numa cama, um mosqueteiro, duas mãos entrelaçadas segurando punhais de três gumes, um pensamento, as iniciais LT e outros sinais se achavam nos ombros, nas costas, no peito, nas pernas e nos braços desse infeliz.”

Verificou-se que os indivíduos, que pertenciam a determinadas classes da sociedade e entregavam-se a trabalhos rudes ou de humor grosseiro, tinham paixão pela tatuagem e aguentavam facilmente a operação dolorosa.

Os fisiologistas viram, nesse farto material, a prova de uma insensibilidade física que, podendo ter uma influência direta sobre o moral, levaria os homens dessa natureza a atos sanguinários sem que tivessem uma noção exata disso.

Os primeiros cristãos do Oriente, segundo Procópio, eram tatuados. Longe de se levantar contra a tatuagem, o catolicismo parece tê-lo encorajado. Temos a prova disso na maioria dos lugares de peregrinação. Na Palestina, os habitantes que abraçaram a nossa religião têm todos eles, sobre a mão e no seu interior, um sinal da paixão, afim de que se

veja imediatamente à qual crença pertencem, ou para sepultá-los segundo seus desejos, se morressem sem testemunhas no deserto, vítimas de um crime ou de um acidente.

Na Itália, o hábito da tatuagem continuou em consequência da intensidade do sentimento piedoso. Nos arredores de Nápoles, os católicos têm, sobretudo, as imagens de Sagrado Sacramento, do crucifixo ou de uma caveira; na Calábria, preferem o monograma do Cristo com a cruz em cima.

Durante a primeira cruzada, todos os tecidos e as roupas vermelhas foram recortados para fazer o sinal da redenção que cada peregrino devia ter; mas como os tecidos não bastavam para o número dos cruzados, muitos mandaram gravar a ferro, em seu ombro, a cruz.

Os mestres-marcadores dos lugares santos executam, muitas vezes, seus assuntos com tanta arte, que são verdadeiros engana vistas. Thévenet conta que um dia, nas ruas de Jerusalém, foi abordado por um homem simpático que queria por força fazer-lhe uma tatuagem para provar que tinha vindo à Terra Santa. Mostrou-lhe modelos muito bem feitos, tais como cruzes gregas e latinas, um ferro de lança, pregos e outros emblemas do suplício de Nosso Senhor. Thévenet resistiu, apesar da apresentação, pelo obsequioso personagem, do certificado atestando que o príncipe de Galles havia deixado imprimir em seu braço, no dia 3 de abril de 1862, uma cruz de Malta.

Antigamente, essa moda era o privilégio de grupos étnicos, enquanto que hoje aparece apenas sob a forma errática e a título de recordação de uma velha tradição. Neste sentido, continua nas classes inferiores, em algumas profissões e associações políticas ou de beneficência.

No século passado, as parteiras dos hospitais tatuavam os recém-nascidos, para permitir, às mães que os abandonavam, que mais tarde os reconhecessem e os recuperassem.

Beaumarchais lembra esse hábito no *Casamento de Fígaro*, quando o filho de Marcelina responde ao conde de Almaviva, esclarecendo sobre uma espátula que estava desenhada em seu braço:

“Monsenhor”, responde o filho de Marcelina ao conde de Almaviva, “quando os cueiros bordados, os tapetes e as jóias de ouro, encontrados comigo pelos bandidos, não indicassem minha alta linhagem, a precaução que tiveram de me fazer sinais distintivos testemunharia o quanto eu era precioso”.

As tintas e os untos coloridos, menos usados que a tatuagem por incisão, todavia, rivalizam com ela nos embelezamentos corporais imaginados pelos homens. Para muitos, essas substâncias aumentam a beleza tanto quanto as cicatrizes iluminadas, e oferecem, inclusive, a grande vantagem de poder variar os efeitos sem causar nenhum sofrimento. No novo continente, esse uso era o único praticado e, nas margens do Orenoque, era um sinal obrigatório de opulência; assim, diziam com desprezo de um infeliz, de quem queriam indicar a extrema miséria, que ele não tinha nem os meios de pintar a metade do corpo. Nessas regiões, os dois sexos sentiam uma espécie de vergonha em se deixar ver sem cor.

Os peles vermelhas pintavam os seus prisioneiros de guerra, destinados ao suplício, e os seus mortos, dos quais escondiam a palidez cadavérica, com vermelhão. Não se esqueciam de colocar, ao lado do defunto, um pote com urucum para que pudesse enfeitar-se ao chegar diante do “grande chefe das terras desconhecidas”. Schiller inspirou-se nesse pensamento, escrevendo: : “Dai-lhe cores vivas para pintar-lhe o corpo, a fim de que brilhe de um lindo vermelho no país das almas”.

Os índios chegam a praticar essa arte também nos cães e nos cavalos.

Quando perdem um parente, ficam de luto, seja borrando-se de carvão, seja aplicando no rosto um desenho preto semelhante a uma caniçada.

As pinturas de aparato, entre os Sioux, exigem, às vezes, muito tempo: a toailete de um elegante, começada às oito horas da manhã, termina tarde da noite.

Um velho hábito obrigava, aqueles que se separavam da nação mãe para formar nova família, a adotar variedades nas pinturas corporais e nos adornos das indumentárias.

Os antigos Mojaves, das Montanhas Rochosas, de um tamanho gigantesco, ofereciam uma imagem muito esquisita. Pintados, da cabeça aos pés, de branco, de amarelo, de vermelho ou de azul, cuidavam sempre de sua toailete por meio de espelinhos presos aos pulsos. Alguns tinham como roupa apenas despojos de ratos e coelhos selvagens.

A leste da Nova Caledônia, na parte regada pelo Rio Colorado, os habitantes, que têm a pele bronzeada, desenham em seu rosto, com um pedaço de carvão, um traço perpendicular da testa ao queixo. Sua grande cabeleira cai nos ombros, dividida em tranças seguradas com barro molhado. O permanente bom humor desses selvagens dá a seus traços um aspecto agradável, apesar da decoração que os deixa feios. A maioria das mulheres pinta os lábios de azul e adorna seu queixo, de um canto da boca para outro, com pontos da mesma cor.

Os Carijonas, pequena tribo ao sul da Venezuela, jamais viajam sem ungir seu corpo com uma camada espessa de urucum e jenipapo, afim - dizem - de sentirem menos calor. São as esposas que se encarregam da tarefa e, logo que terminam, utilizam os restos do unguento em seus próprios corpos.

O urucum forma o artigo principal do vestuário dos Yahuas, dos Andes. Homens e mulheres cobrem-se com isso da cabeça aos pés. O uso desse arrebique extraordinário dá aos índios, cujo crânio é escrupulosamente raspado, a aparência de gigantescas lagostas cozidas. A pupila das mulheres brilha intensamente e seus dentes brancos destacam-se sobre o fundo vermelho do seu rosto, parecendo pérolas de orvalho numa grande papoula.



Índio da América do Norte com suas pinturas de guerra.

Para preparar esse unto, joga-se, num recipiente cheio de água, grãos de urucum esmagados com um pilão. O sumo, passado numa peneira, é recebido numa marmitta, colocada no fogo, onde é mexido sem cessar; depois de algumas horas na água fervida, com a massa grossa, de um vermelho intenso, ligeiramente oleosa, fazem-se pães semelhantes àqueles que os crioulos obtêm com as amêndoas moídas de cacau. Na hora de usar, derrama-se um pouco de óleo na palma da mão, passando esta no pau de urucum; dissolvendo-se este, junto com a matéria gordurosa, basta passar a mão no corpo, para torná-lo vermelho como a roupa de um cardeal.

As mulheres de Cumana (Venezuela) espalham em toda a sua pessoa uma resina preta, tirada de uma espécie de borracha que, empregada no estado líquido ao sair da árvore, fica escura e endurecida ao contato com o ar; aplicam depois figurinhas amarelas ou brancas de um efeito singular, ou plumas de diversas cores.

O costume de se pintar, em alguns povos do Peru, se bem que comum a ambos os sexos, é mais geral no homem do que na mulher. O vermelho é reservado ao rosto, o preto às outras partes do corpo, que fica coberto de faixas gregas, losangos, zigue-zagues e imitações de bordado. Grande número de selvagens, com a ajuda de desenhos coloridos, representam coturnos até o tornozelo, botas de cavaleira subindo até os joelhos, ou casacões abertos no peito cortados em festões em torno das cadeiras. Os mais modestos se contentam com luvas ou mitenas (luvas sem dedos), simulando as malhas de uma rede.

Afora esses adornos para os tempos comuns, os homens fazem, nos dias de festas, arabescos de um gênero mais complicado, que eles afixam pelo processo da estampagem semelhante àquele usado pelos Etruscos para suas olarias. A esses adornos vêm se juntar contas brancas e pretas, colares encaixando no pescoço e descendo sobre o busto como a volta dos pastores protestantes, anéis de algodão trançado sobre os próprios membros segurando crinas, dentes de macaco ou brilhantes escamas azuladas de um peixe especial do Amazonas.

Quando Schouten cruzou, pela primeira vez, o cabo Horn, em 1616, ao qual deu o nome de sua cidade natal, os habitantes costumavam pintar-se de diversas maneiras. Uns tinham o rosto, os braços ou as pernas vermelhas e o restante do corpo na cor natural; outros eram pretos de um só lado com os olhos cercados de branco.

Essa pobre gente, quase nua, apesar do rigor do clima, trajava apenas pedacinhos de peles e usava, como joias, algumas conchas em torno do pescoço e uma espinha de peixe na separação do nariz. As mulheres, encarregadas dos mais rudes trabalhos de casa, passavam uma grande parte do dia na água, concertando os instrumentos de pesca e os barcos de seus maridos.

Enfim, os Patagões, nos dias de gala, cobriam o corpo de pinturas de um efeito estranho.

Se nós afirmamos que a tatuagem ocupava um lugar secundário no enfeite dos africanos, foi porque as pinturas desempenham o papel principal. As moças, sobretudo, utilizam-nas para ficar mais bonitas. Em Sakatou, elas tingem de vermelho os dentes, as mãos, as unhas e os pés. As de Niffé fazem melhor ainda, empregam cáusticos para ter as sobrancelhas e os cabelos brancos, as pestanas pretas, os dentes amarelos, os lábios, as mãos e os pés escarlates. Isto é considerando como o máximo da elegância, a pele cor de rosa provocando apenas a piedade, o terror e o espanto.

Durante o eclipse do sol ou o aparecimento de um cometa, a população negra da Assínia (país situados entre a Costa de Marfim e a Costa de Ouro), morta de medo, esfrega no corpo barro branco a fim de acalmar os deuses.



Nativo da Patagônia se prepara para uma festa.

Na província de Fernando-Po, a noiva, no dia do casamento, dobra o corpo sob o peso dos anéis, das grinaldas de flores e das tirinhas de fazenda que a adornam. Coberta de um verniz com um perfume penetrante, a noiva seria parecida com uma múmia, não

fosse seu rosto coberto de um branco tosco, em sinal de pureza, que lhe dá uma aparência cem vezes mais estranha ainda.

As mulheres kabyle aumentam, por intermédio de um artifício, a cor escura de seus cabelos, de suas sobrancelhas e de suas pestanas. Elas utilizam, além disso, um arrebique particular em que a saliva desempenha um papel importante. Este arrebique é composto de goma laca vermelha que, uma vez reduzida em pó, é misturada com alumen em partes iguais e uvas secas moídas, sendo que o resultado é molhado com saliva, obtida em abundância, mastigando casca de noqueira. Enrolada numa matéria perfumada, esta massa torna-se um opiato com o qual esfregam as bochechas, os lábios e as mãos. As moças exageram um pouco esta pintura que contrasta com o tom escuro natural de sua pele de uma maneira chocante; mas espertas, as matronas, pelo contrário, usam-na com tanta arte que o encarnado delas parece o encarnado da adolescência.

Úteis e luxuosas, as pomadas empregadas diariamente pelos africanos protegem o corpo contra os raios do sol e tornam a pele brilhante e gordurosa, duas vantagens tão grandes, que o mais gracioso cumprimento que se possa dizer as mulheres é declarar que elas são brilhantes ao extremo.

No interior do Sudão, os homens usam um unto conservado em ovos de avestruz. O costume mais distinto é colocar um pedaço desse produto na cabeça e deixá-lo derreter pouco a pouco no corpo. Outros aplicam-no com uma grande pena que trazem constantemente consigo num chifre de búfalo, servindo de estojo.

Os Hotentotes se lambuzam, isto é, espalham no corpo um óleo salpicado de ocre vermelho ou de um pó esverdeado modificando à vontade o aspecto de seus encantos.

O nariz, horrivelmente rombo, não deve a sua forma à natureza, mas, sim, aos cuidados dos pais que procuram achatá-lo desde a mais tenra idade.

Na Oceania, não é raro encontrar a acumulação das pinturas e das tatuagens. A cor mais em voga entre os Melanésios é o vermelhão para as pessoas pobres e o amarelo para os altos dignitários e os príncipes.

Antes de ir dançar ou visitar seus amigos, todo australiano que faz questão de ser um homem bem educado desenha no busto e nas pernas linhas vermelhas e brancas, cruzando-as em laços. Para lutar, esse australiano cobre o corpo com uma matéria perfumada em que predomina o amarelo claro.

Os neozelandeses procuram dar ao cabelo a cor escarlate de uma maneira permanente.

Na Malásia, os mais corajosos, como recompensa por seus atos guerreiros, são os únicos a terem o direito à tatuagem. O homem comum se pinta dos pés à cabeça. Não gozando do mesmo privilégio, as mulheres só podem pintar a mão esquerda ou a metade da mão direita.

O açafão indiano, de um lindo amarelo palha e de um cheiro agradável, vem acrescentar-se, diz Dumont d'Urville, a cem outros processos empregados pelas moças de Java para agradar aos homens. Eis, aliás, o retrato de um Malaio, descrito por um poeta amigo das hipérboles:

Seu rosto tem o brilho da lua; o sol desaparece com a presença dela; ela roubou-lhe os raios. É tão linda que não se pode definir-lhe a beleza; nada falta. Seu cabelo, quando desenrolado, cai até os pés em anéis ondeantes. Seus olhos são reluzentes, seu nariz é aquilino, seus dentes são pretos, brilhantes e em fileiras. Seus lábios têm a cor da cortiça do mangostão; suas bochechas parecem uma fruta arredondada; seus braços são como o arco; seus dedos, compridos e flexíveis, parecem o espinho das florestas; suas unhas são pérolas; sua pele é de um amarelo maravilhoso; seu pé está bem pousado na terra, seu andar é majestoso como o do elefante.

Esta última comparação talvez não seja muito feliz: o gigante dos paquidermes, parece representar mais a força do que uma graciosa desenvoltura.

Imitando uma espécie de calça curta, os insulares do Arquipélago dos Navegadores tingem o corpo de azul, dos quadris até os joelhos.



Chinesa com um grande alfinete de noiva em seus cabelos.

As chinesas destroem cedo sua original beleza com os arrebiques dos quais abusam. Segundo seus gostos, pintam o rosto inteiramente de branco ou cor de rosa. Elas iniciam o estudo da maquilagem desde a idade de sete anos, assim, nada é mais feio para seu aspecto quando ficam velhas. A gordura excessiva procurada pelos homens e sinal de um belo garbo é, pelo contrário, muito temida pelas pessoas do sexo feminino que colocam seu ideal na flexibilidade: “uma mulher deve parecer um jovem salgueiro e ter a sua flexibilidade”.

É, sobretudo, no dia de seu casamento, que a chinesa mostra a maior elegância: impregnada de almíscar, trajada com vestimentas suntuosas, bordadas a ouro e prata,

maquilada de vermelho, de preto, de azul; misteriosamente envolvida num véu que a esconde dos olhares indiscretos, a casada é recebida, na entrada do domicílio conjugal, pelo marido que ainda não viu. Suas longas tranças, matizadas de pedras preciosas e flores, são atravessadas por um alfinete de prata que, na China, tem a mesma significação do que a aliança na França; logo após ficar noiva, a moça deve usar esse alfinete, prova evidente do compromisso de sua fé. Aliás, reconhece-se facilmente pelo cabelo o estado civil de uma chinesa. Antes do casamento, ela tem o cabelo levantado sobre a testa em forma de crescente e trançado por trás numa longa trança caindo até o chão. No dia seguinte das núpcias, ela faz um coque chamado “à chaleira”, muitas vezes ornado com flores naturais ou artificiais, segundo a estação. Quando uma mulher fica viúva, ela raspa uma parte da cabeça e bota o restante do cabelo numa rede segurada por uma floresta de alfinetes. Esses hábitos não são os mesmos para todo o Império; em algumas províncias, as chinesas decoram o cabelo com um leque de papel ou prendem-no em vendazinhas de algodão azul, com um pássaro em cima, que lembra o toucado das egípcias chamado “à galinha de Angola”.

O esposo, por sua vez, para a cerimônia de núpcias, veste uma túnica de cetim vermelho com uma grande echarpe em aspa. Poderia, todavia, se quisesse, usar a vestimenta de mandarim, uma vez que as leis lhe permitem, prova da estima dos legisladores para com a instituição do casamento e o símbolo da autoridade absoluta do marido em sua casa; pois, por mais pobre que seja, todo chinês é mandarim em casa.

Imitando as chinesas, as japonesas fazem, também, um uso imoderado de cosméticos. O cabelo delas brilha com o óleo de camélia, a testa fica coberta de cerusa, as bochechas são coloridas com as corolas do cártano, os lábios recebem um pouco de carmim e, muitas vezes, elas aplicam, nesta parte do rosto, um dourado que produz o mais esquisito efeito.

Como joias, praticamente só usam alfinetes de grande tamanho, de bambu, de escamas ou de metal, para sustentar sua volumosa cabeleireira.

A alvura e a pequenez dos dentes são sinais característicos de sua beleza; é lamentável que elas os escondam, tão logo casam, sob uma camada de laca preta cem vezes mais chocante do que o dourado dos lábios. Esta cor dada aos dentes é o indício de um abandono completo das vaidades humanas: o único desejo da esposa japonesa consiste, a partir de então, em agradar ao marido pelo bom gênio e pelas qualidades morais.

Todas elas têm uma multidão de saquinhos perfumados escondidos debaixo do vestido: os lenços de papel impedem-nas de usar perfumes líquidos.



Japonesa com seus alfinetes de bambu e de metal.

A coqueteria das senhoras ricas é ter preocupação, ao ajeitarem os vestidos sucessivos usados por elas, em deixar passar, em torno do colo, a orla de cada um deles, de maneira que possa ser contado e apreciado o número de trajes interiores. Sua cintura é

frequentemente muito valorizada; entre as dobras desse pedaço de tecido ou nos bolsos escondidos sob as longas mangas dos vestidos, as japonesas colocam uma porção de coisinhas e uma quantidade de papéis quadrados sedosos servindo para limpar a xícara de chá, segurar a haste de uma flor molhada ou apanhar um inseto. Logo que ficam sujos, esses pedacinhos de papel enrolados como bolas são jogados fora, ou, se o momento não for propício, guardados para uma oportunidade favorável. Num jantar, o costume é os convidados levarem o que não podem comer, assim, ainda é nas mangas que os pratos finos são colocados, envoltos em pedaços de papel: bolos, balas, gulodices, etc..

A mulher casada amarra sua cinta na frente; a solteira, por trás; mas o nó é sempre muito grande e feito com o maior cuidado.

Nas ilhas Kouriles, perto do Japão, as moças Ainos desenham, em cima do lábio superior, uma espécie de bigode vermelho, adorno obrigatório, que não as embelezam aos olhos de um europeu; elas trazem , substituindo os brincos, pedaços de fazenda escarlate, cor selvagem por excelência, e usam, como os homens, saias curtas feitas com cascas de árvores.

Vende-se , na Índia, uma enorme quantidade de pomadas perfumadas que servem para imprimir sinais heráldicos no rosto, nos braços e no busto. Os adoradores de Vishnu, conservador do Universo, traçam na testa uma linha preta ou amarela horizontal; os de Shiva, deus da Morte, a mesma linha em sentido vertical; alguns sectários se diferenciam por um círculo vermelho dentro de um círculo amarelo, no centro das bochechas; outros, por uma frase dos livros sagrados ou emblemas religiosos. Usam, também, nos grandes dias, um pó feito com estrume de vaca, ressecado e queimado, ou com pó de santal misturado com açafraão, o que completa a indumentária da cerimônia.

As mulheres adotaram processos parecidos e, além disso, inundam abundantemente com óleo de coco o cabelo, que elas deixam cair em longas tranças. A mistura de noz de

areca com cal, que elas chupam sempre um pouco, colore seus lábios e sua língua de vermelho vivo, o que constitui mais um prazer para os olhos de seus admiradores.

Em Bagdá, a grande moda é ter a boca pintada de azul e, em Alep, tingir as gengivas e os lábios.

Apesar de parecerem selvagens, devemos reconhecer que esses costumes foram seguidos na Antiguidade pela maior parte dos povos civilizados. Sabemos, graças a *Ciropédia* de Xenofonte, que o velho Astíages se maquilava diariamente; com seus olhos iluminados, seu rosto maquilado, sua barba de azeviche e sua grande peruca adaptada com arte, chegando a provocar a admiração de seu neto Ciro que o declarou o mais belo dos Medas.

As judias realçavam artificialmente o encanto que lhes havia prodigalizado o céu; era com razão que o severo Ezequiel as acusava de tomar banho em águas perfumadas, cobrir suas bochechas de carmim e carregar-se de adornos.

Racine referiu-se a esse gosto quando falou da beleza sofisticada de Jezebel. Os hebreus, aliás, sempre tiveram tendências luxuosas; em todos os tempos, procuraram o ouro e as pedras preciosas para as suas joias. Foi com os brincos, as pulseiras, as cintas de suas mulheres e de suas filhas que eles fabricaram o bezerro de ouro no deserto e foi com ofertas desse gênero que Moisés achou, mais tarde, o meio de erguer o Tabernáculo, o arco santo, o candelabro de sete canos e os diversos objetos do culto.

Entre as riquezas dos filhos de Israel, os historiadores não deixam nunca de mencionar suas numerosas vestimentas de reserva.

Os egípcios untavam com óleo seu corpo para conservar sua elasticidade, mas as mulheres tinham outros cuidados nos detalhes de seu vestuário. Pintavam de preto as sobrancelhas e as pálpebras para tornar o seu olhar mais langoroso. O "kohl", chamado então "stein", utilizado pelas filhas dos Faraós, era um preparado de antimônio ou de chumbo. Logo que a agulha de ébano havia traçado o círculo preto em torno dos olhos, desenhavam

- estranho costume - uma linha esverdeada sob a pálpebra inferior, depois acrescentavam um pouco de branco e de vermelho, nas bochechas, de azul, na testa, para sublinhar as veias, de carmim, nos lábios, de henê, nas mãos, o que lhes dava uma cor alaranjada, como se viu mais tarde entre os mongóis.



Judia pintada com antimônio, com as sobrancelhas e os cílios pintados.

Segundo Rimmel, os egípcios modernos fabricam seu “kohl” com a fumaça proveniente de amêndoas queimadas ou a do incenso chamado “líbano”. Uma pequena bolsa contendo o arrebique e a agulha que serve a aplicá-lo não deixa nunca as beldades do Cairo. É este um dos primeiros presentes que os maridos dão à suas companheiras depois das núpcias.

As gregas, afamadas pela beleza, tinham ainda outros segredos. Elas perfumavam seus pés e suas mãos com finas essências, o cabelo com manjerona, os joelhos e o pescoço com serpão, os ombros e o busto com pó de jacinto ou de jaspe indiano.

A entrada da sala, onde as mulheres se vestiam e se maquilavam, era proibida aos amigos, às vezes, ao marido. Segundo Homero, “Os deuses não podiam assistir ao enfeite das deusas”.

As lojas dos fabricantes de opiatos, em Atenas, eram lugares de encontros, como o são, atualmente, os cafés na Europa meridional. Lá nasciam intrigas políticas ou mundanas,

enquanto que prosseguiam as discussões filosóficas iniciadas nos jardins de Academus. Vários antigos escritores mencionam um certo Péron, extraordinário na arte de compor perfumes deliciosos. O operário que brilhava em sua profissão podia almejar a imortalidade. A Antiguidade nos deixou os nomes de um tecelão e de um bordador, célebres pelo talento que revelaram ao fazer um magnífico véu, destinado a adornar a estátua de Minerva Poliade, em Atenas.



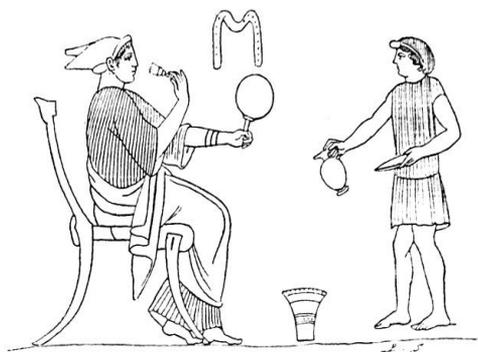
Mulher egípcia tatuada e fardada. (Atlas Arqueológico da Bíblia)

Vê-se no tratado dos perfumes de Apolonius Herófilo que os cosméticos vinham de todos os países. Eram o leite de lírio de Elis, o elixir de rosa de Nápoles ou de Cápua, o açafreão de Ródano, o extrato das folhas de parreira de Chipre, a essência das maçãs de Cos, a massa de amêndoa do Egito e uma multidão de produtos exóticos. Segundo Lucien:

As mulheres, ao levantarem da cama, depois de tomarem banho cuidavam do seu cabelo que elas tingiam com o ébano ou de cores acastanhadas como as do pescoço do pombo, ou azuladas como o céu, ou verdes como as ondas do mar, ou dourados como o mel do Ático; depois, elas salpicavam-no de ouro, de branco, de preto, de vermelho em conformidade com as sobrancelhas, pintadas ou naturais, companheiras inseparáveis de um lindo rosto.

Os povos do Ático interpretavam como um sinal de valor a pele morena dos rapazes e chamavam de “filhos dos deuses”, aqueles que tinham a vantagem de ter uma pele branca. Para eles, a beleza era um mérito suficiente para alcançar a glória. A história aponta esta qualidade física numa infinidade de personagens que a possuíam.

Tornou-se hábito designar as pessoas pela parte mais notável de seu rosto; foi assim que as lindas pálpebras de Demétrius de Falere fizeram com que este fosse chamado *charitoblepharos*, isto é, “aquele sobre cujas pálpebras repousam as graças”.



Grego fazendo a toailete. (Pintura de vaso antigo.)

O poeta latino Propércio critica seus concidadãos por imitarem os bárbaros, colorindo seu cabelo com ervas estranhas. Um unto belga, diz esse autor, desagrada numa cabeça romana e ninguém deve pensar em ficar mais bonito cobrindo as temporas de índigo. Aqui está a tradução de um epigrama composto pelo poeta latino Martial contra um velho que tingia o cabelo de preto:

Que metamorfose insigna!
Pareces um pássaro esquisito:
Ontem, parecias um cisne,
Hoje, já és corvo!

A Roma antiga admitia, todavia, que os triunfadores se pintassem de vermelho no dia de sua ovação. O “kohl”, geralmente usado, se chamava então “stribium”. Foi assim que, no século III, São Cipriano, bispo de Cartago, colônia do Império, pôde condenar suas penitentes por pintarem os olhos, pedindo-lhes que empregassem, de preferência, o colírio do Cristo em vez do “stribium” do diabo.

Os Árias, antigos habitantes do país situado entre o Rio Varta e o Vístula, que só lutavam de noite, se enfarruscavam inteiramente de preto, o que os tornava menos visíveis ainda.

Na Gália, as mulheres, para conservar o frescor de sua pele, se lavavam com espuma de cerveja ou com giz diluído no vinagre. Elas negrejavam suas sobrancelhas com fuligem, tingiam de vermelho suas bochechas e botavam cal no cabelo para torná-lo ruivo. Os homens pouco se tatuavam, mas também usavam cores em diversas oportunidades. A fim de apresentarem um aspecto terrível durante os combates, eles tingiam o cabelo de escarlate, com uma mistura de óleo e de cinza de cerveja, e mosqueavam o corpo seja de vermelho, seja de azul, com ocre ou uma matéria tintorial fornecida pelo isatis ou pastel, para que o inimigo não visse o sangue correr de suas feridas. Esta planta, o pastel, cultivada com êxito no Languedoc até o século 16, foi objeto de um comércio muito grande que enriqueceu todo o país . Como era vendido sob forma de pães cônicos, chamados *cocagnes* (do celta *cocaigne*), dizem que a palavra ficou para designar o lugar que o produzia especialmente e significou, depois, um lugar de abundância e de bem estar.

A fama do pastel data, portanto, da mais alta Antiguidade. Teofrasto, que viveu há 300 anos antes de Jesus Cristo, falou nele e Carlos Magno o citou em seus *Capitulares*. No século 11, chamavam-no *gwestre* ou *glass*. As mulheres do norte da Europa usaram-no para amorenar seu cabelo louro e os tintureiros de Ruão, que o empregaram frequentemente sob o nome de azul de Pérsia, só o deixaram com a importação do índigo da América. Foi , pois, o pastel que deu, durante toda a Idade Média, a cor preferida para a indumentária de

ambos os sexos. Disto podemos concluir, como Quicherat, em *A História da Indumentária na França*, que os nossos antepassados, muito hábeis na confecção de tecidos, reproduzem neles as cores e os desenhos que seus antecessores haviam impresso em seus corpos e dos quais haviam conservado religiosamente a tradição



CAPÍTULO SEGUNDO

Deformações e mutilações do ponto de vista estético



Perfuração das orelhas na Patagônia.

Resumo

Da estética e de suas diversas manifestações nas cinco partes do mundo - Deformação dos pés na China - Compressão do crânio entre os omáguas do Brasil e os conibos do Peru - Esmagamento do nariz nas Índias - Mutilação dos lábios no Brasil, na Zambézia e na África Central - Adornos das bochechas na Groenlândia - Decoração do nariz na América, na Ásia e na Oceania - Perfuração das orelhas na Patagônia, nas Índias, no Malabar, na Ilha de Páscoa, em Santa Cruz e no Japão - Acumulação de joias na Venezuela - Extração dos dentes na Austrália; sua coloração em Anam, Malaca, Ceilão e na África - Tintura e tamanho das unhas nas Ilhas Filipinas, na China, no Sião e na Berbéria - Desenvolvimento fictício das pernas entre os caraíbas; tamanho fenomenal das mulheres do Karagué - Homens e mulheres com caudas - Sobre o toucado - Untos e adornos esquisitos da cabeça na Abissínia, no Sudão, no Peru, no Kamchatka, etc. - Da barba, das pestanas e das sobrancelhas - Joia frontal nas Ilhas Salomão.

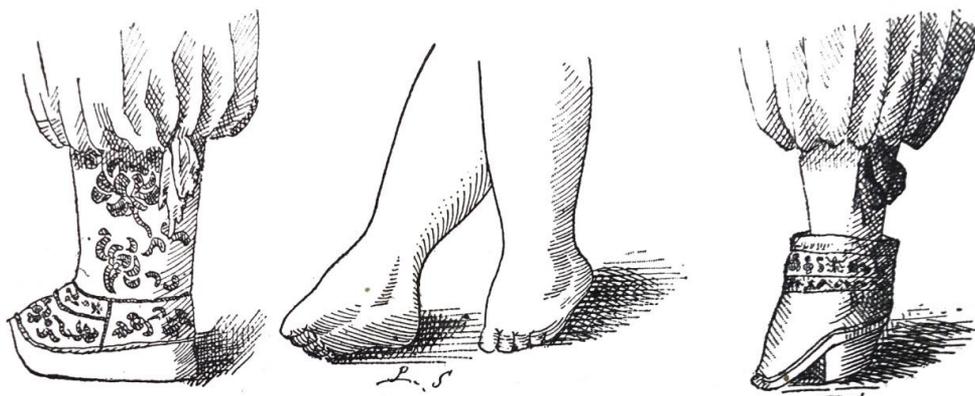
Livre filho da natureza, o selvagem usa, todavia, mais do que qualquer outro, a inteligência, que o coloca acima do animal, para procurar os meios de deformar a obra do criador. Geralmente sem beleza, pelo menos aos nossos olhos, luta muito para aumentar sua feiúra e conseguiu-o através as mutilações de seu corpo e os apêndices enormes acrescentados artificialmente. Devemos confessar, no entanto, que vários povos civilizados não estão isentos dessa deformação. Observações curiosas, numerosas e diversas, nos serão oferecidas nesta nova estética.

Os adornos descritos neste livro, ou representados por meio de gravuras, não foram exagerados por mais extraordinários que pareçam e podemos dizer que, se alguns desapareceram ou se modificaram em consequência das relações entre os selvagens e os europeus, a maior parte ainda existe.

Embora seja uma vivificação que remonta à mais alta Antiguidade, os chineses ainda seguem o absurdo hábito de comprimir os pés de suas filhas até mudar-lhes o aspecto e tirar-lhes toda faculdade de se locomoverem. A afeição despótica dos maridos parece ter sido a primeira causa, obrigando assim as mulheres a permanecerem no lar.

À qualquer classe da sociedade que ela pertença, nunca uma chinesa mostra o seu pé; seria ofendê-la procurar vê-lo.

Eis como se procede para obter esse sinal distintivo no Celeste Império: na idade dos seis anos, as crianças do sexo feminino têm os seus pés presos em vendazinhas de tecido untado, o polegar dobrado debaixo dos quatro dedos os quais, por sua vez, são colocados sob a planta dos pés; apertadas, progressivamente, essas vendazinhas impedem os pés de se desenvolverem e acabam dando-lhes a forma do punho. Sem poder andar, as infelizes aleijadas caminham pulando com os braços estendidos para conservar o equilíbrio; parecem bailarinas de cordas com o balanceiro. Contudo, a força do hábito faz com que as moças fiquem sobre um pé só dias inteiros e executem, sem fadiga, as danças mas difíceis.



Bota chinesa. Pés chineses deformados. Sapato chinês.

Elas gostam de jogar volante (peteca ou birdie) e recebem-no com uma destreza maravilhosa no reverso de seus borzeguins, como numa raquete.

Para algumas pessoas, a dor desse martírio é tão aguda como a que provoca, às vezes, o tétano; acrescentemos, contudo, para sermos exatos, que essa deformação não é geral naquele país.

Um Manchu, que desposa uma chinesa, nunca a escolhe com os pés disformes.

As damas que constituem a corte da Imperatriz conservaram seus pés no estado natural. Em Cantão, apenas uma moça em cinco é sacrificada pela família. Mas todas as elegantes usam o borzeguim de teatro, chamado “pé de corça”; alto, curto, com o taco elevado, e com a sola disposta de tal forma que não se pode andar senão apoiado na extremidade dos dedos, não é fácil usá-lo. As próprias mulheres do povo calçam esse borzeguim para imitar o andar das damas de alta linhagem.



Jovens chinesas jogam peteca com seus pés.

Um costume não menos estranho, o da deformação do crânio, existia entre os Omáguas, importante povo das margens do Amazonas, que o conservaram muito tempo após a conquista do país pelos espanhóis. Logo após o nascimento, os bebês tinham a testa impressada, entre duas pranchetas estofadas, e apertada, com ligaduras, até

alcançarem a idade de caminhar; de maneira que sua cabeça, alongando-se muito, imitava rapidamente uma mitra de bispo ou um pão de açúcar. A vivacidade de espírito dos homens, sua aptidão pelas artes e pelas ciências são provas suficientes de que a inteligência não sofria com a mudança feita na caixa ossosa a qual, alargando a arcada das sobrancelhas, dava aos olhos um brilho extraordinário.



Índia omagua, com a cabeça afunilada.

Outrora, um método parecido era empregado nos arredores de Tolosa, onde as mães modificavam a natureza, amassando a cabeça dos bebês.

Outra deformação, em sentido oposto, existe entre os conibos, uma das mais numerosas tribos peruanas, a leste do Rio Ucaialé. Eis como fazem. O berço, cavado num pedaço de madeira, é provido de uma pequena alavanca a qual, colocada na altura da cabeça da criança, comprime-a e impede-a de se mexer. Nessa idade, os ossos são muito flexíveis e o crânio, três meses depois, fica achatado para toda vida. Tira-se, então, o aparelho e a família, depois de verificar o êxito da operação, regozija-se.



Índio conibo com a cabeça achatada.

Os macassois², bela população da Índia, cujas qualidades morais correspondem às do corpo, têm um hábito diferente. O nariz, muito mais achatado que os dos siameses, constitui, para eles, uma coisa de primeira beleza que eles procuram aperfeiçoar. Apenas nascidos, os bebês são deitados numa cesta onde os pais não deixam, dia e noite, de lhes apertar levemente o nariz com a mão esquerda, enquanto que com a mão direita esfregam-lhe com óleo morno.

Os malaios vão mais longe na sua barbárie. Sendo um nariz comprido, dizem, parecido com o focinho do cão, eles achatam-no ao ponto de quebrar a cartilagem. Quanto maior fica esta parte do rosto, tanto mais lhes bela parece.

Foi também o sentimento da estética que inspirou a mutilação dos lábios. Falemos, em primeiro lugar, de uma população brasileira que ocupa o último degrau na espécie humana e mora nas florestas virgens onde os raios do sol quase nunca penetram.

Os selvagens botocudos, em outro estágio de civilização, fabricam colares com os dentes de seus pais mortos; fazem, no meio da testa, uma tatuagem esbranquiçada que os protege, segundo suas crenças, das dores de cabeça; e cortam o lábio inferior,

² Essa palavra foi mantida como no texto original francês.

paralelamente à boca, para colocar um disco de marfim, de pedra ou de madeira, parecido com um botão de camisa. Esta abertura não tem mais que o diâmetro de um cano de cachimbo no princípio, mas, com a idade do indivíduo, o tamanho do adorno vai sendo aumentado e ela acaba ficando tão grande que o lábio tem a aparência de um anel fino em torno do disco. Se ela se rasga, o que acontece frequentemente, liga-se com uma linha os dois pedaços e refaz-se o enfeite.



Índio botocado com batoque vertical.

A segunda boca artificial formada por esta mutilação esquisita permite, ao tirar a joia, passar a língua nela, brincadeira esta, grosseira, que o índio alegre não deixa de fazer. Chamado “batoque”, “bezote” ou “barbote”, palavras que, em português, significam “batoque de barril”, esse ornato, sem o qual nenhuma mulher pode aparecer em público, salvo se estiver de luto, é retirado na hora de comer, dormir ou falar, pois é um obstáculo à pronúncia quando se fala por muito tempo. Nas províncias do Oregon, parece constituir, para as mulheres idosas, um direito às homenagens; uma dessas últimas, com todos os sinais de decrepitude, parecia tão orgulhosa do disco enriquecido com madrepérola, colocado nos seus lábios, que ela rejeitou, durante muito tempo, as ofertas dos marinheiros

desejosos de comprá-lo e só consentiu em se separar dele depois de receber um conjunto inteiro de botões dourados. Nas batalhas terríveis que travam entre si essas mulheres, elas procuram, sobretudo, desfigurar-se antes da idade rasgando o lábio inferior. É esta, também, a permanente preocupação do guerreiro que, ao arrancar a batoque do inimigo, o deixa certamente fora de combate.

A ideia fundamental desse ornato muito feio origina-se num sentimento natural em todos os povos sanguinários; o homem procurou deixar a sua fisionomia mais horrível e a mulher quis imitar o tipo de beleza de seu senhor.



Índio botocudo com o batoque horizontal.

O adorno labial parece ter nascido na costa ocidental, isso é, virada para a Ásia, começando no estreito de Kotzebue e no grupo das Ilhas Aleutianas para espalhar-se por todo o litoral da América, até perto da Patagônia. As substâncias e as formas mais diversas foram adotadas para esse adorno estranho: madeira, madrepérola, ossos, jade, metais, penas brilhantes, garras de pássaros, unhas de animais, flores foram utilizadas alternativamente pelos selvagens que gostam desse gênero de ornamento chegando, em

casos extremos, a colocar nos lábios pregos de ferro e botões de cobre; vamos dar muitos exemplos dessa moda.

Os nativos de uma cruel tribo do Brasil, morando nas florestas da Ilha de Santa Catarina, transformam o buraco de seu adorno horrendo em apito, do qual tiram um som capaz de amedrontar os outros homens. É o bugre feroz que chama a seus companheiros para a rapina de alguma plantação isolada.

O viajante Biard viu um chefe muito idoso usar seu batoque para prato e, depois de cortar nele uma fatia de carne, colocar devagar os pedaços em sua boca.

Às vezes, os botocudos, para aumentar sua elegância, acrescentam à incisão principal mais duas aberturas de cada lado dos lábios, que eles embelezam da mesma maneira. Quando tiram os batoques, a saliva corre pelos buracos enormes e inunda o queixo. Não há nada mais repugnante.

Em 1550, os magistrados de Ruão deram uma festa com temática brasileira na qual cerca de cinquenta índios compareceram diante da rainha Catarina de Médicis com o adorno dos lábios, o que despertou imensa curiosidade. O batoque era de pedra verde, imitando a esmeralda.

Há cerca de cem anos, os índios errantes de província de Moranham se submetiam a uma mutilação ainda mais extraordinária. Introduziam entre os dentes uma pequena cabaça esvaziada na qual conservavam pedaços de alimentos. Este hábito repugnante fizera com que fosse dado o nome de gamelos a esses nativos.

Os terríveis indígenas das margens ocidentais do Paraguai haviam substituído o pauzinho que seus antepassados usavam no lábio por outra joia, lembrando um acontecimento que impôs seu nome a um dos mais belos rios da América. Quando Aleixo Garcia voltou das montanhas de Potosí, carregado de uma quantidade considerável de moedas, foi preso no sul do Paraguai pelos guaieuros que o massacraram depois de lhe roubar as riquezas. A partir desse episódio, o rio tem o nome de Rio de la Plata e os

vencedores passaram a adornar suas orelhas com dois círculos de prata, colocando por outro lado, no lábio inferior, um punhalzinho do mesmo metal.

Verificou-se, no século XVI, que os Arianas das mesmas regiões introduziam em seu lábio inferior uma fruta tão grande e tão redonda quanto a cabeça de um fuso, o que lhe dava um tamanho enorme e o tornava horrendo.

Se os homens das altas terras na Zambézia têm joias em todos os dedos, inclusive no polegar, e anéis nos quatro membros, nenhuma de suas companheiras aceitaria ficar sem o anel dos lábios, chamado “pélelé”. Para isso, fura-se, logo na infância, o lábio superior das meninas, perto do nariz, e alarga-se o furo até se poder passar um anel de quinze centímetros de diâmetro. Para os ricos, o “pélelé” é de marfim ou de estanho e tem a forma de um prato; para os pobres, é de bambu e parece um guardanapo. Não se pode imaginar o quanto é feia essa boca projetada para frente. O sorriso, um dos encantos do rosto humano, transforma-se, nessas mulheres, em uma careta horrenda, pois o lábio, pesado, estica os músculos das bochechas que se levantam e ultrapassam as sobrancelhas; o nariz, então, deixa ver, através, o anel; e os dentes descobertos mostram com qual cuidado foram afiados, parecendo os dentes dos gatos e dos jacarés.

É impossível, com o “pélelé”, pronunciar as letras labiais, apesar dos esforços feitos pela boca para fechar: é simplesmente horrendo.

Os nativos da tribo dos Etchehonas, além do anel do lábio superior, decoram o lábio inferior com um fio de restolho ou de madeira que se balança no queixo.



Mulher Mittou ornada com o “pélelé” e o “batoque”.

Aqui vem uma coisa pior ainda. No centro da África, a população selvagem dos Mittous achou o meio de combinar o “pélelé” e o “batoque”. Querendo ter um verdadeiro focinho, as mulheres ajustam, em ambos os lábios, uma rodela de marfim, de quartzo ou de chifre, frequentemente embainhada de ferro que, quando falam rápido, emite um estalo parecido com o de um bico de cegonha. Se uma dessas elegantes pessoas tem sede, ela é obrigada, para beber, a levantar o lábio superior com seus dedos e derramar como pode o líquido em sua boca. Nos vales do Alto Nilo, em Kuka, elas adaptam, em um lábio, um grande prego de prata, tão grande que, para colocá-lo direito, é preciso arrancar dois incisivos. As belas de Latooka, província das margens do Rio Alberto (Nilo Branco), arrancam quatro dentes da frente, dois em baixo, dois em cima, que elas substituem por um tubo de cristal polido do tamanho de uma caneta nossa.

Dizem que a esposa de um dos principais chefes disse a Samuel Baker , em missão nesse país: “Lady Baker ficaria muito mais bonita se mandasse arrancar seus dentes e adotasse as nossas joias”.

Como escrevemos acima, cada tribo procura diferenciar-se das outras com adornos diferentes. Assim é que, as mulheres dos Nouers plantam no lábio superior um arame grosso com doze centímetros de comprimento, que parece um chifre de rinoceronte. Seus maridos, aliás, são tão originais quanto elas. Tingem o cabelo de vermelho, com uma mistura de cinza de bucho e urina de vaca, o que lhes dá um ar fantástico. Além de seus pesados colares de avelórios e das grandes pulseiras, misturadas de pedaços de cobre e de marfim, que cercam a parte superior dos braços, esses homens têm, no pulso direito, um círculo de ferro provido de pontas que se transforma em terrível arma de combate. Jamais deixam seus cachimbos, capazes de conter uma libra de fumo e, em certas ocasiões, enchem-nos de carvão de madeira.

As elegantes de algumas tribos africanas têm, nos cantos do lábio superior e no meio do lábio inferior, hastes de metal que as desfiguram ainda mais com o toucado de chifres colocado em uma centena de tranças rígidas e oleosas.



Uma elegante da África austral.

Tiramos das memórias do corajoso explorador Dybowski as seguintes linhas sobre os indígenas, visitados por ele em sua grande viagem através da África:

A casquilharia das mulheres é excessiva, mas como está longe de nossas modas! Basta para compreender olhar os estranhos pendentes de quartzo polido e os blocos de chumbo que as mundanas do alto Oubangui (perto do Congo) e as Langonassis penduram nos lábios e no pescoço.

O cobre, difícil de ser encontrado e extraído, serve nesse país a confeccionar objetos de luxo. As mulheres ricas utilizam-no para fazer colares de tamanhos fenomenais. Aquele que o Sr. Dybowski trouxe, não pesava menos de oito quilos. É uma verdadeira cangalha que só uma pessoa de boa vontade pode aceitar. E mais ainda, é hábito rebitá-lo de maneira a que fique até a morte.

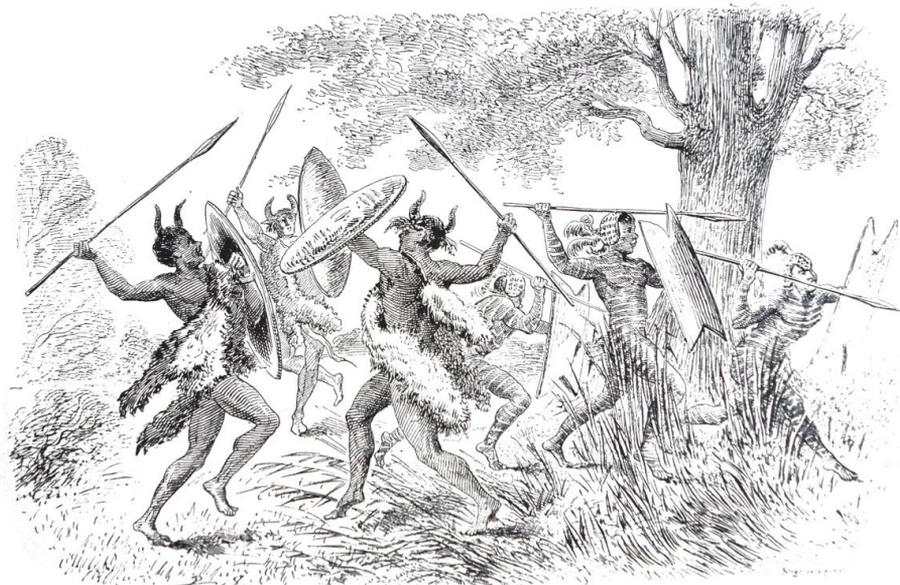
Quando Livingstone perguntou ao rei o que acontecia com o colar de uma mulher após seu falecimento, este sorriu e, passando o dedo através da sua garganta, de uma maneira significativa, fê-lo compreender que lhe cortavam a cabeça. O restante da indumentária é tão primitiva, conta o Duque de Uzes, falecido jovem e que viveu entre esses nativos, que uma vendedora de modas, querendo instalar-se no país, iria à falência. Sem indústria real, os habitantes desse imenso território, que são geralmente pobres, trocam facilmente suas galinhas e cabras com os exploradores por um pedaço de ferro malhado. Para mostrar o que querem, eles depositam alguns punhados de penas ou de cabelos aos pés dos visitantes. Os avelórios são, dos materiais, os que mais os encantam e, por isso, fazem com eles numerosos adornos. As falsas pérolas cor de rosa são muito procuradas por serem pequenas. Já as brancas servem para pagar o marfim.



Mulher do Alto Oubangui com seu colar pesando vinte libras.

Em suas narrações sobre o continente misterioso, relativamente aos adornos em uso, Stanley diz a mesma coisa. As mulheres usam galinhas de arame que, entre as mais favorecidas, têm oito centímetros e meio de diâmetro e pesam vinte libras. Se o colar não é mais pesado é porque o marido não é muito rico. A esse peso, acrescentam-se seis libras de latão, sob a forma de anéis, em torno dos braços e das pernas. O penteado, um dos mais esquisitos que se possa imaginar, consiste em três chifres, formados pelos cabelos, na frente da testa e nos lados. Os chifres, aliás, desempenham um grande papel na ornamentação dos selvagens. Temos várias provas disso. Esta foi tirada de *Volta ao Mundo*:

Por ocasião da viagem de Baker na África, um cacique deu-lhe uma escolta composta de Obbos que se entregaram, em homenagem ao grande viajante e a sua mulher, a uma dança tão fantástica que ele ficou um pouco assustado de início, pensando que fosse um ataque repentino. Esses selvagens, trajados de peles de leopardo e de macaco branco, tinham caudas amarradas na parte inferior dos rins, chifres de antílope na cabeça e barbas postiças fabricadas com as extremidades de várias caudas caídas juntas. Pareciam diabos.



Dança de guerra dos Obbos.



Índio Campo ou Antis do Peru. Índio Siriniris do baixo Peru. Índio Coerino do Brasil.

A imaginação criou muitos outros adornos extravagantes: os índios campos do Peru, que têm linhas talhadas no rosto, acrescentam na parte inferior do nariz, enfeitado com espinhas pretas, uma moeda de prata redonda e convexa descendo sobre a boca e escondendo-a pela metade; crinas de animais e um espinho de porco-espinho decoram o

queixo. Os siriniris, dos vales de Quinquinas, enfeitam-se com plumas de papagaio, pauzinhos plantados nos lobos das orelhas e em torno da boca. Os seus colares seguram uma ou duas facas como objetos preciosos. Américo Vespúcio diz que encontrou, em suas viagens de exploração, guerreiros que possuíam, no rosto, esporões naturais ou fabricados, apenas colocados num buraco feito de propósito nas bochechas e no queixo, enquanto que outros homens usavam até seis pedras perfeitamente polidas em diversos lugares do rosto.

Os galibis e os emirillons das Guianas perfuram o lábio para passar uma espinha e um pequeno osso, ou mesmo um alfinete, no qual mexem constantemente com a língua.



Mulher esquimó com seus batoques nas bochechas.

Os esquimós do Mackenzie furam suas bochechas para colocar um pesinho chamado batoque que nada tem de elegante e consiste num pedaço de osso arredondado ou de seixo mal trabalhado.

O British Museum possui uma centena desses espinhos (botões) de diferentes tamanhos: alguns são azuis, vermelhos, verdes; outros não ultrapassam o tamanho de uma

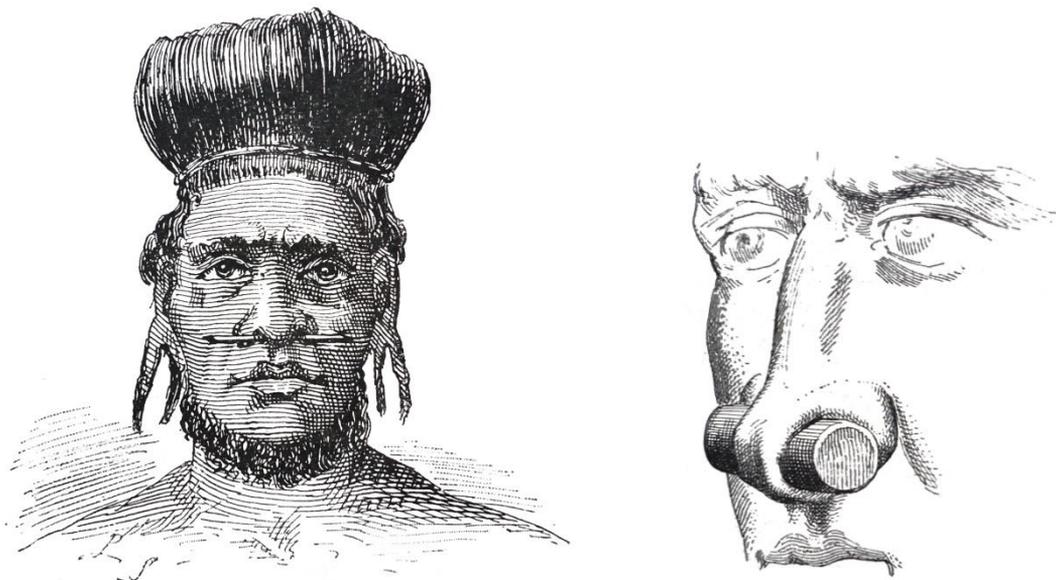
unha, enquanto que outros, ainda, têm vários centímetros de diâmetro. Um que nos pareceu mais curioso era um pedaço de malaquita, encravado em um fragmento de prato de porcelana branca.

O nariz, que se destaca do relevo do rosto, não podia escapar ao grande amor do homem pela decoração. O anel é o mais usado. No Industão, é feito de metal precioso, enfeitado com esmaltes, pérolas finas ou pedras. Na Arábia Feliz (Arabia Felix) é de ouro simples, mas muito maior do que exige o costume indiano. As mulheres usam, além desse anel, ricos círculos de ouro ou de prata, nos pulsos e nas pernas, e são maquiladas de cabeça aos pés.

Nas margens do grande rio africano, o Níger, os cambrianos passam através do nariz um pedaço de vidro arredondado. Os mivahos, tribo americana, renunciaram ao batoque de seus antepassados para cortar as asas do nariz de maneira a simular um par de óculos.

Na Melanésia, a maioria dos selvagens, depois de furar o septo nasal, coloca o ztigau, cilindro de seis centímetros ladeado de vermelho.

Um enfeite do mesmo gênero, chamado de brincadeira pelos marujos de Cook de “verga dos campos”, enfeita o nariz dos australianos. É um osso tão grande quanto o dedo, ultrapassando o rosto de lado a lado. Esconde de tal forma o nariz do homem que este é obrigado a deixar a boca aberta para respirar e nasaliza tanto quando fala que é difícil compreendê-lo.



Australiano com o “ztigau” e as orelhas fendidas. Nariz de um habitante da Ilha de Torres, perto da Papuásia.

O pau com essa função é raramente visto no nariz das mulheres; elas sofrem, geralmente, outra operação: cortam-lhe duas falanges do dedinho da mão esquerda. Essa operação realiza-se, durante a sua juventude, sob o pretexto de que essas falanges as atrapalhariam na hora de enrolar a linha de pesca em torno de sua mão. Poucas moças escapam dessa mutilação e aquelas que se recusam são afastadas com desprezo. Todos os insulares se pintam de branco e de vermelho; o vermelho é geralmente posto, no ombro e no busto, em largas manchas; o branco, nos braços, nas pernas e em torno dos olhos. Elas também têm pulseiras de corda, um cinto de cabelos trançados e espécie de peitoral, um gorjal, feito de conchas, descendo do pescoço sobre o peito.

Na Ilha de Torres, perto de Papuásia, substituem o “ztigau” por pauzinhos curtos, enfeitados com placas de nacre nas duas extremidades, que levantam o nariz, alargam seu orifício e tiram-lhe toda mobilidade.

Em Ulaua, capital das Ilhas Salomão, as senhoras afixam, na extremidade de seu nariz, uma joia que, pela originalidade, poderia rivalizar com o nariz de chouriço do famoso conto de Perrault. É um pescoço de pássaro com sua cabeça artisticamente trabalhada em nácar de pérola. Elas usam também, no ombro esquerdo, mantilhas constituídas de pedaços de madeira perfurados, pérolas de vidro, e dentes humanos enfileirados com um barbante.



Antigo habitante de Santa Cruz, ilha da Rainha Charlotte, com seu nariz ornado com flores vermelhas. Índio Aracá, do Brasil, com o rosto ornado com penas.

Em Santa Cruz, antes da visita de Carteret, navegador inglês, em 1766, os indígenas introduziam flores vermelhas no nariz e o seu penteado original era enfeitado com folhagens. Hoje, os que ainda levam em conta essa moda, têm uma placa de marfim finamente trabalhada, destinada a esconder-lhe o rosto desde os olhos até a boca, como outrora na França, as máscaras chamadas “lobos”.

Quando, em 1492, Cristóvão Colombo descobriu a Ilha da Conceição, perto de São Domingos, os selvagens, cujos rostos eram pintados de uma maneira irregular à semelhança dos palhaços ingleses, não tinham nenhum adorno, salvo três ou quatro folhas amarelas, coladas no nariz e que os marinheiros reconheceram como sendo de ouro; soube-se, assim, que havia, nas redondezas, minas desse precioso metal.

Devemos citar ainda duas tribos brasileiras que nunca foram subjugadas pelos espanhóis e cujos costumes são muito originais: a primeira delas, os araçás, têm o rosto pintado de preto ou de vermelho e enfeitado com penas em todos os sentidos; a segunda, os tecunas, adotam, para os dias de festividades, fantasias e máscaras muito curiosas. Essas festas duram quatro dias durante os quais se pratica principalmente numerosas libações de vinho de chicha. Uma das mais famosas, dedicada à religião, consiste em arrancar, dançando, todos os cabelos de bebê de dois meses. Esse prazer custa a vida à inocente vítima, após sofrimentos terríveis.

Os maiurunas do Peru, se bem que ferozes e casmurros, provocam mais o riso do que o medo com suas fisionomias de bons rapazes e seus rostos redondos como a lua, cobertos de hieróglifos pretos. Esses índios têm, em ambos os lados do nariz, perto das orelhas e do queixo, moedas de prata, achatadas para aumentar o diâmetro e presas de uma maneira particular. Plantam, sob o lábio inferior, penas de araracanga enfeitadas com um cabelinho branco disposto em penacho.



Índio Maiuruna do Peru.

A liana em torno do corpo desses nativos substitui a calça. Uma aljava, uma zarabatana, flechas envenenadas, uma pequena cabaça cheia de larvas para lubrificar as armas, são seus objetos de primeira necessidade.

Existe um costume parecido, quanto ao enfeite facial, na América setentrional. Entre os tananas (baía de Hudson), o nariz dos homens embeleza-se com uma concha bastante rara que serve de dinheiro no país. Os ricos colocam um número tão grande de conchas em sua roupa que se poderia comprar com isso 200 peles de martas. As peles, que são o único comércio desse povo, são, nesse caso, o melhor termo de comparação.

Os natchez passavam antigamente em seu nariz um anel de osso; na Ilha de Bering, esse anel é substituído por cordinhas, fragmentos de âmbar, de ferro ou de cobre. Os nativos de Vancouver sobrecarregam-no com vários círculos metálicos, de tamanhos diferentes, e aí colocam, quando necessário, o grande alfinete destinado a manter em seu busto a coberta de lã, principal peça da indumentária de todos os ocidentais nômades, da parte extrema do novo continente. Essa pelota de um novo gênero tem pelo menos a vantagem de ficar perto e de não extraviar-se. Esses indígenas, muito pouco sociáveis, reservam seu gosto pela invenção para os dias de festa. Não bastando para eles sua feiúra natural, ainda cobrem o rosto com máscaras horrendas, cujas cordas fazem mexer os olhos e a boca, ou melhor, o bico; esses engenhos representam, com efeito, cabeças de pássaros ou de animais fantásticos.



Mulher araucariana.

As orelhas, que desempenham um papel menos importante do que o nariz na expressão da fisionomia, poderiam não ter sofrido os caprichos do gosto; mas, pelo contrário, fizeram-lhe desempenhar mais de um papel na decoração corporal. Sem estudarmos a Europa, encontraremos muitos casos em outras partes do mundo.

Os araucanianos e seus vizinhos, os patagões, se fazem notar pelo grande tamanho de seus brincos. A perfuração do lóbulo auricular é, inclusive, para estes últimos, uma cerimônia religiosa que tem a importância do batismo entre os cristãos. Um cavalo, dado pelo pai de família ao filho, qualquer que seja o sexo, é derrubado pelo cacique; nele será deitado o bebê para sofrer solenemente a perfuração das orelhas; quatro anos completos é a idade conveniente para essa operação. Acrescentemos que o cavalo, entre os patagões, tem sua missão específica em várias circunstâncias graves. Uma vez morto, o corpo do homem é trajado com sua mais bela indumentária, com seus objetos preferidos ao lado, é envolto num couro de cavalo. O corpo é assim levado para o lugar de sepultura no seu cavalo preferido, ao qual quebram uma perna dianteira, para tornar seu andar claudicante e triste. Chegando numa colina, o homem é enterrado com o animal, o qual destina-se, segundo a crença, a servir de cavalgada ao defunto nas terras desconhecidas.

Nas ilhas Nicobar, lá pelo ano de 1813, os grandes furos feitos na parte inferior das orelhas para receber enfeites eram utilizados de uma maneira curiosa. Os homens colocavam seus cachimbos, seus charutos, flascos, enfim, tudo aquilo que os incomodava; era em espécie de porta-objetos. Costumavam, também, pintar-se de amarelo ou de verde, pentear-se com chifres e amarrar, na parte inferior da nuca, caudas de animais que caíam até o chão.

Todas essas fantasias ridículas davam-lhe a aparência de diabos feios e terríveis.

As moças do litoral de Malabar têm a cartilagem das orelhas furada em todo seu comprimento e carregada de vinte e quatro pregos de ouro. As da Nova Caledônia racham-se em duas, no sentido longitudinal, e penduram, em cada parte, vários círculos de conchas de tartaruga ou hastes de cana de açúcar.

Fãs incondicionais das joias, os Hindus das classes populares reservam-lhes uma parte de sua pequena fortuna tanto por vaidade quanto por superstição, supondo-as propícias contra os sortilégios. As mulheres da mais baixa condição têm frequentemente nas orelhas vários círculos de ouro ou grandes rodas de metal que elas substituem, nos dias de trabalho, por juncos ou simples folhas de árvores, a fim de que os furos não fechem novamente. A cabeça e a testa das elegantes são enfeitadas de ouro; os braços, cercados de chapas de prata; os polegares dos pés, de anéis preciosos; o nariz, de estrelas esmaltadas ou de um grande anel através do qual botam pérolas de todas as cores.

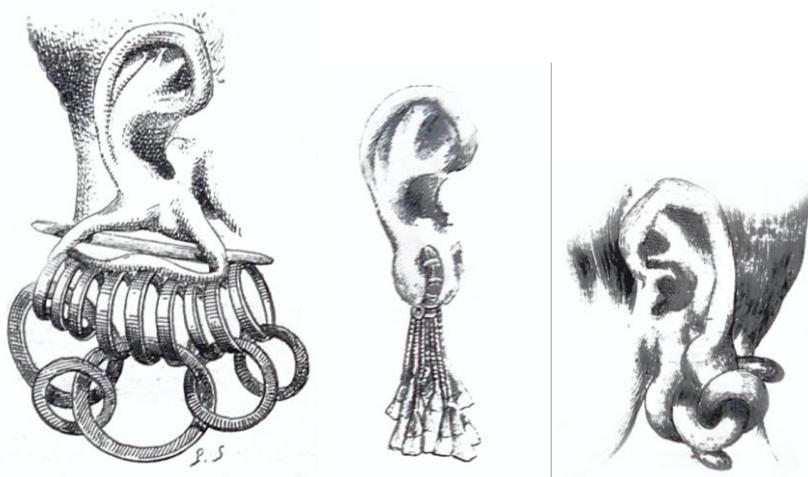


Mulher hindu.

O gosto pelas orelhas compridas é exagerado na Ilha de Páscoa, pois quando não alcançam seis polegadas são consideradas mesquinhas. Os insulares fazem incisões de um dedo de diâmetro que elas enfeitam de pauzinhos, ossos de pássaros, penas de papagaios, fragmentos de fazendas, pedras ou pedaços de metal. As mulheres acrescentam um pouco de pele de albatroz, levantada na frente e atrás do tamanho de uma bola.

Em Santa Cruz, os brincos de madeira marquetada, enfeitada com caninos humanos, são os mais luxuosos.

Os brincos comuns se compõem, às vezes, de trinta ou quarenta argolas segurados por uma haste a qual, pregada de maneira definitiva, nunca pode ser retirada e obriga o dono dessas joias a dormir sobre um pequeno tamborete de madeira, a fim de que seu adorno fique de fora e não quebre.



*Orelha e pendentos de um indígena de Santa Cruz.
Brinco feito com dentes humanos, usado em Santa Cruz.
Orelha de Orejone fendida e amarrada.*

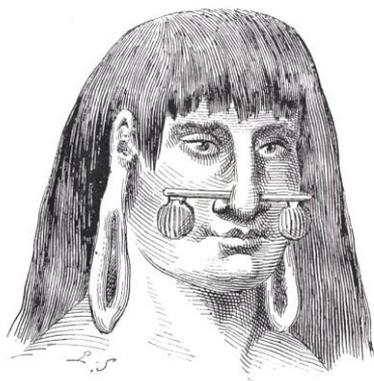
Os habitantes do Arquipélago dos Amigos enfeitam o pescoço e a parte inferior de suas orelhas com conchas, dentes de tubarão, ossos de baleia, pedaços de nácar, conchas de tartaruga, frutas vermelhas ou junco cheios de um pó amarelo que lhes serve de maquiagem e que eles conservam em reserva.

A deformação auricular, muito antiga entre os Incas Peruanos, foi constatada pelos espanhóis, logo após sua chegada ao país do sol. Foi isso o que deu origem ao nome achado pelos navegadores: orejones, isto é, os que tem orelhas grandes.

Esses índios, da tribo dos Anguteros, são realmente curiosos pelo tamanho extraordinário de suas orelhas, pois, muitas vezes, estas caem até os ombros e apresentam a aparência de carne enferma. Furam o lóbulo e, depois de alargarem gradativamente o orifício, colocam aí círculos de madeira de cecropia de um volume considerável. Às vezes, o lóbulo é rachado em toda a sua extensão sem adorno algum; neste caso, com as duas extremidades, fazem um nó ou deixam-nas cair para utilizá-las como espanta-moscas, jogando-as, de um lado para outro, com um pequeno movimento da cabeça.

Parece realmente que foi a respeito deles que Montaigne disse: “Em uma nação oriental, o cuidado com que alongam as orelhas e se colocam coisas pesadas é de tal forma que, em todas as vezes, um homem pode passar seu braço vestido através de um dos furos feitos em suas extremidades”.

Os caraíbas, que hoje não ocupam mais do que algumas aldeias da Venezuela, constituíam, todavia, antigamente, numerosos grupos de populações espalhadas em todas as ilhas, de Porto Rico a Trindade. Esses terríveis inimigos dos primeiros invasores, que se chamavam a si próprios *cannibi*, isto é, guerreiros, de cuja palavra se fez *cannibale*, acharam o meio de juntar os diversos gêneros de joias de seus vizinhos e inventar outras, esquisitas: são crescentes chamados “caracolis”, nome que designa, ao mesmo tempo, o objeto e a matéria utilizada para fazê-lo. Desconhece-se a sua substância exata, mas presume-se que é uma mistura de prata, cobre e ouro. Os joalheiros ingleses e franceses procuraram em vão imitá-lo.



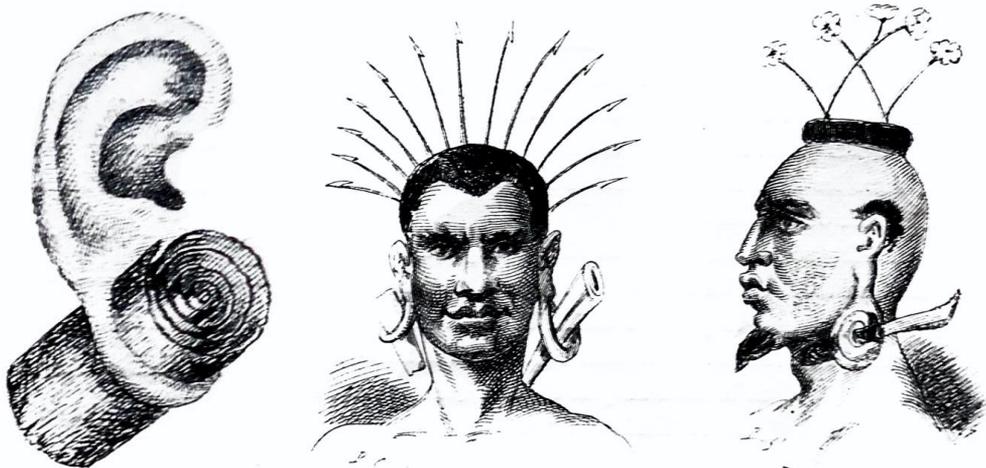
Índio orejone ou orelha dura. Tribo dos Anguteros.

Esses crescentes são de vários tamanhos, segundo os lugares a que se devem ocupar; os homens, com a ajuda de uma pequena corrente, penduram um na orelha e o espaço entre as duas pontas dessa joia é de cinco centímetros; um segundo, da mesma natureza e do mesmo tamanho, fica amarrado ao nariz de onde fica balançando sobre a

boca; a parte de baixo do lábio inferior é furada para receber um terceiro, um pouco maior e que ultrapassa o queixo: depois, um quarto, de dezesseis centímetros e meio, segurado no pescoço por uma cerda leve, cai sobre o busto. Assim, enfeitadas, essas grotescas personagens parecem mulas castelanas cheias de sinos.

Quando não estão com seus “caracolis” nas orelhas, os caraíbas substituem-nos por paus para conservar a abertura intacta. Da mesma forma, fazem os índios languns, substituindo o enorme pedaço de madeira, que fazem penetrar no lóbulo da orelha, por longos pedaços de cascas de árvore, em espiral como uma mola de relógio, sempre com tendência a se desenvolver.

Antes de terminar o parágrafo relativo à deformação das orelhas, devemos citar os vouagogos, das margens do Níger, dos quais ela é um dos traços característicos. Eles passam, em vez de joias, pedacinhos de madeira, fragmentos de marfim, pedaços de vidro arredondado ou de metal, do tamanho do dedo, pequenas cabaças servindo de tabaqueiras, fragmentos de bambu ou de madeira oca, nos quais escondem cal e banha para botar no corpo, lápis, facas, enfim, todos os bibelôs que colocariam no bolso, se tivessem um. Nunca tomam banho e gostam de ungir o corpo com óleo de rícino.



*Orelha de um Lenguas, com ornamento de casca de árvore, chamado “iloske”.
Vouagogos com suas vestimentas.*

No Cabo Segres, em Guiné, os nativos penduram no lóbulo auricular, nos dias de festa, garras de tigre, dentes de leão ou incisivos humanas, objetos considerados de luxo.

A alvura e a regularidade dos dentes, tão admiradas pelos europeus, eram, também na época do desembarque dos espanhóis nas Ilhas Filipinas, a principal beleza das mulheres. Para preservá-los da menor sujeira, chegavam a ter o cuidado de os colocar em estojos de ouro.

Essas ideias não são infelizmente universais. Na Austrália, é hábito, no dia do casamento, extrair dois dentes a cada um dos cônjuges. Nas Ilhas Sandwich, somente a mulher é obrigada a esse martírio e é o marido que, na noite de núpcias, com uma pedra e um pau se encarrega de fazê-la sofrer, sem que a inocente vítima, com a boca cheia de sangue, ouse dar um grito sequer. Outra manifestação desse tipo ocorre por ocasião do falecimento de um parente. Nesse caso, o número de dentes arrancados varia de acordo com a afeição para com o defunto.

Em algumas partes da África, os indígenas quebram seus dentes de diversas formas: uns sob a forma de pontas, outros pela metade; cada tribo segue seu jeito particular o que constitui um dos sinais pelos quais se reconhecem.

Um método geral reina entre os negros de Cafre. Todos fazem, atacando o marfim brilhante de seus dentes, uma passagem para o ar na parte mediana de seu molar; uns tiram um incisivo de cima e outro de baixo; a maior parte cortam-nos de maneira a formar um vácuo triangular entre os dois incisivos, quer da parte superior, quer da parte inferior das mandíbulas.

Esta mutilação se realiza, no Gabão, entre vinte e vinte e cinco anos de idade. Colocam o homem contra uma árvore e botam, em sua boca, um pedaço de madeira redondo que serve de bigorna e impede o canino de pular enquanto o quebram. Colocam depois uma faca sobre o dente e com outro pedaço de madeira, servindo de martelo,

quebram-no segundo o gosto corrente. Por mais doloroso que seja, o paciente suporta a operação sem se queixar; mas a cada careta que faz, o público cai na gargalhada.

O mesmo hábito encontra-se no arquipélago malaio, onde os dentes são lixados em forma de pontas como os do crocodilo e furados a fim de colocar botões de metal.

O bétel, mastigado a toda hora pelos cingaleses, traz-lhes algumas vantagens como: acelerar as funções do estômago, tão preguiçoso nos países quentes; conservar um agradável frescor na boca; tornar o hálito agradável e deixar os dentes amarelos, o que, aliás, lhes é de profundo agrado.

Acontece o mesmo em Malaca, na Indochina e em todos os países em que dominam os mongóis-malaios. Contam que um secretário do rei de Anam lamentava muito que a mulher de um dos últimos embaixadores da Inglaterra “tivesse os dentes brancos como os de um cachorro, e pele tão rosa quanto uma flor de batata”.

Alhures é o vermelho ou o preto que tem as preferências. Os anamitas acham seus dentes cor de ébano tão bonitos que eles lascam os de seus filhinhos. Algumas tribos americanas tinham semelhante hábito, uma dentre elas usava preparo vegetal que coria os dentes de preto de uma maneira inalterável, preservando-os, porém, da dor e do apodrecimento. A preciosa droga misturada com caracóis carbonizados e reduzidos em pó se vendia nos mercados públicos e gozava de uma grande fama.

Lembraremos a esse respeito o relatório de Mariette-Bey sobre as múmias submetidas ao embalsamento chamado “à la Osiris”, honra particularmente reservada aos soberanos egípcios, aos sacerdotes e aos grandes dignitários. Essas múmias tinham os dentes, as unhas das mãos e dos pés dourados. Essa metalização visava a substituir o henê. Foi constatada uma coisa curiosa: entre a grande quantidade de múmias egípcias que possuímos, não houve uma que não tivesse um dente, nem mesmo estragado, o que bem mostra que esse povo gozava de uma boa saúde.

Acrescentemos que a unha, na Mesopotâmia, foi utilizada durante muito tempo como assinatura. Heródoto, ao dizer que cada cidadão possuía um carimbo que lhe era peculiar e que, aplicado na argila fresca, tinha uma importância legal, acrescenta que os pobres o substituíam pela marca de sua unha, um pouco como hoje os ignorantes representam seu nome por uma cruz.

Há dois séculos apenas, ainda existia na China o hábito de cortar as unhas dos mortos e de colocar o que se tirava em caixas postas nos quatro cantos do caixão; botavam, inclusive, tesouras para que o defunto pudesse cortá-las de novo, no caso em que crescessem. Antes da invasão dos Tártaros, colocavam um pente ao lado do morto; os chineses, naquela época, não raspavam o cabelo.



*Mandarin chinês com suas unhas longas.
Estojo chinês em prata para as unhas (British Museum)*

Aliás o culto das unhas ainda existe no Celeste Império. Usá-las muito compridas é um sinal de boa educação. Os ricos, os literatos, os mandarins deixavam crescer suas unhas da mão esquerda, sendo que a do dedinho, geralmente, atingia vários centímetros. Este costume distingue as pessoas mais privilegiadas dos operários, cujo trabalho diário os privaria rapidamente dessa vantagem.

M. de Guignes conta, em uma de suas viagens a Pequim, que o chefe de polícia de Canton tinha as unhas com seis centímetros de comprimento e que as de um médico tinham doze centímetros e meio. O dedinho, dizia ele muito triste, não tinha esse sinal de distinção, pois quebrara num acidente. Podemos imaginar o trabalho que tivera esse homem para que as suas unhas tivessem esse tamanho. Era obrigado a colocá-las em pequenos tubos de bambu, o que lhe havia diminuído excessivamente a pele; mas, se sofrera, em compensação gozava de uma grande consideração, provando a seus patrícios a paciência e a atenção que era capaz para consigo mesmo.

As damas da alta sociedade dão muita importância ao tamanho das unhas; temendo quebrá-las, adaptam estojos de prata ou de ouro que, em momento oportuno, desempenham funções de limpar os ouvidos.

No British Museum, encontram-se alguns lindos modelos dessas joias. Uma delas, em filigrana de ouro do mais artístico trabalho, pode cobrir uma unha de dez centímetros de comprimento.

Para tocar o alaúde de nove cordas, chamado “gotta”, as japonesas são obrigadas a ter falsas unhas pontudas de marfim.

As negras da Costa de Ouro davam antigamente às suas unhas uma nuance viva, graças ao urucum, e deixavam-nas crescer até ultrapassarem a metade do comprimento do dedo. As unhas era para elas uma verdadeira beleza e um sinal de respeito, e poderíamos dizer, também, um meio de defesa. Apesar desse tamanho, suas unhas eram muito limpas e elas as utilizavam como colheres para apanhar o pó de ouro que vendiam aos amadores, pois que naquela época, era o único comércio do país, que lhe dava o nome.

Em Mindanao, capital das Filipinas, costumavam ter apenas a unha do polegar muito comprida, em particular da mão esquerda. Nunca era cortada, mas, sim, aparada.

Os siameses, que demonstram muito cuidado pelo corpo, tomam banho três ou quatro vezes por dia. Seria uma falta de educação visitar um amigo sem ter tomado banho

antes. Para anunciar que saem do banho, fazem um sinal no peito com giz. Gostam dos perfumes e botam nos lábios uma pomada cheirosa, aumentando-lhes a palidez natural. As unhas são brilhantes de tão limpas, sem sofrer o contacto das tesouras, nem mesmo da lima.

André Brue, diretor da Companhia do Senegal, em fins do século 17 e no princípio do século 18, em suas obras sobre o deserto de Berbéria, em 1701, menciona costumes bastante curiosos relacionados com isso:

Duas senhoras, disse, vieram a bordo; tinham pulseiras de coral, misturado de grãos de ouro e de cravos da índia. Seus pés, enfeitados com pequenas conchas, faziam tocar pequenas campainhas amarradas nos tornozelos; seus cabelos, caindo em tranças, tinham corais, pó de ouro e pérolas. Seus dentes, extremamente brancos, deviam essa cor a madeira de Ghelele com a qual os esfregavam. Elas mostram com muita afetação com suas mãos bastante pequenas e suas unhas muito compridas e muito vermelhas. Suas sobranceiras, nas quais passavam sempre um pedaço de chumbo, tinham uma cor escura.

Que teria pensado Fénelon desses excessos de faceirice, ele que dizia que a graça não depende de um adorno afetado e desejava às moças a nobre simplicidade das estátuas gregas e romanas? “Não é verdade, para lembrar Montaigne, que não sabemos o que é a beleza, na natureza ou em geral, pois damos tantas formas diversas à beleza humana, da qual, se houve algumas prescrições, não a reconheceríamos como faríamos com o calor do fogo?”

Essas máximas são confirmadas pelos fatos seguintes, mais originais que os anteriores. “As Gregas de Milo, diz o Doutor Walsh, considerando lindas apenas as pernas enormes, usam , nos dias de grande cerimônia, dez a doze pares de meias, uma sobre a outra, de forma que as suas são do tamanho do corpo”.

Essa estranha fantasia foi constatada também quando da descoberta do Novo Mundo; entre várias tribos do Orenoco, as mulheres usavam, pela mesma razão, estreitas ligas em cima do joelho.

Entre os caraíbas, com doze anos de idade, as moças fazem uso, na parte inferior de suas pernas, de polainas, as quais, a menos que estejam muito usadas ou rasgadas por causa de um acidente, devem ser conservadas até a morte. Acompanham as defuntas em seus túmulos. Tão estreitas são que impedem o desenvolvimento uniforme dos membros; apenas a barriga da perna, deixada em liberdade, alcança dimensões excessivas. Na extremidade superior e inferior das polainas, fica pendurado um anel grande de cobre.

Em Adrar, oásis situado a 400 km ao norte do Senegal, as moças nutridas com excesso de leite, manteiga e farinha, com exceção de qualquer outro alimento, atingem rapidamente um ponto de gordura fenomenal. Matronas são encarregadas de sua alimentação, usando o chicote para com as recalcitrantes. Em Karagué (África Equatorial), as mais gordas são consideradas as mais belas, e podem pretender altas dignidades, pois o mérito existe em função do peso, como para um boi ou um porco. Quanto a ficar em pé, isto é impossível para essas pobres vítimas da burrice humana, impedidas que elas estão pelo próprio peso do busto. Viajantes afirmam ter visto a rainha de cócoras, por causa do tamanho fenomenal de seu corpo e atrair, assim, a admiração e os elogios entusiastas de seus súditos.

Outra mulher, apenas terminada a adolescência, era quase igual em gordura à sua soberana; os braços tinham 50 cm, a barriga da perna 60, a cintura 1,30 metro. A altura total do corpo era apenas de 1,70m.



Judia de Tunis.

Em Tunis, a engorda das judias começa sobretudo quando pensam em casá-las; para isso, o que é possível num prazo de tempo bastante reduzido, elas são forçadas ao repouso absoluto e a alimentação composta exclusivamente de pequenos cachorros assados e mingau feito com farinha de sorgo.

A mesma mania existe entre as maurescas que, vaidosas, procuram engordar ao máximo por todos os meios possíveis; para elas, isto é mais importante do que o rosto ou a regularidade dos traços. O andar dessas pessoas gordas é tão difícil que mais parecem patos de nossas fazendas. As mulheres que não puderam ter essa vantagem física não deixam de imitar os movimentos de suas colegas mais favorecidas. Elas se diferenciam, assim, das pessoas das classes inferiores, cuja desenvoltura é leve e graciosa.

Outros países, outros hábitos, é o que podemos verificar novamente entre os carijonas das Guianas. Segundo o Dr. Cravaux, esses índios usam, para não engordar demais, círculos de madeira no ventre que eles cobrem com uma saia justa de casca de árvore. Conservam essa indumentária dia e noite até cair aos pedaços de tão velha, pois é praticamente impossível tirá-la. Conta-se, no entanto, que um viajante desejando

conseguir uma por um preço barato, ofereceu a um jovem selvagem um cinto de lã vermelha em troca do seu. Tentado pelo presente, o infeliz fez tanta força que ao cabo de uma hora de contorções parecidas com as da lagosta saindo de sua casca, pode ele finalmente atender ao pedido.



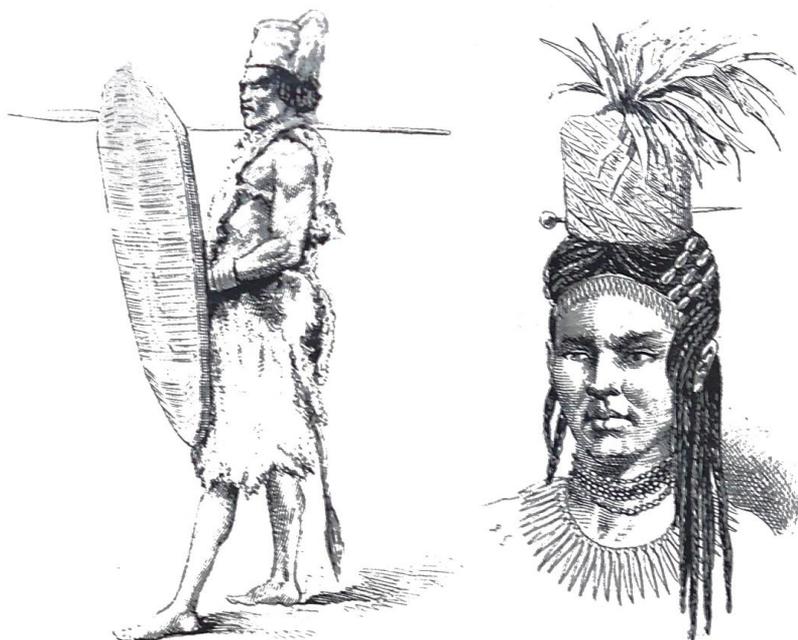
Índio carijona com seu cinto de casca de árvore.

Por espírito de oposição, talvez, seus vizinhos, os roucouyennes³, procuram o ideal da beleza na proeminência do abdômen que simulam ou aumentam com numerosas faixas de fazenda. Possuem, como os carijonas, uma placa no queixo e triângulos nas orelhas, fabricados em geral com as latas jogadas fora pelos viajantes. É, sobretudo, nos dias de festas, reservados à dança, que o número de cintosaumenta ; mas não é este o único enfeite dos dançarinos. Eles têm, na perna direita, uma liga à qual são penduradas campainhas que imitam o ruído das castanholas; são sementes de cuai, árvore da América

³ Essa palavra foi mantida como no texto original francês.

Equatorial. O penteado é tão extraordinário que não se parece com nenhum outro. Com um metro e cinquenta de altura, é enfeitado com uma multidão de penachos vermelhos e azuis e decorado com cascas de escaravelhos com reflexos metálicos. A trama da estrutura desse chapéu gigantesco desaparece debaixo de vinte coroas colocadas uma sobre as outras e de diferentes cores: vermelhas, amarelas, pretas, verdes, brancas e azuis. Atrás, cai uma espécie de plastrão, representando um homem com os braços estendidos e as pernas abertas como uma rã. Um ano de trabalho é menos do que o necessário para confeccionar esse monumento único em seu gênero.

Os pahouins acharam melhor enfeitar a parte inferior dos rins. O almirante Fleuriot de L'Angle, num relatório sobre o litoral da África, diz que esses homens, admiravelmente proporcionados, usam penas vermelhas e apenas um longo pedaço de casca entre as pernas, abrindo-se como um leque por trás.



Guerreiro Nyam-Nyam com sua cauda. Jovem Nyam-Nyam com seu chapéu em palha trançada, ornado de penas.

O aspecto exótico que esse ornamento lhes conferiu fez nascer a fábula dos homens de cauda. Do lado esquerdo da cintura, era pendurado o punhal de lâmina extensa e a faca curva.

Lembremo-nos que os pauhouins se alimentam de serpentes, insetos e carnes em decomposição; eles desenterram os cadáveres a fim de prepararem sua comida e chegam mesmo a comercializar os mortos.

O famoso ornamento dos Nyams-Nyams do Sudão é totalmente distinto.

Trata-se de longa cauda de vaca que pende até os calcanhares atrelada a uma espécie de avental de pele. Eles são muito cuidadosos com esse ornamento bizarro, e dizem que os navegantes, cedendo ao desejo de um jovem selvagem, deram-lhe um par de calças, vestido por ele imediatamente. Então! Grande foi sua decepção ao não mais se deparar com o ornamento nacional. Para ajudá-lo, abriram uma fenda na vestimenta, o que tornou possível a passagem da célebre cauda; assim, o radiante jovem negro entrou imediatamente em estado de euforia.

Esses selvagens, cujo grito de guerra significa: *carne!*, possuem um cone como penteado, semelhante ao abacaxi. Esse barrete, reservado exclusivamente ao sexo masculino, é trançado em palha e adornado por penas vermelhas. Ele é preso através de grandes pinos de ferro, cobre ou marfim, decorado de crescentes e esferas. Incisivos de cães, assim como pérolas e conchas, são anexados ao cabelo disposto em múltiplas e longas tranças. Os dentes vermelhos de determinados roedores, lembrando o coral, enfeitam igualmente o penteado. Usam inúmeros colares em seus pescoços. As mulheres do país Nuer, próximo ao Nilo Branco, possuem apêndice equivalente àquele dos Nyams-Nyams. É uma tanga da largura da mão, sustentada por uma corda em volta da cintura, da qual pendem, para trás até a tíbia, tiras de couro trançadas na parte superior e despojadas na outra extremidade. Pingentes feitos com conchas de água doce, amarrados por crinas

de girafa, bem como anéis de ferro polido em quantidade suficiente para cobrir a panturrilha são os objetos de luxo que eles mais apreciam.

O culto dos cabelos foi muito difundido entre os povos antigos. Um dos motivos era a crença de que possuíam poderes sobrenaturais. Aos culpados, os juízes obrigavam que lhes fossem cortados os cabelos como forma de enfraquecê-los e aos mártires cristãos, como forma de lhes impossibilitar os milagres.

Lê-se no código hebraico que as mulheres acusadas de infâmia têm seus cabelos raspados e as unhas cortadas. A estrangeira que casou com judeu fora submetida à mesma operação antes de atravessar o limiar conjugal.

O cabelo comprido era muito amado pelo povo santo, o qual geralmente é apresentado em fio de ouro. O historiador José relata que Salomão, quando foi coroado, foi acompanhado de quatrocentas moças de famílias nobres, cujos cabelos, salpicados com pó de ouro, brilhavam ao sol.

Os Egípcios

No Egito, os homens se preocupavam muito com seus cabelos, os quais dividiam em pluralidade de mechas enroladas ou em tranças finas, niveladas sobre diversas camadas regulares. As tranças, se necessário, eram aumentadas com cabelo postiço, crinas ou ervas.

Estes penteados exigem consideráveis recriações. Para agilizar o trabalho, recorreram a perucas para ambos os sexos; ou imitações grotescas, em tecidos que caem dos dois lados da figura, como vemos na Esfinge.

As crianças egípcias, até a puberdade, preservam uma trança natural na lateral da cabeça. O herdeiro do trono, porém, deve manter a sua pelo tempo que seu pai viver, ainda que tenha atingido a idade adulta.

Os homens no Egito tinham o hábito de raspar não só a cabeça, mas também o queixo, e de usar barbas postiças que, por seu arranjo, indicavam a posição social dos indivíduos: os reis utilizavam as longas e quadradas, o povo das classes altas, as curtas e igualmente quadradas; os plebeus as confeccionavam com a lã; apenas os deuses dispunham das barbas onduladas.

Heródoto, por outro lado, conta que os egípcios geralmente utilizavam a cabeça nua, seguindo um costume contrário ao dos persas. Por isso, muito tempo depois de uma batalha entre os dois povos, era possível distinguir facilmente, por sua dureza extrema, os crânios dos persas, os maiores de seus inimigos.

De qualquer forma, as estátuas, que foram preservadas, estão todas com a cabeça coberta por chapéu ou barrete. O chapéu desce em duas faixas flutuantes sobre os ombros, peitos e costas. O barrete, ligado ao queixo, às vezes se assemelha à mitra e outras coberturas de cabeça, estendendo-se ao topo, assemelha-se à cesta que cobre a cabeça de Sérapis. Essa forma foi coerentemente apelidada pelos árabes de *kamkal*, quer dizer, “cesto”. Barretes idênticos, cuja parte frontal é ornada por serpente, estão representados nas figuras de alguns obeliscos extraídos das ruínas de Persépolis.

A túnica egípcia nomeada *kafafaris*, adotada por reis e sacerdotes, era branca em algodão, tendo a parte inferior forrada de vasta faixa plissada até os pés; sobre ela, vestia-se grande manto de pano branco. O povo comum usava, ao redor da cintura, o avental denominado *lissas*.

O traje das mulheres consistia de túnica de linho de manga curta cobrindo o corpo inteiro e de um véu, cujas duas extremidades eram levantadas sobre os ombros. O véu de musselina muito fino era o mesmo ainda utilizado pelos orientais para confeccionar camisas leves, devido ao clima quente do país.

Quanto aos egípcios modernos, das classes altas e médias, eles estão vestidos à europeia e usam *turbante*; os felás, no campo, estão quase nus ou apenas vestidos de longa blusa de algodão colorido.

As mulheres da aristocracia estão quase sempre no interior de suas habitações, decorado com ricos costumes orientais; aqueles do povo que podem tirar, são cobertos com grande véu negro ou azul escuro que os envolve completamente da cabeça aos pés, os quais, entretanto, elas julgam insuficientes, posto que colocam em seu rosto, na ponta do nariz, um véu menor mantido por um tubo, deixando visível apenas os olhos rodeados de koln. Todas as muçulmanas devem aparecer cobertas em público, o Alcorão proíbe-as de se exibirem a qualquer estranho; além disso, quando um homem deseja uma mulher, ele deve se reportar ao gosto de sua mãe ou de algumas matronas licenciadas que escolhem de acordo com suas instruções. Qualquer um que insulte uma egípcia velada será imediatamente punido como malfeitor.

Os Babilônios

Irmãos e talvez os irmãos mais velhos dos egípcios, que se acreditam autóctones do Vale do Nilo, os babilônios, sobretudo sacerdotes e reis, nos são apresentados no mais suntuoso traje.

Suas vestimentas, bordadas com ricos desenhos, são aparadas com franjas e borlas. Esses ornamentos parecem ter sido o termo supremo da elegância na Mesopotâmia; eles sobrecarregavam as roupas de pessoas importantes e embelezavam os arreios dos cavalos atrelados à carruagem do rei.

A parte da toailete que exigia incontáveis tratamentos em todas as classes da sociedade, era a do arranjo do cabelo e da barba. Quer fosse rei, padre ou trabalhador, todas as cabeças, nesse ponto de vista, se assemelhavam e pareciam sair das mãos do mesmo cabeleireiro.



Mulheres egípcias

A desordem dos combates parecia não destruir a sábia acumulação de cachos. Por vezes, a faixa ou fita segurava as mechas mais abundantes, ou os cabelos, jogados para trás, se alongavam sobre a nuca em várias fileiras de pequenos cachos ondulados, simetricamente.



*Assurbanipal, rei cananeu, faz as libações.
(Desenho feito a partir de baixo-relevo da Babilônia)*

Os babilônios possuíam, sem dúvida, cabelos muito espessos e naturalmente ondulados, pois seria difícil, com cabelos lisos, obter o acabamento que lhes deram.

O costume das classes mais baixas era ter a cabeça raspada e os pés descalços. Os altos dignitários e oficiais do palácio dispunham de determinados penteados, variando de emprego, alguns dos quais afetavam as formas elevadas e bizarras; os reis eram distinguidos por tiara semelhante ao barrete dos persas.

Sabemos pouco sobre a situação da mulher nesse país na Antiguidade; é provável que as grandes damas não fossem inferiores em nada às meninas vaidosas repreendidas pelo grande profeta.

O uso de perfumes e jóias era geral. Heródoto relata que os habitantes da voluptuosa Babilônia espalhavam unguentos perfumados por todo o corpo e usavam colares, pulseiras, brincos, braceletes e argolas nas pernas.

Podemos evocar a memória de um dos povos mais antigos do universo que deixou tantas descobertas, ainda úteis na atualidade, sem dizer uma palavra sobre sua história?

A Caldeia, abrangendo a vasta planície do Sinar, foi localizada entre os rios Tigre e Eufrates, na orla do Golfo Pérsico. Sobre esse país, como em outras partes do mundo, é impossível determinar a origem de seus primeiros ocupantes.

A Bíblia conta que Nimrod, grande caçador perante o Eterno e descendente de Cam por Cush, seu pai, construiu, ao pé da torre de Babel, ou Bel, abandonada, a vila da Babilônia, a futura capital de seu reino, indiferentemente chamada pelos cronistas: Babilônia ou Caldeia.

Esse é o país que deixou Assur, filho de Sem, que, impulsionado por Nimrod, fundou Neveve e o Império da Assíria. Mais tarde, por volta de 2000 anos antes da nossa era, Abraão, o rei pastor, nascido em Ur, da oitava geração de Shem, deixou igualmente seu local de nascimento para se estabelecer em Haran, na Mesopotâmia, com seu sobrinho Lot. Foi a estirpe de importantes populações. Os muçulmanos o consideram como um dos ancestrais de Maomé.

Instrumentos em pedra, encontrados em pilhas de ruínas, comprovam que a indústria dos primeiros habitantes desta parte da Ásia, remonta à Idade da Pedra. Os caldeus, na sequência, brilhavam por alta cultura intelectual: amavam todos os prazeres da mente, procuravam dominar pelo prestígio da ciência e a fascinação do luxo, e desempenhavam o papel de precursores junto a seus vizinhos. Seu dialeto sempre foi a língua clássica e sagrada da Mesopotâmia; depois de uma tradição bastante difundida entre os árabes, seria a língua do primeiro homem. Com base nesses dados, a velha filologia acreditava que o caldeu era mais antigo que o hebraico.

A Babilônia sempre foi famosa por seus tecidos, desde as mais finas musselinas e os estofos costurados ou bordados, até os pesados e suntuosos tapetes, cuja tradição passa

pela Pérsia e Esmirna. Contam que na tomada de Jericó, um israelita se expôs à morte por se apropriar de *uma bela veste de Sinar*.

Milhares de anos antes da nossa era, esse grande povo já possuía bibliotecas, livros e, sobretudo, famosas escolas que propiciavam encontros da juventude letrada; os gregos, tão cultivados, se glorificavam de serem os discípulos de instituições acadêmicas fundadas à margem do Eufrates. Embora fosse a época da aparição dos helenos na história, os caldeus estavam no declínio de sua glória.

Sua reputação científica difundida no mundo antigo chegou até nós. Por serem muito avançados em astronomia, lhes permitiu estudar a transparência da atmosfera e a regularidade do horizonte, eles conheciam o tempo do retorno dos eclipses, imaginavam o zodíaco, encontraram a divisão do ano em 365 dias e $\frac{1}{4}$, os meses, semanas, horas, minutos e segundos. Atribuíram nome aos sete dias da semana e empregaram o cálculo de três sistemas engenhosos: o decimal, pelo qual foram levados através do costume humano de contar nos dez dedos da mão; o duo decimal, reconhecido como mais conveniente por causa dos números submúltiplos de 12, e o sistema sexagesimal que tem por base 60, divisível por 10 e 12, reunindo a vantagem dos dois primeiros. Quanto ao modo deles de pesar e medir, ele derivava do inteiro, como o nosso, de simples e única unidade.

A Babilônia era consideravelmente maior, embelezada e transformada por Semíramis, a ilustre rainha da Assíria, que não negligenciava nada para fazer uma maravilha. “Era, pois”, disse Pausânias com entusiasmo, “a mais vasta cidade que o sol avistara em seu curso”. Desfrutava de temperatura excepcional, a única sobre a terra que produziu o trigo sem cultura, era a pátria da tamareira, o *príncipe do reino vegetal*, que deu ao povo o pão, o vinho, o mel, o vinagre e deliciosas frutas. Um poema persa fez o elogio de 360 usos dessa árvore.

A capital caldaica possuía um templo famoso, palácios, ruas ladeadas por casas altas, pontes, duas fortalezas sobre o Eufrates, ligadas por túnel, 250 torres de defesa, 100 portões de bronze e jardins suspensos, únicos em seu gênero.

Infelizmente, ela tornou-se um dos centros de corrupção oriental, tão terrível, que seu nome continua a ser usado para designar um local de desordem. Tomada por Ciro em 538 a. C, a Babilônia, 209 anos mais tarde, caiu no poder de Alexandre. Esse príncipe, fez sua entrada triunfal e lá morreu em 323 a. C, aos 32 anos e meio de idade, acometido de febre perniciososa. Embalsamado pelos caldeus, fora transportado a Mênfis e colocado em caixão de ouro.

Depois de alcançar o auge do esplendor, essa cidade rumou aos poucos à decadência; abandonada, em ruínas, desprovida de seus monumentos, cujas pedras serviram a outras construções, ela perdeu - triste destino das coisas daqui de baixo - até seu nome.

São Jerônimo, no século XV, escreveu que os reis partas fizeram de sua muralha um parque para caçar animais silvestres.

Atualmente, o lugar em que ela floresceu, sobre a faixa de 18 milhas, está coberto de detritos, de aquedutos em ruínas, de canais semi preenchidos, de construções enterradas por caminhões de terra. A desolação ali reina em todo seu horror; é o abandono completo do homem e da natureza. (Para se inteirar desse assunto, recomendo a leitura do livro de G. Lebon, *Les premières civilisations*.)

A IMPORTÂNCIA DOS CABELOS E PENTEADOS

Os gregos

Na Grécia, as mulheres empregavam horas inteiras, salvo na aflição, ao arranjo de seus cabelos. Elas amavam valorizá-los, imitando a rainha Berenice, prometiam-nos a uma

divindade e os depositavam em seu templo a fim de obter alguma graça. Os maridos, que tendo jurado pelos cabelos de suas mulheres, as privavam, por vezes, desse ornamento para forçá-las a ficar em casa. Eles próprios consagravam seus cabelos a Apolo, como o fez Teseu no templo de Delfos, ou os cortavam em sinal de dor. A esse sentimento obedeceram todos os amigos de Aquiles diante da morte de Pátroclo. Orestes sacrifica os seus sobre o túmulo de Agamenon, seu pai.

O costume de tingir o cabelo era comum na Macedônia. Alexandre o censurou e disse ao velho cortesão que esperava atenuar os indícios de sua idade: “Se queres fazer reparos à sua pessoa caduca, comece primeiro por apoiar seus joelhos trêmulos”.

Os Romanos

De acordo com um autor latino, os modos dos penteados, em Roma, não eram menos diversificados que as bolotas de carvalho, as abelhas de Hybla ou as bestas ferozes dos Alpes. Ovídio, em seus conselhos sobre o uso dos cosméticos, exprime o seguinte: “o ornamento é do interesse das meninas e toda sua felicidade. Elas gostam de vestir roupas de brocados de ouro, mostrar a mão cintilante de jóias, enfeitar o pescoço com colar de pérolas vindas do Oriente, que, de tão grossas, eram um fardo para suas orelhas, e variar os penteados de seus cabelos perfumados. Os homens seguiram, entretanto, a moda das mulheres; a esposa não tinha nada a acrescentar à toaleta de seu marido”.

Faustina, a Jovem, esposa de Marco Aurélio, dispunha seus cabelos de vinte maneiras diferentes.

Muitas dessas modas vieram da Ática e demandavam conhecimentos especializados; os bons cabeleireiros eram muito procurados, ganhando rapidamente uma fortuna. Juvenal reclamou que o seu, simples aprendiz em sua infância, tornou-se mais rico que um patrício.

Durante o cerco do Capitólio pelos gauleses, os romanos cortaram seus cabelos, com o qual eles fizeram os cabos destinados à máquina de guerra. Para eternizar esse sentimento patriótico, fundaram um templo à *Vênus careca*.



Mulher de Elmina (Costa do Ouro)

Uma superstição romana dizia que cada mulher tinha seu cabelo consagrado a Proserpina e que ela morria quando seu cabelo caía.

Diversas tribos gaulesas possuíam o costume de usar cabelos longos, isso valeu ao território que ocupavam o apelido de *Gália cabeluda*. Júlio Cesar obrigou os homens a cortá-los, o que estes consideravam como grande humilhação.

Outros povos

A arte do ornamento capilar, cultivado na Antiguidade, se estende especialmente aos dias de hoje junto às raças de cabelos crespos, as quais são mais adequadas para as construções piramidais, nas quais, algumas delas, na África, atingem mais de um metro de circunferência.

Dentre as tribos à margem do Níger, em Djenné, o cabelo das mulheres assume a forma audaciosa de elmo. Realçam a arquitetura com diademas de metal, flores, penas e mil rendas.

Em Elmina, uma cidade próxima à Costa do Ouro, de colonização holandesa, e habitada quase exclusivamente pelos Fantis, antiga tribo escravizada, as mulheres carregam jóias de miçangas no pescoço e enfeitam seus cabelos com chifre de carneiro, que resulta em moda muito estranha.

Os efeitos de brilho, no fundo da Etiópia, foram anteriormente gravados no cabelo. Um inimigo morto, ou capturado, dava direito a uma ou duas tranças; quando o competidor triunfava dez vezes, ele poderia multiplicar ao infinito. Hoje os habitantes fincam, no tufo dos cabelos que cobrem o crânio, alfinetes de madeira vermelha. Se um líder acrescenta um alfinete de prata, significa que ele deseja se casar novamente.



Líder abissínio com seu alfinete de prata.

Os Ababs, cameleiros do Sudão, elevam seu penteado espesso sobre o alto da cabeça, coberto com manteiga e sementes de grão de trigo. O pente, que eles utilizam

uma vez ao mês, é uma espécie de pino em osso de carne afiado contra uma rocha. Eles portam, em geral, único brinco, não fechado, de prata, na orelha.

As mulheres de pequena tribo do Líbano usam sobre a nuca um mini solidéu feito de contas perfuradas e uma série de botões banhados em cobre sobre a testa.

Mais atentas, as jovens árabes de Monte Sinai adotaram penteado variado de linhas de pérolas, entre as quais é colocada uma concha de ostra esculpida, advertindo aos pretendentes, em linguagem silenciosa, que o casamento não lhes importa.

Os Suaquém, aqueles nativos que possuem cabelos compridos, deixam caídos os fios em forma reta e terminados por esfera encaracolada. Eles são tão oleosos e emaranhados a ponto do pente não conseguir adentrá-los. A agulha, ou longo ponteiro, que tem a função de coçar, usualmente é ornamento de toaleta e ferramenta muito útil.



Mulher Hotentote com suas vestimentas e seu penteado com penas.

Os hotentotes, durante o verão, seguem quase todos com a cabeça nua e ungida de óleo; nunca a limpam, o que resulta na breve formação de argamassa negra, que lhes comunica, dizem, uma agradável sensação de frescor. No inverno, aqueles que gozam de

um pouco de conforto, possuem barrete de pele de tigre. Os pobres usam o de pele de carneiro.

Apaixonados por bugigangas, eles sobrecarregam seus sujos pingentes de cabelo, com colares, contas de vidro, que são distinções de primeira ordem, aos quais eles agregam bexigas de animais selvagens que mataram na caça: as leis os obrigaram a preservar durante toda sua vida as lembranças de suas bravuras. Quando descobriram o segredo de extrair pó de ouro da erva nomeada *spirxa*, passaram a cobrir a cabeça e o rosto. Durante os passeios, eles levam consigo pequeno bastão de um pé de comprimento, coberto com cauda de gato - cuja função é a de espantar insetos - e lenço; lavada, conforme a necessidade, na primeira água que surgir, torcida e seca, esta cauda é útil a novos serviços.

De extrema feiura, esses infelizes parecem ainda mais repugnantes pelo uso de unguento à base de sebo e fuligem, com o qual revestem o corpo. Deve-se acrescentar, a fim de desculpá-los, que sem o influxo benéfico dessa unção, renovada diversas vezes ao dia, o calor esgotaria rapidamente suas forças. As meninas, até os 12 anos, envolvem suas pernas com junco; após essa idade, o ornamento torna-se cintos de pele de carneiro que, numerados em quinze, entre a panturrilha e o tornozelo, tão intimamente justapostos, aparentam ser única peça. As mulheres diferem dos homens por pequeno cocar, empregado ao lado da cabeça, ou por barretes elevados ao ponto acima da testa. Eles portam o *ztigau* no nariz e grandes brincos nas orelhas.

Bons e dóceis, os hotentotes tinham um prazer: dormir; e um sentimento: obrigação.

Com habilidade, eles preparavam as peles e confeccionavam as roupas. Osso de pássaro, de extrema delicadeza, lhes serviam de agulha; pequeno nervo de antílope, seco ao ar livre e dividido ao infinito, formava o fio. Pacientes, qualificados, fabricavam belas

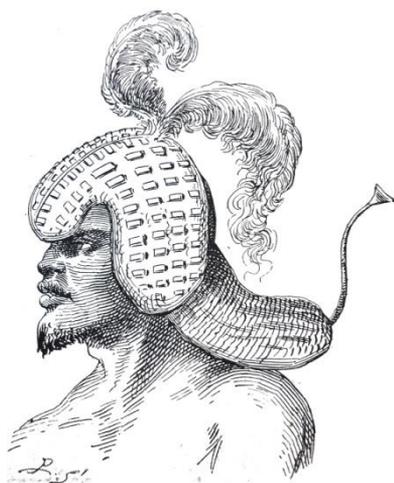
terrines de forma romana e sabiam esculpir em marfim, do qual surgiam braceletes, anéis, colares, sem o auxílio de outra ferramenta senão sua faca.

O Estado assume esses bravos homens como soldados; e os agricultores do cabo, na condição de pastores.

Em Madagascar, o rei, a rainha e os príncipes Hovas têm apenas o direito de usar o coral sobre a cabeça; os nobres, sobre os pés; o restante dos sujeitos, mesmo os escravos, pode colocar no pescoço e no braço.

Ainda recentemente, os homens trançam seus cabelos negros finalizados por nó; o rei Radama, encontrando nesse costume certos inconvenientes às suas tropas, publica um édito no qual ordena que as tranças sejam cortadas. Por essa atitude, ele encontra muita oposição - não somente entre os soldados que mantiveram esse ornamento assim como os hussardos do antigo regime na França o fizeram em suas caldas -, mas igualmente entre as mulheres, as quais se orgulhavam dos cabelos de seus maridos, por estes serem banhados e revestidos com óleo de coco. Vendo que as vias legais permaneceram sem efeito, Radama resolveu dar o exemplo e, certo dia, apareceu completamente raspado. Aqueles que quiseram se manter na corte fizeram, suspirando, o sacrifício de seus cabelos; entretanto, os mais obstinados resistiram, encorajados por seus companheiros que se revoltaram a fim de apoiá-los. O bom rei, com o intuito de concluir seu propósito, deu simplesmente a seus guardas a ordem de conduzir os recalcitrantes ao bosque vizinho e cortar seus cabelos, de maneira que eles não pudessem rechaçar. Os lacaios inteligentes, providos de zelo digno de mestre, executaram suas ordens ao pé da letra, cortando-lhes as cabeças.

Nos países que cercam a Baía da Lagoa, os índios raspam todo o cabelo, com exceção de pequeno chumaço, deixado crescer sobre o alto da cabeça, o qual eles dispõem em quadrados com pinos de madeira. Os chefes substituem esse ornamento com penachos de penas vermelhas e bexigas de ar.



Índio de Lira (Nilo Branco) com seu cabelo amarrado com rabo de castor.

Os habitantes de Lira (Nilo Branco) usam, com seu cabelo, uma espécie de barrete de feltro, terminado por larga cauda que cai sobre as costas, entre as omoplatas. Durante os feriados, eles polvilham a argila esbranquiçada que confere a vaga semelhança com as perucas dos lordes ingleses; a tira fina de couro na beirada é utilizada para preservar sua forma intacta. Esse trabalho demanda muito tempo para chegar ao ponto de perfeição.

Quando um homem morre, sua “cauda” cortada é dividida entre seus amigos que a acrescentam à sua.

Os nativos de Tarrangolé, cidade principal de Latooka, possuem semblante bastante agradável e oferecem um dos mais belos tipos masculinos do mundo; no entanto, eles têm o hábito de emaranhar com barbante seus magníficos cabelos à medida que eles crescem e, por fim, os transformam em substância compacta de 40 centímetros de espessura, protegido na parte frontal por duas placas de cobre com nada menos que 30 centímetros de altura. Esse penteado é decorado com cacos de vidro e cercado por círculo

de búzios (conchas), encimado, por sua vez, com pena de avestruz. São necessários muitos anos para se concluir esse monumento.

As mulheres de certa tribo da África Central adornam a cabeça com pinos de marfim de 20 ou 30 centímetros de largura, tingidos em cores vivas, esculpidos com gosto e se elevando em semicírculo atrás, cuja disposição relembra um pouco a moda de alguns camponeses do lago de Côme. Em Luanda, elas arrumam seus cabelos em três pontas e fixam neles uma haste em forma de pluma.

Os Djibbas fabricam a cauda com restos lanosos de seus inimigos mortos. Podemos julgar o valor de um guerreiro pela grossura desse apêndice. Na província de Kédi, os homens reúnem seus cabelos em volumoso pompom, levantado em direção ao céu. As pinturas em seus corpos os fazem semelhantes às dos arlequins.

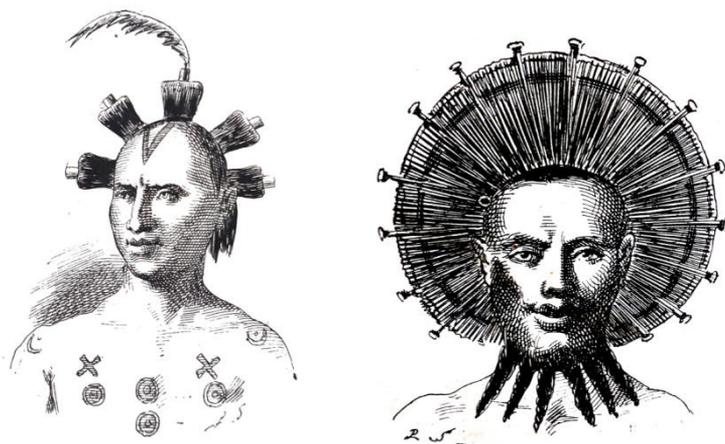


Índio Mtouta de Vouatouta, com um penteado com penas.

Muitos outros povos africanos são conhecidos pelos construtos que trazem em suas cabeças. O mais curioso - todo em penas -, é certamente aquele dos Mtoutas, habitantes de Vouatouta. Stanley, em sua viagem através do continente misterioso, refere-se a essa tribo como a mais terrível que ele visitara. Temidos e odiados por seus vizinhos, eles têm

sempre a mão erguida contra seus semelhantes. Destruir um desses homens é considerado, pelos árabes, como ação meritória e mais útil do que matar um animal selvagem ou uma serpente.

Depois dos Vouagogos, igualmente na África Central, os quais diversificam seus penteados ao infinito, deve-se nomear os Ougouhas, não menos inventivos em seu coquetismo. Os dois desenhos a seguir provam-no com evidência.



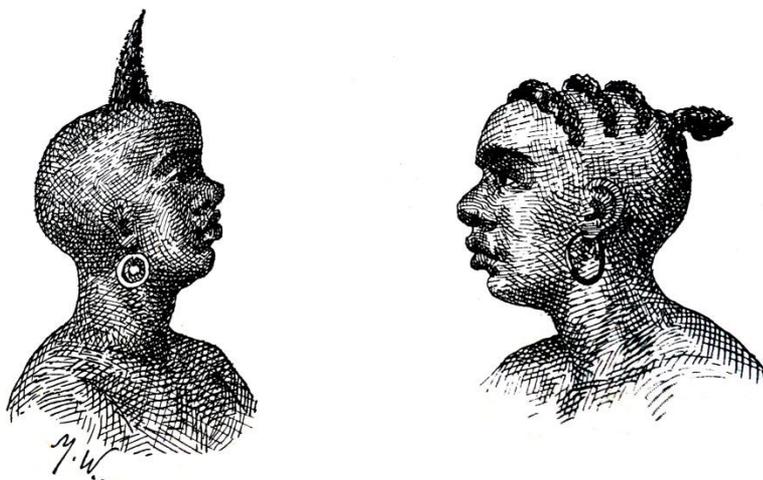
Índios de Ougouha (África Central).

Mas esses são os selvagens da costa oeste, principalmente os de Guiné, que forneceram o maior exemplo da exagerada arte capilar. Cada família se distingue por um penteado especial. Objeto de grande vaidade, diversificam de cem maneiras distintas. Ondas, tranças, penas elevadas sobre o crânio, crinas estendidas atrás, bolas impregnadas de óleo de palma ou semeadas de ouro e coral - não há nada desconhecido. Há homens que raspam toda a cabeça, deixando um topete de uma polegada de comprimento; outros dispõem seus cabelos em cruz, círculos, cristas de galo, quadrados, no formato de *croissants* ou na forma redonda tal qual o fundo da alcachofra. As mulheres devotam

grande empenho a esse trabalho minucioso e, justiça lhes seja feita, o realizam com amor e paciência.

Com garfos de três pontas, sem cabo, os quais manejam ligeiramente, eles atingem a pele e, desse modo, conseguem aliviar a coceira que tanto os atormenta, sem destruir as construções que cuidadosamente foram criadas. Os escravos seguem de cabeça descoberta; as pessoas ilustres têm, sobre seus andaimes, velhos chapéus, de forma elevada, que lhes venderam - caríssimo -, os europeus de passagem.

Os Ounyamonézis organizam seus cabelos, em torno da cabeça, em linhas irregulares, ou os raspam, salvo alguns topetes que permitem crescer no alto. Os índios Oujijis, com suas caldas de animais e seu chifre na frente, retêm em torno da cabeça um círculo de ferro, não são menos originais.



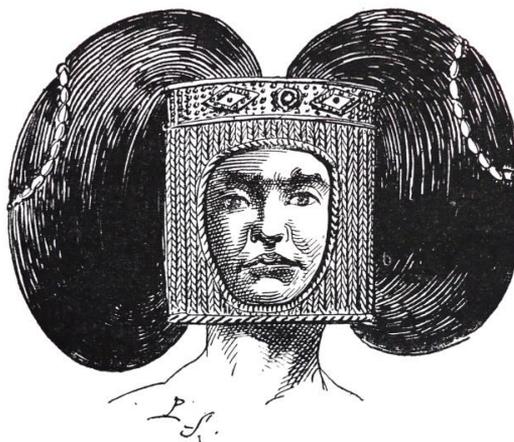
Índios Ounyamonézis.

Seus vizinhos, os Manyémas, cobrem seus cabelos de argila branca e os trabalham de maneira a formar placas, cones, borlas - tão espessos quanto pesados; eles são, talvez, ainda mais bizarros, sobretudo quando guardam os pelos de seus queixos nas bolas de terras negras. Por fim, reproduzimos o retrato de uma mulata Kapéka, citado pelo tenente

Verney-Cameron em sua viagem de Zanzibar a Benguela, cujo volumoso penteado ultrapassa todos os limites; sua cabeça não pode entrar em recipiente inglês, cuja medida equivale a 36 litros. Essa bela pessoa teve, além disso, guirlandas de contas sobre cada um de seus diademas e a figura incorpora-se a aparelho extraordinário que os faz semelhantes a determinados guerreiros das Cruzadas, cujas cabeças são protegidas por tecido de malhas de ferro.



Índio Oujiji (África Ocidental). Penteado composto de chifre e rabos de animais.



Natural Manyéma com os cabelos empastados de argila, talhado em cone e placas. Mulata de Kapéka. (África Oriental)

O que é notável no costume das bailarinas algerianas são as joias com as quais aparecem. De todas as formas e proveniências, grande parte é composta por peças de ouro de 20, 40 e até mesmo 100 francos, libras esterlinas ou lantejoulas, ao todo formando cordas costuradas sobre sua vestimenta.

As Ouled Nails transportam toda sua fortuna consigo, pois essas moedas representam o dote destinado ao futuro marido. Quando encontradas por qualquer beduíno raptor, são por eles assassinadas, uma vez que tendo em vista faturar, não hesitam em cometer o crime.

As dançarinas de Biskra, em particular, carregam uma série de ornamentos, tais como anéis, pulseiras, cintos, colares e coroas sobre suas cabeças, de onde pendem enfeites ou véus com os quais vestem-se a seu gosto. As pinturas têm a função de as embelezar: os olhos são ampliados com koln, o rosto e os braços são cobertos de vermelho, as unhas de hena, e os cabelos, revestidos de óleo rançoso misturado com almíscar e perfumes penetrantes.



Ouled Nails ou bailarinas algerianas. (A partir de fotografia). Dançarina de Biskra enfeitada de peças de moedas. (A partir de fotografia).

Para encontrar um penteado quase semelhante às belezas do deserto do Saara, deve-se ir até a Ásia Central; nos confins do extremo Turquestão, onde pode-se admirar as dignas matronas com a cabeça repleta de verdadeiros monumentos.

Prosseguindo nossa viagem em solo africano, vemos as mulheres de Costa do Ouro, antes da chegada dos holandeses, deixarem seus cabelos incultos; gradualmente, o desejo de agradar surge em seu espírito, elas começam a limpá-los, a ondulá-los, a realçá-los em movimento com o auxílio de pequenos pentes de dois dentes que lhes serviram à ocasião de saudar os visitantes.

As incisões coloridas nas testas, olhos e orelhas, as inúmeras manchas brancas nas bochechas, refeitas todas as manhãs por verniz, conferiram a seu rosto a aparência de baixo relevo. As meninas destinadas ao casamento carregam em seus braços, 30 a 40 pulseiras de ferro muito fino, com o intuito de atrair a boa sorte.



Matrona de Turquestão com seu penteado de aparato.



Mulher indígena das colônias francesas do Senegal. Criança do Senegal

Em homenagem ao fetiche da tribo, alguns tinham vínculo com cascas provenientes de árvores sagradas. Todas aparecem com tal quantidade de anéis que seus dedos ficam completamente escondidos.

Não possuem dinheiro, cofres e armários; o punhal é suspenso em suas cinturas, bem como a bolsa, o cadeado e o chaveiro, simples objetos de luxo.

As mulheres indígenas das colônias francesas do Senegal, lisonjeadas por pertencerem à pátria da elegância e crendo imitar suas amas, elaboram para si mesmas penteados originais. Elas mesclam uma série de botões enfileirados que partem do topo da cabeça até o nariz ou pequenos penduricalhos em coral, conchas e outros materiais.

As crianças também usam seus cabelos de forma singular: algumas mechas entrançadas caem rebeldemente sobre o rosto, e o resto é raspado parcialmente em linhas verticais e horizontais.

Uma palavra sobre alguns povos do Novo Mundo.

As mulheres Antis dos vales limítrofes de Santa-Anna, no Peru, cortam seus cabelos na testa, diretamente na altura dos olhos e os deixam, esvoaçantes para trás, em rabo de

cavalo. No nascimento de seu primeiro filho, ou na morte de algum membro da família, devem se raspar completamente. As mais coquetas possuem incrível profusão de colares e pulseiras, compostos de sementes vegetais, caroços de frutas, ou cascas de baunilha; além disso, elas acrescentam em seus ombros uma dúzia de penas de pássaros de diversas cores, pacote de unhas de anta e bicos de tucano, cujo rumor se faz semelhante àquele das cascavéis, isso as diverte e as distrai.

É no Peru que confeccionam esses ornamentos charmosos em élitro de coleóptero* que lembra o esmalte.

Orgulhosas de seus penteados, as companheiras dos esquimós os dividem em duas tranças e os elevam, ao alto da cabeça, em forma de crista, por meio de correia em pele de foca. Elas os cortam ao tornarem-se viúvas.

As mulheres de Kamchatka usavam, outrora, perucas de pelo animal ou uma espécie de junco peludo que valorizavam tanto seus olhos que elas se recusaram a serem batizadas, por se negarem a retirá-los para receber a água benta.

Na América do Norte setentrional, encontrava-se, até pouco tempo, os índios que, após espalharem sobre suas cabeças unguento de penas de cisne, juntavam, em posição extravagante, penas, chumaços de pelo, garras de animais, patas e cabeças de pássaros. As mulheres, igualmente adornadas, cobriam seu penteado oleoso com pó de casca de árvore ou de cinabre e o envolviam em pele de serpente que, suspensa em pequena trança, parava na cintura. Elas deviam, em testemunho de grande tristeza, retirá-la à ocasião da morte de parente importante.

O abade Prévost assegura que os nativos das Maldivas, que possuíam os cabelos negros como azeviche, viam essa cor como a mais invejável. Os nobres e os guerreiros os usavam longos, os cidadãos comuns deviam cortá-los, mas eram os ornamentos de todas as

* Espécie de besouro verde-dourado do Peru, utilizado pelos índios na criação de seus ornamentos. [N.T]

mulheres. No fim da infância, eles os reuniram em anel de ouro, os cobriram de contas, pedras, de flores e aumentaram a quantidade de cabelos falsos, comprados nas costas de Malabar.

Não havia, na época, barbeiros públicos nessas ilhas; todos tinham que se barbear com o auxílio de tesoura. O rei e os principais personagens foram raspados por pessoas qualificadas que obtiveram glória dessa função sem exigir salário. Quanto aos pobres, eles se renderam mutuamente a esse serviço.

Se, nesses países, os habitantes apreciavam os cabelos negros, nos outros, o branco e o vermelho eram as cores favoritas. Assim, nas Ilhas Marianas, as mulheres que possuíam penteado marrom, bastante bonito, estudavam a descoloração nos cosméticos, cuja preparação era uma de suas atividades diárias.

Em Sandwich, as jovens filhas, muito vaidosas de seus penteados, os revestem de cal, diversas vezes ao dia, a fim de torná-los loiros ou brancos; os vemos até mesmo rosados. Não é estranho encontrarmos essas anomalias em nossa própria história? No século XVI, sob o reinado de Frederico II, Charles IX e de Henrique III, era de bom tom usar apenas cabelo loiro chamejante ou acaju. As damas da corte ascendem para perto de si, meninas ou pajens de cachos dessa nuance, os quais cortam a fim de fabricar perucas à moda do dia; sabe-se também que elas adquiriam, a preço de ouro, para a mesma finalidade, despojos das camponesas. Citamos acerca desse assunto, uma palavra de Brantôme sobre Margarida de França, mulher de Henrique IV, que apareceu certa noite com seus cabelos naturais, negros e muito abundantes. “Ela era assim”, diz ele, “quase tão bonita quanto sua peruca loira”.

Os plebeus empregavam frequentemente a filaça para imitarem os nobres.

Vimos, no reinado de Luís XV e Luís XVI, as cabeças em flocos de neve, isto é, inteiramente brancas. Os ricos empregavam pós especiais, perfumados à base de rosas ou íris, enquanto os camponeses colocavam simplesmente a farinha.

No meio do Oceano Pacífico, encontra-se o arquipélago Fiji, composto de 225 ilhotas, das quais 90 são inabitadas. As mais importantes são Viti e Vanua. É a região da abundância, um volume é insuficiente para descrever todas as plantas. Uma das árvores mais valiosas, a amoreira de papel, originariamente fornece aos indígenas o tecido vegetal, com o qual eles fazem tapetes, tapeçarias, ornamentos para os templos, e o cinto, chamado *malo*, que é a vestimenta masculina. Extremamente cuidadosos de sua pessoa, os insulares de Viti conferem a seus penteados as formas mais diversas; acreditando em tornar mais belos seus cabelos negros, espessos, longos e encaracolados, eles os tingem de azul, branco, vermelho ou amarelo, a depender do gosto da corte. Os jovens, sobretudo, multiplicam suas fantasias capilares. Eles têm, por sua vez, no meio da cabeça, uma maça esférica de cabelos negros cercada por diadema de cabelos brancos; usam no pescoço grande coque vermelho e amarelo, ou desenham sobre seu crânio um tabuleiro de damas repleto de quadrados pretos e brancos; enquanto outros o cobrem com pequenos cones de todas as cores, rolando-os em canos ao redor da cabeça e acrescentando joias e penas.



Habitante das ilhas de Viti

Como insígnia de sua lealdade, os padres adotaram grandes pentes feitos de lamelas de madeira.

Os chefes têm sempre inúmeros barbeiros ligados especialmente à sua pessoa; sua função é sagrada. A construção do penteado requer várias horas; quando concluída, a gaze leve é posta por cima a fim de preservá-la dos efeitos nefastos da poeira e da umidade; ela pode, e isso faz-se notar, durar muitas semanas, talvez um mês; nem sequer sonham em renová-la, exceto se tiverem que trocar a gaze; o mesmo ocorre ao cobrir a cabeça, repousada sobre pedaço de madeira polida, esculpida em semicírculo, o qual a mantém durante o sono e a impede de incomodar.

A estreita cinta de tecido, *malo*, envolve o busto dos homens, de maneira que traz adiante as duas extremidades e seu grau de largura e de riqueza é reconhecido por classes de pessoas. Somente o rei e os nobres têm o direito de deixá-lo pender ao chão. Esses últimos portam colares de contas talhados em forma de prato e o pescoço é envolto com dentes de porco, mandíbulas de rato, patas de morcego, dentes de baleia, esculpidos como garras, e que se assemelham aos ornamentos que os Peaux-Rouges, da América do Norte, faziam com os dos ursos *grizzly*.

Apesar de sua nudez, os fijianos não renunciaram aos princípios do pudor e da modéstia. Aquele que, homem ou mulher, se recusar a usar o *malo* ou o *liku* (cinto feminino), corre o risco de ser espancado.

Os atos de canibalismo cometidos por esses selvagens e cujos detalhes fazem tremer de horror, são frequentes; o capitão Mayne-Reid, que lá os testemunhou, conta em pormenor.

Os habitantes da ilha do duque de Nova York, menos espertos que os fijianos, limitam-se a ungir suas cabeças com pomada que eles cobrem, em seguida, com pó branco ou amarelo. Essa pomada é mantida encerrada numa garrafa que não os deixa jamais. No arquipélago de Britânia, o gosto pelos cabelos brancos faz com que a cor primitiva seja conservada, isto é, os cabelos embranquecidos pelo tempo são assim mantidos.

Na Austrália, os chefes de algumas tribos aproximam sua testa de um pedaço de pele de canguru e a fixam sobre sua cabeça, por meio de gomo retirado de *xantera australis*, de penas, espinha de peixe, caudas de cachorro e dentes de diversos animais. Eles esfregam a pele em óleo contaminado que, ao menos, tem a vantagem de repelir os insetos tão numerosos no *terceiro continente*.

Os homens da Nova Guiné, cujos cabelos são muito crespos, os separam em dois grossos tufos escondidos sob uma faixa de pele de casuar, no meio da qual surge o pente de guerra, ornado de pássaro do paraíso, a maravilha zoológica desses países. Muitas vezes, eles os tingem de ruivo com água de cal e os salpicam de coral branco pulverizado.

Os Arfaks, outra população Papua, portam uma grande argola na parte inferior do nariz ou o atravessam com osso que, dividindo o rosto em duas partes horizontais, forma ângulo reto com as orelhas. Seu penteado é fixado na altura da cabeça com grande quantidade de pelotes presos à raiz por corda. Eles têm grandes argolas na parte superior dos braços e colares com concha pendurada, a qual representa um amuleto.



Papou Arfak (Nova Guiné). Homem jovem das Ilhas de Sandwich, raspado de apenas um lado.

Podemos garantir que os Griguas propagam sobre sua cabeça uma matéria azulada misturada de mica que se separa por parcela nos pequenos movimentos que eles executam, cobre logo todo seu corpo com pó brilhante, o qual permanece fixado graças aos óleos dos quais se revestem diariamente.

Embora Molière tenha dito: “Do lado da barba está todo o poder”, este pensamento não fora compartilhado por Pedro, o Grande que, em 1699, estabeleceu um imposto sobre os seus súditos e fez gravar as seguintes palavras em uma pedra: “A barba é um embaraço inútil”. Muitos dos velhos russos, sobretudo os Cossacos, preferiram perder a vida em vez de se submeterem às ordens do déspota.

Entretanto, desejando manter seu povo atento à disciplina, mesmo no que diz respeito às pequenas coisas, o czar engendrou taxas, proporcionais à situação do homem, para ter o direito de portar esse ornamento natural; caso a taxa não fosse paga, a barba era cortada imediatamente por guardas encarregados dessa tarefa, sempre armados de longas tesouras. Esse imposto, que desagradou a todos, durou 60 anos; fora suprimido por Catarina II, para agir em contradição com seu marido, Pedro III, que preparava medidas ainda mais rigorosas, quando veio a falecer.

Quase todos os jovens das ilhas Sandwich, outrora, cortavam os cabelos e raspavam um lado. Os habitantes das Marquises não hesitam em remover essa vegetação, supérflua, de acordo com sua opinião.

A navalha do país é dente de animal ou pedaço de vidro provido de cabo. Se os velhos deixam, excepcionalmente, a barba crescer, especialmente quando branca, é por especulação, pois ela é vendida a preço muito caro, para confeccionar ornamentos de toailete. O capitão de navio, Jouan, conheceu, nessas ilhas, um francês cuja idade era 70 anos, que estava alojado, alimentado e vestido à custa de determinado líder, em troca de produtos de seu toão, aplicados em cortes definidos, como se fossem feitos para a mata.

Quando os indígenas misturam em seu penteado dentes de boto ou grânulos, é sinal evidente de vingança não satisfeita e a verdadeira vendeta torna-se hereditária. A folha de latanier posta em cone sobre a cabeça, ou caindo sobre a nuca, é o barrete comum aos dois sexos.



Guerreiro de Mallua com sua barba envolvida em folhas de latanier e varas de bambu.

Muitos dos selvagens fazem pouco uso da barba como índice de autoridade, celebrada por nosso grande comediógrafo, e a retiram logo que ela começa a nascer. Qual os Roucouyennes, que depilam não somente o rosto, mas todo o corpo. A barba dos brancos lhes parece bastante estranha. O chefe da tribo consentiu em ceder o direito ao doutor Crevaux, contanto que ele o presenteasse com alguns pelos de sua barba; o sábio e infeliz explorador apressou-se, aos risos, para satisfazer a essa fantasia.

Em Malua, cidade da Malásia, os guerreiros têm cuidado especial com sua barba; eles a envolvem com folhas de árvores e varas de cana, a fim de que ela não sofra nenhum tipo de dano durante o combate - esse é um dos aspectos mais cômicos -, sobretudo se observarem o resto de seu costume: composto de penas, caudas de animais, conchas

univalves costuradas nas vestimentas e famoso pente de guerra atravessado sobre seus cabelos, erguidos em topete ao lado do crânio.



Índio Impetiniri do alto do Peru, adornado com penas de papagaio.

Os caraíbas, no início, simulavam bigodes de 12 a 15 centímetros de largura com penas de papagaio.

Do mesmo modo agem os índios impétiniris do alto Peru, que aplicam quatro penas nos cantos da boca. Com as de arara, ornam seus chapéus e costume leve. Um desses tipos se encontra no museu de Trocadéro.

Os pahouins, homens e mulheres, furam seus lábios como peneira, nos quais depositam espinhos de mimosa, a fim de lembrar o tigre, que, para eles, era o modelo perfeito de beleza, força e coragem.



Mulher pauhouina com crinas acima da boca.

Quando os estilosos de Louisiana desejam efeito irretocável, eles acrescentam às suas bochechas duas grandes barbas de argila branca.

Os insulares das Maldivas tinham, antigamente, profundo respeito a seus pelos aparados: os recebiam sobre pano e, em seguida, os recolhiam e enterravam.

Era, na visão deles, uma parte do corpo que merecia sepultamento como qualquer outra.

Os índios da América do Norte depilavam-se cuidadosamente por processo demasiado brutal; agarrando seus pelos, um a um, com duas válvulas de forma transformadas em pinças, eles os puxavam sem manifestar a menor apreensão, apesar da dor que resultava.

Eles olhavam com desgosto os bigodes e os queixos providos de barba dos “brancos”, que eles chamavam em escárnio: as longas-barbas. Ao contrário, os dois sexos tinham orgulho dos ordinários cabelos negros e bastante rudes. Eles os deixavam espalhados em toda sua largura, o trançavam ou o enrolavam no alto de sua cabeça com caprichosa originalidade.

Não podemos afrontá-los de maneira mais cruel do que cortando as tranças ou as argolas, mantidas com a maior arte.



Persa

A barba sempre pareceu digna de grande atenção dos orientais. Seguindo o exemplo de seu profeta, eles não fazem a barba. Os mais escrupulosos colocam uma toalha por baixo, quando a penteiam, e reúnem os resquícios, os quais são reservados para serem depositados junto com eles no túmulo. O muçulmano jura por ela. Sua mulher, seus filhos e amigos, a beijam com respeito.

Jerusalém possui três pelos da barba de Maomé. Essa preciosa relíquia é envolta por sete armários colocados no interior de uma coluna da mesquita de Omar.

Um costume bárbaro reinou durante longo tempo na Pérsia: os generais vencidos eram condenados a terem seus cabelos e suas barbas arrancados pouco a pouco.

Artaxerxes teve a humanidade de abolir esse suplício ao substituí-lo pela perda da tiara. Nesse país, no qual a barba não se usa jamais tão longa quanto na Turquia, estima-se, sobretudo, a preta e grossa. Aqueles que têm barba loira ou rala, não recuam perante qualquer sacrifício a fim de mudar a cor e aumentar o volume.

Não é raro ver os velhos, de certas cidades da Ásia, tingirem a própria barba de índigo; em Sari, capital da província de Mazendéran, a cor preferida é o vermelho.

Em Roma, a barba impunha respeito e os padres conscritos eram bastante melindrosos na exigência desse respeito. Ficou conhecido o castigo que um senador infligiu a um soldado gaulês atingindo o majestoso adorno de seu queixo.

Sob o Império Romano, os jovens chegavam à idade viril com o dever de oferecer suas barbas aos deuses; Nero selou a sua em caixa de ouro enriquecida com pérolas finas, consagradas a Júpiter Capitolino; mas Adriano, desejoso de dissimular a excrescência que ele tinha abaixo da boca, não se submeteu às leis religiosas. Seu exemplo foi logo seguido pelos cortesãos e, assim, o velho costume ressurgiu. A esse respeito, recordamos que os ancestrais da nossa raça se depilavam com cuidado; entretanto, se por um lado fizeram desaparecer a penugem de sua face, por outro conservaram o bigode cujo comprimento conferia um ar marcial aos soldados; era mesmo um dos sinais distintivos da nação. A navalha no sarcófago, ao lado do defunto, denotava sua origem nobre.

Entre os francos, bem como entre os godos, a barba era o testemunho mais sagrado dos juramentos; bastava tocá-la para selar uma aliança. Clovis pediu esse favor a Alaric, que o recusa, seguindo-se, então, uma guerra sangrenta. Os grandes enviavam, reciprocamente, os pelos de suas barbas em sinal de afeto.

Neste campo, são muitas as bizarrices e os modos como os homens as obedecem. No Paraguai, os habitantes, ignorando a utilidade dos cílios e crendo se embelezar, arrancam esses protetores da vista.

Nas Ilhas Filipinas, os insulares penteiam as sobrancelhas, os cílios, os cabelos de todo o corpo, isso acabou lhes valendo o nome de *pintados*, dado pelos primeiros exploradores de seu país.

No Japão, as mulheres casadas são distinguidas das outras, não somente pela severidade de sua toailete, mas também pela ausência de sobrancelhas, as quais são

desfeitas após a primeira maternidade. As damas da alta sociedade não são exceção a essa regra, mas por capricho inexplicável, elas recolocam esse ornamento, retirado voluntariamente, por pinturas finamente traçadas a dois centímetros acima dos olhos, a fim de alongar, sem dúvida, a forma oval do rosto. Os homens recorrem a subterfúgios análogos ao fazerem os arcos negros, distantes das pálpebras e contra o sentido natural.



Judeu de Tunísia em grande costume de festa. (A partir de fotografia).

O costume de fazer desaparecer as sobrancelhas existe igualmente na Patagônia, enquanto os Vouagogos, já citados, cobrem o lugar com tiras brancas, cortadas da pele de vaca.



Mulher cabila.

Independente da idade, a cabila tem seus cílios e sobrancelhas nunca totalmente negros. Assim, em primeiro lugar, encontramos entre os objetos indispensáveis a sua toalete, o pequeno agulheiro em caniço, contendo o Kohl necessário a essa pintura, com a agulha de prata que serve para aplicá-lo; é, de fato, remédio contra oftalmias, tão comuns na África. A camada que a ferramenta deposita sobre os cílios, colore-os de negro azulado, conferindo doçura ao olhar e preservando os olhos contra o brilho do sol ardente.

O mesmo costume reina na Tunísia, adotado pelos judeus ricos, cujas mulheres podem mostrar em público o rosto descoberto. Nada é mais fascinante que sua vestimenta em cetim rosa, azul, amarelo ou verde-claro, elevada em cordões de ouro, com sapatos combinando com a cor. Seu longo chapéu cônico lembra muito a coifa da Idade Média, frequentemente, na extremidade, há o véu de gaze branco com o qual podem se esconder quando bem entenderem.

Os judeus pobres de Argel, por sua vez, não podendo comprar o opiato dos árabes, criam sobranceiras com a lã ou pequenas tiras de seda preta que, imperfeitamente coladas, se desprendem algumas vezes e então produzem efeito grotesco.

Na Idade Média, na Itália, as sobranceiras pouco visíveis estavam em voga, tanto que encontraram a forma de as talhar em linhas muito finas. Essa moda persistiu durante longo tempo, havendo sinais desse costume até por volta de 1660.

As georgianas, ditas as mais belas mulheres do universo, pensam diferentemente. Para aumentar esse ornamento natural, elas empenham o seu melhor esforço e tornam as sobranceiras tão largas quanto possível, juntando-as, inclusive, acima do nariz.

Até o século passado, os mexicanos, como os gregos da Antiguidade, viram a beleza na pequenez da testa e, para empregar a palavra pitoresca de Montaigne, “a preencheram com arte”. Era frequente, em Atenas, os idosos terem a testa descoberta pela calvície. Esse sinal de perda da juventude era muito combatido. Essa é a razão pela qual Apolo, o deus eternamente jovem e a maior parte das divindades do Olimpo, simbolizando qualidades viris, serem sempre representadas com o penteado muito baixo ao redor do rosto. Ideia contrária impera na França e na Itália do século XV ao XVI; a *Santa Catarina*, de Rafael, com sua testa desproporcionalmente grande e as sobranceiras finas, bem como muitos outros quadros da galeria do Louvre, demonstram esse aspecto.



Ornamento de testa nas ilhas de Salomão

Os habitantes das ilhas de Salomão usam sobre a testa a grande rodela em casca de tartaruga, cortada no dia e acoplada sobre concha. Essa placa ocupa o centro e é mantida por faixa de couro em volta da cabeça.

Nas inúmeras ilhas polinésias, é costume adaptar-se, sobre essa parte do rosto, pequenas tiras de ouro, na quantidade de sete a doze, que cobrem o espaço comprido entre os olhos e a raiz dos cabelos. Essas tiras são tão finas e habilmente justapostas que parecem incrustadas na carne.

Em Meketo, na África, cidade principal do país dos Vouarouas, descrita por Cameron, as mulheres têm o penteado raspado de maneira a elevar a testa cuja parte superior é decorada com três sinais de pintura em sete milímetros de largura. A primeira dessas linhas, aquela que toca a raiz dos cabelos, é vermelha, a segunda é negra, e a terceira, branca. Em Timor, os homens fixam entre as duas arcadas superciliares, uma joia em nácar de conta finamente serrilhada, na forma e no tamanho de uma moeda de cinco francos.

Os índios de Arakhan admiram, especialmente nas mulheres, a testa lisa e polida; a fim de obtê-la, os pais fixam sobre a testa de suas filhas, desde o nascimento, uma placa de chumbo.

Uma estrela tatuada entre as sobrancelhas ou uma pinta no queixo são irresistíveis atrações em algumas tribos africanas.

Embora a arte seja estranha ao tipo humano posterior, a qual se apresenta como um dos mais bizarros caprichos da criação, nós a mencionaremos antes de abordar a terceira parte de nosso estudo sobre a estética, crendo interessar ao leitor.

O português Serpa Pinto que, a exemplo de Livingstone, Cameron e Stanley, atravessa o continente africano de leste a oeste e ergue, como eles, a ponta do véu que cobre essas regiões misteriosas deixadas em branco sobre os mapas, afirmou em suas célebres publicações:

Certo dia, em que me encontrava abrigado com meus companheiros em um bosque, ouvimos a explosão de riso terrível. Era a tropa de índios retornando às suas cabanas após o trabalho no campo. Os homens estavam cobertos de peles de animais e as mulheres as usavam por trás, enquanto suas crianças eram envolvidas em toalha de casca de árvore. A cabeça das pobres crianças balançava de um só lado, o que foi para mim a explicação da postura habitualmente inclinada dos negros adultos.

Ao continuarem sua rota, os membros da expedição, após muitos dias de fadiga, adentraram em vasto território situado entre Cuando-Cubango - dois afluentes de Zambeze -, habitado por inúmeras tribos. Nesse local, foram surpreendidos ao encontrarem uma povoação branca que, sendo proveniente de outro lugar, portava as mesmas características da família negra. Esses são, apesar da cor de sua pele, os mais feios e antipáticos selvagens africanos. Nômades, por excelência, sem agricultura, sem indústria, eles não param mais de dois dias no mesmo lugar, não vivem a não ser de raízes das florestas ou de produtos de sua caça, armados simplesmente de arco e algumas flechas. A timidez e a desconfiança formam a base de seu caráter. Eles têm os olhos oblíquos e apertados como os chineses, as maçãs do rosto salientes, e a cabeça em parte careca. Ainda que sua pele seja branca brilhante, podemos afirmar que não são albinos, pois os seus cabelos cor de ébano e crespos se assemelham àqueles da raça negra; sentimo-nos quase tentados a chamá-los de *negros brancos*.

Criando as originalidades que acabamos de investigar, os selvagens tiveram, em geral, refúgio nas produções da natureza, a qual era para eles como vasto escrínio, em que escolhiam a seu gosto o que lhes dava prazer. As pedras, metais, conchas, plantas, insetos, restos de animais e variedade de drogas dignas, como que saídos da cozinha das bruxas de Macbeth, segundo a expressão de Stanley, foram transformados por esses joalheiros primitivos em ornamentos de todos os gêneros.

Impulsionados por sentimento análogo, os pré-históricos extraíam suas jóias das mesmas fontes; mas se o gosto pela indumentária se modificava à medida que o nível das sociedades se elevava, é através da vestimenta que o homem procura, em último lugar, se embelezar.

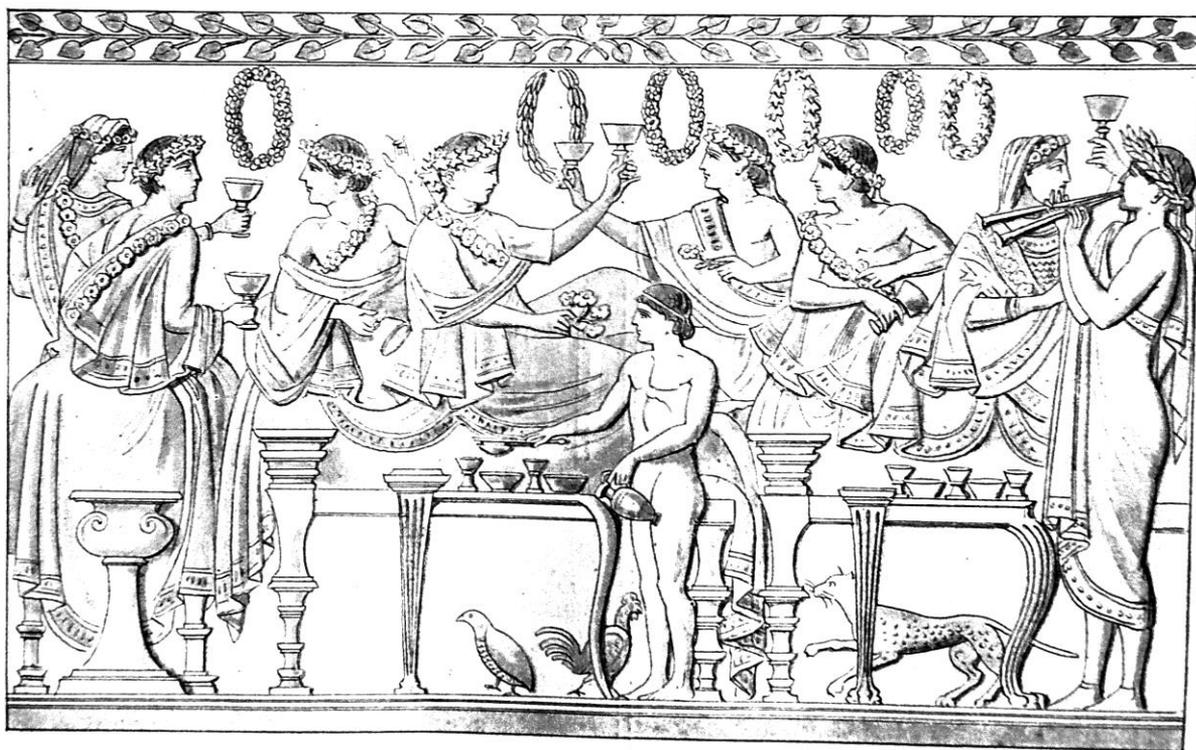
Quais foram, então, os elementos chamados para cumprir esse papel tão importante, que contribuiu para o desenvolvimento da indústria e tornou-se a causa de milhares de descobertas úteis?

Vamos tentar responder a essa questão, com a ajuda dos eruditos e dos grandes viajantes.



CAPÍTULO III

Papel das cascas de árvores, das folhas e das flores na roupa e no enfeite



Convidados ornados com flores, em uma festa grega (a partir de um baixo relevo)

Resumo

Uso das plantas nos dogmas religiosos: entre os Gregos, os Romanos, os Hindus, os Persas e os Egípcios - Vegetais empregados como alimentação e primeiras roupas - Papel das folhagens na indumentária dos Canaques, dos Iquitos do Peru e de diversos povos americanos e oceânicos - Ornamentos florais em Taiti - Roupa de mesa, cadeiras, pratos, guarda chuvas e sombrinhas de folhagem - O crisântemo no Japão - o Bambu na China e o talipot no Ceilão - Berços de musgo, fraldas, roupa de luto, lençóis de folhas e de cascas de árvores - Flores empregadas nos funerais antigos - Coroas dos Antigos - O lótus no Egito, a rosa na Grécia, o mirto em Roma, o carvalho e o agárico na religião druida - Invenção do rosário - Chapéus de flores na Idade Média - Enfeites das noivas.

“As flores - disse Victor Hugo - desabrocharam antes de que o homem lavrasse a pedra”; com efeito, as plantas e as árvores precederam o aparecimento da humanidade sobre a terra de um número muito grande de anos.

Alguns povos antigos vão até o ponto de lhes dar uma força criadora: as tradições gregas, tidas como a verdade do tempo de Homero, traziam a ideia de que o homem teria nascido do tronco aberto de uma árvore e, segundo a história poética do Latium, a Itália, antigamente coberta de florestas, era habitada por autóctones nascidos dos troncos dos carvalhos.

Essas superstições estranhas, que existiam entre os Escandinavos e os Germanos, são também formuladas nos dogmas da religião persa e nos hinos sagrados da Índia, onde o lótus foi o berço de várias divindades brâmanes representadas balançando-se por cima das águas. Foi numa folha de ninfeia que o deus Vishnu, armado com um tridente, atravessou o abismo das águas eternas e foi a mesma folha que serviu de concha flutuante à graciosa deusa Lakshmi quando se tornou mãe de Brahma. Este deus supremo escolheu, então, para trono, o cálice dessa maravilhosa flor aquática.

No Egito, o lótus, dedicado a Isis, é o símbolo do sol do nascente e da vida inesgotável, tendo dado à luz o divino Hórus, vingador de Osíris.



Brahma sentado na flor de lótus.

Lê-se nos livros santos do Oriente que uma planta com folhas largas, espécie de ruibarbo, criou raízes no sangue de um ser perfeito e que se desenvolveu, então um duplo corpo masculino e feminino com a missão de povoar o mundo.

Sem nos deter nessas ficções, podemos pelo menos afirmar que, não exigindo nenhum trabalho preparatório e espalhadas em abundância no universo, as folhas e as cascas de árvores se apresentavam naturalmente aos homens, como primeiros elementos de suas roupas.

Testemunhas históricas apoiam esta hipótese. Segundo as leis de Manou, “o anacoreta deve ter uma roupa em casca de árvore” e muitos séculos mais tarde o escravo gaulês, dedicado ao serviço de casa, usará uma túnica de casca de bétula. Era a indumentária dos Ainos, descendentes da raça aborígene do Japão que, hoje, vivem nas covas das ilhas Kuriles.

A Bíblia nos ensina que Adão e Eva estavam despidos no Paraíso terrestre, mas em razão do sentimento de pudor, despertado neles depois do pecado, colheram folhas de figueira e com isso fizeram cintos.

Os chineses admitem que os primeiros habitantes da Ásia, reduzidos ao estado de animais, viviam nas árvores e vestiam folhagens.

Segundo as tradições helênicas reunidas por Pausanias, o civilizador Pelasgo encontrou no Peloponeso uma raça de indígenas que não construíam e só tinham para se vestir as cascas filandrosas de algumas árvores, encontradas nas florestas onde sua subsistência consistia em ervas e raízes. Ensinou-lhes a se vestir com peles de porca e a comer glandes jovens.

Os oráculos dos carvalhos fatídicos se manifestavam pelo murmúrio de algumas folhas.

Os povos da Antiguidade, admirados com o nobre aspecto dos carvalhos, envolveram-nos com as nebulosidades de suas lendas. Plínio dizia que essas árvores pareciam simbolizar a imortalidade e que era costume que aquelas que davam a sua sombra aos altares de Júpiter, perto de Heracles, no reino de Ponte, fossem dedicadas a Hércules. Essas ideias se encontram com muita frequência nas obras antigas. O historiador Josèphe conta que nos arredores de Ebron vivia um terebinto que datava da época de Adão.



Hórus.

Delille colheu com a própria mão um ramo de oliveira, em meio à plena vegetação de Atenas, e achou que tivesse quarenta séculos de idade; teria sido plantada portanto no tempo de Cecrops. Evidentemente o nosso poeta foi enganado. Cita-se, entretanto, entre as árvores notáveis pela longevidade, uma noqueira que se achava na planície de Balaklava, no lugar exato onde se erguia o templo de Ifigênia; ainda muito forte, produziria cerca de cem mil nozes por ano divididas entre cinco mil famílias tártaras. Acredita-se que já existisse na época em que as colônias gregas exportavam suas nozes até Roma, o que significaria que data de vários milhares de anos. Tenerife possui a *árvore dragão*, que conta, segundo a opinião popular, três mil anos.

Os gregos acreditavam em relações secretas entre as plantas e os deuses que se encarregavam de vingar os ultrajes feitos às árvores consagradas.

Era certamente com similar sentimento de admiração que os homens da Idade da Pedra Polida davam ramos de árvore como leito de parada a seus mortos, quando estes eram levados para a sepultura; esta é, pelo menos, a opinião dos cientistas que, ao estudarem as sepulturas dos tempos afastados, puderam reconstituir a cerimônia das funerais pré-históricas

“O corpo que ia ser encerrado dentro do *tumulus* era levado sobre folhagens, como o fazem as populações selvagens que existem hoje. Os homens e as mulheres eram vestidos com sua mais bela roupa; colares de âmbar e de conchas enfeitavam seu busto. Mestres de cerimônia com tochas guiavam o cortejo nas trevas das salas do *tumulus*. A gruta era aberta para receber os restos do defunto e era fechada atrás dele. Acrescentavam-se também suas armas, seus adornos e os utensílios de que gostava.” (Figuier, *L’homme primitif*).

No mês de maio de 1859, foi descoberta, em Varenne- Saint-Maur, perto de Paris, a sepultura de um guerreiro, sepultado, há mais de vinte e cinco séculos, com sua mulher, seu cavalo e suas armas.

M. Leguay, em suas memórias, escrevendo sobre as sepulturas dos Parisii, acredita que, depois de cada funeral, além da colação funerária entre todos os assistentes, era aceso, no pequeno outeiro coroando o *tumulus*, um fogo no qual cada um jogava objetos preciosos.

O respeito pelas árvores não desapareceu de nossos hábitos. A utilidade da madeira, enfim reconhecida, inspirou a alguns sábios o desejo de concertar os estragos provocados na natureza pela exigência da indústria, o engodo exagerado dos lucros ou a ignorância estúpida. Desmoronamento de encostas de montanhas, inundações em certos momentos, secas prolongadas em outros, vales cobertos de areia, estancamento das fontes, eis as consequências da destruição das florestas.

Hoje existe uma sociedade dos Amigos das Árvores; foi fundada em Nice e apresenta esta singularidade: cada um de seus sócios deve plantar pelo menos uma árvore todo ano.

Deixemos falar o crítico Sarcey:

“A ideia não é nova. Nasceu na América. Os americanos, para ter grandes prados, terras aráveis, destruíram imponentes florestas, mais ou menos numa superfície igual à da Europa. Num instante destruíram a obra dos séculos. Uma vasta superfície não tinha outra coisa do que ciprestes; queimaram tudo e construíram a cidade de Filadélfia. A cidade poderia ter sido edificada sem esse incêndio terrível. Todas as mais belas florestas desde o Canadá até o México desapareceram nessa obra de destruição cega.

“Só no porto de Halifax, em 1817, embarcaram potássio no valor de 2 ½ milhões de francos, o que supõe a incineração de 50.000 hectares. Destruir uma floresta para ter a cinza! Loucos eram eles: a floresta vingou-se. A temperatura baixou e vários pontos desta parte da América tornaram-se, por falta de madeira, inabitáveis”.

“Foi necessário reparar o desastre e reconstituir a floresta. Em vista disso, em 1872, uma associação foi fundada no Estado de Nebraska, com o nome de *Arbor Day*, “festa das árvores”. Alistava homens, mulheres, crianças, professores primários, funcionários, clero, soldados. Ela se estendeu rapidamente a trinta e sete Estados. Depois de 19

anos, a associação havia plantado 345 milhões de árvores. A multiplicação dos pomares na Califórnia transformou-se numa fonte de riquezas incríveis. É de lá que vêm essas inúmeras caixas de frutas ressecadas, entregues hoje ao consumo do mundo inteiro”.

“O *Arbor Day*, a festa das árvores, é celebrado todo ano com uma solenidade ao mesmo tempo nacional, popular e religiosa. Cantam-se hinos à natureza que comoveriam Jean-Jacques Rousseau.

Eu a plantei, eu a vi crescer.

“Dedica-se, em cada solenidade, uma árvore a um grande homem, a um cidadão ilustre.

“Foi o que nós imitamos auspiciosamente. A primeira vez que a Sociedade francesa dos Amigos das Árvores se manifestou, foi em abril do ano passado quando Nice ergueu uma estátua ao general Massena. A Sociedade plantava uma árvore em honra do cidadão de quem queria perpetuar a memória. Não acham esta ideia linda?

“Um paisagista de muito talento, M. Adolphe Guillon, escreveu eloquentes defesas em favor das árvores: ‘Quanto mais eu conheço os homens – disse – tanto mais eu gosto das árvores’. Assim é, para ele, uma catástrofe a destruição dessas árvores amigas cuja sombra agradava a seus pensamentos. Estando em Vézelay no Yonne, sofreu de ver morrer velhas árvores plantadas à margem da estrada há quarenta anos, depois de um acidente ocorrido com duas pobres mulheres do país, surpreendidas, no meio da escuridão, por uma tempestade de neve e que se tinham extraviado. Elas teriam encontrado seu caminho e não teriam morrido se houvessem sido plantadas algumas árvores. Foram plantadas depois. Há quarenta anos que elas guiavam os viajantes no inverno e, no verão, elas davam aos homens cansados o frescor de sua sombra. Mas essa sombra foi acusada de ser nociva à expansão dos campos vizinhos e as árvores foram condenadas à morte.

“Há dois anos, um grupo de soberbas noqueiras que haviam sido plantadas num morro onde São Bernardo pregou a segunda cruzada, em Vézelay, foram abatidas e suas raízes arrancadas; em seu lugar cresce uma jovem vinha. Essas árvores se chamavam lá as *noqueiras da Cartuelle*, por causa de sua proximidade com um convento de franciscanos, construído nesse lugar, em memória da predicação de São Bernardo.

“Lamentei muito não ter comprado essas árvores para deixá-las morrer tranquilamente, escreveu M. Guillon. Eram interessantes, não somente pelo lugar histórico em que ficavam, como também pela sua configuração pitoresca. Ofereciam assuntos de estudos tão variados com seus galhos manchados de um musgo escuro

que, sob os raios do sol, tomava reflexos de esmeralda e os líquens, cor de ferrugem, bordavam os troncos de um cinza prateado”.

“A árvore não é somente um adorno; tem importante função; é um maravilhoso órgão. Sem árvores não há homens.

“O doutor Jeannel afirmou, no congresso para o progresso das ciências em 1891, que as regiões desprovidas de árvores são estéreis e inabitadas; que a floresta destruída é o país que se despovoou; que as árvores são reguladores atmosféricos; que elas são protetoras agrícolas: a montanha calva, é a torrente e a avalanche, senhoras de toda a destruição. A vida animal é estreitamente ligada à vida vegetal. O poesia da Oasis!

“Deixo com meus patrícios a sua genealogia até Adão e até sua maçã, disse o Inglês Lowel. Para mim, eu acho que a árvore deve figurar entre os meus antepassados e sinto, pela população da floresta, como um suave sentimento de paternidade”.

Todas as quimeras espalhadas entre os povos antigos em relação às plantas, às árvores e aos meios de existência dos primeiros homens não são tão inverossímeis quanto se supõe; podemos dar algumas provas nos seguintes fatos:

A indústria dos habitantes da Tasmânia consiste em fabricar pirogas com troncos de árvores, redes, casacos de peles e choupanas de ramos. Sempre vagando, comendo frutas verdes ou raízes, contentam-se em proteger os seus ombros sob um pedaço de casca arrancado de uma árvore vizinha.

Na embocadura do Orenoco, acha-se a nação indomita dos Guaranis. Quando o delta é inundado, na estação das chuvas, esticam, entre duas palmeiras, tranças feitas com as nervuras das folhas da *mauritía*, nas quais vivem até a boa estação.

Essas habitações suspensas ficam em parte cobertas de argila e as mulheres acendem sem perigo o fogo necessário para as necessidades da casa. O viajante pode ver, então, durante a noite, quando navega sobre o rio, longas chamas subindo muito alto no céu.

A *mauritía Alexnosa* ou palmeira muriche, árvore da vida por excelência, não oferece somente um refúgio seguro aos Guaranis, dá-lhes também pratos variados. O

tutano de seu tronco contém uma espécie de sagu; sua seiva fermentada dá um vinho suave e embriagante; suas frutas verdes ou maduras dão uma alimentação agradável e fortificante; é assim que existe no mais baixo grau da civilização humana um povo ligado a uma só espécie de árvore, como insetos que só vivem de algumas partes de uma flor.

Muitas populações utilizam as plantas e as flores para embelezar sua indumentária. Em Blidah, chamada a Voluptuosa, que os Árabes comparam a uma rosa desabrochada, e em cujos arredores se produzem as melhores laranjas da província de Argel, as moças enfeitam seu pescoço com quatro e cinco fileiras de flores de laranjeira, longas roseiras cheirosas, confeccionadas especialmente pelos vendedores judeus. Colhidas frescas, essas brancas corolas, que espalham um delicioso perfume, devem conservar sua pureza até o dia seguinte, senão a superstição vê nisso o presságio de uma infelicidade.

Em Tunis, muitos indígenas usam, atrás da orelha direita, buquês de flores: durante a estação dos jasmims e das rosas, escolhem-nas com hastes bastante compridas a fim de que cheguem até o nariz, podendo, então, cheirá-las continuamente. Dizem que esse hábito data dos tempos antigos de Cartago. Célebres exploradores escreveram relatos também muito curiosos. Encarregado, em 1861, de uma missão científica no solo africano, Baker pode observar os costumes de um povo do vale do alto Nilo, cujos homens tinham nos ombros uma pequena pele de antílope e escondiam a parte inferior dos rins debaixo de algumas ervas. As jovens mulheres, segundo a fortuna que possuíam, tinham cinco ou seis fileiras de pérolas formando avental, moda já usada durante o tempo dos Faraós, e as velhas, buquês de folhas verdes, penduradas a um barbante. Além disso, os chefes usavam grandes túnicas lembrando a toga dos Árabes. Eram feitas com grandes pedaços de cascas que, maceradas durante vários dias na água e batidos com um malho, davam um tecido resistente e macio como a seda.

Quando os portugueses desembarcaram na Guinéia (1481), o rei do país apareceu com os braços e as pernas enfeitados de placas de ouro; campainhas do mesmo metal

eram presas à sua barba; mas, contrastando com esse aparato luxuoso, uma casca desempenhava o papel de diadema; seus soldados, nus até a cintura, tinham o resto do corpo escondido por folhagens de palmeira.

Os negros da Costa de Marfim, inimigos de todo constrangimento, praticavam antigamente um sistema de educação muito primitivo, visando a obter homens sãos e robustos, de uma agilidade extrema em todos os exercícios do corpo. Na época do nascimento, as crianças eram carregadas de pedaços de casca provenientes de uma árvore dedicada ao deus da tribo, com a esperança de lhes dar um sono tranquilo; com quatro anos, cercavam os seus membros com juncos entrelaçados para preservá-los das doenças dessa idade; com oito anos, usavam solenemente uma tanga com fibras vegetais, de alguns centímetros, como os romanos do tempo de Augusto vestiam a ampla toga.

Abandonados por sua família, entregues à mais completa desocupação, as crianças de ambos os sexos corriam nas florestas, como pequenos animais. Era somente com a idade de doze anos que os rapazes voltavam para a autoridade paterna e que as filhas se submetiam à tutela da mãe.

Os Dahomenos têm o cabelo curto. Usam na cabeça chapéus de palha e boinas em tecidos de diversas cores. Cada um acompanha as suas fantasias. O penteado que damos aqui, próprio de um dos príncipes da família reinante, se compunha de grandes folhas seguradas por um tecido branco de um efeito muito pitoresco.



Príncipe Dahomeno, primo de Glé-Glé, parente de Behamain (1873-76). Penteado com folhas. Índio Ouagoyo penteado com uma boina de fibras trançadas de baobá e decoradas com plumas de galo.

Grandes ladrões de homens, grandes vendedores de escravos, espertos e corajosos, esses selvagens, em contactos com os europeus desde a descoberta da costa, não constituem um tipo especial. Não é uma raça particular que oferecem para o estudo, mas um povo progressista, cujos costumes vão se transformando cada dia mais.

Os Ouagoyos que vivem na costa oriental da África são nus; eles protegem somente a cabeça com uma espécie de boina em fibras trançadas de baobá, enfeitadas com penas de galo; pulseiras com formas esquisitas adornam seus braços e brincos em arame penduram-se em suas orelhas.

Quando se descobriu o Cabo de Boa Esperança (1504), os indígenas só viviam de caça e de pesca. Suas roupas eram tão simples quanto seus costumes. Tinham pequenos aventais de pele, ou de penas, e pelerines em juncos trançados. As mulheres eram reconhecíveis pelos colares de conchas e, sobretudo, pelos cabelos compridos, levantados com graça sobre a parte alta da cabeça e misturados com ervas brilhantes de nuances variadas.

Na ilha de Kazegut, nos arredores do Senegal (Voy. De Brue, em 1701), aqueles que sua condição social colocavam acima do vulgar tingiam o cabelo de vermelho com óleo de palmeira e usavam em torno dos rins uma cinta grossa composta de caniços caindo até os joelhos. Na estação fria, outra franja, colocada nos ombros, escondia a cintura, enquanto que uma terceira protegia a cabeça e o pescoço. O conjunto dava àquele que a usava a aparência de uma colmeia.



Habitante da Ilha de Kazegut com seu traje de canas.

Uma indumentária mais ou menos parecida se vê nas ilhas Filipinas.

Os casacos de palha, em uso na ilha da Madeira, pelos camponeses que vão trabalhar nas vinhas, podem ser comparados a eles.

Eis agora uma roupa original adotada nos dias de festa pelos rapazes de Cacheo, uma das cidades principais da Senegambia. Compõe-se de lianas dispostas em anel como uma rede com mangas enormes em palha trançada; a cabeça suporta um adorno de pelo com dois cifres volumosos por cima. Nesse país, o menor acontecimento dá lugar a uma

feira com copiosas libações, pois os indígenas gostam muito de vinho de chicha e bebem-no durante as festividades. Deixo-o imaginar qual é o comportamento dessa gente após vários dias desse gênero de vida.



Traje de festa em cacheo (Senegâmbia).

Chefe Monbottou com uma túnica feita de casca de árvore.

Os Mombouttous, que moram, ao noroeste dos lagos da África equatorial, um país encantador por causa de sua luxuriante vegetação, ignoram praticamente a arte da tecelagem; a sua única roupa é uma túnica em casca de árvore. É o liber do *urostigma de Kotschy*, espécie de figueira, que lhes dá a fazenda. Essa casca, submetida a um tratamento prolongado (*battage*) que a transforma em uma espécie de filtro grosso, é tingido depois em vermelho moreno e, sob a forma de túnica, apertada sob a cintura com uma corda grossa, ela cobre o corpo desde o busto até os joelhos. Os ombros ficam descobertos. O penteado é muito complicado; os cabelos, de cima e de trás da cabeça, formam um coco cilíndrico subindo obliquamente por trás e segurado por uma carcaça de “roseaux”; tranças, torsadas muito finas compõem na testa uma faixa que vai alcançar o coco. Substituem o cabelo natural com cabelo falso comprado ou adquirido de soldados mortos durante a guerra. Os homens coroam seu coco com uma boina de palha também

cilíndrica. Esta boinha, enfeitada com “pompom” de penas de águia ou de papagaio, não é usada pelas mulheres; estas devem contentar-se com alfinetes e pentes, cujos dentes são espetos de porco selvagem. Mas elas usam outros métodos para embelezar-se: por meio de um suco de fruta de gardênia, umas desenham no corpo estrelas, cruzes, abelhas, flores, fitas e nós; outras parecem a zebra, o leopardo ou mármore. Usadas durante alguns dias, essas pinturas desaparecem para serem substituídas por novas, de um aspecto muito variado também.

Esses selvagens, que têm o cabelo cor de *filasse* e cuja pele lembra a cor do café em pó, não criam gado; preferem a essa carne a do papagaio cinza, do elefante, do javali, do búfalo e do antílope, dos quais conservam partes inteiras para bons preparos. Têm, contudo, grandes quantidades de galinhas e de cachorros que, como entre seus vizinhos, servem para a carne do açogue.



Monbottous

Seus recursos não se limitam a isso: cruéis antropófagos, lutam muitas vezes contra uma multidão de pequenas tribos negras que os cercam e que eles desprezam. Todos aqueles que caem durante os combates são imediatamente destrinchados e levados como provisão de cozinha. Econômicos na abundância, defumam os pedaços supérfluos para uma oportunidade melhor e empregam a banha humana como manteiga.

Apesar do horror inspirado por esses hábitos, os Momhottous devem ser considerados como uma nobre raça, talvez de origem asiática, dotados de inteligência e de uma maneira de julgar as coisas muito acima dos outros povos africanos.

O explorador Schweinfurth, convidado a visitar o guarda-roupa de Mounza, chefe da tribo, diz que uma choupana inteira era dedicada a suas roupas de fantasia. Viam-se pendurados caudas de *civette*, de *genette*, de “potamochores”, de girafa, ao lado de peles de diferentes espécies e de milhares de enfeites estranhos destinados a adornar sua pessoa.

No Cheuli, no centro da África, as mulheres procuram, com uma ternura toda especial, defender seus filhinhos contra o calor terrível dessas regiões. Amarrados nas costas de sua ama até a idade de quatro anos, os bebês são recobertos com a metade de uma “courage”, fruta enorme nesse país; parecem imensas tartarugas. As mães se entregam, com esse peso querido, a seus afazeres habituais, sem se livrar do prazer da dança que eles adoram. Ao menor som do *tamtam*, ocorrendo de toda parte, elas começam a pular parando somente quando exaustas e sem fôlego.

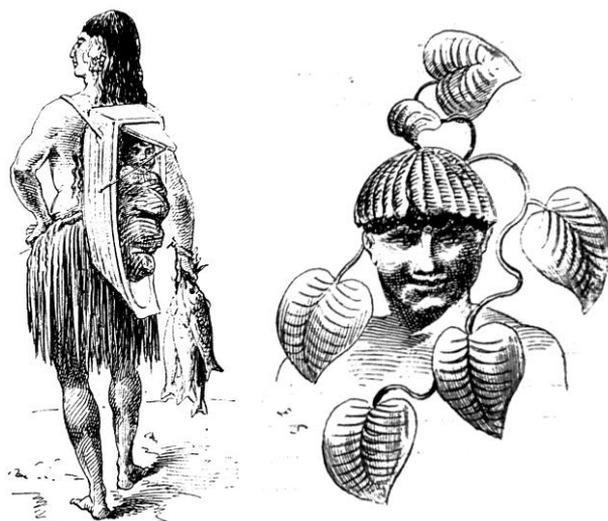


Jovem da África Equatorial se protege do sol com uma folha de bananeira.

As moças dessas latitudes quentíssimas usam folhas de bananeira para se proteger contra os raios do sol.

Os chefes dos Iquitos, tribo à margem de um afluente do Amazonas, colocam em torno da testa um pedaço de casca, enfeitado com uma longa crineira, sinal do poder. Uma lança, cuja ponta é envenenada, é sua arma ofensiva e defensiva. As mulheres, quando caminham, fazem, com a ajuda de quatro espinhas de mimosa que servem de agulhas para tricô, essas lindas redes multicores, com fibras de palmeira chambera e que os viajantes procuram.

Segundo os Franciscanos das primeiras missões americanas, a maior parte dos Índios do Oregon, ao sul da Colômbia, se alimentam com raízes e peixes dos lagos. Caçadores de raposas, os homens se enfeitavam com os despojos de suas vítimas, mas as mulheres tinham simplesmente no varão uma saia leve de ervas frescas. As crianças, dentro de caixas munidas de uma viseira para protegê-las do sol, eram carregadas nas costas da mãe, bastante alegremente.



*Indígena do Óregon, ao sul da Colômbia, com sua saia de ervas.
Criança enfeitada com uma flor de aristoloche nas margens de Magdalena.*

É nas margens de Magdalena que cresce a mais curiosa planta da América do Sul, a aristoloche com folhas em forma de coração, classificada entre as plantas carnívoras; sua flor apresenta a forma de um capacete e a abertura é bastante grande para admitir a cabeça de um homem. Humbolt conta que, em viagem ao longo desse rio, encontrou frequentemente selvagens com essa planta na cabeça.

Todas as crianças usam-na na cabeça. Ela desempenha realmente entre esses povos o papel clássico da boina de algodão dos nossos camponeses normandos. Esta planta cura, asseguram, as mordidas das serpentes.

Hoje, os Churoyés não têm uma indumentária muito mais complicada. Uma tanga estreita, chamada guayoco, amarrada por uma corda de cumará, é o que eles usam. É fabricada com as fibras de uma árvore do gênero das malvacéias que, separadas da parte mucilaginosa, são lavadas e expostas aos raios ardentes de sol, durante alguns dias, para obter uma linda cor amarelo claro; essas fibras, depois, são fiadas e transformadas em tangas. A dos homens é vermelha, graças à *chica*, tinta muito comum na Colômbia, obtida

pela maceração de uma liana da família dos bignoniáceias com a qual se tingem as pernas, o rosto inteiro ou simplesmente o lábio superior. Esses indígenas usam no pescoço dentes de animais e grãos vegetais; nos lóbulos das orelhas pedaços de madeira, "roseaux" ou raízes cheirosas e, na cabeça, uma coroa de penas de papagaio. Suas redes, chamadas *chinchorros*, que lhes servem de camas de descanso, se compõem de uma larga rede suspensa a uma árvore por ligas de cumaré. A resistência desse gênero de corda é tão grande que um fio torcido de um milímetro de diâmetro pode aguentar um peso de 10 quilogramas. As redes destinadas às crianças são cercadas de penas de "perruche" com cores vivas. (Ver a gravura no início do livro).



Mulher do Rio Colorado, com uma saia de cascas em tiras e folhas nos cabelos.

As mulheres de diversas tribos do Rio Colorado têm uma saia confeccionada com cascas de árvore; amarradas à cintura por uma extremidade, caem até os joelhos onde são cortadas em largas faixas. De longe, parecem bailarinas, pela maneira de andar que faz ondular a saia. A maioria pinta os lábios de azul e desenham uns pontinhos no queixo; o cabelo, metade caindo, metade levantado, é enfeitado com flores ou folhas. Elas envolvem

seus bebês em panos feitos com cascas filandrosas e passeiam assim com os meninos nos ombros.

Os Yahuas escolheram para a dança do *bayenté* ou “do diabo” uma fantasia esquisita e incômoda.

Presos em seu saco de casca tendo a forma de um *entonnoir* virado, os bailarinos, com um andar em cadência, ora lento, ora rápido e raivoso, se procuram, se evitam, batem uns contra os outros, acompanhando as suas evoluções de sons prolongados tirados de uma flauta em bambu e de um ruído de grãos secos contidos na cabaça pendurada a esse instrumento.



Yahua dançando a dança do diabo.

Sua roupa tem em redor folíolos de mirita; flores em formato de penacho ficam na extremidade superior munida de furos para os olhos e a boca.

Nesse maiô rústico apertando o busto, os braços dos bailarinos caem ao longo das pernas na impossibilidade de fazer um gesto. O divertimento termina quando o suor dos

executantes furou a roupa e que a falta de ar lhes provoca desmaios; os colegas apanham, então, com as duas mãos o saco que os cobre, puxando-o para si com toda força. O rosto congestionado, o olhar espantado dos homens meio asfixiados só fazem excitar a alegria dos espectadores.

Não menos estranho é o vestido das mulheres da Nova-Granada, espécie de roupa muito apertada furada em três lugares para deixar passar a cabeça e os braços. O tecido é feito com fibras vegetais, dobradas em massa, as quais batidas tomam a aparência do amadeu. Se rasgar, algumas paletadas (*coups de palettes*) reúnem facilmente as partes separadas. Crevaux compara as mulheres vestidas dessa forma com bexigas vazias ou lanternas chinesas amarrotadas.

Essas índias, que gostavam muito das joias, fabricam muitas delas com pérolas de vidro, conchas, pedras, dentes de animais e sementes de plantas.

Mas, esses vestidos feios só existem nas antigas tribos não dominadas, pois os crioulos, de uma grande beleza, sabem muito habilmente realçar o brilho de seus atrativos; as damas de Cuba e as de Cartagena, capital dos Estados de Bolívar, enfeitam frequentemente seu cabelo com *cocuyos lampyris*, escaravelhos, com três centímetros de comprimento, cujos olhos muito grandes e proeminentes brilham com uma luz fosforescente na escuridão. Elas botam esses insetos dentro de pequenas gaiolas de gaze e fazem com isso lindos diademas. Quando elas passam, à noite sob a sombra espessa das árvores, elas parecem fadas das noites estreladas.



Dama de Cartagena (Estados de Bolívar), penteada com vagalumes.

Dizem que três ou quatro desses *lampyris*, num frasco, davam bastante luz para que elas pudessem ler ou coser; é um pequeno exagero; podem apenas, em certos casos, servir de lâmpada de cama. Para conservá-los vivos, botam-nos nos troncos de cana de açúcar e eles comem filosoficamente as paredes de sua prisão, enquanto aguardam o momento de reaparecer no cabelo das mulheres.

É, também, nesses belos climas que nascem, às centenas, encantadores coleópteros com cores de fogo e esmeralda, verdadeiras flores do ar, procurados pelas moças que os colocam em seus vestidos de baile. Muitas vezes, elas os mantêm presos por intermédio de um fio de ouro que permite aos insetos vagarem, com liberdade restrita, pelas roupas de sua dona. Outra espécie de escaravelho, cujos élitros têm a dureza do metal, é encravada em joias como as pedras preciosas.

No princípio do século 17, os habitantes das ilhas São João tinham como roupa uma folha de palmeira presa na cintura por um junco. Com bonés de casca pintada na cabeça, em número de três, eles tiravam sucessivamente, para saudar, o primeiro, o segundo e o terceiro, conforme o grau de respeito que eles queriam demonstrar às pessoas,

ou, em sinal de profundo respeito, colocavam em seu cabelo pequenos galhos de árvores, folhagens e flores.

Em Rioah, perto de Santa Marta, na Venezuela, as índias de várias tribos livres empregam, para se vestir, fibras de aloés, folhas de palmeira e guirlandas de flores.



Crioula darianita (istmo de Darien), penteada com flores e pentes à espanhola.

Na costa setentrional da Colômbia, separada do istmo do Panamá pelas montanhas de São Blas, vive o povo dos Darianitas, originário de “escravos marrons”, negros mulatos cruzados com índios, europeus, chineses e hindus, atraídos nesse país pela construção das estradas de ferro. Dessa mistura heteroclita e, graças sobretudo a seus antepassados índios, muitos desses indígenas têm o cabelo fino, brilhante e ondulado. Os homens são os mais fortes da região, as mulheres as mais belas. Simplesmente trajadas com o antigo vestido das crioulas, elas revelam principalmente o quanto são faceiras na maneira de ajeitar os cabelos; separados no meio da testa e formando longas tranças ou divididos ainda em uma dúzia de grandes flocos com formas de cocos, os mesmos são presos por três ou quatro pentes de ouro, colocados à maneira espanhola e enfeitados com flores ou

pérolas procedentes da região (*Voyage de Reclus*, tenente da Marinha, 1876, publicado pelo *Tour du Monde*).

Em São Miguel, na região chuvosa da América equinocial, as folhas de helicônia são transformadas em guarda-chuvas tão leves quanto impermeáveis, pois os pingos de água correm na sua superfície como pérolas transparentes.

Perto de um lugarejo das Cordilheiras, o viajante Ch. Wiener viu as moças assistirem à missa com grandes folhas de *yacufanga* ou *bijado* que lhes servia de cadeira ou para ajoelhar-se; na saída da igreja, elas as levavam para proteger-se contra o sol.



Índia de Saint-Miguel se utiliza de uma folha de helicônia como guarda-chuva.
Índio Coreguaji.

Entre os mais curiosos selvagens com vestimenta primitiva, existem os Coreguajis, visitados por Crevaux durante a sua viagem de Caiena aos Andes. Todos os seus enfeites são feitos com flores ou plumas de todas as cores fornecidas pelos lindos pássaros da região. A cabeça dos homens suporta um verdadeiro monumento enfeitado por trás com uma cauda de penas finas; os braços e a cintura têm penachos; o pescoço, um colar de

flores e frutinhas; das orelhas caem lianas presas na extremidade com longos hastes horizontais; algumas joias esquisitas, de prata, enfeitam o lábio superior. Esta tribo pertence à Guiana, descoberta em 1408 por Cristóvão Colombo.

Iniciaremos o nosso estudo sobre os povos da Oceania pelos malaios Dayaks, muito bem chamados pelos ingleses de “caçadores de cabeças” e que ocupam, na parte ocidental de Bornéu, uma das regiões mais férteis da terra. É no meio das selvas, ou escondidos nas altas ervas da margem dos rios, que esses homens cruéis espiam, como onças famintas, o velho, a mulher ou a criança que, bastante temerário para aventurar-se nessas regiões, é furado com uma seta envenenada e tem a sua cabeça cortada para servir de ornamentação à choupana do matador.



Malaio Dayak (Bornéu) em traje de combate, na cabeça uma casca de árvore, uma cesta para por os crânios amarrada na cintura.

As ações mais lindas, a seu ver, são aquelas que provam a coragem, ou melhor, a ferocidade. Uma pequena cesta, amarrada no cinto e na qual colocam em primeiro lugar os objetos indispensáveis da vida, recebe, também, cabelos humanos conquistados sobre o

inimigo. Quando eles se preparam para lutar levam sobretudo essa preciosa cesta em que colocarão o crânio ensanguentado do vencido. O Dayak substitui duas incisivas por pedacinhos de ouro e carrega sua testa com cascas de árvores cortadas, cujas extremidades se levantam para o ar como penas. Colocam dentes humanos em numerosos colares, cujo ruído sinistro agrada à sua vaidade. A cabeça de um adversário é o mais nobre presente que possa oferecer à mulher amada; esta, aliás, não casaria sem essa prova de afeição.

Mme. Ida Pfeiffer, apesar de ter sido bem acolhida por esses selvagens, conservou deles, no entanto, uma recordação desagradável, pois, ao entrar na choupana que lhe fora reservada, ela deparou com uma cabeça recém cortada e outras, já ressecadas, em cima de sua cama, no lugar de honra. Meio sufocada pelo cheiro desses restos humanos, e muito impressionada com o ruído sinistro das ossadas que se entrechocavam, balançadas pelo vento, ela não pôde dormir à noite.



Índio Harafora (Bornéu). Chapéu em pele de castor e traje adornado com pele de serpente.

A glória de um guerreiro Dayak é proporcionada pelo número de cabeças cortadas por ele; dessecadas numa fogueira, elas se transformam nos luxuosos troféus de sua residência (Ver o artigo de M. Cortambert em *Journal des Voyages*).

Outros indígenas de Bornéu, os Haraforas, usam como chapéus não cascas de árvores e, sim, uma pele de castor cuja cauda cai no meio das costas. Despojos de serpentes, habilmente preparados, entram na confecção de sua vestimenta.

Sumatra, dada aos portugueses por Siqueira, em 1508, é certamente a mais linda ilha da Malaia. Separada de Java, pelo estreito da Sonda, e da Índia, pelo de Malaca, ela é coberta de florestas impenetráveis povoadas de macacos, rinocerontes e elefantes. Os Battaks, os Achems e os Staks, pertencendo a tribos não submetidas da região, são supersticiosos. Se na caça, seu grande prazer e sua principal preocupação, eles conseguem ferir mortalmente um elefante, eles têm o cuidado, antes de cortá-lo em pedaços, de espalhar pelo corpo grande quantidade de arroz e flores para apaziguar sua alma e afastar as doenças que, sem essa oferta expiatória, não deixariam de atingi-los.

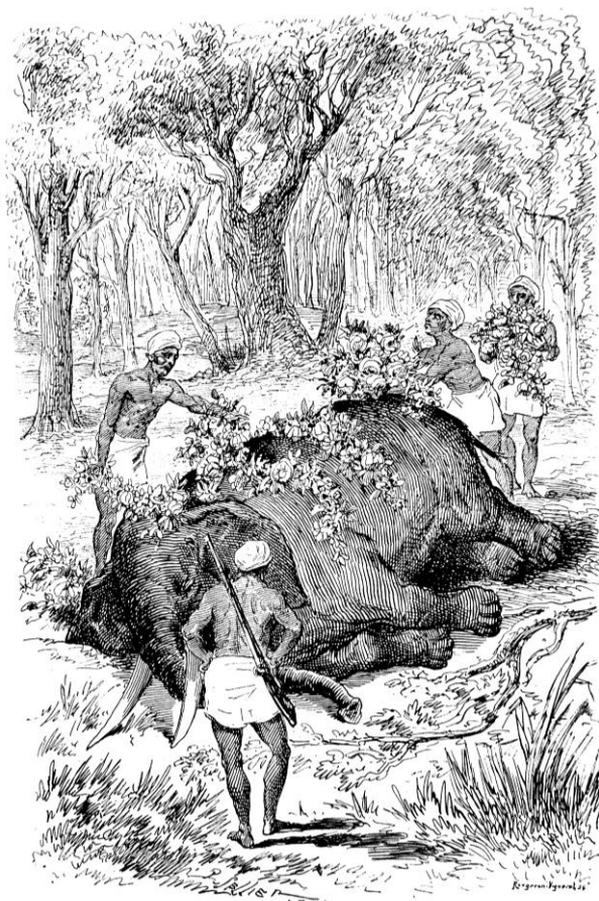


Habitante das Ilhas Hébridias. Mulher da Ilha de Tanna. Penteado com folhas de lataneira.

Deixando a Malaia, penetraremos na Melanésia onde vivem os habitantes das Ilhas Hébridias. Estes, como os Neozelandeses, são cobertos de tatuagens diversas. Parecem ter escolhido os seus adornos especialmente no reino vegetal: enfeitam a cabeça com folhagens, frutas, grãos de diferentes plantas e o cinto idêntico, em forma de saia, cobre os

seus rins. Essas ilhas, devem o seu nome atual a Cook, haviam sido descobertas por Quiros, em 1606, recebendo o nome de Terras Austrais do Santo Espírito.

Os nativos da ilha de Tanna, do mesmo arquipélago, gostam de usar uma conchinha univalve, amarrada ao pescoço por uma corrente pesada.



A morte de um elefante, na Sumatra.

As folhas de lataneira, usadas como chapéu pelas mulheres, parecem uma boina rendada e enfeitada. As folhas de lataneira, que servem de penteado às mulheres, assemelham-se a um barrete festonado.

Os neozelandeses cultivam uma planta da família das palmas de Santa Rita, peculiar ao seu país, o *phormium tenax*, que eles usam de maneiras diversas. Ela é, para eles, como o bambu para os habitantes da Ásia oriental. Os hastes, empregados na construção das casas e das canoas, contêm uma substância pegajosa substituindo a cera e o amidão. As flores ressecadas ardem como fósforos; frescas, elas contêm grande quantidade de açúcar.

As folhas têm a consistência do pergaminho: os letrados transcrevem nelas seus pensamentos por meio de conchas talhadas. Fazem com essas mesmas folhas cortadas em faixas estreitas cestas, pratos, linhas, fazendas, cordas, cabos, redes, algumas imensas. Empregadas no estado natural, divididas em três ou quatro partes entrelaçadas grosseiramente, elas produzem fazendas bastante parecidas com os nossos capachos com o que os indígenas fazem roupa. Dois pedaços são necessários para uma roupa completa: um envolve a cintura e cai até o chão; outro é preso nos ombros por um cordão e cai até os joelhos; na extremidade do cordão, eles pregam uma agulha de osso que, podendo facilmente atravessar a trança, fecha esta espécie de capa na frente.

O nível social e o valor dos guerreiros são indicados por grande número de pauzinhos de osso e de jade amarrados na roupa; primitivamente eram usados sobretudo para coçar a cabeça. Foi assim que se apresentaram a Dumont d'Urville e os indígenas do cabo Palisser, segundo o Atlas do Astrolabe. Se bem que essa cobertura de *phormium* seja desagradável à vista, ela é bem adaptada à sua maneira de viver, pois eles dormem muito ao ar livre sem outro abrigo contra a chuva. Esses modestos artesãos fabricam, no entanto, fazendas de uma delicadeza surpreendente com as fibras finas, longas, brilhantes, brancas como a neve, que eles tiram de sua preciosa planta e que eles fiam delicadamente.

Nos dias de festas, as moças enfeitam a cabeça com guirlandas de musgo e o pescoço com grandes colares de conchas seguradas por cavalos marinhos dessecados.

Supersticiosos os maridos penduram no ouvido um dente acerado de tubarão com o que a esposa deve rasgar o rosto ao perder um parente. Esse objeto é considerado do mais alto valor; se vem de um antepassado, a felicidade de toda a vida dele depende. Além disso, usa no peito ossos humanos e um fetiche em jade verde, representando uma figura horrenda.



Indígena do Cabo Palisser com seu manto em folhas de phormium tenax (cânhamo-da-Nova-Zelândia)

Os seus pentes, colares, pulseiras parecem muito, pela composição e pelo aspecto, com as joias dos pré-históricos da Europa.

O embalsamento era praticado antigamente em algumas partes da Nova Zelândia, mas procuravam conservar apenas a cabeça. Retiravam os miolos que eram substituídos por flores, depois deixavam-nos secar num forno e em plenos raios do sol.

As numerosas povoações, dependentes da grande família canaque, têm diferentes gêneros de adornos; gostando principalmente daquilo que brilha e atrai os olhares, como todos aqueles que se detêm na primeira impressão, os homens colocam no meio de seus abundantes cabelos as penas vermelhas de um galo selvagem ou as de um pássaro,

enquanto outros usam uma planta em torno de sua testa (*fougère-liane*; em port-samambaia-liana). Os camponeses, durante o trabalho, são mui pouco vestidos; todavia, quando vão para a cidade, eles usam, em respeito pelos estrangeiros, o grande cinto de vários metros, em uso em quase todas as ilhas da Oceania.

A fazenda desse cinto, chamada aqui “tapa”, provém do *murier à papier*; a casca, tirada da árvores em grandes pedaços, é mergulhada na água durante vinte quatro horas, depois batida sem cessar para destruir a madeira e torná-la mais maleável; ela dá então um tecido leve e sólido cujas partes fibrosas recebem uma cola vegetal que as deixa inseparáveis. As mulheres usam, como *pagne*, folhas de bananeira caindo em dobras sobre as pernas e amarradas na altura da cintura por cabelos de *roussette* (morcego do tamanho do rato). Uma coroa de plantas verdes ou uma flor no cabelo é o enfeite sugerido pelo desejo de agradar.

Dumont d’Urville que descobriu as ilhas polinésias Gilbert e Bertrand, em 1828, encontrou os habitantes, naquela época, vestidos com um cinto de grãos pretos misturados com conchas e ossinhos. Colocado nos quadris, esse cinto era enfeitado com grandes ervas que desciam muito em baixo e formavam uma espécie de *lambraquin dentelé*. O betel, o cal, o tabaco, os pedaços de obsidiana usados como aparelho e barba, todo um conjunto de pequenos instrumentos necessários ao selvagem, entrava no saco de juncos trançados que os homens carregavam no peito. Com poucos recursos, as moças do Anse da Pobreza (costas da Nova Zelândia) conseguem ser muito faceiras. Vestidas com uma saia muito curta, elas a enfeitam com folhagens e flores ou pregam por baixo ervas cheirosas.

É pena que elas estraguem tôda a poesia desse lindo enfeite colorindo o rosto com “ocre” e espalhando pelo corpo um óleo que não seca e deixa um cheiro horrível de manteiga estragada. Todavia, elas podem ser consideradas lindas mulheres perto das mulheres Papuas que, em seus simples trajés, são horrendas de sujeira: o seu *pagne* de

fibras vegetais apertado em torno dos quadris jamais é lavado e só é substituído quando é completamente usado.

Colares de dentes e pérolas falsas, anéis de ervas secas, perto dos ombros, misturados com pedaços de peles ou de penas, são os adornos normais do sexo forte da Papuasias que não os considera como exclusivamente reservados às mulheres.



Taitiano coroado com folhagens e flores. Taitiana.

Para esquecer essas anomalias do gosto, deveremos visitar uma população da qual Bougainville fez um retrato ideal e que tem conservado hábitos efeminados juntamente com certa inocência. Adornadas com vestidos brancos, verdes, vermelhos ou de todas as cores, as Taitianas altas e bem feitas protegem o seu rosto dos ardores do sol por meio das folhas do coqueiro.

Elas andam frequentemente de cabeça exposta ao sol, com seu longo cabelo separado em duas tranças, caindo sobre o pescoço e enfeitado com guirlandas de flores. Homens e mulheres usam, aliás, coroas em todas as estações. Utilizam ora plantas, ervas cheirosas como o *maire* que cresce nas montanhas e o *miri* que nasce no fundo dos vales, ora palha de *arrow-root* ou *pia*, misturado com imortais. Atrás das orelhas aparece o *haro*, haste pequena de seis a quinze centímetros de comprimento, possuindo em uma extremidade ervas cheirosas e inalteráveis de uma orquídea especial no país e na outra

flores estreladas do *tiaere* ou gardênia taitiana. Lindos adornos de cabeça são, também, tirados do broto terminal do coqueiro o qual, livre de seu epiderme vegetal, dá penachos de uma rara beleza. Nos dias de festa, as mulheres usam chapéus confeccionados com a casca roída da pia. As facetas do ananás e as frutas perfumadas do *pantang* são enfiadas como colares.

Taiti não tem os mosquitos e os animais venenosos que são o suplício dos países tropicais. Os indígenas dessa nova Citera, como fora chamada inicialmente, merecem realmente a sua reputação de laboriosos. Fabricam fazendas, mais ou menos grossas, que eles tingem de nuances diversas e, sobretudo, um tecido lindo com as fibras de uma árvore que todo o mundo gosta de cultivar em torno de sua própria casa; molhadas e batidas numa tábua de madeira muito fina, essas fibras produzem uma espécie de musselina delicada como o papel e muito mais macia, apesar de ter menores possibilidades de se rasgar.

Samambaias roxas, com os contornos bem desenhados, são aplicadas nesses tecidos, dando-lhes a aparência de rendas carregadas de ricos desenhos. As mulheres enfeitam assim a sua cabeça: é sua mantilha. Quando foi descoberta essa terra privilegiada, existia um hábito curioso: o rei, para notificar as suas ordens ao povo, utilizava mensageiros que percorriam o país com folhas de coqueiro; aceitar a folha, era submeter-se; recusá-la, era desobedecer; ela simbolizava a autoridade.

Esses insulares, cuja cor de pele é ligeiramente verde-azeitona, consideravam, outrora, a pele branca como um sinal de má saúde; assim, nos campos de batalha, os vencedores despedaçavam, de preferência, os mortos mais morenos para fazer, com seus ossos, tesouras, agulhas ou iscas, certos de que seriam mais sólidos.

Ao lado das lindas Taitianas, é preciso lembrar as mulheres das ilhas Sandwich ou Havaí, notáveis pelo gosto que elas demonstravam, sobretudo antigamente, em sua vestimenta. O reino havaiano moderno se formou tão depressa que no momento atual os

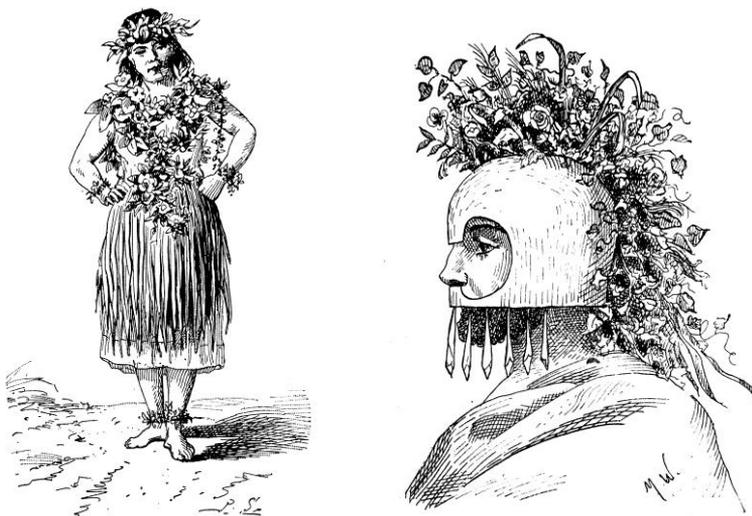
hábitos antigos e modernos se superpõem sem se destruírem; é principalmente nos dias de festas nacionais que os velhos costumes reaparecem. Amazonas, orgulhosamente montadas em seus cavalos, segundo o hábito do país, têm o busto coberto por uma musselina branca desaparecendo sob enfeites de flores; em substituição à saia, elas usam uma longa peça de fazenda, muitas vezes vermelha ou amarela, cujas extremidades caem de ambos os lados até o solo ou flutuam logo que o cavalo, enfeitado com flores, anda mais depressa. Essas encantadoras cavaleiras vão diante do palácio do soberano executar uma fantasia local extremamente pitoresca, depois regressam ao galope pelas ruas da cidade, cumprimentado aos amigos com grandes gargalhadas.



Amazona do Havai

A noite, os indígenas se reúnem para ver as bailarinas de Hulahula. Estas moças, trajadas com vestidos cor de rosa ou azuis, com os pés descalços, flores no cabelo, em torno do pescoço, dos tornozelos e dos pulsos, se movimentam primeiro lentamente ao som de seus cantos e da medida indicada por uma velha batendo num tambor e, rapidamente, elas executam uma dança agitada que lembra a *guigue* inglesa. Com as transformações operadas pela civilização, esses prazeres são os únicos restos de um passado esquecido.

Os príncipes e as damas da corte reservavam para si o direito exclusivo de se enfeitar com coroas de *vocci*. Os outros súditos enfeitam a cabeça com flores amarelas e ervas com as quais são feitas as correntes, amarrando o cabelo em forma de turbante. Em nenhuma outra parte do mundo, se utilizam tantos colares. Empregam geralmente grãos vermelhos ou verdes, grama, folíolos de bananeira admiravelmente cortadas, flores, frutas, ossos, cabelos e tudo que pode servir.



Dançarina do Havaí. Antigo capacete utilizado nas Ilhas Sandwich.

Como as flores brancas são raras nas ilhas Sandwich e, por isso mesmo, muito procuradas, as mães imaginaram salpicar com cal o cabelo de suas filhas, perto da testa, de maneira que, na idade de doze ou quarenta anos, elas têm em torno do rosto uma mancha branca a qual, ajeitada com arte, parece uma coroa de rosas ou margaridas.

O viajante King, companheiro de Cook, viu um capacete bastante original usado pelos insulares. Tinha a forma de uma abóbora enfeitada com ramalhetes verdes e flores; faixinhas de fazenda simulavam a barba. Este hábito desapareceu com os seus numerosos contactos com os europeus.

Os nativos das ilhas Carolinas têm espécies de chapéus chineses em folhas de pândano, lembrando os dos antigos pastores da Arcádia, talhados em cascas de árvore. *Spadums d'arum* enfeitam os seus ouvidos que eles têm a curiosa mania de pintar de vermelho. Colares de conchas e flores, ou confeccionados com a casca linhosa do coco, completam o conjunto.

Antes de terminar este parágrafo, diremos duas palavras sobre os habitantes de uma ilha dos mares polinésios, chamada Routouma-a-Boa, que escolhem os seus embelezamentos pessoais de preferência nos jardins. A simples saia de palha trançada que serve de roupa e de onde caem, na altura da cintura, folhas de cúrcuma, é deliciosamente enfeitada com ervas cheirosas, buquês de *pancratium* e hibiscos da China. Colocam flores nos grandes furos feitos na parte inferior do lobo auricular pela introdução de folhas roladas que, em virtude de sua elasticidade, alargam pouco a pouco o orifício onde se encontram.

Para se proteger contra os raios do sol, os indígenas utilizam uma folha de coqueiro. As bananeiras lhes fornecem toalhas e louça, eles só tocam na comida com as mãos escondidas sob as folhagens.

Esses hábitos são parecidos com os dos Hindus que colocam diante dos hóspedes de marca, mesas feitas com galhos de árvores entrelaçados, utilizando folhas como pratos. Terminada a ceia, mesa, pratos e restos são jogados ao mar. A nossa porcelana por eles é desdenhada; o próprio marajá é obrigado a se submeter à regra estabelecida; recebe a sua comida em folhas de lótus, e todos os dias o lago vizinho dá-lhe novas. Colheres e garfos são, também, proibidos. Usam os dedos como outrora na Europa.

No Japão, onde o povo inocente e poético ficou célebre pela paixão que dedica às flores e ao aprimoramento da cultura, foram compostos calendários nos quais cada planta da estação indica um mês em particular. Assim é que, em Osaka, contam por mês de orquídea, lírio, hemerocalo, laranjeira, ameixeira etc.

Digamos, entre parênteses, que Linné imaginou não somente um calendário vegetal desse gênero, mas também um relógio de Flora, em que cada flor, ao desabrochar, indique uma das horas do dia.

Os vestidos das ricas senhoras de Miako oferecem, a respeito das cores e dos desenhos nelas representados, a prova do melhor bom gosto; harmonizando-se com as produções do ano, eles encantam o olho dos tons e dos assuntos.

Apesar de tudo, devemos confessá-lo, esses gêneros de *peignoirs* abertos no peito e, pelo contrário, apertados nos quadris e nas pernas, são um tanto esquisitos, e é certamente por causa desse tipo de roupa e das sandálias de madeira que elas usam que devemos atribuir o andar desgracioso das mulheres, contrastando com a elegância dos movimentos de seus braços e o bonito sorriso que elas dirigem a todos aqueles que as cumprimentam na rua.



Japonesa com seu brasão bordado no traje.

Quando as japonesas são de família ilustre, elas mandam bordar, nas costas do vestido, um pequeno quadrado branco, no meio do qual é colocada, como uma estampilha,

uma folha de árvore que é o escudo da família, pois, em geral, é no reino vegetal que os nobres escolhem os seus distintivos.

Esse fato, bastante interessante, é confirmado por um objeto precioso conservado no museu Guimet, em Paris. Consiste numa mala de viagem, laqueada, que pertenceu a um grande personagem e na qual são representadas as armas da aristocracia do Império. A maior parte, para não dizer todas, se compõem de folhas de árvores ou de flores.

Quando um galante quer dizer a uma moça os afetuosos sentimentos que ele nutre por ela, pendura na porta de sua residência um galho de *celestia alatus*; se o galho murcha e fica pendurado por fora, o indiscreto pode retirar-se; se, pelo contrário, foi colocado para dentro da casa, é aceito como noivo. Este hábito não lembra o de São Valentim, na Alemanha?



Mademoiselle Crisântemo

A planta nacional do país é o crisântemo, cujo nome significa “flor de ouro”, devido provavelmente ao tipo primitivo originário do norte da África. Era a flor favorita de Cleópatra. Com ela os egípcios faziam guirlandas para os sacrifícios; os Hindus enfeitavam

os seus templos; Medeia destilou, - conta a lenda - o filtro que devia rejuvenescer Aeson, pai de Jason. Era conhecida, em toda a Antiguidade, na China e no Japão.

Em honra do crisântemo de ouro, brasão especial de Mikado, realiza-se a maior festa popular da região. Os heróis das lendas religiosas são, em dias determinados, enfeitados com essa flor; esplendidamente vestido com “pompons” brancos, roxos e amarelos feitos com crisântemos, o deus da Força aparece nos pagedas enquanto que a divindade do Sol Levante fica totalmente coberta dessa flor. As moças que não receberem um nome de flor, no dia do nascimento, muitas vezes usam um mais tarde e gostam de ser chamadas heliótropa, crisântemo, jasmim ou guimalva. É bastante raro que elas não enfeitem os seus voluminosos cocos com flores verdadeiras ou falsas espetadas em fios de ferro.

Na estação do crisântemo, os diretores de grupos teatrais vestem os seus manequins com uma camada de argila recoberta com essas pétalas maravilhosas, dispostas segundo as cores para simular as fazendas da roupa. De tamanho natural, representam ora homens numa cena cômica, ora mulheres preparando chá. As barracas, onde são instalados, são lugares de encontros para as classes mais pobres que aí vão divertir-se enquanto bebem uma xícara de sua bebida favorita.

Quando chove, os camponeses, pescadores e artesãos protegem as costas com um casaco de papel oleoso ou de palha trançada, de uma fabricação bastante primitiva que não passa, na realidade, de um capacho mal feito. Isto não os impede de usar seu grande chapéu de bambu e seu para-sol feito com casca de árvore.



Japonês coberto por seu manto de palha.

O negociante não pode viver sem o seu leque, no qual inscreve tudo aquilo que ele quer recordar durante o dia.

A roupa branca é sinal de luto no Japão.

As chinesas, felizes súditas do Império das flores, não satisfeitas em tirar os seus enfeites das produções da natureza, usam também as da indústria; a pequena cidade de Amoi deve a sua prosperidade à fabricação dos azales, camélias e rosas artificiais.

Homens, mulheres, crianças, todos dedicam-se a esse trabalho; em cada casa, vendem milhares dessas flores espalhadas em bandeiras e tão parecidas com as verdadeiras que os próprios peritos no assunto se enganam muitas vezes. É interessante acompanhar os finos e vivos movimentos das mãos deliciosas trabalhando. A humilde residência do artesão é, ao mesmo tempo, seu ateliê, seu escritório e sua loja. Os operários trabalham nesses locais em salas tão pequenas que quando um freguês vem fazer uma encomenda ele é obrigado a permanecer na entrada para receber a sua compra.

O papel, dito de arroz, tirado de uma planta de Formosa, a *aurelia papyrillera*, é fabricado na China.

Em sua obra *Seize mois autour du monde*, Jacques Siegfried nos dá uma pequena nota bastante divertida sobre a China: “Logo após o nosso desembarque – diz – o primeiro objeto que chamou a minha atenção foi um mandarim militar enfeitado com uma saia bordada a ouro, um colar de pérolas e segurando um leque com a mão. Subiu num cavalo e reparei várias bainhas na altura da cintura; pensei que contivessem espadas e punhais mas fiquei surpreendido em saber que eram destinadas aos pauzinhos usados para comer e a seu leque; de maneira que o meu oficial mais parecia estar a caminho de um jantar do que pronto para passar em revista a tropa”.

Como falar nesse belo país sem mencionar o bambu que atende, assim como o arroz, a quase todas as necessidades de sua numerosa população? As camas, as cadeiras das casas são feitas com as suas folhas, trabalhadas e parecidas com penas de pássaros ou escamas de peixes; as obras clássicas dos budistas foram transcritas em pedaços de sua casca; os paus divinos e o estojo que os contém provêm de seus galhos e com seus penachos são abanados os pátios exteriores dos templos.

Serve à fabricação de toda espécie de papel; o mais fino é usado pelos garimpeiros de Fu-Kieu para a manufatura do ouro em folhas; este papel industrial, na Europa, é reservado ao pergaminho.

Máquinas de tecelagem, flautas e uma multidão de bibelôs são confeccionados com essa planta enorme.

A ilha sagrada de Langka, chamada também a Fortunada nos poemas dos bramas, ou em outros tempos Ceilão, a pérola das Índias, possui ela também uma das árvores mais úteis ao homem. Se bem que as suas folhas não tenham menos de dois metros de comprimento (uma só é capaz de abrigar em sua sombra quinze pessoas), os habitantes conseguem, quando frescas, em lhes dar a espessura do braço de maneira a não pesar quase nada. De forma redonda, essas folhas são cortadas pelos insulares em pedaços triangulares com os quais cobrem a cabeça durante as suas viagens, colocando a ponta

aguda na testa para abrir o caminho entre as plantas. Protegem-nos do sol, da chuva e deixam-lhes a liberdade de movimentos.

Os soldados constroem tendas com ela e os escribas fazem livros. Nada mais prático do que esse papel fornecido pela vegetação; nas folhas da planta (chamada *talipot*) são inscritas a maior parte das atas civis e as coisas necessárias ao comércio comum da vida. O estilete usado é de ferro, de forma geralmente elegante, e os sinais traçados são coloridos para tornar a leitura mais fácil.

É realmente no Ceilão que se deve procurar a origem da escritura em palmeiras e foi lá que ela atingiu seu mais alto grau de perfeição. Nada é comparável à magnificência de algumas missivas reais sobre esse produto da natureza. Colocadas entre duas lamelas de ouro batido, as folíolos são recobertos com uma rica fazenda bordada a pérolas e pedras preciosas, que lhe é própria e colocada numa caixa de marfim cortado ou de metal.

Essa árvore monumental não cresce somente no Ceilão; ela é encontrada, também, numa vasta região da África oriental na costa do Zanguebar onde é muito estimada pelos habitantes.

Num artigo publicado muito recentemente, o Sr. A. Pilgrim nos dá boas informações sobre o assunto e, por isso, não hesitamos em reproduzir um trecho do mesmo: "...O Wa-Pokmo essencialmente agricultor que vive nas margens do Tana e constitui um dos tipos mais puros e mais belos da família negra, parece ser o aborígine do país; come arroz, milho, sorgo, bananas, pistaches, cana de açúcar, batatas, mandioca, feijão, peixe, mel etc. . Recolhe o vinho de palmeira do *rondier* da árvore e damasco e do "doum"; nunca lhe falta o tabaco e sua felicidade é completa quando pode encontrar um pouco de carne.

A indústria, praticamente inexistente, consiste, para as mulheres, em fabricar com a lama do rio alguns utensílios de casa pequeninos, delicadamente trabalhados e em fazer bordados, colares e pulseiras com pérolas falsas de mil cores e muito finas.

Os homens fazem tranças, cordas, sacos, cestas com as folhas de palmeira *tallipot*: quando essas folhas imensas têm alcançado o seu completo desenvolvimento, elas desempenham o papel de para-sol ou de leques; cosidas juntas (*cousues*, em francês), elas são utilizadas como barracas, material para cobrir as choupanas e garantir os seus habitantes contra as intempéries das estações. Aos homens, cabe também a fabricação das cercas, de diversos objetos de cobre e de estanho, e de pirogas que eles confeccionam com a ajuda de simples machadinhos.

O amor pelos enfeites talvez seja mais desenvolvido ainda entre os homens do que entre as mulheres, e estas trançam, com uma arte realmente notável, a cabeleira de seu marido e de seus filhos. Todos botam no corpo uma espécie de argila vermelho, de procedência hindu, o *ngoi*, misturado com manteiga ou banha de animais selvagens.

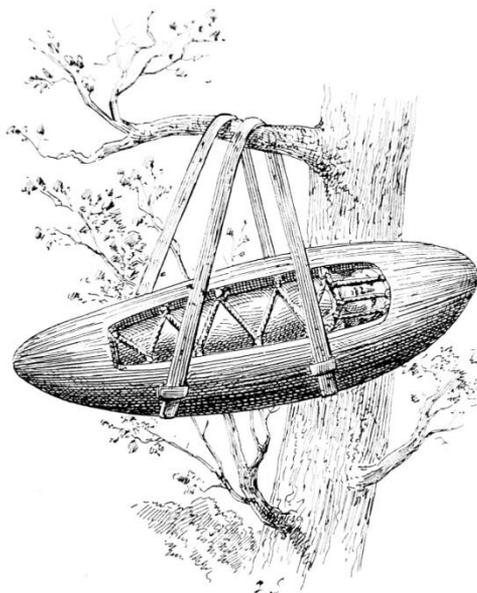
Todo casamento dá motivo a festas. Homens, mulheres e crianças se pintam da cabeça aos pés. Cada um deles coloca em torno da cintura o que tem de melhor como roupa; em torno das pernas, anéis de cobre vermelho; nos pulsos pulseiras; no pescoço, colares de pérolas finas, conchas ou moeda miúda, insígnias, balangandãs, etc.

As mulheres se reúnem depois em um grupo compacto, em pé, cantando e batendo o chão, enquanto dois ou três outros grupos, acorados, dão o ritmo com enormes cabelos vazias. No centro do grupo, é colocada a noiva. De seu lado, os homens – conduzidos por um corega e segurando-se cada qual por uma ponta de sua tanga, a cabeça enfeitada com penas ou flores plantadas em seu cabelo erguido, uma vara na mão – descrevem um círculo e desfilam diante das cantadoras, pisando o chão juntos e entregando-se as contorções as mais esquisitas. À noite, acendem grandes fogueiras para afastar os leões, os leopardos, os tigres e os mosquitos e, diante da chama que está ardendo alegremente, falam nos assuntos da comunidade. Cada um deita debaixo das grandes folhas de palmeira inclinadas sobre estacas. O bate-papo começa entre os mais

velhos. Todos os anos é celebrada uma festa nacional em homenagem aos mortos e todo mundo se veste da melhor maneira possível, tendo feito economias para esse fim.

Na Pérsia, o ar, dizem, é tão puro que na maioria das cidades e sobretudo em Ispahan só empregam flores para tampar as garrafas; a bebida é servida aos convidados com um cravo ou uma rosa em vez de uma rolha.

Simbolizando os grandes períodos da vida, as plantas deram emblemas felizes ou nefastos. Uteis aos homens, mesmo desde o seu nascimento, elas formam frequentemente o seu primeiro leito. Quem não conhece o berço índio, feito com casca de árvore?



Berço lapão.

Os berços de madeira das margens do Amazonas, não têm nenhuma deformidade e eles devem este favor a um velho hábito ainda usado. As crianças dormem numas bolsas cheias de musgo fino, feitas com uma taboinha que, de ambos os lados, tem pedaços de fazenda que se encontram por cima onde são amarrados por um laço. O bebê fica deitado nas costas, os braços esticados junto ao corpo, na impossibilidade de se movimentar.

Assim deitado, o que pode parecer-nos incrível, a babá o carrega em seus ombros e cuida dos negócios da casa sem nenhuma preocupação.

Hábitos parecidos são praticados muito longe da América central; os jovens Lapões são deitados, logo no dia do nascimento, em ervas colocadas em berços feitos com cascas de árvores e muito estreitos, lembrando, pela forma, a das crisálidas. Quando a família viaja, a mulher caminha com esta espécie de lenha nas costas; quando para, pendura-a na primeira árvore da estrada. Fazem um furo diante do rosto do bebê para que possa respirar o ar de fora, sem correr perigo de ser devorado pelas feras selvagens.

Folhas de grande tamanho servem, na Colômbia, de para-sol para os viajantes. O *spath*, que cobre a flor das palmeiras e só cai quando totalmente desabrochado, adquire o tamanho colossal de um metro e meio a dois de comprimento, oferecendo a aparência de uma taça imensa. É tão duro, tão linhoso, que as negras o utilizam geralmente como banheira para os seus filhos.



Índio da Colômbia se utiliza de uma folha à guisa de sombrinha.

Se as árvores fornecem camas e roupas aos recém-nascidos, elas dão também lençóis e caixões de defuntos.

Os Guaraunos, que moram ao sul das Guianas, cobrem os seus mortos com enormes folhas de palmeiras, antes de enterrá-los; os Guarauras, nas margens do Orenoque, agem de maneira diferente; colocam-nos em sarcófagos de casca tirada da árvore em longos pedaços os quais, uma vez juntos, são amarrados nas extremidades com grossas lianas. O pavilhão da Venezuela, na Exposição Universal de Paris, em 1889, possuía um desses caixões.

Os Sioux colocam os defuntos em cobertores de lã para deixá-los depois no meio de uma floresta em cima de quatro estacas, a dois ou três metros do solo. Quando a chuva estraga os paus, tudo desmorona e os lobos das redondezas devoram os restos humanos.

Essas velhas tribos têm, também, o hábito de colocar os defuntos em caixas enfeitadas com peles e sobrecarregadas de todas as coisas que eles usavam durante a vida, tais como remos, botes, patins, arcos e flechas, cachimbo e tabaco, sem esquecer aquele que poderia ser necessário na última *grand voyage*, isto é, alimentos, cores decorativas e óculos de neve. Este último objeto, um dos mais valiosos da bagagem de um índio, é constituído de dois pedaços de madeira de cedro, côncavos, ligados por uma tira estreita de couro; o objeto coloca-se nos olhos atado atrás da cabeça. Uma fenda estirada, aberta no meio de cada pedaço, permite ver sem ser incomodado pelo brilho da neve.



Cemitério índio.

Algumas famílias índias costuram os cadáveres numa esteira e penduram-nos, quer no meio de um baobá, quer nos mais altos ramos de um cedro, ou são escondidos simplesmente sob um acervo de folhas.

Nenhum povo pode ser comparado aos peruanos pelo cuidado de tomar conta dos mortos. Estes são transportados nas grutas, chamada *cuevas*, naturais ou escavadas, situadas frequentemente a cem ou duzentos metros acima dos vales e, a uma distância igualmente considerável do rebordo dos principais planaltos. O que mais preocupa os peruanos é ocultar os cadáveres de seus irmãos, longe dos olhos dos mortais, e abrigá-los, nestes retiros inacessíveis, contra umidade, feras e a curiosidade ímpia.

Os Panches, que habitam ainda ao pé das Cordilheiras orientais, tinham este costume. (Sua capital, hoje desaparecida achava-se a 1250 metros de altitude). A respeito disso, M. Edmond André, encarregado de uma missão francesa, 1875-1876, num artigo publicado por *Le Tour du Monde*, nos comunica suas impressões.

“Seguíamos a espinha do *Cerro d’Anvila*, cujo pico recebeu o nome de *picacho de la Guacamaya* (pico do papagaio), devido a sua forma estranha em bico curvo. Nossa ascensão foi longa e penosa. Assemelha-se a do Vesúvio: um passo na frente, dois para trás. Caminhávamos num atalho de 40 graus de inclinação, quando um rochedo com duas cruces nos fez parar: “A cruz de Maio” disseram os peões. Esta “cruz de maio” é composta de dois postes sumariamente ligados, na fenda de duas rochas. Algumas flores secas por causa do vento forte nestas alturas e uma série de laços feitos de folhas de palmeira rasgadas, atestavam a piedade dos fiéis que escalaram essas montanhas difíceis para aí colocar seus ex-votos. “Este lugar é consagrado, acrescenta um dos nossos guias depois de fazer o sinal da cruz; cada ano, o 13 de maio, dia de aniversário de festa dos sepulcros entre os panches, os índios da vizinhança vêm em grande número rezar para os antepassados sepultados no *Cerro*”. Perto de lá, com efeito, achava-se um velho cemitério hoje em grande desordem; entre restos mortais humanos achavam-se pedaços de barbante de pita, delicadamente torcidos, com que os parentes enfeitavam os lábios desbotados de seus mortos segundo um costume ainda existente entre os indígenas do Choco. Não se vê ali nenhum dos objetos que os velhos peruanos deixavam perto das múmias e em grande número nas *huacas* do Equador.

Conforme a narração de um missionário inglês da América do Norte, os indígenas do arquipélago Reine-Charlotte, conhecidos pelo nome de Haidads, usavam árvores inteiras como ataúde. Quando um homem morre, seu corpo é colocado dentro de um pinheiro que foi derrubado e cavado; o tronco em seguida é cuidadosamente fechado e cravado inteiramente reto, em frente da porta de sua cabana, o corpo do morto acima de muitos metros do sol. Quando se trata de um personagem considerável se lhe escolhe uma das mais bonitas árvores da região; é esculpida e cravada na própria entrada de sua antiga habitação, de maneira que, uma parte do ataúde fica no interior. Não se pode dizer que

esses corpos são enterrados, já que eles se acham, às vezes, a quinze metros de altura. Algumas árvores contém, frequentemente, de cinco a seis pessoas.

Na Colômbia, o falecimento de uma criança é pretexto para uma cerimônia mais comovente do que poética. Os parentes colocam o pequeno ser perdido sob um verdadeiro tapete de rosas e, durante quatro dias, os membros da família e amigos vêm enfeitá-lo de flores; é como se quisesse adormecer o bebê e facilitar sua entrada no país da felicidade. Tomam parte em danças funerárias acompanhadas de canções declamadas.

No Rio de Janeiro, aqueles que seguem o cortejo fúnebre de uma filha pobre têm, sem exceção, um ramo de flores na mão para depositar piedosamente sobre o túmulo no cemitério, triste estada da igualdade.

Em Nouvelle-Hollande, quando morre um homem, os vizinhos buscam ramos de árvores, ervas, relvas e limos e, sobre esta verdura, colocam o morto, pois embrulham-no com grandes folhas presas com tiras de couro e o enterram assim empacotado.

Noutro tempo, em Java, quando os corpos dos principais homens do estado eram queimados, a mulher que o esposo havia preferido devia ser jogada vivente na fogueira. A vítima era conduzida ao suplício, enfeitada de grinaldas.

Nas regiões distantes como as nossas, sentimos as mesmas dores, e o pesar de um amigo morto é também externado.

Em sinal de luto, os Bakotas, que habitavam próximo a margem do Zambeze, cobrem de folhas de palmeiras, a cabeça, o peito, os braços e as pernas e só quando essas folhas caem secas e apodrecidas é que eles se desfazem das mesmas.

Os pretos do Alto Cubanguí (África central) colocam, um feixe de palha no cinto e as mulheres, um punhado de palhinha testa.

As pérolas brancas chamadas *baiacas*, entre estes selvagens, servem para fazer coroas funerárias. Essas pérolas são a única moeda do país; por uma colher de café, obtém-se quatro ovos; por duas, uma galinha, por quinze, uma cabra.

As jovens pretas são bastante bonitas e muito coquetes, como já assinalamos acima. Usam cabelos falsos com os quais fazem uma trança longa e bem pesada, arranjada adiante do ombro direito. Algumas folhas de bananeira são usadas como saia.

Os Boubous são mais interessantes; trabalhadores e sobretudo brigões, causam temor aos vizinhos; para estes, os Boubous são o diabo e, quando avistados a um quilômetro de distância, logo se dispersam. Durante uma expedição francesa que matou muitos deles, os nativos de Abiras jogavam, nas pirocas dos vencedores, grande quantidade de víveres, coisa difícil de encontrar. Os Abiras gritavam: *Fara n'gougou Boubous ecui* (Os franceses são poderosos, os Boubous são mortos).

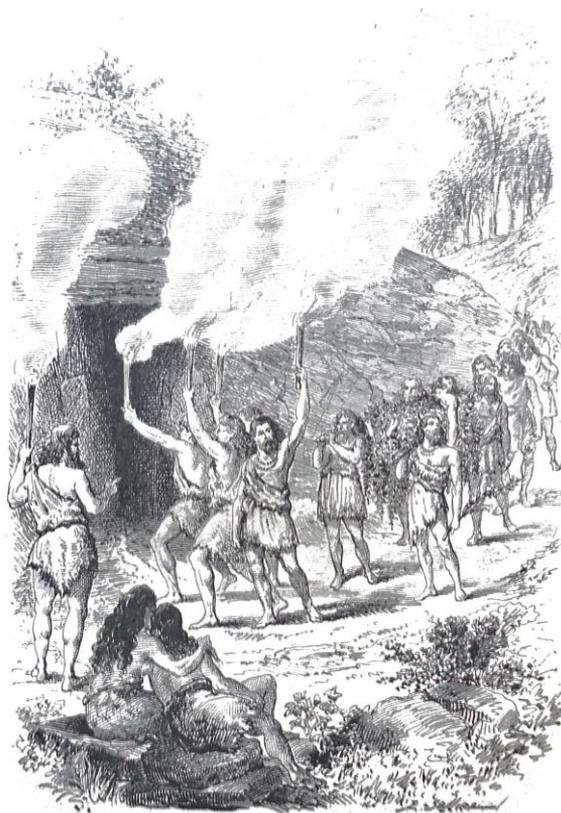
Já sabemos que os homens da Idade da Pedra eram levados ao sepulcro sobre liteira de folhagem.

Na Antiguidade, as plantas faziam parte das funerais.

A Amarante, emblema da imortalidade era particularmente oferecida aos mortos; foi num leito destas flores que ficou o corpo de Aquiles antes de ser jogado nas chamas.

Homero enfeita a relva dos Campos Elísios com a aromática *asphodéle*, planta consagrada às almas dos mortos e a Proserpina, rainha do tenebroso império. Aparecendo cada primavera no seu bolbo dissimulado, esta flor era na Antiguidade, o emblema da ressurreição eterna.

Em geral, o defunto era colocado sobre canas, a cabeça coroada de ramos de oliveira, loureiro, álamo branco, lírio ou rosas conforme sua idade, seu sexo, sua situação social e honras. Com a cremação acabada, as cinzas eram recolhidas numa urna e postas no túmulo coroado de árvores especiais, ao pé dos quais, semeava-se aipo, jacintos e narcisos. Os presentes afastavam-se, após feitas as libações normais, com taças enfeitadas de violetas, anêmonas e *pothos*.



Funerais na época da Pedra Polida.

Frequentemente, também, em sinal de afetuosa lembrança, espalhavam flores sobre sepulcros. Alexandre, rendeu essa homenagem no monumento que guardava restos do maior herói grego, e Nero lembrado por seu povo, apesar de seus vícios, teve durante muito tempo, seu monumento coberto de rosas frescas.

Em Roma, era costume coroar-se de cipreste preto, árvore dedicada a Plutão, para acompanhar funerais de um parente. Ramos de pinheiros e caules de papiros abrasados iluminavam o cortejo que avançava ao som das flautas nas quais somente devia se

empregar madeira de Buxo e de Abeto. Pratos particulares, tais como favas, alfaces e lentilhas, eram oferecidos aos presentes.

Em todas as eras, as nações civilizadas recorriam às plantas para glorificar os Deuses e enfeitar seus templos. Na Índia, cada divindade brahmica possuía sua própria flor. A da mangueira é oferecida a Vishnu, a qual está, algumas vezes, deitada sobre uma folhas de figueira. Os vendedores ficam nas entradas dos pagodes e vendem aos fiéis os ramalhetes que eles necessitam para suas oferendas. Raízes odorantes, nardo misturado ao benjoim e aloés, são queimados nos altares.

No extremo-orient, antes da cerimônia do casamento é costume oferecer corbelhas cheias de flores aos Deuses que presidem a felicidade matrimonial.

No Egito, o lótus, que simbolizava o norte do país, como o papiros representava o sul, era a planta divina por excelência. Imagem da perfeição para os velhos, possuía esta distinção por causa da forma orbicular de suas folhas. Apelidada, de esposa do Nilo, significava para os árabes, a inundação do rio e a fertilidade da terra.

A *ninfeácea* sagrada desempenhou um papel imenso nos monumentos egípcios: as colunatas dos templos de Thebes e os Philas, que parecem desafiar os séculos, são enfeitadas por estas plantas. Em toda parte, Ísis exibiu-se coroada de flores, estas, dando forma a seu cetro e ornato inseparáveis. As damas de companhia penteavam-se com hastes de lótus como se vê nas pinturas daquele tempo.

Os egípcios representavam o nascer do sol com nenúfar, pois imaginavam que, como este, o astro do dia saía da água. Osíris é habitualmente coroada de lótus; com o lótus, também eram feitos colares para Deuses e para as rainhas e guirlandas para os palácios.

Até o século dezesseis, consideravam-no, ainda que proveniente da Índia, como particular do Delta e, na Antiguidade era apelidado de “lírio do Nilo” ou de “fava do Egito”. No tempo de Heródoto, se desenvolvia ali em abundância e quase em estado espontâneo,

mas desapareceu com a religião que o havia provavelmente introduzido. Os pobres se alimentavam com suas raízes e faziam o pão com suas sementes.



Isis com seu cetro de Lótus. Ao lado de Ísis, penteado com as hastes de lótus.

Strabon afirma ser uma delícia passear nos lagos cobertos de flores aquáticas, abrigando-se do sol com suas bonitas folhas; isso se faz ainda hoje com as folhas de tamareira. Eram do tamanho dos chapéus thessalinos e eram usadas para penteados.

Três espécies de lótus eram conhecidas: o azul, empregado para honrar as divindades; o vermelho que se encontra somente no Japão, personificando a abundância e usado como assento para Brahma, privilégio adquirido por sua origem no seio das águas, consideradas pelos partidários como a origem de todas as coisas; o branco, enfim, mais comum, usado pelo povo.

Nos dias de festas, as mulheres saíam penteadas à *la lótus*, segurando nas mãos ramalhetes de flores naturais e artificiais, dentro dos quais levavam defumadores e frascos de perfumes.

Entre os hebraicos, as grinaldas de folhagem penduradas no exterior das ossas significavam: festa e alegria; e é, por isso, que na época da entrada do Cristo em Jerusalém, durante as festas das Páscoas, todas as ruas eram enfeitadas e cobertas de verdura. Cada um tinha palmas na mão.

Os padres judeus tinham coroas de rosas durante os sacrifícios e as mulheres ornavam sua cintura e a cabeça com ramalhetes de *henné*.



Egípcia penteada à La Lotus, e portando um buquê que contém incensário.

A rosa, querida dos orientais, foi simbolizada nos poemas árabes dos quais o mais bonito, o *Gulistan*, é atribuído a Saadi. É no vale da Cachemira que ela atinge sua perfeição e, em Ghazepour, sobre as margens do Gange, encontra-se o centro de fabricação da dita “água de rosa”. Segundo Homero, na época do cerco de Troia, já sabiam preparar uma espécie de óleo com este nome e ali se cultivava esta flor em abundância para uso do perfume. Rhodes, cujo nome significa “ilha de rosas” era famosa por este comércio. O

segredo dos alquimistas perdeu-se, sem dúvida, pois o médico árabe Avicena o teria descoberto no século X.

Saladino, na sua chegada em Jerusalém, fez limpar o átrio da mesquita de Omar (construída no lugar do templo de Salomão) com baldes cheios desta água preciosa. A água de rosa foi usada em tão grande quantidade que foi necessário duzentos camelos para trazê-la de Damasco.

Maomé II, depois da tomada de Constantinopla, ordenou purificar da mesma maneira a mesquita Santa Sophia. A princesa Nourmahal fez melhor; encheu um lago artificial de água de rosa no qual lançou um barco para um passeio na companhia do grande Mogol. Foi durante este passeio que se descobriu uma essência de rosa ainda mais sutil na superfície do lago artificial. Essa história não se parece com as das *Mil e uma noites*?

Os gregos consagravam à rosa um culto bem particular e os filósofos igualmente não a desdenhavam na ocasião. Sócrates, assistindo à comédia de Aristófanes, *As Nuvens*, na qual o poeta cômico o ridicularizava, contenta-se em aplaudir como os outros; entretanto, na saída do teatro, com o ramalhete que tem à mão, roça o rosto de Aristófanes; como este recuasse descontente, o mestre lhe disse: "Fazes por estas flores o que fiz por sua peça: suporte o arranhão em razão do perfume".

Quase todas as divindades pagãs são representadas com coroas. A primeira teria sido, segundo Tibullo, entrelaçada no campo por um menino que a reservou para os defensores de seu lar.

Sabemos, graças às recentes descobertas, que este costume vai buscar sua origem nos tempos da legendaria de Nínive, pois cientistas adquiriram, há pouco tempo, preciosas informações na tradução das inscrições murais dos edifícios, os cilindros de argila, achados nas fundações dos palácios, e as tábuas em terras endurecidas, compondo a biblioteca Assurbanipal, na sua residência real de Kajoundjik.

Um destes documentos que enumera os ornamentos de Istar, Deusa da beleza, bem considerada na cidade assíria, nos informa, ao mesmo tempo, a respeito da riqueza da mulher.

“Quando esta mãe inconsolável da perda de seu filho, tenta ir ao inferno para reclamá-lo à morte, é obrigada a atravessar as setes portas que protegem o inferno; na primeira, a guarda lhe tira a grande coroa que enfeitava sua fronte; na segunda, os brincos; na terceira, seu colar; na quarta, seu cinto de pedras preciosas; na quinta, os anéis de seus dedos; na sexta, as argolas que cercam seus braços e pernas; na sétima, sua túnica bordada de ouro e seus véus transparentes”.

Um dito assírio, tirado das mesmas fontes, nos informa que, às margens do Tigre, o homem que obtivera êxito durante a vida era considerado como *né coiffé*. Se uma mulher, dá a luz a um menino, tendo uma touca na cabeça, a felicidade, na sua visão, entrará na casa. Ali está, por certo, um provérbio que passou por muitos caminhos antes de chegar a França.



Ceres- pintura de Pompéia. Baco coroado com hera a partir de uma pintura de vaso antigo).

A língua italiana, ainda mais generosa, disse: *nato vestito*, isto é, “nascido vestido”.

Júpiter, senhor dos Deuses, usava uma coroa de flores de todas as estações, indicando a supremacia de seu poder. Ceres tinha a sua, feita de espigas amadurecidas, emblema das colheitas. Hércules era coroado de folhas de álamo, naiades, de nenúfares e gladiolos; os Deuses do mar, de canas; as musas, de rosas brancas; os gênios protetores do lar, de noqueira; Saturno, de figos frescos. O capacete de Minerva é frequentemente coroado de mirto. A fábula relata que a Deusa guerreira se enfeitava de flores por ela colhidas com Proserpina na planície de Enna, na Sicília, no dia em que esta última foi raptada por Plutão. As corridas das tochas foram instituídas em Corinto, em honra de Minerva Hellotis, a quem ofereciam coroas de mirto. Baco, cuja cabeça é frequentemente coroada de pâmpano, adotou o lírio depois de sua viagem à Índia, devido à particularidade maravilhosa do lírio em dissipar a embriaguez.

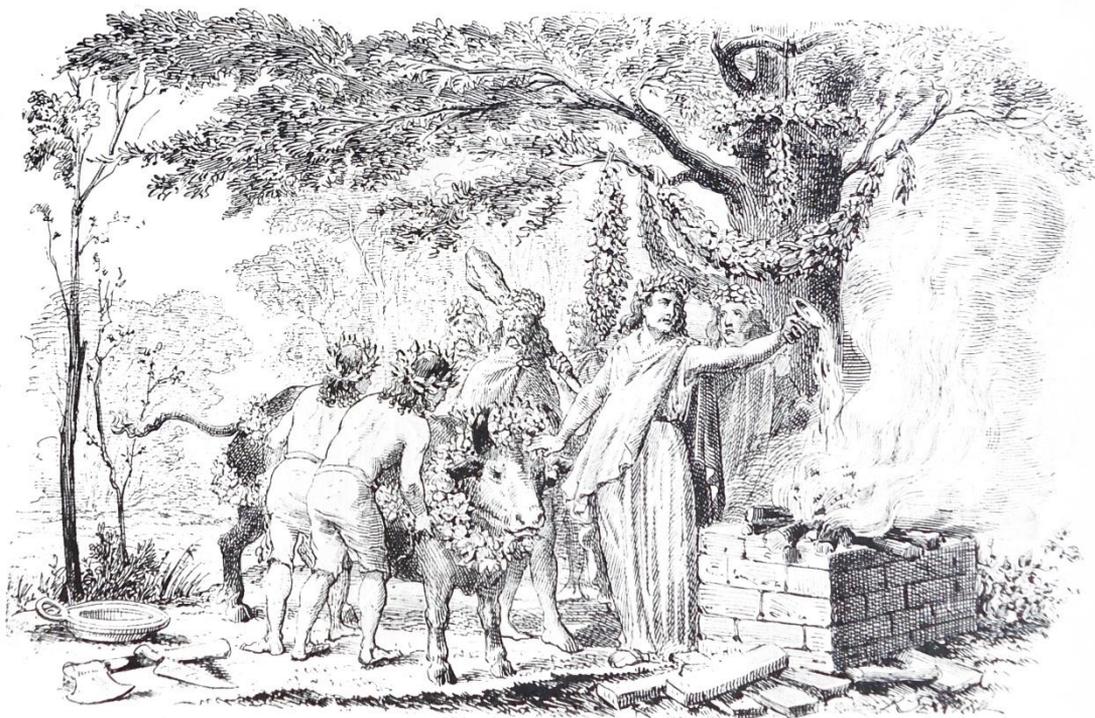
Alexandre, antes de deixar a Ásia, mandou fazer penteados para todos seus soldados e voltou vitorioso a seu reino, idêntico ao Deus das Vindimas. Desde então, esta planta ficou amarrada ao Tirso de Baco, enfeitou durante muitos séculos o capacete dos trácios, em lembrança de suas conquistas.

As coroas passaram a ser usadas não somente pelas divindades como também pelos sacerdotes e logo por particulares que ofereciam sacrifícios e até mesmo, pelas vítimas que eram imoladas. Esta moda existia em outros países e Tácito mencionou-a na sua história da Germânia antiga; em grinaldas de rosas e folhagens é que as ovelhas, novilhas e bodes eram oferecidos aos Deuses. O costume ainda espalhou-se e tornou-se abuso. Foi de rigor, em Roma, usar três coroas durante os banquetes de gala: uma no alto da cabeça; a segunda, na frente; a terceira, solta no pescoço, e que descia até o peito; julgavam-nas boas para refrescar o cérebro e dissipar os vapores de vinho, ainda que o médico Gallinaque demonstrasse que seus perfumes, ao contrário perturbavam as almas.

A ramalheteira Clycere, famosa por seu talento em ajuntar flores, sabia altear a harmonia das nuances e unir habilmente seus cheiros. Foi tão talentosa em sua arte que teve vantagem sobre o pintor Pautias que gozava, entretanto, de uma grande reputação por telas reproduzidas com seus pincéis.

Horácio, nas suas sátiras contra o ridículo dos homens, mencionou o hábito que tinham seus concidadãos em enfeitar-se para as distrações. “Sois muito vaidosos - disse ele - e não faríeis como este jovem debochado que se achando por acaso nas lições de um filósofo, falando sobre a temperança, envergonhou-se de tal modo de seu estado que, pouco a pouco, acabou por tirar as coroas e as flores de seus hábitos.”

Sabemos, não obstante, que no velho Egito, as coisas passavam da mesma maneira, três mil anos e antes de nossa era, e os seguintes detalhes atestam o luxo de seus habitantes: tendo apenas o tempo de cumprimentar seus hóspedes, os convidados eram logo cercados de escravos que coroavam seus cabelos e enfeitavam seus pescoços com as grinaldas de flores; outros, as cobriam de perfumes, enchiam de vinho seus copos de ouro, de prata ou de bronze e lhes ofereceriam frutas. Enquanto se refrescavam ou descansavam nas poltronas confortáveis e elegantes, os amigos se reconheciam entre si, começavam palestras e reuniam-se em grupos, em conversas plenas de animação. Lá fora, uma doce música enchia o ar, misturando-se aos perfumes das plantas, incessantemente renovadas. A lira, a harpa, a cítara, o tamborim, a flauta simples e dupla, uniam seus acordes sutis. A música era a paixão dos egípcios. Músicos e bailarinas eram corporações e seu concurso para entreter as festas era bastante caro. O início do banquete interrompia as diversões e as conversações. Servidores traziam pequenas mesas baixas, servidas a todos, em torno das quais os convidados se agrupavam, sentados no chão, ou nas cadeiras, se as mesas eram mais altas. Pedações de carne, aves aquáticas, peixes, legumes, frutas e, sobretudo, uvas, tâmaras e figos compunham os principais elementos de festim.



Sacrifício religioso com os velhos germânicos. (a partir de uma gravura do século XVII, de acordo com o texto de Tácito).

Eram ignoradas as facas e os garfos; as colheres unicamente, eram usadas para tomar a sopa.

Comia-se, pois, com os dedos e no prato, mas escravos colocados atrás dos convidados, lhes davam a cada momento guardanapos para limpar a boca e as mãos. Esposas eram colocadas uma ao lado da outra, pois, em nenhuma circunstância, nem por um minuto sequer, separava-se o marido da esposa.

Por ocasião dos grandes *panateneus*, celebrados cada cinco anos em Atenas, dava-se aos personagens de distinção presentes, uma coroa de ouro e outra de oliveira.

Estando Demóstenes prestes a receber a coroa de ouro, Ésquilo, ciumento, mandou anular este presente, mas o grande orador obteve ganho de causa, ao pronunciar seu belo *Discurso sobre a Coroa*, permanecendo obra prima do gênero oratório.

A moda deste adorno, imaginada, no princípio, provavelmente para proteger a cabeça contra os abrasamentos do sol, foi introduzida em Roma pelos gregos. Virgílio fez remontar até a Eneida o ato de cingir de louro a testa do vencedor; encontra-se, no livro dos Geórgicos, uma alusão a esta origem. “Assim fazem os latinos, filhos exilados de Troia. Todos, nos jogos bachicos, queriam recitar versos; estouravam risos; punham-se no seu rosto máscaras hediondas feitas de cortiça de árvores e o grupo, todo alegre, invocava o Deus do vinho, ia pendurar em sua homenagem, sobre os pinheiros, suas grinaldas, suas coroas e suas imagens móveis.”

Lutadores vitoriosos recebiam uma cerca de salsa e suas casas eram enfeitadas de carvalho e loureiro.

Nas festas públicas, as coroas de rosas eram o ornato habitual do traje das citações: o povo as recebia das mãos dos vereadores. Não era raro, nos festins, ver-se cair sobre as convidadas uma chuva de pétalas suaves; e assim, se diz, foram asfixiados, por ordem de Heliogábalo, muitos jovens patrícios, seus amigos e companheiros do prazer que, num momento de alegria, tivessem audácia de zombar dele.

Além disso, as romanas usavam nas assembleias, coroas e colares de flores naturais; raramente, o mesmo adorno servia duas vezes; mandavam-nas, de preferência, a uns amigos privilegiados, como presente gracioso, tendo frequentemente uma linguagem misteriosa e galante; punham, às vezes, em volta do seu pulso, um *orvet*, chamado “serpente de vidro”, pequeno réptil inofensivo, de forma elegante e cor metálica, atingindo 40 centímetros de comprimento e espessura igual a de um lápis. Imóvel no braço, facilmente dava a ilusão de uma joia de bronze.



Romana, adornada com flores, a partir de um busto antigo.

As rosas da Campânia e de Mileto eram as mais apreciadas da Itália; o inverno não dificultava seu comércio. Eram importadas também do Egito. Nero gastou, na ocasião de um divertimento que ele organizou à margem da baía de Baía, quinhentos mil francos de nossa moeda, somente para engrinaldar as ribas e os navios.

Nas festas de Pan, instituídas por Rômulo, no dia da grande cidade, os pastores iam a Roma de todas as partes, cercados de oliveira e de alecrim, este último, havendo a virtude de purificar os estábulos. Os irmãos Arvales, padres de Ceres, tinham a cabeça enfeitada de ramos de teixo e de carvalho verde, presos por tirinhas brancas. Quando os cônsules iam oferecer um sacrifício, seguravam na mão palmas de oliveira; juncos eram jogados nas estradas por eles percorridas.

No tempo de Plínio, os romanos tinham para si próprios, mais coroas que todos os outros povos reunidos, apesar de que nesta época não reconhecessem apenas recompensas militares. Fizeram-se novas leis tornando a coroa cívica igual, como honra, à coroa suprema da Grécia, que era concedida no templo de Júpiter. A cidade daquele que o tivesse recebido, fazia uma brecha nas suas muralhas para mostrar sua alegria e deixar passar o carro do vencedor, seguido de um numeroso cortejo de admiradores. O feliz cidadão, digno

deste distintivo, podia usá-lo diariamente. Todo mundo se levantava, quando chegasse numa assembleia, até mesmos os senadores. A isenção dos impostos lhe era concedida, assim como a seu pai e a seu avô. Manlius Capitolinus obteve-a seis vezes, Dentatus, quatorze. Esta coroa era feita de mirto; a árvore deste nome foi trazida provavelmente do Peloponese e foi a primeira espécie plantada nas praças públicas em Roma. A fábula conta que dois mirtos, que se achavam de cada lado da porta do templo de Quirinus, tinham uma virtude profética: um se chamava patrício, o outro, plebeu. Durante muito tempo, o primeiro, cheio de força, teve predomínio sobre o segundo; depois, o plebeu, a princípio fraco, levou vantagem e, por sua vez, floresceu enquanto que o patrício acabou por cair em esterilidade e esgotamento, idêntico ao corpo majestoso do Senado que ele representava.

Os romanos, concluída a paz com seus inimigos, depois da guerra motivada pelo rapto das Sabinas, enfeitaram-se, uma e outros, de ramos de mirto, trocados entre si em sinal de concórdia.

Postumius Tubertus, vitorioso num combate sem derramamento de sangue, no ano 251, de Roma, foi o primeiro homenageado com a ovação militar e andou coroadado pela planta de Vênus. Marcus-Valerius, avó maternal do segundo Scipion, o africano, usou duas coroas na mesma circunstância, uma de mirto, outra de carvalho verde. Esta última, carregada de *glands*, se concedia aos soldados que tinham salvo a vida de um companheiro. Tornou-se, mais tarde, a recompensa dos jogos Capitolinos. A coroa, mais difícil de se conseguir, era a de gramíneas, concedida ao liberador de uma cidade sitiada. Devia ser feita de ervas e relvas, arrancadas dos lugares em que o exército havia estado em perigo. Cincinnatus mereceu-a duas vezes.

A coroa triunfal, feita de folhas de loureiro, era concedida ao general em chefe, depois de uma brilhante vitória; mais tarde, esta simples recompensa foi substituída por uma coroa de ouro maciço.

Julio César é geralmente representado com a cabeça coroada de loureiro.

Podemos, assim, gritar com o poeta antigo: “Ó costumes, eternamente admiráveis, concedendo somente a honra como prêmio pelas grandes proezas e declarando que não é permitido proteger um irmão visando lucro”.

Augusto, depois de usar a coroa de mirto, adotou, para esconder sua calvície precoce, aquela de loureiro, exemplo seguido pelos membros de sua família e todos seus sucessores.



César coroado de louros (a partir de um camafeu antigo).

O loureiro de Augusto, assim chamado, era de origem divina presumível. No dia em que Lívie Drusilla, noiva do Imperador estava sentada no seu jardim, uma águia, planando aos ares, deixou cair de repente no seu seio uma galinha branca que ela havia roubado. A galinha tinha no seu bico em ramo de loureiro. Os Aruspices ordenaram a plantação deste ramo e o máximo cuidado do mesmo; isto foi feito na casa de campo dos Cesars, situada algumas léguas da cidade, à margem do Tibre. Logo, tornou-se um bosque magnífico que forneceu mais tarde, as coroas aos imperadores e aos heróis, com exclusividade.

Pacífico, por excelência, o mirto era consagrado a Apolo; Pausanias nos ensina que o principal sacerdote do Deus Sol era chamado Loureiro, em consideração à coroa composta de suas folhas, sempre usadas por ele como atributo das suas funções.

Este arbusto que indicava aos antigos, a trégua entre os beligerantes, era plantado em frente aos pórticos dos templos e palácios dos ricos; os mensageiros encarregados de anunciar uma vitória ornavam de mirto a ponta de sua azagaia como também as tábuas contendo as boas notícias; as popas dos navios eram enfeitadas de lírio para conjurar a ira dos deuses e também para cobrir aqueles que morriam vitoriosamente no campo da batalha.

Preciosas para diferentes doenças, as estátuas de Asculape, protetor da medicina, eram frequentemente decoradas por estes verdes ramos. Tibério era cercado de pés de loureiros quando o temporal desabava, na esperança de afastar os raios.

Nero, tendo ido a Grécia disputar o prêmio da luta e do canto entre atletas e artistas, voltou com mil e oitocentas coroas que lhe foram graciosamente concedidas pelos gregos na esperança de serem isentos dos impostos.

Um simples maço de sálvia, pendurado no alto das casas, deveria, segundo a superstição romana, afastar o mau olhado, ou seja, a febre.

Os druidas cercavam suas veneráveis cabeças com ramos de carvalho. Esta árvore, para eles, era o símbolo do ser supremo que veneravam. Tinham igualmente uma grande veneração pelo agárico que comparavam à humanidade. Os longos ramos deste parasita, as ramagens amarelas de suas flores entrelaçadas na árvore despojada, ofereciam durante o inverno a imagem da vida no meio de uma natureza morta, representando para eles, a imortalidade da alma. Pensavam que o agárico, semeado nos carvalhos por uma mão providencial, fosse na sua união com a sagrada árvore, a afirmação da afinidade direta entre Deus e sua criatura. Os sacerdotes colhiam-no na primavera, no sexto dia da lua, com uma foice de ouro e os recolhiam em suas capas brancas; depois, imolavam vítimas, rogando aos Deuses proteção àqueles que os serviam.



Druida coroado com carvalho.

O agárico se desenvolvia mormente nas obscuras florestas da Armorique; supunha-se que tinha virtudes benéficas contra todos os venenos.

Na velha Gália, era distribuído ao povo, no primeiro dia do ano, entre gritos de “No visco, o ano novo!” Virgílio o compara ao raminho de ouro que buscava Eneida, segundo as ordens do oráculo. Na Inglaterra, para festejar o Natal, são pendurados em todas as casas, no teto da sala principal, um ramalhete de visco.

Sabemos que o trevo foi escolhido como brasão por São Patrício que via, na divisão de seus folíolos, o emblema da Trindade.



Mulher búlgara penteada com ramos de buxo. Mulher romena em traje de festa.

Uma velha canção da Bretanha nos informa que:

“Daremos para a mais bonita

Um ramalhete de pimpinela”.

Este presente modesto deve seu lugar nestes versos só por causa da rima pobre, ainda que as mulheres búlgaras não tivessem um efeito mais luxuoso nos seus cabelos, pois que elas se limitam a colocar ali, raminhos de buxo.

As romenas usam também esta planta para ornar seus chapéus, imitando um cesto; a moda, é verdade, concede uma larga desforra à vaidade ao permitir sobrecarregar o traje das festas de uma quantidade de joias de acordo com a fortuna pessoal de cada uma. As virgens gaulesas colocavam seu véu sobre uma coroa de verbena; as jovens francas preferiam a giesta/giosta verde. Hoje adotamos flores de laranjeiras, em alguns distritos dos Alpes e dos Pirineus, e o Edelweisse goza da mesma honra. Esta margarida que se encontra numa altitude de 2.000 metros e, de preferência, frequentemente ao bordo dos abismos, ocasionou mais mortes trágicas do que as perigosas expedições aos picos das geleiras.

No Rio de Janeiro, como na França, a coroa de laranjeira orna a fronte da desposada, mas no dia seguinte à cerimônia nupcial, ela é depositada aos pés de uma estátua da Virgem que se tornou famosa e que se acha na Igreja de Santa Maria da Glória, de maneira que, já há muito tempo, a abóbada e as paredes da capela são totalmente cobertas de flores brancas que produzem um efeito poético e encantador.



Grega de Corfou em traje de casamento (a partir de uma fotografia).

Penteado de casamento na Palestina (Atlas do Abade Fillion).

O mirto, com suas pequenas bolas brancas, foi escolhido na Áustria para embelezar o traje da noiva; na Toscana, são os suaves cálices de jasmim.

Na ilha de Corfou, a jovem, entre seus mais bonitos enfeites, coloca ao lado direito do seu rosto, uma enorme ramagem de flores brancas, enquanto que na Palestina, modestamente escondida sob um tecido leve, a jovem cerca seu pequeno chapéu de forma particular, de ramos de roseira ou oliveira.

Os judeus de Jerusalém usam no dia de seu casamento, botões de limoeiro e flores de todas as cores e de todas as procedências.

Nos tempos antigos de Roma, se o marido tivesse uma coroa, a esposa usaria duas: uma de flores naturais, e outra de flores artificiais enriquecidas de ouro e pedras preciosas segundo a situação financeira.

Os escoceses, no tempo de Jacques III, entremeavam suas longas tranças de grinaldas de lírio e os Highlanders colocavam na pena de águia de seu chapéu, um ramo de *houx*.

Nossos antepassados asiáticos costumavam tomar suas refeições sentados entre feixes de palha e juntavam a seu penteado, folhas ou pedaços de cortiços. Remanescentes destes velhos costumes ainda existe entre os Istriens de origem eslava, cujo pequeno barrete, posto garridamente no alto da cabeça, é sempre enfeitado com ramalhetes de tremoço e entre os habitantes da Bretanha que tanto gostam de cercar seus grandes chapéus redondos de fitas e flores campestres. Isto é uma recordação muito remota dos costumes primitivos.

Nada realmente, está exagerado nesta suposição, pois a Bretanha extremo limite da Gália, foi o refúgio das populações célticas, recuando em face às invasões conquistadoras. Por sua história, nenhuma outra província pode nos levar às épocas mais recuadas; nenhuma outra nos forneceu remanescentes mais grandiosos das eras desconhecidas. Suas tradições, seus enormes monumentos de pedra, o tipo de seus habitantes, sua tenacidade aos velhos costumes, suas superstições remontam, apesar da vitória do Cristianismo, ao tempo dos druidas, e até seu antigo idioma, duro, pobre, mas enérgico e ainda usado, tudo isso prova a antiguidade desta raça.

No território outrora habitado pelos Venetes, grande tribo marítima dos Gallo-Kimrys, erigiam-se as quatro mil pedras de Carnac, cravadas no chão, infelizmente sem nome e sem inscrições: manifestação gigantesca e esquisita de um povo esquecido. A lenda, menos embaraçada que os cientistas, indica-os como um exército de gigantes petrificados por Santo Cornely, primeiro bispo de Vannes, seu padroeiro até hoje.

A ilha de Sein, ou de preferência Sena, que tinha um colégio dos druidas, se acha a duas léguas das costas da Bretanha em frente a *La Points du Raz*; neste lugar, habitavam as nove sacerdotisas devotas a Teutates, deus gaulês. Segundo a crença popular, elas praticam oráculos, mandavam nas tempestades, e prediziam o futuro. Uma vez por ano, afim de assistir as festas misteriosas prescritas pelos ritos de suas religiões, elas iam para o continente e vinham enfeitadas de flores, coroadas de lírio.

Outrora, os habitantes da Bretanha, tinham trajas tanto mais pitorescos que diversos. Cada localidade tinha o seu; era fácil reconhecer a qual distrito pertencia tal ou tal camponês. Mas, estes trajas desapareceram pouco a pouco e em breve ficou somente o chapéu dos homens e o simples boné das mulheres. Para o mesmo uso, um pequeno pedaço de tecido pode ter formas diferentes; isto é verdadeiramente curioso de se notar. Uma coifa feminina, de dimensão, é igual a das irmãs de *Saint-Vincent-de-Paul*, enquanto que há outra não maior do que a mão.



Salineiros do burgo de Batz, em traje de casamento (a partir de uma fotografia).

Uma das suas mais esquisitas fantasias é aquela dos salineiros de Batz, burgo situado no meio das marismas, nas costas do Atlântico, no departamento do *Loire-*

Inférieure. O traje é do século XVI e em nenhum lugar da França se acha por ser específico da região.

Noutro tempo, na região de *Vosges*, nos arredores de *Remiremont*, no primeiro domingo de maio, antes da missa cantada, as jovens ficavam nas estradas da paróquia, afim de colocar um pequeno ramo de loureiro, nos chapéus dos primeiros jovens encontrados; estes acabam então de ficar, durante todo o ano, como os cavaleiros serventes daquelas que lhes deram o ramo.

A festa da coroação de rosas, tão célebre entre os merovíngios e chamada assim por causa da coroa concedida à heroína, foi instituída no século V, por santo Medard, bispo de *Noyon*, para estimular a submissão de suas penitentes. Desejando perpetuar esta fundação, este bispo concedeu, no seu feudo de *Salency*, uma renda anual de 25 libras, destinada a dotar a moça reconhecida como a mais merecedora.

Esta festa foi promovida na cidade de Fantin, por Maria da Inglaterra, esposa de Luís XII.

Em 1640, Luís XIII, vivendo no Castelo de *La Varenne*, perto de Paris, mandou para a *Rosiere* de Fantin, sua fita da Ordem do Espírito Santo, dizendo que, esta, devia ser recompensada pela virtude demonstrada, depois de ter servido mostrando seu valor.

Santo Dominique, em 1208, inventa o rosário, assim nomeado em homenagem à Virgem Maria, que tinha rosas em sua coroa.



Francês do século XV, com seu chapel de flores (a partir de um cartão da Biblioteca Nacional)

Todas as sextas-feiras, São Luís, Rei da França, dava às princesas de sua família: “*chapels* de rosa silvestre por terem semelhança com a santa coroa de espinho de Nosso Senhor.” Em todas as festas nacionais ou particulares, no século XIII, era costume usar-se na cabeça, grinaldas de flores, chamadas por nossos pais: *chapels*. Estes adereços, mudavam de forma a cada estação. Havia *chapels* de rosas, de violetas, de *bleuets*, de margaridas, de lírios, de relva ou de rombo. Esta moda ficou bastante tempo para que se constituísse em Paris uma nova corporação, aquela dos chapeleiros de flores.

Eram jardineiros possuindo muitas imunidades, pois, suas indústrias foram estabelecidas, no início, para o serviço do Rei e da nobreza. O chamado *chapels* pertencia indiferentemente aos dois sexos; acha-se um exemplo na novela de Perceforest, em que o autor, descrevendo um banquete, disse: “Cada um e cada uma tinham sobre seu “*chief un chapel de roses*”. (Colocar a tradução)

Os partidários do Duque de Borgonha, inimigos dos Armagnac, se reunindo na Igreja de *Saint-Eustache*, no dia 9 de Junho de 1488, usavam uma rosa vermelha no lado

de seus chapéus para mostrar, ostensivamente, suas opiniões e para reconhecerem-se uns aos outros.

Durante a elaboração do código dos mercadores, por Etinne Boileau, os ourives ocupavam o primeiro lugar entre os mestres dos ofícios e faziam parte dos seis corpos privilegiados. Tinham o direito exclusivo de levar nos seus ombros, o relicário de Santa-Genoveva ou um círio na mão, de preceder o relicário de Santo Marcel. Carregavam também a umbela em cima da cabeça do Rei, no momento de sua chegada na sua boa cidade de Paris e deviam ser coroados de rosas durante estas cerimônias. Este costume ainda existia no reino do Luís XIII, pois uma gravura do século XVII os representa com seu adorno de honra.



Mestre ourives adornado com sua coroa de rosas para preceder o relicário de Saint Marcel na sua procissão anual, em Paris

Uma festa bastante divertida verificava-se na primavera, nos Alpes da Estíria. Na noite do Domingo de Laetare, moças e moços preparam coroas de ervas secas e, ao anoitecer, de seus braços vigorosos lançavam-nas ao espaço, interpretando nas suas

parábolas ígneas que mostram no ar os segredos de seus destinos matrimoniais; os caprichosos enigmas de suas felicidades futuras; os presságios de heranças, de boa ou de má colheita, de paz ou de guerra.

Estes divertimentos chamam-se as “festas do fogo”.

Para concluir este capítulo sobre as plantas, lembraremos a anedota de Camille Desmoulins no *Palais-Royal*, no mês de agosto de 1789. Este republicano, após um discurso para o povo, um de seus títulos de glória, apanhou uma folha verde de castanheiro e colocou-a no seu chapéu em sinal de adesão. Logo, todas as árvores foram despojadas por seus auditores; mas o dia seguinte, a coroa tricolor substituía este emblema muito efêmero cuja cor, de esperança, cativou o veemente propagador das novas ideias.

O que precede mostra todos os recursos que o homem soube tirar do reino vegetal, para o adorno e o traje. Entretanto, se as flores, as folhas e as cortiços das árvores eram suficientes nos países quentes para valer a nudez ou embelezar o vestido, é preciso reconhecer que aquilo será um luxo, às vezes, impossível de se encontrar nos climas frios, e uma fraca defesa contra as intempéries das estações.

Desnecessários numas certas regiões, impróprios mesmo nas zonas tórridas onde chegam a causar doenças horríveis, os vestidos são de uma absoluta necessidade para todos aqueles que estão submetidos aos ventos do norte ou às chuvas frias das zonas temperadas.

Sem tratar das nações civilizadas que, tendem aos refinamentos da arte e da indústria, não incluídos em nosso estudo, somente indicaremos, após haver percorrido a história antiga, alguns povos setentrionais da Europa, da América e da Ásia, obrigados a adotar os vestidos quentes e cômodos, afim de aguentar a vida nas tristes paragens em que o destino fê-los nascer; usam, para isto, despojos dos animais domésticos que eles criam.

É assim, provavelmente, que os meio-selvagens pré-históricos da Europa agiram, antes de conhecer o meio para feltrar a lã ou para fiar a erva dos campos, quando o resfriamento da temperatura os obrigou a vestirem-se.

Tentaremos prová-lo no seguinte capítulo.



CAPÍTULO IV

Peles de animais empregadas como indumentária



Esquimós preparando as peles.

Resumo

Despojos de animais transformados em vestimenta pelos homens pré-históricos. Seu papel nos ritos funerários e nas religiões egípcias, grega e romana. Preparação dos marroquinos na Babilônia. Vantagens das peles para os caçadores e à gente exposta aos riscos da vida do campo. Subterfúgios aos quais elas tendem. Espartilhos das Circassianas. Pele humana empregada pelos *scythes*. Origem do cognome *reges pelliti* dado aos chefes francos. Decretos reais sobre o direito de usar marta, *petit gris* e zibelina. Hábitos dos esquimós, dos lapões e dos groenlandeses. Elementos do vestuário de um elegante do *kamtchatka*. Emprego das peles na África, na China, na Índia e no Japão. Leis budistas relativas ao couro.

Perseguidos e domados pelo homem que disputou com eles paulatinamente o solo, os animais ajudavam-no em sua miséria, dando-lhe uma alimentação succulenta, roupas quentes e instrumentos de trabalho.

Os ossos de pássaros e de quadrúpedes, encontrados nas cavernas das épocas da pedra, provam que a caça era uma das ocupações favoritas dos primeiros habitantes da Terra e podemos deduzir disso que depois de cortar os animais e comer sua carne eles utilizavam os despojos para se proteger contra o frio. Diz-se também que, empregadas inicialmente no estado natural, as peles foram, com o nascimento da indústria, reunidas por costuras para aumentar-lhes o tamanho ou dar-lhes formas diversas; além disso, os pré-históricos utilizaram-nas em seus ritos funerários, pois deitavam os mortos em peles de bois antes de confiá-los ao túmulo.

Estes últimos hábitos, ou parecidos, reproduzem-se entre várias antigas populações.

Os grandes sacerdotes de Amon, cujo distintivo especial consistia em uma pele de leopardo, com a cabeça no ombro esquerdo e o restante caindo sobre o peito, como estão representados nas antigas necrópoles egípcias, eram colocados em sua sepultura, vestidos com a mesma pele. Quando os Argonautas chegaram entre os Bebrícios, viram,

pendurados nas árvores e batidos pelo vento uns contra os outros, corpos humanos fechados dentro de sacos peludos. Não merecendo essa honra, as mulheres eram enterradas para registrar sua servidão e sua inferioridade.

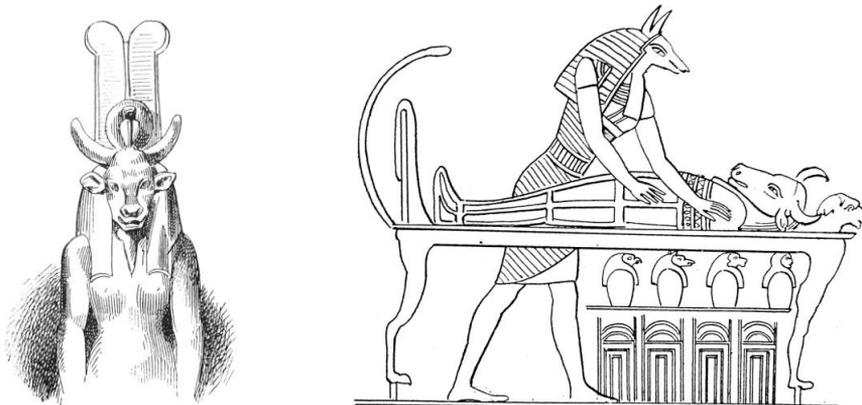


Homem da época da Pedra Talhada.

Aqui vêm outros exemplos para apoiar o que precede. Outrora, os índios da América do Norte, oriundos da raça autóctone, deitavam os cadáveres na pele de um búfalo, ou de uma cabra imolada, em expiação e colocavam entre as mãos dos defuntos os rins dos animais sacrificados; este pedaço de carne destinava-se a aclamar os cães que vigiavam os caminhos a serem percorridos pelos homens antes de chegar a morada dos felizes. Hoje, os quilingues do vale de Calunga enterram seus mortos, cuidadosamente envoltos num velo preparado; os esquimós, pelo contrário, depois de sentá-los numa pele de urso ou de rena, lavam-nos no cume de um morro e cobrem-nos de pedras. Segundo Crantz, colocam, perto do túmulo das crianças, uma cabeça de cão, esperando inocentemente que a alma desse animal, encontrando facilmente seu caminho, poderá guiar os bebês ignorantes para o país dos espíritos.

Os monumentos figurados das religiões pagãs deixaram-nos a recordação das lutas travadas pelos homens das idades heroicas contra os animais e dos serviços que souberam aproveitar.

O Egito, entre outros, mostra Osíris com uma cabeça de touro, porque esse rei, descobridor dos instrumentos aratórios, ensinou a seus súditos a agricultura e o trabalho da vinha. Foi um meio de indicar sua identificação com o boi, principal agente da lavoura, adorado depois sob o nome de Apis. Se a deusa Ísis, é representada por uma cabeça de novilha ou por dois chifres em vez de diadema, é que a digna esposa de Osíris descobriu a cevada e o trigo, ensinando a seu povo a semeadura da terra.



Ísis, divindade egípcia (Museu do Louvre). Osíris e Anúbis.

Anúbis e Macédo, príncipes belicosos e corajosos, dedicados a seu soberano, aparecem um com uma cabeça de chacal ou de cão, sinal de fidelidade, outro com a cabeça de lobo, emblema de sua feroz coragem nos combates.

Ammon, personificando a multiplicação dos rebanhos, tem uma cabeça de bode e Pacht, deusa justiceira, tem a forma de uma leoa para castigar os maus.

Mas o sentido simbólico dessas representações acabou por desaparecer; o que era, de início, apenas um atributo tornou-se a essência da divindade. Adoraram o chacal, a serpente, o crocodilo, o boi, e altares foram construídos em sua homenagem. Todavia, a

origem da religião de Memphis não deve ser atribuída ao terror que os animais haviam inspirado aos habitantes primitivos. Quem é que poderia sondar a alma desses longínquos antepassados? Os próprios egípcios explicavam mal a origem desses mitos e suas crenças eram reduzidas a doutrinas gerais; imaginavam que os deuses se haviam metamorfoseado em animais, quando, expulsos do céu por outras potências superiores, procuraram um refúgio na terra.

Se estudarmos a mitologia grega, acharemos nela a testemunha dos combates travados pelos primeiros homens contra os animais. O culto rendido aos heróis que haviam conquistado a terra, na realidade, não é senão uma homenagem prestada aos esforços das gerações colonizadoras.

Baco, comparado no panteão dos Helenos ao Osíris egípcio, não é por vezes representado com as feições de um touro? Ou, como vencedor da Índia, enfeitado com a pele mosqueada da pantera? Não usou Hércules os despojos do leão de Neméia, em lembrança de seu triunfo sobre esse monstro?



Hércules, protegido pela pele do leão da Neméia, combate a Hidra de Lerna. (a partir de uma gravura em pedra)

As peles serviram, portanto, de troféus e de adornos. O poeta grego Nonnos, que florescia no fim do século 4, diz, em suas *Dionisiacas*, ao retratar as bacantes que acompanharam Baco na Índia: “Uma coloca no peito a pele mosqueada do leopardo. Outra faz uma roupa com a pele das cabras das montanhas, ou com a de um cervo elegante; uma terceira enrola em torno da cabeça uma venda de víboras ou prende o cabelo com hera perfumada; esta, nas encostas das montanhas onde pastam os bois, apanha a pele de um touro indomado, rasga o couro com as unhas cruéis e se enfeita com os despojos crus”.

A Juno Sospita ou Lanuvienne, deusa do Lácio, de onde o culto se espalhou entre os Romanos, é representada, como se vê num denário da família Procida, com uma lança, um escudo e a pele protetora que cobre seu corpo assim como a cabeça. Ela teve, nesse povo, um caráter absolutamente guerreiro justificado pelo destino de Roma, onde a religião e a política jamais foram separadas.



Juno Lanuvienne, divindade do Lácio, representada com o escudo e vestida com uma pele de cabra (pintura de vaso antigo)

Os poetas, que se apossaram das ideias mitológicas, atestam por sua vez o papel importante das peles nas modas primitivas. Ao falar de Jasão que chegava a corte de seu Tio Pelias, Píndaro fala nestes termos: “Logo aparece aquele que o oráculo anunciou; sua

mão segura uma azagaia, seu olhar é terrível. A vestimenta dos Magnesianos sublinha o vigor de seus membros e a pele de lince jogada nas costas o abriga das chuvas geladas do inverno”.

Virgílio cita, na Eneida, hábitos parecidos relacionados com o vestuário feminino: “Vênus armou-se com o arco leve das florestas: elevando a voz, ela se dirige a Enéias e lhe diz: Olá, mancebo, não viste alguma companheira minha vagando por estes lugares, coberta com a pele de uma gazela, como as Tirianas, e ativando com seus gritos a fuga de um javali?”.

A história acompanha a mitologia e fornece provas, mais extraordinárias ainda sobre o uso das peles nos tempos remotos.

Adão e Eva, trabalhando depois do pecado, o agricultor Caim, e seus filhos, o pastor Abel, Jacob, Esaú, David, São João no deserto, todos eles têm peles como indumentária.

Os povos que chegaram dos confins da Caldéia e que sob o nome de Hicsos invadiram o Egito, dois mil anos antes de nossa era, eram vestidos apenas com peles de bois. Seus chefes, donos de numerosos rebanhos, usaram o título de Reis Pastores e só foram expulsos de Memphis duzentos e sessenta anos depois de ali se estabelecerem.



Porta-estandarte romano coberto com uma pele de tigre (baixo relevo antigo)

A palavra Hicsos foi formada pelos gregos reunindo a denominação da tribo *Shous* com a do chefe *Hyc*, a quem obedecia.

Deodoro da Sicília conta que os guerreiros das primeiras eras se enfeitavam com despojos animais, entre os quais, os das grandes feras eram particularmente honoríficos. “Vestidos dessa forma – diz – com a cabeça protegida sob o focinho do animal e a pele flutuante à vontade (as partes eram amarradas no peito), o homem devia ter um aspecto fantástico”.

Segundo a *Ilíada*, no primeiro encontro que ocorreu ao pé das muralhas de Troia, o belo Páris, com seu arco e seus rojões, se cobre com uma pele de leopardo para provocar o ilustre Menelas, e Dalon, espião troiano, surpreendido e morto por Diomedes, trajava uma pele de lobo.

Aqui está a narração de Homero sobre essa luta:

“Desconfiando de um ataque repetido, os Troianos prometem uma magnífica recompensa àquele que seria bastante audacioso para se aproximar do campo dos gregos. Dalon se apresenta e, coberto de uma pele de lobo, parte logo. Ulisses e Diomedes, que acabavam também de partir com o propósito de penetrar na cidade sitiada, cuja posse devia assegurar a vitória, viram o espião; afastam-se do caminho e se escondem entre os cadáveres. O imprudente troiano os ultrapassa rapidamente. Quando está afastando na distância do comprimento de um sulco, traçado por mulas mais rápidas que bois ao puxarem o enorme arado no campo, os dois guerreiros correm atrás dele e se aproximam até a distância de uma lança. Dalon para, ao ouvir seus passos, mas reconhecendo-os como inimigos foge. Perseguindo-o com a fúria dos mastins treinados na caça, Diomedes e Ulisses cortam-lhe a fuga e alcançando-o, imediatamente a sua cabeça rola na poeira”.



Morte de Dalon, espião troiano (a partir de uma pedra grafada)

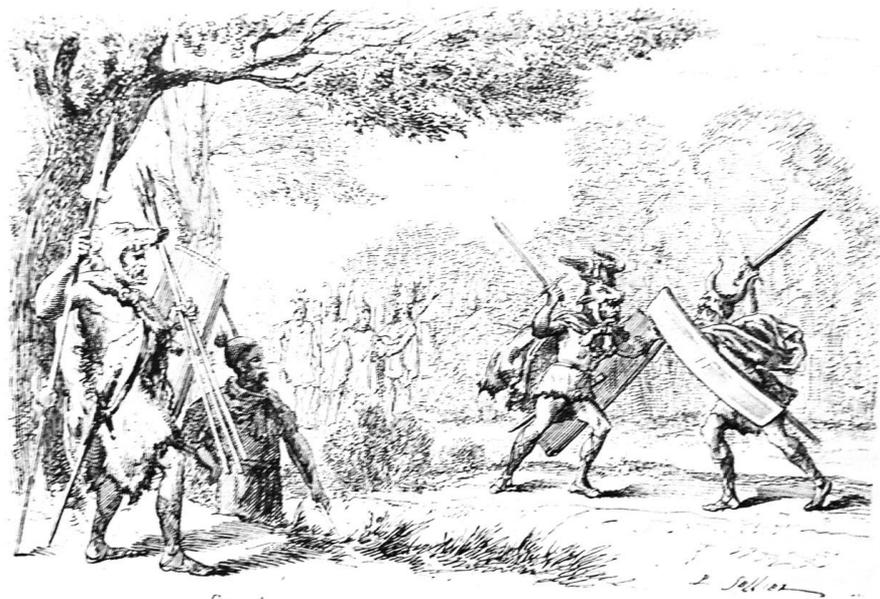
Procuravam evidentemente terrificar o inimigo antes de combatê-lo, os altos capacetes de metal com crinas de cavalo eriçadas em cima, cabeças de animais, chifres de

búfalos, de veados, não têm outra finalidade. Era o enfeite dos hunos, dos citas, dos germanos, dos romanos e dos gauleses. Essa moda subsistiu durante muito tempo, pois, os traços da Ásia, no século V, ainda usavam peles de raposas na nuca e seus barretes, se bem que de metal, eram enfeitados com focinhos de pantera, orelhas de bois e grandes chifres.

Os celtas usavam na túnica um casaco de lã grossa ou um tosão. Lutavam contra o inimigo ao som de uma trombeta cujo pavilhão representava uma fera coroada de flores.

Dezoito séculos antes do sítio de Troia, os pobres da Phocidia usavam túnicas em pele de porca, cuja invenção era devida a Pelasgo. Os alunos dos liceus adotaram o couro do cavalo para o mesmo uso.

Assim era ainda o hábito das Amazonas, na época da tomada de Ilion. Vários baixos relevos antigos o provam e Quintus de Smirna menciona-o em suas descrições. “Os sitiados, não tendo mais Hector para defendê-los, não ousavam ultrapassar as muralhas da cidade. Todavia um socorro imprevisto chegou. Penthesiléia, rainha das guerreiras da Scitia, chegava correndo com um exército para dar a sua ajuda ao infeliz Prião. Manda servir-lhe uma refeição suntuosa como fazem os reis poderosos, debaixo de verdes folhagens, para festejar suas vitórias. A jovem heroína levanta a coragem dos troianos e, avançando corajosamente contra Aquiles, espalha a morte entre os combatentes. Os gregos têm a espada pendurada ao lado no talabarte e usam a lança. Apenas Penthesileia, com o mitra frigio e trajando uma túnica de pele, fere com o machado das Amazonas”.



Guerreiros germânicos vestidos com peles de animais (conforme texto de Tácito e baseado em gravura de 1634)

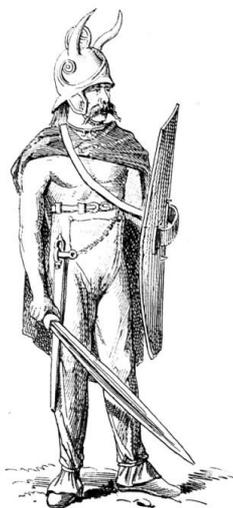
De origem celta, os Helvécios, primeiros habitantes da Suíça, à qual deixaram seu nome, enfrentavam frios cruéis, protegidos pelas peles que lhes oferecia a caça ao preço de mil perigos. Acostumados a uma temperatura das mais rigorosas, os Suecos, que tomavam banho em qualquer tempo nas águas geladas das torrentes, tinham como única roupa despojos de animais tão estreitos que deixavam seu corpo quase nu.

Preferindo as peles aos tecidos de lã, os Hunos usavam uma espécie de camisola confeccionada com a pele de um roedor, o arminho, chamado então “rato de Babilônia” e que era vendido principalmente na capital da Assíria, próxima da Armênia. Deram ao animal, depois, o nome deste último país, que se chamava antigamente Hermínia. São Jerônimo fala nesses animais e numa epístola elogia seu cheiro agradável.

Os Babilônios passam por aqueles que imaginaram a mistura da arminho e do *petit gris* (pele de esquilo), conhecida na Idade Média, sob o apelido de *vair*, pele muito procurada naquela época. A *vair* era, portanto, composta apenas de pedaços de pele de

arminho e de uma doninha chamada *gris*, artisticamente talhada em triângulos e aproximada uns dos outros de maneira a apresentar o desenho de sinos virados de cabeça para baixo. Havia a pequeno *vair* e o grande *vair*, segundo o tamanho dos pedaços.

O preparo do marroquino formava um dos ramos importantes do comércio de Babilônia.



Guerreiro gaulês com um capacete ornado de chifres (Tipo do Museu da Artilharia)

Este segredo, que sé ela possuiu durante a Antiguidade, foi levado para a Espanha pelos árabes; Córdoba, célebre pela indústria dos couros, na época de Carlos Magno, fornecia-o a todas as regiões ocidentais. É do nome desta cidade, aliás, que vem o nome de sapateiro, isto é, fabricante de *cordouans*. Toulouse e Montpellier conseguiram, depois, fabricar tão bons marroquinos quanto Córdoba.

Os povos caçadores conservaram, até uma época muito avançada da civilização e apesar do conhecimento das fazendas, o costume de se cobrir com peles de animais, preferindo este gênero de roupa a qualquer outro mais luxuoso. Talvez os tenham usado em certas estratagemas próprios a seu divertimento na caça, como ocorreu em alguns países.

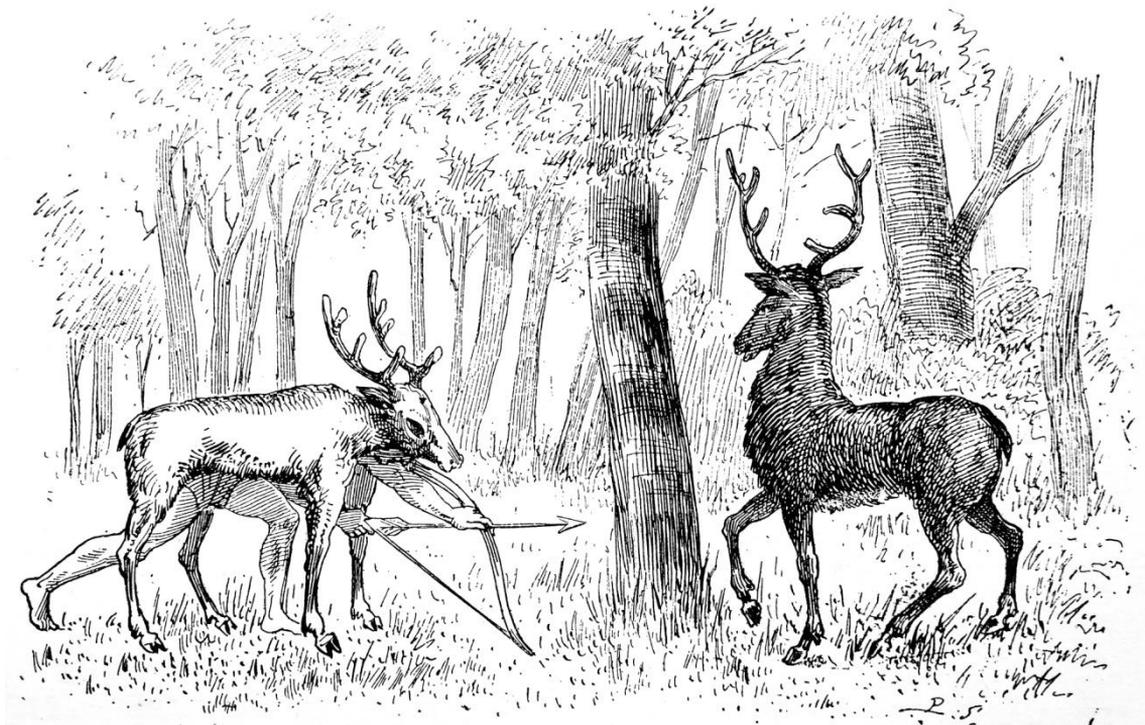
Na Flórida, por exemplo, na tentativa da colonização, pelos arredores de 1564, os índios, para matar os veados, se escondiam sob a pele de um desses animais, depois, andando de cócoras e imitando seu caminhar quando se dirigem para as fontes a fim de matar a sede, conseguiam dominá-los sem perigo. Os africanos dedicados a caça das avestruzes se escondem sob a forma de um desses gigantescos pássaros, simulando com o braço passado na pele do pescoço os movimentos do bípede bicando na areia e fazendo ouvir o grito de apelo que lhes é peculiar.



Caçador coberto com um tosão (a partir de uma pintura mural antiga)

Enganadas pela aparência, outras avestruzes acorrem para partilhar o ganho inesperado e se entregam sem defesa ao inimigo que as vigia. Hoje em dia, os caçadores de renas usam a pele desses quadrúpedes e, se os armênios atraem as tímidas gazelas, é usando as suas peles, pois, se assim não fizessem não conseguiriam surpreender a vigilância e a agilidade desses encantadores mamíferos que vivem em rebanhos grandes nos vales do Cáucaso. Seu couro serve para confeccionar os coletes das Circassianas. Esses coletes incômodos, tão estreitos que a respiração das moças é quase difícil, devem ser conservados até o dia do casamento. Comprimem o peito e as cadeiras das que os usam e impedem que engordem: uma cintura fina e reta é considerada de grande beleza para a

mulher. Os cientistas veem nisso uma analogia com o *plastron* de pele de cabra das Libianas que, segundo Heródoto, foi a origem da égide de Minerva; os cordões que serviam para prendê-lo foram transformados em serpentes pelos poetas.



Caçador da Flórida, escondido sob uma pele de cervo.

Além dos caçadores, as pessoas expostas aos perigos da vida dos campos usavam também peles. Um baixo-relevo grego lembra esse velho costume e o cuidado que tinham para com as imagens dos deuses. Vê-se um jovem camponês, vestido com uma pele, tirar água de uma jarra para limpar o rosto de Mercúrio.

Os pastores antigos, cobertos de peles de cabras, puderam inclusive dar lugar, originariamente, a forma que os sátiros tomaram na mitologia.

“Estes últimos, amigos e servidores do deus conquistador, eram mais hábeis em beber o vinho das grandes ânforas do que em manobrar os batalhões; leões longe do

campo de batalha, lebras no combate, uns vestiam no exército de Baco peles de boi, outros se protegiam com as peles eriçadas das feras; estes punham em torno do corpo a formidável pele das panteras, aqueles usavam maçãs compridas; nas têmporas, em torno da cabeça, apareciam as pontas agudas de seus chifres; poucos cabelos cresciam em sua cabeça áspera e terminavam nas sobrelhas tortuosas. Quando caminhavam, os ventos alados sopravam contra o ouvido e as bochechas peludas; uma cauda de cavalo que se estendia nas costas dava uma curva para cima na altura dos rins”. (Nonnos.)



Pastor ateniense com sua veste de couro de cabra.

Teócrito dá-nos a respeito outra prova quando ao querer indicar um pastor exclama: “Tinha no corpo o despojo de um bode com o pelo rude e espesso, de onde se exalava um cheiro de mosto”.

Depois de cantar os costumes dos Lídios, Virgílio nota que muito diferente são aqueles dos homens vivendo em regiões hiperbóreas: “Os rebanhos ficam nos estábulos e

seus guardiões, felizes e ociosos, vivem em grutas subterrâneas, protegendo-se contra os ventos de Norte com peles de animais”.

Ainda hoje, é a principal peça da vestimenta dos pastores de nossas montanhas. “A vida errante dos pastores é um dos caracteres pitorescos do sul. Esses nômades levam tudo consigo; companheiros das estrelas, em sua eterna solidão, meio astrônomos e meio feiticeiros, continuam a vida asiática, a vida de Loth e de Abraão no meio do ocidente... Na França, os lavadores temem a sua passagem e obrigam-nos a caminhos estreitos. E nos Apeninos, nas planícies da *Pouille* ou dos campos de Roma pode-se andar na liberdade do mundo antigo. O pastor espanhol, mais bravo que o nosso, tem pele de carneiro nas costas e, amarrado com cordas, sua abarêa de pele peluda de boi nas pernas”. (Michelet, *Histoire de France*, volume XI)

Nas épocas antigas, as peles eram frequentemente usadas para fazer tendas e velas de navios. Conta-se que Sapor, rei da Pérsia, mostrou a seu neto Adarses, muito jovem ainda, um soberbo pavilhão com peles de arminho arrançadas com arte e presente dos babilônios, pedindo-lhe sua opinião. O garoto respondeu logo: “Quando for rei, terei um mais raro, será feito de peles de homens...” precoce instinto de crueldade que fazia prever o caráter de um futuro tirano.

Acrescentamos que, no último século, um cientista possuía livros encadernados com pele humana e que, durante as Comunas, um bibliófilo inglês desejava comprar, a preço de ouro, o cadáver de uma incendiária para usar sua pele na encadernação de uma obra sobre os deveres da mulher. Não pode, contudo, satisfazer seu desejo.

Do mesmo modo que os índios da América, os Scythes escalpelavam os vencidos cujas cabeleiras eram penduradas nas bridas de seus cavalos. Quanto mais tinham, mais eram dignos de estima. Uns emendavam despojos humanos e faziam com eles capas ou selas de cavalo; os outros limitavam-se a esfolar as mãos dos inimigos mortos, tendo o cuidado de guardar as unhas e usavam-nas na decoração de suas aljavas. Os guerreiros de

distinção usavam crânios dos vencidos como taça, depois de forravam-no com ouro; os soldados, menos graduados forravam-nos simplesmente com couro de pele. Todos, durante a noite, descansavam sobre tosões.

Juliano, o Apóstata, deitava sobre tapetes de forros de peles e os gauleses, abrigados nas cabanas de ramagens ou de pedras cimentadas com argila, sempre prontos a mudar de lugar ao menor perigo, deitavam sobre peças de feltro ou peles naturais.

A origem deste costume é muito antiga. A epopeia da Índia aos feitos heroicos de Rama menciona: “O príncipe merecia a vitória por sua generosidade e coragem; por infelicidade, cedeu a um mau gesto ao matar uma inocente gazela cujo doce forro era destinado ao leito de sua bem-amada Sita”. O culpado pagou caro esta falta; sua esposa desapareceu e foi para encontrá-la que e ele fez esta famosa viagem, fecunda em peripécias, que é o *Ramayana*, atribuído a Valmiki, o mais antigo poeta da Índia.

Diomedo, vencedor de Mars, no sítio de Tróia, dormia no meio de seu campo sobre os despojos de um touro quando Ulisses, disfarçado em mendigo, passou a noite na porta de seu palácio, dissimulado na pele do boi imolado na véspera do festim dos Pretendentes.

Em 1825, um explorador atravessando a aldeia de Onakesa, no Canadá, notou hábitos semelhantes. Sessenta indígenas, vivendo de uma maneira quase primitiva, habitavam cabanas de cortiça de árvores; a do chefe, de um quarto só, tinha sete metros de comprimento por cinco de largura. Encostados às paredes, havia dois estrados que eram cobertos de ervas odorantes sobre as quais eram espalhadas peles de animais que serviam de assentos para as refeições ou de cama.

O uso dos forros de peles como vestidos criou nas nossas regiões uma palavra especial, *pellicium*, designando ao mesmo tempo a vestimenta e sua substância. Também entre os antigos belgas havia a palavra *laina* que designava a capa nacional e o tecido de que era confeccionada.

As companheiras de nossos antepassados, que os cronistas pintam passando uma grande parte de seus dias a folgar na água com suas crianças, usavam em casa um saiote de pele de carneiro. Somente muito mais tarde adotaram modas complicadas e, isto tem que ser reconhecido, sobrepujaram as romanas na difícil arte de ajustar o *peplos* e as roupas talares.

Os chefes francos cobriam-se de despojos de animais e foram denominados, por esta razão, de *reges pelliti*. O hábito permaneceu durante os primeiros séculos de nossa monarquia e vê-se mesmo mencionado nos capítulos de Carlos Magno, uma pelerine de marta ou *chatte de Pannonie*, destinada às pessoas da casa imperial. O grande Imperador gostava de colocar sobre seu largo peito uma peça de pele de cordeiro ou de lontra, o que lhe proporcionou a ocasião de dar aos seus cortesãos uma severa lição de economia.

“Um dia em que estes foram convidados a uma caça real à qual assistiram com roupas suntuosas, guarnecidas de penas e de divisas de ouro, desabou, em plena floresta, um temporal que pôs logo seus trajes em mísero estado. O mestre exigiu, entretanto, que eles reaparecessem no dia seguinte, na corte, com os mesmos vestidos da véspera e, mostrando-lhes sua túnica de lontra asseada e limpa, fez uma sensata reprimenda contra o luxo mal empregado e o abuso das riquezas”.



Soldado franco com um justacorps em pele (figura do Museu de Artilharia)

Carlos Magno pensava como o poeta latino Lucrécio, que 900 anos antes lamentava o abandono das peles e censurava-o a seus cidadãos.

“As peles dos animais dizem, são decaídas, desprezam-nas; o ouro e púrpura atormentam agora com mil inquietações a vida dos humanos. Ao nosso ver, o erro é grave; sem pele, o frio poderia ser um espantoso suplício para o corpo nu das crianças. Seria mal deixarmos os tecidos de ouro? Se o vestuário é capaz de proteger, que importa a sua grosseria. Há um lado prático, isto que conta”.

Tal omissão se manifestou na Gália com a aparição das modas romanas e das peles; abandonadas durante bastante tempo pelos povos que mais as tinham procurado, reapareceram somente depois das Cruzadas; relações diretas foram estabelecidas, então, entre a Europa e a Ásia, as peles preciosas afluíram na França e aqui foram recebidas com tal frenesi que os artesãos que se encarregavam disso criaram corporações poderosas e mais numerosas do que as dos trabalhos que correspondiam às necessidades da existência.

As pessoas muito pobres para comprar pelarias de grande valor limitavam-se a usar as de cordeiro, de lebre, de coelho, de cão ou de gato.

Importâncias enormes escritas abaixo de seu nome, nas contas reais, dão a ideia do sucesso que as peles tinham nesse momento. Sozinhas ou misturadas com vários tecidos caros, tiveram todas as formas e foram vulgarmente chamadas *pannes*, velha palavra francesa que servia também para os tecidos de pelúcia e, por conseguinte, menos caros, feitos para imitar as peles dos animais.

A moda se generalizou tanto que o governo foi obrigado a estabelecer restrições sobre as peles que cabiam às diferentes categorias da sociedade. Philippe Le Bel proibiu os burgueses e a burguesia de sua boa cidade de Paris de usar arminho, *vair* ou marta, enquanto que ordenou aos nobres bordar seus vestidos de zibelina e de *petit -gris* (marta). Esse rei fez sua entrada em Toulouse quando visitou o Sul, em uma carruagem dupla com forro de arminho, cujo número aumentou a trezentos e dezesseis.

Filipe, o Alto, seu filho, pagou no segundo trimestre de 1316, um preço enorme por fazer uma peça de vestiário que exigia 6.164 peles de esquilos e Joana de Bourgogne, sua mulher, possuía um *mantel Almant* guarnecido de lebres norueguesas com pelica de barriga de coelho depurada, de preço fabuloso.

As peles foram usadas em toda parte e em todas as estações. Eram aproveitadas até nas armas dos senhores e nos brasões das cidades. Os duques, no tempo de Luís XIV, gozavam ainda do direito de ter na sua casa um dossel montado sobre um estrado com pálido ornado de arminho. Este branco despojo de rato da Babilônia, que teve o privilégio de enfeitar a capa dos reis e das grandes autoridades da França, permaneceu na toga de nossos magistrados e nas dos formados em direito.

No fim do século XIV, uma mudança se manifestou de repente no gosto do dia: as pelarias, que tinham, então, o primeiro lugar no traje, cederam o lugar para o bordado. Este trabalho delicado, conhecido, entretanto, por toda a Antiguidade, não fora apreciado ainda

na França; mas, a datar deste momento, substituiu definitivamente a moda antiga e continuou sempre se aperfeiçoando. Fez-se para enfeitar os vestidos, as mesmas despesas que foram feitas outrora para as peles, e conta-se que Marie de Bourgogne, filha de Charles Le Téméraire, usava no dia de seu casamento com Maximilien um vestido tendo as saias tão compridas e tão carregadas de bordados, de pérolas, de pedrarias, de fios de ouro e de prata, que ela foi obrigada a sustentá-las com as duas mãos para poder andar, os pajens encarregados desta tarefa não bastavam.

Antes desta época, Luís, irmão de Charles VI, fez bordar sobre as mangas de um de seus gibões as notas musicais de um “lai” popular que necessitaram 568 pérolas finas de grande valor, fantasia digna de um príncipe frívolo e indiferente às infelicidade de seu povo.

Subsistiu uma parcela dessas maravilhas? Não, só a recordação de um luxo ou de uma vaidade pueril. Quanto é durável a menor obra do espírito. O tempo e os elementos não podem destruí-la. Como testemunha este encantador rondó de Charles D’Orleans que, chegando até nós em todo seu frescor, é ligado ao nosso assunto pela alusão que ele traz.

“O tempo deixou sua capa
De vento, de inverno e de chuva,
E cobriu-se de bordados
De sol luzente, claro e belo”.

Este estudo sobre as peles dos animais transformadas em vestidos seria incompleto se esquecêssemos de citar alguns dos povos que ainda usam peles no seu costume e cujos meios de existência se aproximam dos hábitos primitivos.

Os esquimós que, idênticos aos aborígenes da Escandinávia, vivem nas margens dos grandes rios das terras árticas, do Labrador até o estreito de Bering, confeccionam todos os seus vestidos com peles e couros.

Suas casas de inverno lembram as aleias cobertas da Idade da Pedra; são barracas cavadas na neve. Ali, ficam meses inteiros, no meio dos restos de animais, sem buscar preservar-se dos miasmas pútridos que exalam e que seriam mortais se o frio não tornasse os efeitos menos funestos.

Quando a estação o permite, estes infelizes ocupam-se da pesca; mas seu trabalho principal é a caça da foca: se isto lhes falta, são privados de todas as coisas necessárias à vida e expõem-se a morrer de fome. Com efeito, a carne do animal dos mares gelados sustenta-os; sua gordura alimenta-os e esquenta-os; seus dentes tornam-se instrumentos de pesca, sua pele é transformada em botes ou em barracas durante a bela estação nas montanhas.



Jovem esquimó preparando-se para a pesca.

As aves do mar, sobretudo os pinguins, são sua segunda fonte de alimentação. Enfrentam todos os perigos para recolher os ovos destes animais que os põem nos ninhos

construídos nos íngremes picos dos penhascos. Não tentam domesticar a rena, e quando por ventura os esquimós conseguem aprisioná-las, matam-nas. Devoram a carne crua e bebem o sangue ainda quente.

O vestuário dos dois sexos diferencia-se somente pelos detalhes; compõe-se de: um duplo fraque de pele de foca caindo até meia coxa e com um capuz na extremidade superior; calças presas em cima dos joelhos por correias; botas, cortadas na parte mais dura do couro da morsa, impermeáveis e chegando até em cima para esconder os nós da calça. Outros calçados são de pele de peixe. As meias, de rena, usadas somente quando muito frio. Colocavam-se nos outros dias meias feitas de ervas do pântano. As peles de esturjão servem para produzir as capas para os dias de granizo. Com os intestinos dos cachalotes, é feita uma espécie de camisa que as dançarinas usam; este vestido de luxo oferece pouca solidez e se, por um movimento brusco, a mulher o rasga-o - o que é fácil, pois ele torna-se mais delicado por causa da transpiração - toda a assistência ri.

No inverno, estes semisselvagens usam um sobretudo confeccionado com peles de aves, com as penas viradas para dentro. A lebre polar, a raposa e o urso fornecem-lhes os elementos para os vestidos quentes, cujas partes são reunidas por ligamentos de rena ou intestinos delicadamente cortados.



Esquimó preparando-se para a caça.

Apesar da grosseria das agulhas, as costuras enfeitadas de pequenas bandas de couro colorido e de pérolas de vidro, são sólidas e regulares. Deve-se acrescentar que nestes vestidos pululam bichos.

Isolados do mundo civilizado por um bulevar de neve, em grande parte do ano, os esquimós acharam no cão um precioso aliado, encarregado pela providência de aliviar sua miséria. Nadando admiravelmente, ativo, corajoso, este animal que combate seu inimigo até o esgotamento de suas forças, parece representar a raça canina indígena das regiões hiperbóreas.

Algumas vezes todo branco, mas geralmente branco com a cabeça preta, tem o focinho alongado, as orelhas pequenas, latas e pontiagudas. O aspecto pérfido de seus olhos e a dimensão de seu corpo tornam-no tão semelhante ao lobo, que supuseram-no descendente deste carnívoro. O sinal distintivo da espécie é uma peliça áspera e arrepiada por fora, escondendo outra doce, bela e quente.

Os esquimós criam um grande número destes fiéis servidores que, sempre submetidos a duras tarefas, maltratados, são talvez as mais miseráveis das criaturas; por isso, seu caráter fica mau: ladrões demais, eles são brigões, vingativos e bravos entre si.

Muitos tornam-se, durante o inverno, preciosos animais de carga podendo levar cada um, 30 a 40 libras. Na bela estação, aqueles que não podem ser alimentados, são abandonados em liberdade e vão em busca do alimento. Somente na época do frio, estes cães, dando uma admirável prova de apego e de instinto, reaparecem para unir-se aos seus ingratos proprietários, parecendo dizer-lhes: “Vocês precisam de nós, eles aqui”. Nessa época, começam a caçar a rena, o *veau-marin* ou o urso; seu ardor é tão forte que quando sentem a presa, enfurecem-se, desconhecendo a voz do dono, e não a largam até que cansam ou saem vencedores.

Únicos meios de locomoção nestas cruéis regiões do norte, eles se deixam atrelar e fazem tão grandes esforços para puxar, que ferem-se, às vezes, ou deslocam-lhe as articulações sem que, no entanto, desanimem.

Os trenós, enfeitados de campainhas cujo som estimula a marcha dos corcéis, contém, geralmente, uma pessoa com sua bagagem e suas provisões; mas, se as circunstâncias o exigem, três pessoas acham ali lugar. Quatro a doze cães presos dois a dois, podem percorrer de sete a oito milhas por hora; são atrelados com correntes semelhantes àquelas que outrora os comissários usavam para puxar a carroça com a força dos braços; estas correntes são ligadas a uma correia fixada ao trenó pela outra ponta.

Tendo a tarefa de puxar os outros, um velho cão, escolhido entre os melhores, é colocado na cabeceira da tropa; de uma docilidade perfeita, de uma moderação extrema, ele reconhece seu caminho na neve densa, através dos atalhos, no meio da tempestade ou da noite mais obscura.

O cocheiro comanda-o rigorosamente com um chicote comprido tão difícil de manejar que é preciso treinar-se desde a infância. Este último tratamento é mesmo

raramente usado, pois os cães esquimós, atentos a cumprir seus deveres e intratáveis são pouco dispostos a suportar os castigos.



Trenó esquimó puxado por oito cães.

Um deles sendo atingido pelo chicote, logo morde seu companheiro que se vinga do seguinte e assim até o último; esta série de ricochetes pode-se tornar perigoso para o viajante; o melhor é deixá-los sozinhos, pois eles vencem sem dúvida os obstáculos e chegam sem acidentes à sua destinação.

Não se ouve nunca ladrar; uma espécie de uivo melancólico e rouco é tudo que sai de suas gargantas. Dormem fora, nas escavações que eles fazem em baixo da neve, deixando apenas a extremidade de seus focinhos descoberta.

Segundo uma antiga crença, os cães esquimós, tão inteligentes, tinham na origem o dom da palavra; se a gente não mais os ouve, é por causa de uma ofensa que sua suscetibilidade nunca perdoou: "Um dia perguntaram aos viajantes o que eles vinham

buscar nessas regiões e não recebendo resposta, zangaram-se jurando não mais usar a linguagem humana. Conservam o seu juramento, mas, sempre curiosos, correm na frente dos estrangeiros e mostram de mil maneiras o desejo de conhecer seus intentos."

A pele do cão é usada como cobertura e como vestido; os intestinos cortados tornam-se fios sólidos para a costura e a carne, bastante desagradável, pode fornecer na ocasião uma comida sã e substancial.

Os habitantes de uma aldeia russa, situada em frente da ilha Besbourough, os Aleoutiens, são maiores e mais robustos que os esquimós do Labrador, contudo eles assemelham-se sob diversos aspectos.

O vestiário feito da pele de esquilo, de lontra, de marta, de foca, de urso branco e de rena, compõe-se de calças, de fortes calçados e de uma única saia curta, cortada de uma maneira reta para os homens e arredondada para as mulheres. A esta túnica é adaptado um capuz de pele de lobo, cujos longos pelos, caindo sobre o rosto da pessoa, tem a dupla vantagem de protegê-la do vento gelado e preservar seus olhos do brilho da neve. As luvas dos homens, feitas da pele de cão, tem nada menos que 60 centímetros de comprimento. Seus bonés, suas flechas e seus arcos são confeccionados com despojos de peixes enxutos e um pau - igual daquele dos homens pré-históricos, fabricado com um osso de rena - é sua arma preferida.

A Groenlândia, descoberta pelo Irlandês Eric Randa (982), é habitada por uma raça semelhante à precedente e submetida a costumes idênticos. Para se cobrir, esta população usa a pele de diversos animais que frequentam as paragens, tais como a lebre polar branca, urso cinza ou preto, a rena, o *veau-marin* e algumas aves.

As pessoas cuidadosas de seus trajes fazem bordar e guarnecer seus vestidos de bandas vermelhas ou azuis.

Depois que os exploradores importaram nesses países o *drap* e o linho, veem-se ali túnicas de tecidos juntamente com as de peles.

A roupa do mar com a qual os pescadores mergulham nas grandes profundidades, é de uma peça única formando casaco, calca, meia e calçados. Na frente tem o buraco que permite ao mergulhador descer ou subir segundo seu desejo. Este buraco deixa entrar tanto ar que é necessário para manter-se na água, fechado somente por uma cavilha; pode-se facilmente aumentar ou diminuir o volume deste singular vestido que se transforma em balão náutico.

Nestes países, a pele das pequenas renas nascidas mortas, é mais macia que a pele das renas adultas, e serve para confeccionar luvas para os dois sexos.

As mulheres levantam a parte traseira de suas largas saias, prendem-na ao pescoço formando uma espécie de saco e colocam ali, suas crianças de peito ou mesmo de quatro a cinco anos de idade que, nus, divertem-se neste macio berço.

No Kamtchatka, as peles são, ao mesmo tempo, objeto de luxo e de primeira necessidade. Alguém elegante e distinto deve usar rena, lobo, carneiro, raposa, cachorro de terra e de mar, marmota, muito *veau-marin*, patas de urso preto ou branco e penas de diversas aves; enfim, mais de vinte espécies de animais concorrem para enfeitar estes tributários da Rússia, da Ásia que, vivendo somente da pesca e da caça, pagam seus impostos em gêneros.

Os Tchouktchis, povo do norte do mar de Bering, enfaixam suas crianças até doze anos num vestido de pele muito estreito e bem espesso que os fazem parecer sacos ambulantes; elas podem, assim, - o que acontece várias vezes - levar as maiores quedas sem que nenhum mal lhes aconteça.

No noroeste da Sibéria, habitam nos *yourtes* ou barracas portáteis, os ictiófagos Ostiaks, considerados os aborígenes desta provincial. Uma túnica de couro, sem costura, com uma abertura para deixar passar a cabeça e caindo até os joelhos, é a principal parte de adorno, que termina numa longa calça, coberta até a metade por compridas botas maciças. Quando a estação torna-se mais rigorosa, usam um segundo vestido, chamado

parka, por cima do primeiro, feito da pele de velhas renas, cujos pelos densos esquentam mais que a das jovens. Envolvem-se inteiramente, deixando somente pequenas fendas para os olhos, a boca e as orelhas.

Um dos produtos mais importantes das terras siberianas é a doninha; ali, ela toma proporção excepcional e é de uma rara beleza. Flagelo dos estábulos e dos galinheiros, audaciosas, astuciosas, famintas de matança, sedentas de sangue, imolando vinte vítimas por uma e não temendo atacar os porcos e os cães. Pode-se caçá-las somente no inverno e os caçadores vão, às vezes, em número de quarenta, fazendo parte de um mesmo grupo; chegando aos lugares em que comumente elas são encontradas, preparam armadilhas por cima do solo ou cavadas na terra. Cercadas sem piedade, acabam sempre morrendo e seus despojos vão esquentar as mãos friorentas de alguma parisiense, enfeitar os ombros de uma bela espanhola ou servir de tapete de cama, ornado com miçangas de Riga e de divisas de ouro, a uma menina loira do Norte.

Os samoiedas, outra tribo das margens do oceano ártico, na Rússia européia e asiática, vivem miseravelmente sobre tendas de pele; eles têm um traje que, para o prazer dos olhos, é composto de couro de toda espécie, nos tons escolhidos, recortados com cuidado e adornados com bordados vermelhos, azuis e brancos.

Simple e quente, sua grande peliça ou *maltza*, possui longas manchas que eles deixam pendentes, preferindo manter os braços abaixo para melhor acomodá-los. O traje não é lindo, é preciso dizer, e também peca pela higiene. Por outro lado, são duráveis e ainda possibilitam um divertimento singular: um camarada da mesma tribo vem por trás e põe o dedo em um buraco da peliça, normalmente na região das axilas e faz cócegas. Seu camarada se diverte e parte para cima dele para fazer o mesmo.

As crianças não estão sozinhas em ter esse *buraco acariciável*, como eles o denominam; os adultos, tão igualmente descuidados, cedem lugar a dois jogos similares.

Não são apenas os homens do norte da Ásia que necessitam de roupas de pele para se garantirem contra o frio extremo; podemos julgar a partir dos costumes dos camponeses tibetanos, e não sem razão, pois o Tibete ou *Terra das neves*, situado no centro desta vasta parte do velho continente, é um país montanhoso e gelado.

Entre as aldeias mais elevadas, deve-se nomear Gartok, localizada a 4.500 metros de altitude. Os principais animais de estimação adestrados são os cavalos, os iaques ou bovinos de pelagem longa, os carneiros, os porcos e as cabras de lã sedosas que fornecem a *pashmina* ou pele de cashmere.

A Rússia sempre abasteceu os mercados europeus de inúmeras e belas peleterias. As antigas crônicas do país, ao mencionar um príncipe guerreiro, jamais se esqueceu de indicar a quantidade de peles de martas ou de raposas que ele levantara sobre cada fogo. Além disso, no início, os eslavos russos fixavam o preço das coisas com o auxílio das peles de animais, algumas das quais eram estimadas em 2.000 francos. Aquelas de martas tornaram sua única moeda corrente, seu valor representativo exclusivo, até o século XVIII em que apareceram as verdadeiras moedas, chamadas de copeques. Como era difícil portar as peles inteiras sobre si próprio, substituíam o único focinho do animal, ou melhor ainda, as peças de couro da extensão de um polegar com o selo do governo, por meio do qual retiravam em seguida de suas lojas as peles inteiras.



Camponês do Tibet.

A palavra russa *kouni* (dinheiro), possui o significado próprio: focinho ou pele de marta (Karamsine, *História do Império Russo*).

As diferentes impressões de moedas de couro foram: crochê, estrelas, quadrúpede, cabeça de homem ou de animal, flores etc. O monge Rubruquis, em sua missão na Tartária, em 1253, atesta a existência desses cupons de couro.

Quando começaram, sob o reinado de Pedro I (1689), a cunhar a pequena moeda, os pedaços de couro representavam fragmentos de copeques. Em 1700, eles ficaram definitivamente fora de curso.

Os escoceses, carentes de dinheiro, foram obrigados durante as nossas guerras sob a égide de João I e Charles VI, a recorrer a esse expediente. Seus pequenos pedaços de couro foram perfurados ao meio por prego de metal.

Recordemos, desse assunto, um fato interessante. No século XI, uma condessa de Anjou comprou uma coleção de homilias ao preço de 200 ovelhas, um barril de trigo, de milho e de centeio, aos quais ela acrescentou certa quantia de peles de marta.

Na Idade Média, pouca gente sabia escrever. Quarenta escreventes eram ocupados, nas feiras da Champanha e do Brie, a lavrar faturas e contratos para ajudar o movimento comercial. As transformações eram escritas da seguinte maneira: faziam-se numa mesma folha de pergaminho tantas cópias quantos houvessem de contratantes; no intervalo deixado entre estas cópias, traçava-se qualquer figura: uma letra do alfabeto, um provérbio, frequentemente o nome de uma pessoa presente; cortava-se a pele no meio dos sinais a qual era distribuída aos interessados - tal foi feito depois com notas de banco. É o que se chamava: *chartes parties*.

Sabe-se que a fatoria de York, situada na foz do Rio Nelson, perto da baía do Hudson é o depósito geral do comércio da companhia inglesa para onde numerosos caçadores trazem o fruto de suas fáticas. O equipamento destes homens valentes, apropriado ao duro trabalho que eles faziam, compõe-se de uma calça de pele de Alce, de uma jaqueta com capuz cobrindo a cabeça, para impedir que a neve molhe o pescoço, e de mocassins de pele de búfalo. Uma coberta que serve como capa é apertada na cintura com uma cinta de couro onde penduram um isqueiro, uma faca e um machado.

Sapatos de neve chamados raquetes, pois que se assemelham às raquetes do jogo de pela, são o artigo indispensável do guarda roupa de cada habitante das zonas polares. A viagem à pé seria impossível sem este utensílio de invenção indígena: graças a ele, o homem desliza sobre a neve endurecida tanto ou mais rapidamente que um patinador sobre o gelo mais aplainado. Estes calçados compõem-se de um quadro onde são fixadas, com um pequeno intervalo, duas barras transversais que consolidam o conjunto; sobre este quadro, é posta uma pequena rede feita com correia de Gamo ou de cordas de tripas, deixando somente um espaço livre ao pé que deve calçá-lo. As raquetes têm de um metro

e vinte a um metro e oitenta de comprimento, sobre 65 a 70 centímetros de largura e pesam, no mínimo, duas libras. Deve-se ter grande hábito, para usá-las tão eficazmente quando o fazem os corajosos caçadores do "país dos peles". Este imenso território, assim justamente chamado, poderia conter quinze vezes a França; possui vales imensos, com lagos e rios frequentemente gelados, montanhas, desertos sem fim, prados e florestas cobertas de neve durante nove meses do ano. Habitado por algumas miseráveis tribos de índios aborígenes e por dez mil brancos mais ou menos, serve como parque para uma grande variedade de animais selvagens que gostam deste lugar e que não se encontram em nenhuma outra parte do mundo. Mais de seis mil franceses-canadenses e *Bois-brulés* (mestiços) caçam todo o ano o bisão, o urso preto ou pardo, o cariacou, o alce, os lobos pardos, pretos, brancos, ruivos e mosqueatos, a raposa prateada vendida a peso de ouro, a lebre polar, o glutton, o antílope, a marta, o texugo, o bisão, o rato "musque", a marnota, a doninha, o arminho, o pequeno cão dos prados e outros animais, cujos despojos são estimados pelas principais nações do mundo.



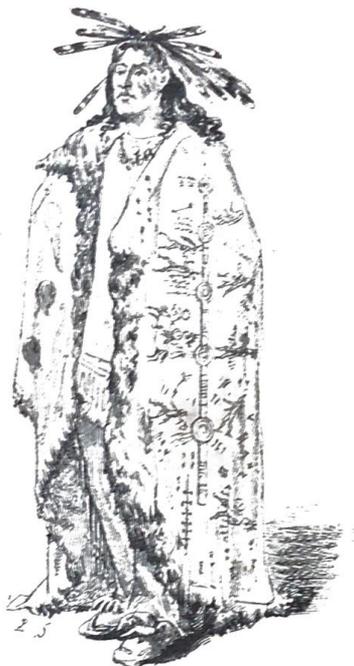
Caçadores do norte da América.

A Companhia do Hudson cuja primeira carta, assinada por Charles II, a 3 de maio de 1669, nomeia o príncipe Rapert, governador, é concessionária da exploração de todas as peles em todo o território acima do paralelo 50; obteve da Rússia a liberdade de navegar sobre o rio Stikive, mediante uma contribuição anual de 20.000 peles de lontra, ou seja 400.000 francos de nossa moeda, a valor de cada pele nunca inferior a 200 francos.

Das várias tribos que abastecem a associação inglesa, devem-se citar os índios-castores, pobres diabos com o corpo débil e emagrecido pelas privações que vivem nas margens do lago do Escravo. Sua terra se situa perto do círculo polar, e por ser longe dos centros populosos, a caça é nela abundante; assim, os índios-castores faziam, cada ano, uma grande provisão de peles que trocavam por armas, ferramentas, gêneros de todas as espécies sem os quais não podiam sobreviver, sendo, por isso, dependentes dos europeus

com os quais mantinham relações.

Uma outra população nômade da América Setentrional que se ocupa somente com a caça é aquela dos índios Peles-Vermelhas, denominados os nobres selvagens; em consideração às suas virtudes tão simples e viris. Deitam-se em *wigwams* ou barracas de folhagens e perseguem sempre o bisão que lhes fornece comida e o vestuário. Acompanhando este animal nas suas migrações do norte ao sul e do sul ao norte, confirmam o dito popular; "Onde está o bisão acha-se o índio". Formam, os dois, toda a poesia das savanas.



Índio Sioux com seu grande manto de couro, adornado com pinturas históricas.

A caça é, para o indígena das planícies, não somente uma necessidade, mas também um gozo supremo. Naturalmente despreocupado, satisfaz sua paixão sem pensar no dia seguinte e perseguem sua presa, até que o último quadrúpede lhes entregue sua pele. Então, 300.000 homens sem meios de existência morrerão de fome ou se tornarão o

flagelo da civilização que os cerca.

A carne do boi selvagem, sendo depois secada ao sol, pode ficar anos inteiros sem se estragar; a pele guarnecida de seus pelos, se chama "robe". As mais bonitas servem como capas, coberturas e como camas. Aquelas que são consideradas inferiores, são tosquiadas e reservadas para a proteção das barracas.

Os Sioux usam frequentemente grandes capas de pele de bisão ou pele por dentro.

A primeira vista, as antigas colônias da América tem, entre si, um certo ar de parentesco: mesma epiderme cor de tijolo, mesmo rosto glabre ou cuidadosamente depilados, mesmos cabelos compridos, com pequeno rabo dito à *scalper*, que eles deixam tremular sobre a nuca por espírito cavalheiresco; entretanto, o olho vivo do observador sabe reconhecer a que tribo pertencem estes homens que gravam no corpo o totem ou brasão; cada família, supondo que ela descende de algum animal, adota como brasão a representação de sua suposta origem, que é somente uma alegoria.



Squaw ou mulher Sion.

Os túmulos são decorados com o totem dos defuntos, pois o selvagem nunca se separa da representação que servia para distingui-lo durante sua vida arriscada e que teve

um papel em todas as solenidades em que tomou parte.

Dos objetos de luxo deste povo podem-se citar os brincos de grande aspecto das mulheres; a bolsa de tabaco, o corder do escalpelo e o cachimbo de terra vermelha chamado *calumet*.

As vestimentas de guerra e de festa são muito complicadas; todas de pele de bisão, enfeitadas com penas de águia, arranjadas de maneiras diferentes, com rabos de lobo ou de raposa e com bandas de couro tingidas do vermelho, ou de azul, dando um ar fantástico àqueles que os vestem.

A bétula a papel, comum no norte da América, rende aos habitantes os mais assinalados serviços. Verdadeiro dom do céu para estas regiões, atinge até 60 metros, altura excepcional na vegetação das terras Árticas, pois que as árvores crescem, a cada grau que se aproxima do polo, de tal maneira que acabam por ter a altura das nossas groselheiras em nossos jardins. A cortiça desta bétula serve para construir leves barcas que carregam, sobre os rios ou lagos do interior, milhares de índios. Faz-se também dela, xícaras, baldes, cestos, caldeirões nos quais conseguia-se ter água fervente ao jogar neles grandes pedras em brasa, uma depois da outra à medida que se esfriam.

O gentil narrador americano, Washington Irving, assegura que os indígenas veem nas abelhas os precursores da raça branca, como os búfalos prenunciam a aparição dos Peles-Vermelhas. "À medida, diz ele, em que esta industriosa mosca voava à frente, o índio e o búfalo afastaram-se e acabaram sem dúvida por extinguir-se".

Introduzida nos Estados Unidos pelos estrangeiros europeus, esta amiga das flores invadiu, depois, as vastas florestas do novo continente, construindo suas colmeias nos velhos troncos das árvores ou nas cavidades das rochas.

A abelha selvagem se encontra raramente numa grande distância da fronteira; sempre precedeu a civilização vinda das margens do Atlântico e a tradição pode até precisar o ano em que atravessou o Mississipi pela primeira vez.

Bouginville diz que o vestuário dos Patagões, em 1766, era aquele dos ribeirinhos de La Plata. Consistia em uma calça de couro muito curta e em uma grande capa caindo até o chão, cuja parte destinada a cobrir os ombros era colocada atrás, de maneira que, apesar do rigor do frio, os homens ficavam quase nus. Usavam nos pés botinhas com pele de cavalo abertas por detrás e, em volta dos jarretes, anéis de cobre com cinco centímetros e meio de largura. Seus cavalos e seus cães bebiam a água do mar para matar a sede, sendo a água doce rara na costa.

Não longe da Patagônia, acha-se a Terra do Fogo, região composta de ilhas montanhosas infrutíferas e cobertas de neve - descoberta por Magellan, em 1522, e que deve seu nome aos fogos atribuídos aos restos de vulcões que o navegador percebeu durante a noite.

Os nativos, cujos costumes são comparados aos homens da Idade da Pedra, têm um cheiro insuportável. Seu vestuário, apenas do tamanho de um lençol, compõe-se de peles de foca ou de lontra em mau estado que eles passam de um lado a outro de seu corpo, conforme a direção do vento.

As mulheres, bem hediondas, transportam nas suas costas as pequenas crianças, dobradas em dois, na pele que lhes serve como cobertura. Assim carregadas, fazem os mais penosos trabalhos; são elas que navegam nas barcas leves feitas de cortiça de árvore e tomam conta das mesmas; de tal maneira que para retirar a água que entra nelas, vão a nado até os *goémans* ou portos situados bastante longe da margem e isso apesar do frio.

Habitando a zona boreal da Europa e encontrando-se, então, sob um céu tão inclemente, os Lapões são comparativamente muito menos infelizes, graças ao cão que lhes presta os mesmos serviços que aos esquimós, e sobretudo, graças à rena que tem, entre eles, o papel da vaca, da cabra, do carneiro e do cavalo nos países privilegiados. Gostam deste animal com a mais forte ternura e veem nele o seu principal tesouro: usando sua carne como comida e seu sangue como bebida, fazem de seu leite excelentes queijos e

com seus ossos instrumentos de trabalho ou de guerra; sua pele serve-lhes para vestir e proteger sua barraca; suas fibras são transformadas em fios e em cordas.

A rena é do tamanho de uma vitela de dois anos e se assemelha com ela pelo pé e focinho; o resto do corpo tem alguma analogia com a corça, ainda que suas patas sejam mais finas. Elegante e encantadora nos seus rastos, ela perde, cada ano, como o servo, sua armação que cresce de novo.

Este animal, sozinho, tornou habitáveis estas cruéis zonas árticas, pois, sem ele, as mais simples noções de civilização seriam nelas ignoradas. Sóbrio, robusto, come, durante o inverno, líquen branco ao cavar a neve com seus cornos e o desenterrar com as patas; no verão, vive de brotos de árvores e de folhas; a conformação de sua cabeça lhes impede de roer ervas.

Os Lapões, que têm grande número de renas, as deixam ir sem guardião, durante a bela estação, rumo às montanhas de neves eternas, cuja atmosfera convém a seu temperamento. Uma marca feita na ida ajuda a reconhecê-las na volta, e nunca faltam à chamada na época de frio.

De uma agilidade extrema, este quadrúpede pode percorrer, atrelado a um trenó, de 25 a 30 léguas por dia sem outro refrigério que uma bola de neve apanhada na corrida. Uma corda presa à raiz de seus esgalhos e jogada diversamente sobre suas costas pelo condutor, basta para dirigi-la; sua pata segura e leve, mantém-na na superfície da neve sem jamais afundar, e lhe permite subir as mais altas colinas e descê-las com igual passo.



Trenó lapão ligado a uma rena.

Quando a fome atormenta, livra-se do trenó e vai à busca de sua planta favorita para voltar logo saciada; cansada, ela descansa um momento no chão e continua sua corrida com ardor. Se seu dono desejasse forçá-la a andar quando precisa de descanso, ela tornar-se-ia inflexível e preferiria a morte primeiro a obedecer.

Às vezes, tem momentos de mau humor e encoleriza-se contra o Lapão; neste caso, este se abriga atrás de seu *pulka* ou trenó à espera de que a rena se acalme para seguir de novo seu caminho.

Os trenós são guarnecidos de peles e de camas de penas; pode-se neles viajar tão comodamente como no melhor carro.

Os pastores têm frequentemente rebanhos de 8.000 cabeças e sua fortuna avaliada pela quantidade de gado que eles podem criar, como outrora aquela dos patriarcas hebraicos se calculava pelo número de carneiros ou de camelos pastando nas planícies da Mesopotâmia.

No palácio do rei da Suécia, em Estocolmo, há o retrato de uma rena célebre por sua coragem e vigor. Conduzida por um oficial encarregado de telegramas importantes, percorreu a distância incrível de 800 milhas em 48 horas e morreu de cansaço na chegada. Este acontecimento ocorreu em 1609.

As renas selvagens dos fiordes da Noruega e da Sibéria setentrional são maiores e mais "membrudas" que as das raças domésticas. Emigram duas vezes por ano; na primavera e no outono. Durante a bela estação, deixam as florestas que as tinham abrigado contra os rigores do inverno e vão para as planícies, perto do mar, em busca das brisas frescas e rumbos que tanto gostam. Evitam, com esta mudança, seus cruéis inimigos, os mosquitos e, sobretudo o "aestre", espécie de grande mosca que deposita seus ovos na pele destes pobres animais com uma previdência toda maternal, pois as larvas nela abrem-se e se desenvolvem, mas provocam focos de supuração bem dolorosos e, às vezes, mortais para o animal que lhes servia como berço e como ama de leite.

A carne da rena é saborosa; sua língua, fresca ou defumada é servida nas mesas dos ricos de Saint-Petersbourg, de Moscou e de Tobolsk; sua gordura, que substitui facilmente a manteiga na Rússia, é recolhida para ser exportada, dentro de pequenas bexigas lembrando os ovos da avestruz.

Os Lapões, cujo nome vem do rinese Lapu e significa "gente do fim da terra", são, em geral, pequenos de estatura. As crianças, envolvidas por espessas peles, assemelham-se aos patriarcas e aos veteranos que poderiam ser tomados por crianças, se seu grosso rosto e sua forte fisionomia não indicasse sua idade.

Têm em sua linguagem e seus hábitos analogia com os fineses, ainda que as diferenças que existem entre si sejam consideráveis. Deve deduzir-se que os primeiros descendem de uma raça aborígine e os segundos, de antepassados asiáticos que, nos séculos obscuros da Antiguidade, se estabeleceram no norte da Europa.

Após um tempo muito remoto, as duas famílias misturam-se; contudo, os fineses

puros ficaram maiores, mais enérgicos e mais hábeis nos exercícios do corpo e trabalho manual, que os descendentes da raça aborígene. Parecem ser de uma natureza superior.

Esta população, em número de 25 a 26.000, foi disseminada no norte da Rússia, da Finlândia e da Península Escandinava. Dividia-se em três grandes categorias conforme seu modo de vida; os nômades, pastores de renas; os pescadores, nômades também por causa de sua indústria, e se deslocando somente numa pequena zona; e, enfim, os sedentários, estabelecidos nas margens do Oceano Glacial como pescadores ou no interior como colonos.



Lapão em trajes de verão

Têm duas espécies de habitações, a tenda e a barraca, todas as duas construídas com o mesmo princípio: vigas de madeira reunidas em forma de cruz em cima e ligadas por uma travessa formando madeiramento sobre o qual encosta-se a grossa pele ou as folhagens cobertas de turfa e de cortiça de bétula; peles de rena que atapetam o interior

servem ao mesmo tempo como assento e como cama para a família; a fumaça do fogo sai por uma abertura feita no teto e pode, por causa de sua espessura, servir de cortinas. Algumas folhas de árvores ou peles de peixes, preparadas para servir como vidraça e proteger do ar encanado, dão à barraca um aspecto escuro e triste e impede de ver lá fora.

Para abreviar as longas noites do inverno, há homens cujo trabalho consiste em ir de casa em casa, contar histórias e cantar baladas.

Todos os anos os pastores vêm estabelecer suas casas s sobre o mar gelado de São Petersburgo, seguidos de seu gado que eles vendem ou trocam por aguardente, tabaco, tecidos, cobre, ferro, enxofre, agulhas, facas, tesouras, machados e peles de boi. Nômades por necessidade, por causa de seus rebanhos que a súbita mudança do tempo poderia destruir, erram de pasto em pasto, ocupando durante o frio, as planícies da baixa Lapônia e, durante o calor, os declives das montanhas onde há rombos abundantes e uma boa temperatura.



Mulher da Lapônia carrega seu filho.

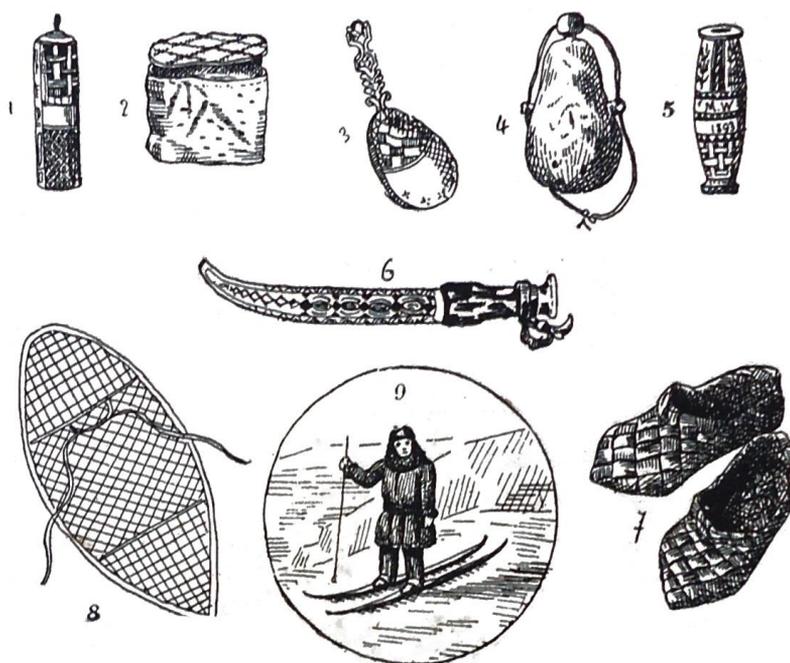
Ainda que mansos e hospitaleiros, os lapões são, em geral, pouco afetuosos para com sua família; somente as crianças pequenas obtém seus cuidados. O sexo do bebê é

designado com diversas decorações. Se for um filho, pendura-se um arco, flechas e uma lança, emblemas de suas futuras ocupações; se for uma filha, coloca-se patas, asas e bicos de pássaros, para lhe inspirar cedo ideias de trabalho, de diligência e de prudência.

Estes habitantes das terras polares têm como roupa de inverno uma larga calça, uma túnica de pele de rena coberta de seu pelo e, por cima, uma espécie de saco preso no pescoço e chegando até o joelho; eles colocam nas ancas um cinto enfeitado de pequenas campainhas. Suas luvas e suas botas são também de pele. O boné que eles usam no inverno não é menos estranho: feito de uma pele de pássaro guarnecida de suas penas, o boné é colocado de maneira que a cabeça do pássaro ultrapassa a fronte do homem, como uma viseira, e que as asas cubram as orelhas inteiramente.

Assim vestidos, parecem-se com seus animais e foi isso, sem dúvida, que encaminhou os historiadores antigos a dizer que havia, no norte da Europa, seres tão peludos quanto os animais. Uma roupa confeccionada com despojos de aves marinhas e, por conseguinte, mais leve, protege-os no verão contra os mosquitos, cujo úmero é considerável.

Seja ao andar, seja ao trabalhar, os dois sexos têm sempre o cachimbo na boca; uma bolsa que contém uma faca e um garfo é pendurada no seu pescoço. Sua fisionomia pouco graciosa atraiu este epigrama: “Depois do macaco, nenhum ser se aproxima tanto do homem como o lapão”. Esta opinião é exagerada, pois sem serem bonitos nem elegantes, eles são menos feios que muitos outros habitantes da terra.



1. Caixa de fósforos em osso de rena. 2. Caixa em casca de bétula. 3. Colher em osso de rena. 4. Garrafa em madeira de bétula para conservar o sal. 5. Cabo de faca em osso de rena. 6. Punhal com bainha em osso de rena. 7. Calçado em casca de bétula. 8. Raquetes para passear na neve. 9. Lapão usando esqui.

As mulheres fiam os nervos de animais, tricotam-nos e fazem com eles camisas rudes iguais aos tecidos grosseiros de nossos religiosos (cartuxos). Bordam e enfeitam com gosto a parte inferior de sua calça como também de suas saias com lamelados de estanho muito finos. Ainda que eles tenham as mãos naturalmente pretas e mal feitas, tiram raramente suas luvas, mesmo para comer ou dormir.

A bebida ordinária do país é a neve fundida. O leite da rena conservado numa bexiga é, por sua raridade, uma beberagem de luxo, as fêmeas fornecendo somente uma pequena quantidade. Os lapões russos bebem, sobretudo, café leve, chá, ou na falta, uma efusão de *apirée elmaire*, dita *reine-des-prés*.

Este povo é bastante hábil e faz uma porção de objetos úteis, seja de madeira, seja

de osso, que não são de mau gosto. Quando o lapão calça o “akie”, patim noruego, pode atravessar cem léguas numa jornada; serve-se disso com uma velocidade de uma flecha atirada com violência. Este calçado consiste em um pedaço leve de madeira, com aproximadamente dois metros de comprimento, sobre trinta centímetros de largura, mais usado no rinmark que em toda parte, era antigamente um dos sinais característicos das indígenas do país denominado por esta razão: *skidfinning* ou *fines* em *ski*.

Um trenó ou tronco de árvore é o ataúde ordinário dos mortos, que envolvidos por grandes pedaços de cortiça de bétula, são depositados no interior de uma caverna natural escrupulosamente regada de aguardente, como fazemos com água abençoada.

Variada do mesmo modo que generosa nas duas produções, a natureza oferece numerosos exemplos da conexão entre a necessidade das diversas sociedades humanas e os caracteres de certos animais. Se a Lapônia possui a rena, a Groenlândia tem o corajoso cão esquimó, a Índia o dócil e elefante e a África o sóbrio dromedário ou camelo com uma bossa, denominado o navio do deserto. Este animal que liga dois pontos opostos do imenso Saara é considerado pelo árabe como um amigo devotado sem o qual não poderia viajar, nem tratar de negócios, nem viver, fazendo sessenta quilômetros por dia, ele carrega, com seu condutor, mais de seiscentos quilos. Sua lã é transformada em tecidos impermeáveis que servem para confeccionar vestuários e coberturas de tendas; transformada também em grossas cordas que detêm o *burnous* sobre a cabeça do beduíno ou do árabe.

O solo africano alimenta também outros animais, uns perigosos e carniceiros, e os outros inofensivos e herbívoros.

Entre estes, precisa-se mencionar a girafa, ruminante desproporcionado, que pode, graças ao comprimento de seu pescoço, atingir o cimo da palmeira, enquanto que seu corpo mosqueado confunde-se com a sombra das folhas na areia; a girafa parece criada para enfeitar as florestas e a solidão desta parte do velho mundo. Sua bonita pele serve para fazer os escudos ou tiras de couro se cortá-lo em bandas finas, da cabeça até a

extremidade das patas. Seus tendões tornam-se fios para costurar os couros, seus filamentos, excelentes cordas para instrumentos de música, em particular, aquelas de "rhababa", violão com sons monótonos, queridos dos ingênuos musicistas destas regiões. As crinas do rabo dos elefantes são usadas da mesma maneira.

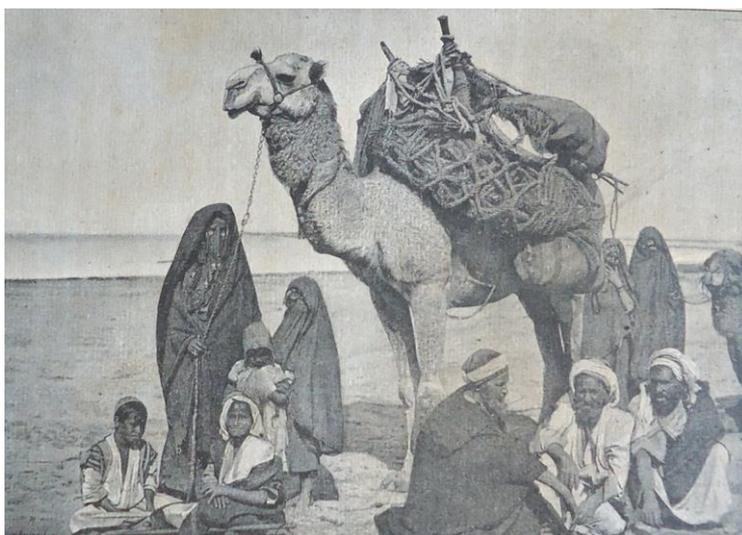
Se seguirmos pelo pensamento os ardentes martírios da ciência que frequentemente pagam com sua vida a conquista de algumas léguas de terreno, acharíamos no centro da África várias tribos inimigas de qualquer civilização que, não obstante o calor de seu clima, usam despojos de animais em seu vestuário. É assim que o negro do Bertat prende, por trás, na sua cinta, um tosão de carneiro preto de lã curta e enfeita a cabeça com um alto boné de pele de macaco, contendo na extremidade uma larga pena de avestruz. O colar queorna seu pescoço é típico e lembra o torquês dos gauleses: não fechado, mas muito justo e de ferro, não se pode tirá-lo. A decapitação somente pode separá-lo do corpo.



Negro de Bertat com seu barrete em pele de macaco e seu colar de ferro.

O capitão Speke narra que os indígenas de Bandawarogos, província situada não longe das fontes do Nilo branco se vestiam de peles de vaca não curtidas e que os príncipes da família reinante usavam como marcas de honra, despojos de gatos pardos

atados em volta dos rins. O rei, homem de estatura hercúlea, tinha a cabeleira rasurada exceto no meio da cabeça onde o cabelo tem a forma semelhante a uma crista que vai do occipital à frente. Um largo colar de pérolas no pescoço, pulseiras nos braços, anéis de bronze em cada dedo (até do pé) e polainas de vidrilhos nas pernas, compunham a indumentária leve, correta a elegante. Seu lençol era composto de fina cortiça de árvore dobrada em quatro e segurava na mão uma manta de seda bordada com ouro, atrás da qual abrigava constantemente um largo sorriso, e com que enxugava os lábios após ter bebido o vinho da bananeira servido pelas mulheres de sua corte.



Uma família de beduínos descansa no deserto (baseado em uma fotografia).

Nas margens da baía de Soldanha vivem as mais imundas criaturas da terra. Na sujeira de seu corpo juntam, por refinamento inimaginável, as unções de uma pomada que se assemelha ao excremento do gado vacum e que eles preparam com o sumo de certas plantas. Sua cabeleira lanuda, untada com esta horrível mistura, tem o aspecto de ervas amassadas. Essas criaturas têm sobre os ombros pequenas peles de animais selvagens e, em baixo da barriga, um rabo de gato-tigrado. Uma grande placa de marfim polida, fixada na parte superior do braço, e uma dúzia de círculos de cobre, enfeitando os pulsos até o

cotovelo, são os emblemas de comando. Há alguns anos, marujos de passagem lhes deram um velho caldeirão; eles apoderaram-se dele e com demonstrações entusiásticas cortaram-no para fabricar joias. Detalhe revoltante: tomam para enfeitar-se, intestinos dos animais que mataram para sua alimentação e fazem com eles colares que perduram sobre seu peito o que, junto ao horror do espetáculo, espalha um cheiro infecto.



Dinka aparada de caudas de animais e de joias em couro de hipopótamo.

Os Dinkas do Alto Sennar, visitados por Livingstone, são pouco vestidos, em verdade, mas enfeitam-se com rabos de vacas e de cabra e colocam sobre a cabeça um pequeno barrete feito com a pele deste último animal, munida de seu apêndice como pluma. Tiras estreitas de couro de hipopótamo são usadas na confecção dos ornamentos procurados, como o colar do indígena representado na fotografia do livro. Em geral, as joias dos homens consistem em espessas argolas de ferro colocadas na parte superior dos braços ou em uma série de braceletes. As orelhas são perfuradas em vários lugares para suportar anéis de ferro ou pequenos pedaços de madeira cujas pontas são guarnecidas de ferro.

Os Cerebrantes, seus vizinhos, não são menos pitorescos. Uma dúzia de grandes plumas obscuras guarnecem seus cabelos e peles de leopardo ou de macaco, brancas ou pretas, cobrem suas costas. Grandes campainhas de metal presas no cinturão e caindo sobre as pernas, ressoam incessantemente de maneira desagradável e tornam-se fatigantes

quando os homens dançam fazendo contorções ridículas. Para chegar ao cúmulo da exaltação que procura este exercício, soltam sons discordantes com um chifre de antílope, imitando ao mesmo tempo o grito da coruja e o zurro do asno.



Galla, com seu diadema real em pele de leopardo.

Os Gallas, população das fronteiras da Abissínia, escalpam seus inimigos como os Peles-vermelhas americanos, e com pedaços humanos fazem troféus. Penduram na sua cintura uma grande quantidade de cascos de cabras, reunidos por cordas, que, com o menor movimento, entrechocam-se e fazem um barulho claro que os encanta. Os chefes têm, como distintivo de seu poder, uma tiara de couro de leopardo colocada sobre a cabeça em diademas e os guerreiros usam, no braço, tantos anéis de marfim quantos foram os inimigos mortos por eles. Seu largo colar é formado de conchas.

Nas planícies do Zambezes, os negros Louinas, criadores de gado por excelência, vivem somente de leite fresco ou coalhado e de algumas batatas. Muito industriosos, fabricam, eles mesmos, seus utensílios e confeccionam cuidadosamente suas colheres. Isto

é fácil de compreender: sendo o leite, a base da alimentação destes pastores, se eles não precisam de facas, não podem, pelos menos, dispensar-se de colheres e de vasos.

Certa elegância faz-se notar no seu vestuário: o das mulheres compõe-se de uma saia de pele de vaca, indo apenas até os joelhos, de uma capa da mesma espécie que cobre os ombros, de uma espessa cinta, de colares e de anéis nos braços e nas pernas.



Mulher louina vestida com couro de boi. Chefe Cafre portando o manto real.

A grande família Cafre, espalhada na costa sudeste da África austral, desde Quiloa ate a baía de Algoa, não é de desdenhar no estudo acerca de adornos primitivos.

As mulheres de alta condição, nestas tribos selvagens, têm anéis nas mãos e nos pés; uma quantidade fabulosa de grãos de vidro, enfiados numa seda de elefante, enfeita seu pescoço; braceletes cercam a dianteira a e a traseira dos braços e são, as vezes, tão numerosos que se pode contar em uma só pessoa, de sessenta a quinze destes objetos. Tais braceletes são feitos com ligamentos de rabo de girafa, cobertos de um fio de cobre extremamente fino. As mulheres do povo contentam-se com anéis, fabricados com ervas

ou floras de tamareira habilmente trançadas ou torcidas: não poderiam desembaraçar-se deles. As mais elegantes penduram, nos anéis das pernas, pequenas campainhas que elas agitam, andando de maneira a não deixar despercebida esta parte luxuosa de seu enfeite.

A peça essencial do vestuário dos homens é uma capa que desce até a perna e fecha-se no peito com uma tira de couro; em viagem, penduram-na num bastão posto sobre os ombros. Os chefes e os favoritos são os únicos que vestem peles de leopardo; todos estes animais que foram mortos pertencem-lhes.



Chefe Zulú em grande traje de guerra (desenho feito a partir de tipo autêntico pertencente ao Museu de Lyon).

Uma faca afilada, presa no seu estojo, é sempre acrescentada ao colar dos homens. Seu penteado é muito variado: é uma questão de gosto pessoal; o mais conhecido, entretanto, consiste em um tufo de longos cabelos por cima da cabeça na qual colocam um rabo de animal e bexigas de lebre.

Os guerreiros guardam a lembrança de um inimigo morto por eles, fazendo uma

incisão indelével na coxa. Estas cicatrizes acumulam-se como sinais de honra, após cada vitória.

No noroeste da colônia de Port-Natal, habitam os Zulus, cuja conformação do corpo é assinalada como uma das mais perfeitas da humanidade.

Bem ocupados no trabalho com a agricultura e com a criação dos rebanhos, eles estão sempre prontos a combater. O bracelete militar e os anéis das pernas dos chefes são feitos, com intestinos ou com couro cortado, deixando uma longa parte de pelos.

Estes enfeites podem ser troféus de caça, mas, frequentemente, são recompensas concedidas aos mais corajosos. O boné é ordinariamente de pele de lontra, guarnecido com pequenas penas de galinha e coroadado de duas penas de abutre. A capa dos oficiais, de pele de búfalo, é guarnecida, na altura do pescoço, de uma fina peliça disposta em forma de uma salsicha.

O distintivo do rei, sobre este hábito de uso comum, consiste em duplo paramento de pele de leopardo enfeitando a parte anterior. O plastrão é um conjunto de diversas peles ou uma pele de carneiro.

Quanto ao escudo, que pode cobrir o corpo inteiro dos soldados, este é feito de couro de búfalo.

Não falaremos mais da moda das pelesque, em muitos países, têm um papel importante, mas não podemos esquecer aquela da China, pois esta região, interdita por muito tempo aos estrangeiros, nos permite hoje apreciar seus costumes.

O povo deste antigo império que ocupa no seio da Ásia um território tão grande, achou o meio de reduzir na sua mais simples expressão, os gastos do alojamento, do vestuário e da comida. Industrioso nas pequenas coisas, não há palhinha que um chinês não sabia lavar, fiar, aproveitá-la e vendê-la com benefício. A seda, elemento principal de seu vestuário e produzida por inseto que vive livre em suas florestas, dispensa o uso de peles de animais.

Um dos livros do Oriente menciona as peles no assunto dos vestuários de aparato do Imperador:

"Para fazer um sacrifício, disse-se, o filho do céu tomará um vestido preto de pele de cordeiro recém-nascido".

Nos solstícios do inverno, ajuntará a este vestido uma capa tecida de ouro e representando a figura do dragão simbólico. Quando presidir o tiro de arco, dará como recompensa aos mais hábeis, peles de tigre, de urso e de leopardo. No outono, o chefe responsável do guarda-roupa do Soberano entregará aos cortadores de peles, as pelarias necessárias para forrar os vestuários que devem ser distribuídos durante o ano aos ministros, aos generais e aos prefeitos do estado."

O imperador acaba de morrer? Seu corpo e a carruagem que o transporta à sua última morada são sobrecarregados das mais belas peles do mundo.

Na Índia, os estudantes de teologia, divididos em três ordens, têm distintivos particulares representados com peles de animais. O jovem brâmane usa uma túnica de cânhamo coberta do despojo de uma gazela. O *kchatriya*, sacerdote de segundo ano, usa uma roupa de linho e uma pele de cervo; o *vaishya* que pertence à terceira divisão, é vestido com lã e com uma pele de bode.

No Japão, até estes últimos anos, as ideias religiosas proibiam comer carne de boi, beber leite de vaca e calçar sapatos de couro; ora, há poucos anos, quando um ilustre Daiman (governador de província), desejou calçar suas tropas na moda europeia, foi obrigado, para achar sapateiros, a conceder títulos de nobreza a todos aqueles que fizessem este trabalho considerado como impuro.

Atualmente, os habitantes ainda contentam-se com chinelos de palha, que servem apenas para um dia e não são caros. Compra-se uma provisão com alguns centavos de nossa moeda. Os carregadores de cango e de *norimon* têm sempre certo número destes calçados em cima do teto de seu pequeno veículo e param frequentemente para tirar de

seus pés aqueles que são usados e trocam-nos pelos novos. As estradas são cheias destes destroços e veem-se, nos arredores dos templos, centenas deles abandonados pelos peregrinos.

Como estes chinelos protegem mal o pé, muitos dos peões preferem sapatos de madeira, montados sobre patins, que se assemelham bastante aos pequenos assentos de nossos metrô.

As leis budistas que se referem ao couro talvez referem-se somente o couro da raça bovina, mas no Nippon, os caçadores, para proteger suas pernas dos matos, adotaram botas com pele de ganso ou de cabra, com um corte original, sem solas, e para falar propriamente, são verdadeiras meias que, ao serem calçadas, devem ser colocadas dentro da água durante vinte e quatro horas para serem amolecidas, deixando passar nelas as pernas cuja forma tomarão.



CONCLUSÃO



Se, ao terminar este estudo sobre os adornos primitivos, desejássemos concluir como o poeta que, de cada uma de suas fábulas tira sua moralidade, a tarefa seria mais longa e teria, para um reitor, pretexto de conversação. Entretanto, sem sair dos limites do nosso assunto, poderíamos recapitular os fatos vistos rapidamente, apesar de sua importância, pois nesta nova viagem em volta do mundo empreendido sem sair de nosso quarto, quantos séculos se passaram, quantos países foram visitados, quantas metamorfoses se realizaram.

Assistimos a aparição do homem sobre a terra. Fraco no meio de todo um povo de seres gigantescos, substitui pela inteligência as forças físicas que lhe faltam. Criando logo os instrumentos grosseiros, ele aperfeiçoa-os dia a dia; vencedor dos animais e dos vegetais que também lhe disputam a posse do solo, ele conquistou na profundidade das florestas um domínio que alarga incessantemente. Não ficou isolado no tempo; assim, o resultado do trabalho do pai, o filho adquiriu-o; cada geração transmite a que lhe segue as conquistas e seus progressos e esta, mais forte por esta bagagem, participa ela mesma ao desenvolvimento e o acabamento da obra comum.

Tal como o formigueiro que cresce cada dia.

Eis assim que após numerosas tentativas, às vezes infrutíferas e pouco a pouco cercadas de sucesso, achamos hoje normais as admiráveis descobertas das indústrias e artes que nos circundam.

O homem, desde a primeira hora de sua existência, não pensou somente no útil; buscou o agradável e esta necessidade supérflua é uma das marcas de sua essência superior. Enfeita-se, e no desejo de domar a natureza, ele ataca seu próprio corpo; modifica o seu aspecto; obedecendo a um sentimento instintivo que não lhe permite ficar estacionário: desta maneira, a história do adorno traz, ela também, um testemunho brilhante da lei do progresso. Comprovam-se seus esforços em satisfazer as exigências da

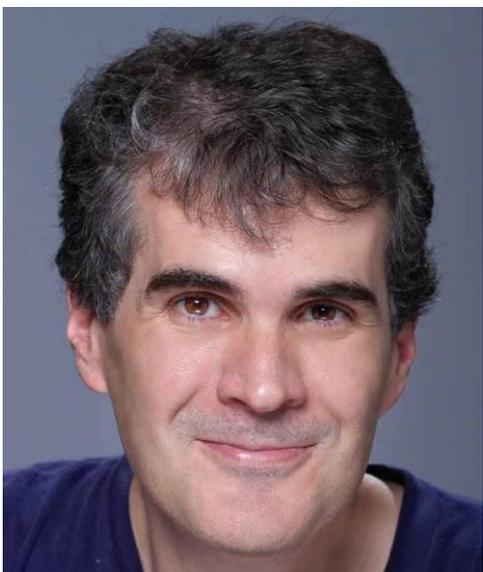
vida material, para lisonjear seu amor-próprio, se enfeitar e agradar. Ora, de suas necessidades e também de suas fraquezas, nasceu um grande benefício: a necessidade do trabalho.

Comparando o selvagem pré-histórico decorado com joias e ossos ou de conchas, ao feliz europeu cuja moda luxuosa e complicada está longe do ponto de partida, tem-se o direito de perguntar onde parará o movimento que, segundo Aristóteles, é ele mesmo o motor de uma série infinita de outros movimentos.

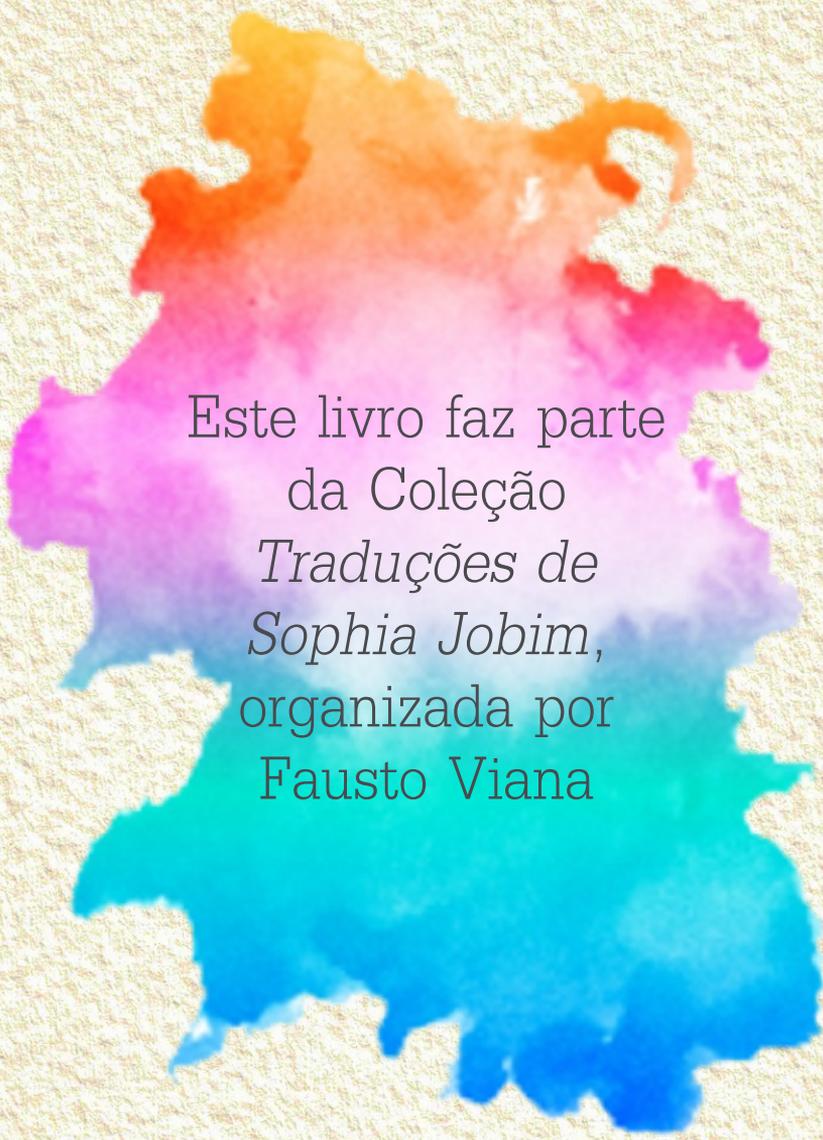
Quem fez esses milagres? Quem fez o homem sair de sua ignorância primitiva? Quem lhe deu os meios de satisfazer seus desejos? O trabalho, sim; o trabalho não somente é um dever como também um benefício, pois ele é para nós uma fonte de vida, de distração, de luzes e de felicidade.

(traduzido do francês por EDOUARD BAILBY, agosto de 1958)





O organizador, Fausto Viana é pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros *O figurino teatral e as renovações do século XX*; *O traje de cena como documento*; *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion*; *Os trajes da igreja católica - um breve manual de conservação têxtil e um dos organizadores dos livros Diário dos pesquisadores: traje de cena*; *Traje de cena, traje de folgado*; *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*; *Roland Barthes e o traje de cena*, dentre outros.



Este livro faz parte
da Coleção
*Traduções de
Sophia Jobim*,
organizada por
Fausto Viana

ECA USP
2020